



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Programa de Pós-Graduação em Linguística

**O PODER DA RENÚNCIA SUBLIMADO NO DISCURSO:
ANÁLISE CRÍTICA DE CORRESPONDÊNCIAS HISTÓRICAS**

Viviane Faria Lopes

Brasília/DF
2019

LV858p

LOPES, Viviane Faria

O poder da renúncia sublimado no discurso: análise crítica de correspondências históricas / Viviane Faria LOPES; orientador Denize Elena Garcia da SILVA. -- Brasília, 2019.

279 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) -- Universidade de Brasília, 2019.

1. Discurso. 2. Crença religiosa. 3. Gênero epistolar. I. SILVA, Denize Elena Garcia da, orient. II. Título.

Viviane Faria Lopes

**O PODER DA RENÚNCIA SUBLIMADO NO DISCURSO:
ANÁLISE CRÍTICA DE CORRESPONDÊNCIAS HISTÓRICAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção de grau de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguagem e Sociedade.

Orientadora:

Orientadora: Prof^a Dr^a Denize Elena Garcia da Silva

Brasília/DF
2019

Viviane Faria Lopes

**O PODER DA RENÚNCIA SUBLIMADO NO DISCURSO:
ANÁLISE CRÍTICA DE CORRESPONDÊNCIAS HISTÓRICAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção de grau de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguagem e Sociedade.

Defendida e aprovada em: _____ de _____ de 2019.

Banca Examinadora

Profª Drª Denize Elena Garcia da Silva (UnB/LIP – orientadora) – Presidente

Prof Dr José Carlos Bandi Aleixo (IBRI) - Membro

Profª Drª Solange Maria de Barros (UFR) – Membro

Profª Drª Francisca Cordélia Oliveira da Silva (UnB/LIP) – Membro

Profª Drª Viviane Vieira (UnB/LIP) – Membro Suplente



*A meus pais, dois fervorosos católicos
que me ensinaram que a religião está, primeiramente,
em palavras e em atos de amor cotidianos.*

*“Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.”*

Fernando Pessoa

AMOR DO CALVÁRIO

Indignamente ao Lugar adentro-me
Com humildade não antes tida
E ao contemplar tua dor vertida
Sinto-Te do pecado convencer-me (Jo.16:7-11)

Porque mais que um sangue rubro
A gotejar de uma cruz maldita (Gl.3:13)
Há uma alma bem condoída (Is.53:3)
Por derramar-se com amor tão puro (Rm.5:5)

Ai de mim! Nada mereço (Sl.103:10)
Do sentimento divino, santo (Hb.10:19-23)
Que onipotente rasgou o manto
Dando-me ao Trono livre acesso

Oh, Salvador, desta alma imunda (1Jo.4:14 e 1Pe.1:9)
Santificada na dor das chagas (1Jo.1:7)
Faça-me lâmpada reformada (Sl.119:105)
A qual a luz da tua glória inunda

Tua presença a meu ser abrange
Quero ser tua em totalidade! (Gl.2:20)
Pois teu amor é realidade (Jo.3:16)
Que a este pó por demais constrange (Sl.103:13-14)

Viviane Faria Lopes, 1995

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais – João José Lopes Neto e Beatriz de Faria Lopes –, por sua devoção constante nos cuidados com a família, sendo, junto a mim e a meus irmãos, verdadeiros semeadores de amor e de motivação, ao ponto de acreditarem em nossos sonhos mais do que nós;

à minha filha Débora – amor maior da minha vida –, que hoje, aos dezessete anos de idade, é minha melhor amiga e a prova viva de que anjos podem, sim, vir a terra em formato humano;

aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos, que torcem por cada passo meu, acreditando em minhas vontades de ser alguém melhor e, ainda, ajudam-se em todas as vezes que caio – e são muitas;

às minhas tias, Elma e Altina – ambas da Universidade Federal de Goiás –, que foram sempre minha grande inspiração acadêmica, trilhando, há anos, com paixão e profissionalismo, a carreira da docência, da pesquisa e da extensão, e lutando com inteligência e insistência por um país com igualdade e oportunidade para todos;

à minha amiga pessoal de tantos anos, Ivanessa Barbosa de Lima, que fez a revisão gramatical deste trabalho, bem como à minha colega acadêmica Sandra Campêlo, que o diagramou – a vocês duas eu deixo minha gratidão sincera e devota, por participarem da composição final com tanto empenho, afeto e competência;

às minha colegas da UnB – Risalva, Ana Cláudia, Kelly e Kelma –, que foram fadas encantadas na minha vida, com tantas palavras, olhares e sorrisos que, indiscutivelmente, contribuíram para que o caminho tivesse flores, ainda que fosse árduo;

aos meus colegas de trabalho – professores e pesquisadores como eu –, meus estudantes na universidade, meu coordenador José Elias Pinheiro e meu diretor Helvio Frank, por me apoiarem para a conclusão deste trabalho, entendendo minhas ausências e, muito mais do que isso, animando-me até o fim;

às professoras Doutoras Solange Barros e Francisca Cordélia da Silva, as quais, durante o Exame da Qualificação, com comentários pertinentes, contribuíram para a lapidação da pesquisa, a fim de que ela pudesse ser melhorada para se aproximar à dimensão intelectual pretendida;

à Banca Examinadora, sobretudo, o Padre Aleixo e a Professora Viviane Vieira, que aceitaram ler e avaliar esta tese ao assumirem a missão de apontamentos críticos e contribuições valorosas, bem como examinar se estou apta à aceitação acadêmica, ainda que se saiba que uma pesquisa não é feita de pontos finais, mas, sim, de infinitas vírgulas e interrogações;

à Professora Doutora Denize Elena da Silva, minha mestra, minha “madre superiora”, a priora da minha trajetória acadêmica, que sempre fez e aconteceu com a doçura de quem cuida e com a firmeza de quem deseja o melhor: sua fé é um exemplo e seu sentimento de amor um verdadeiro evangelho, que me levou da graduação ao mestrado e, agora, ao doutorado.

RESUMO

Este trabalho tem como escopo central o estudo de cartas de três afamados representantes religiosos da Igreja Católica Apostólica Romana: Pedro Abelardo (1079 – 1142) e Padre Antônio Vieira (1608 – 1697) e o Papa João Paulo II (1920-2005). Pregadores e escritores de sua época, foram influentes personagens nos séculos XII, XVII e XIX/XX, respectivamente, em termos de política e oratória, além de se destacarem em outras áreas sociais e culturais. Esta investigação procura discernir o comportamento dessas figuras em situações que os aproximaram de mulheres específicas, e as quais exerceram influência em suas vidas, a fim de identificar se houve interferência em suas identidades de homem e pregador e/ou, de algum modo, se foram abalados em suas convicções de crença. Para tanto, analisam-se seus comportamentos públicos e privados. As fontes de estudo são produções escritas por eles – sermões, cartas e diários – e registros históricos considerados fidedignos. O embasamento teórico será na perspectiva da Análise do Discurso Crítica (ADC) e do Realismo Crítico (RC), como uma conexão entre a Linguística e a Ciência Social Crítica, para estudar as relações de poder existentes nos diversos grupos sociais e os distintos recursos linguísticos utilizados pelas pessoas. Avaliando a relação existente entre três figuras públicas e de grande influência social, analisou-se a influência de ideologias/crenças religiosas de modo a permitir a análise linguístico-discursiva de representações que vão da relação do mundo físico com as identidades resultantes da fé, influenciando diretamente o mundo emocional. A proposta consiste, portanto, no exame do poder exercido pelo imaterial – no caso em questão, a fé religiosa – sobre a realidade material – uma provável atração física –, a fim de apontar as possíveis influências das crenças no invisível e seu poder ao interferir e modificar comportamentos considerados naturais.

Palavras-chave: Discurso. Crença religiosa. Gênero epistolar.

ABSTRACT

This work has as central focus the study of letters from three famous religious representatives of the Roman Catholic Church: Pedro Abelardo (1079 - 1142) and Priest Antônio Vieira (1608 - 1697) and the Pope John Paul II (1920-2005). Preachers and writers of their time were influential figures in the twelfth, seventeenth and nineteenth centuries respectively, in terms of politics and oratory, as well as stand out in other social and cultural areas. This research seeks to discern the behavior of these figures in situations that brought them closer to specific women, and who exerted influence in their lives, in order to identify if there was interference in their identities of man and preacher and/or, somehow, they were gone shaken in their convictions of belief. In order to do so, they analyze their public and private behavior. The sources of study are productions written by them – sermons, letters and journals – and historical records considered to be reliable. The theoretical basis will be from the perspective of Critical Discourse Analysis (CDA) and Critical Realism (CR), as a connection between Linguistics and Critical Social Science, to study the power relations existing in the various social groups and the different linguistic resources used by people. Evaluating the relationship between three public figures with great social influence, the influence of ideologies/religious beliefs was analyzed in order to allow the linguistic-discursive analysis of representations that go from the relation of the physical world to the identities resulting from the faith, influencing directly into the emotional world. The proposal consists, therefore, in examining the power exercised by the immaterial - in this case, religious faith - over material reality - a probable physical attraction - in order to point out the possible influences of beliefs in the invisible and their power by interfering and modify behaviors considered natural.

Keywords: Discourse. Religious belief. Epistolary gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O poder erótico	103
Figura 2 – Em nome de Deus	107
Figura 3 – Rainha Christina.....	108
Figura 4 – O Testemunho	109
Figura 5 – Triangulação documental	115
Figura 6 – Escultura de Pedro Abelardo no Palácio do Louvre	120
Figura 7 – O voto de Heloísa, de Pedro Américo.....	129
Figura 8 – Padre António Vieira	162
Figura 9 – Cristina Vasa	170
Figura 10 – João Paulo II	227
Figura 11 – Papa Francisco e Papa Emérito Bento XVI.....	235
Figura 12 – Canonização do Papa João XXIII e do Papa João Paulo II	236
Figura 13 – Anna-Teresa Tymieniecka	237

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
JUSTIFICATIVA	21
CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	25
1.1 Discurso religioso: entre crenças e desafios a valores devocionais	26
1.2 Inquietações de espírito reveladas em cartas	28
1.3 Renúncia como medida de amores platônicos sem medidas	32
1.4 Enlaces no campo da ficção e da fé	33
CAPÍTULO 2 – PASSAPORTES TEÓRICOS	39
2.1 Estudos críticos do discurso	39
2.1.1 O significado acional	41
2.1.2 O significado representacional	42
2.1.3 O significado identificacional	44
2.2 Realismo Crítico	45
2.3 Conceptualizações teóricas	49
2.3.1 Identidade	50
2.3.2 Ideologia e poder	53
2.3.3 Crença	55
2.3.4 Gênero	58
2.3.4.1 Gênero social	60
2.3.4.2 Gênero textual/epistolar	65
2.3.5 Os sentidos do termo "amor"	70
Algumas considerações	79
CAPÍTULO 3 – PERCURSOS METODOLÓGICOS: UM CAMPO PARA TOMADA DE POSIÇÕES	81
3.1 Características da metodologia	82
3.2 Ferramentas de trabalho	85
3.3 Fontes de dados documentais	88
3.3.1 Dados básicos: cartas	89
3.3.2 Saturação de corpus	93
3.3.2.1 Biografia	94
3.3.2.2 Diário	96
3.3.2.3 Sermão	98
3.3.2.4 Romance Histórico	101
3.3.2.5 Longa-Metragem Cinematográfica	104

3.3.2.6 Periódicos	110
3.4 Pilares documentais em três sustentações temporais	113
CAPÍTULO 4 - CARTAS DE ABELARDO E HELOÍSA EM FOCO DE ANÁLISE	119
4.1 "História das minhas calamidades"	120
4.1.1 Os primeiros pensamentos de uma vida de reflexões	120
4.1.2 A trajetória da fama marcada por admiração e perseguição	122
4.1.3 Discussões lógicas e práticas irreflexivas	124
4.1.4 O ápice das calamidades: ausência, solidão e contrição	126
4.2 "Em nome de Deus"	128
4.2.1 Os passos de uma jovem questionadora	129
4.2.2 O amor em letras, discussões e sensações	130
4.2.3 A vida da priora e a morte do abade	133
4.2.4 Existência marcada por dissabores, perdas e descrenças	134
4.3 "Perdoe-nos, Pai, por nos termos amado"	135
4.3.1 Conhecimento como marca identitária	137
4.3.2 O domínio ideológico da crença religiosa	138
4.3.3 O gênero social enquanto identidade constituída	146
4.3.4 Servidão sentimental	149
Algumas considerações	157
CAPÍTULO 5 - CARTAS DE ANTÔNIO VIEIRA E CRISTINA VASA EM FOCO DE ANÁLISE	161
5.1 "Longe dos olhos e perto do meu coração"	162
5.1.1 Entre a vida monástica e as complicações políticas	162
5.1.2 De embaixador régio a pregador hostilizado: o caminho para a Inquisição	164
5.1.3 A condenação ao silêncio mitigada pela vivência na Arcádia....	165
5.1.4 Brasil: entre a defesa dos “pequenos” e a grandeza da saudade.	168
5.2 "O poder erótico"	170
5.2.1 Menina Rei: a postura masculina da rainha erudita	170
5.2.2 Minerva do Norte: a rainha que viu tudo, que leu tudo.....	172
5.2.3 A conversão à fé católica e a abdicação ao trono	174
5.2.4 “Um intercâmbio cultural intenso e uma amizade apaixonada” .	175
5.3 " Tentando orar eu só rezei você"	177
5.3.1 Conhecimento como marca identitária	180
5.3.2 O domínio ideológico da crença religiosa	186

5.3.3 O gênero social enquanto identidade constituída	197
5.3.4 Servidão sentimental.....	205
Algumas considerações	221
CAPÍTULO 6 - CARTAS DE KAROL JÓSEF E ANNA-TERESA EM	
FOCO DE ANÁLISE	225
6.1 "Ser santo é lutar contra o pecado todos os dias"	227
6.1.1 O menino que buscou em Deus o preenchimento de todos os vazios	227
6.1.2 O sacerdote consagrado em meio ao homem que escreveu, viajou e amou	228
6.1.3 A voz da Igreja pelos quatro cantos do planeta: dogmas, ciência, perdão e tiros	231
6.1.4 Construiu pontes pelo mundo e teve um coração canonizado	233
6.2 "O amor explicou-me todas as coisas"	236
6.2.1 “Penso, logo existo” – a menina que nasceu para refletir	237
6.2.2 “A mente que se abre a uma nova ideia, jamais voltará a seu tamanho original”	238
6.2.3 Uma pesquisadora da razão que viveu um amor irreflexivo	239
6.2.4 “Ser ou não ser, eis a questão” – as certezas ocultas nas missivas	240
6.3 "Fragmentos do discurso amoroso"	242
6.3.1 Conhecimento como marca identitária	245
6.3.2 O domínio ideológico da crença religiosa	247
6.3.3 O gênero social enquanto identidade constituída	252
6.3.4 Servidão sentimental.....	256
Algumas considerações	262
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	264
REFERÊNCIAS.....	271

INTRODUÇÃO



presente tese tem como escopo central um estudo dos significados linguístico-discursivos nas cartas trocadas de três afamados representantes religiosos da Igreja Católica Apostólica Romana: Pedro Abelardo (1079 – 1142), Padre Antônio Vieira (1608 – 1697) e Karol Józef Wojtyła¹ – Papa João Paulo II (1920 – 2005). Pregadores e escritores de sua época, foram influentes personagens nos séculos XII, XVII e XX/XXI, respectivamente, em termos de política e oratória, além de se destacarem em outras áreas sociais.

Em estudos levados a cabo no curso de Mestrado, pude identificar que a religião, como base da construção social da identidade, intervém na ideologia de fé e no comportamento cotidiano, chegando a atingir todas as esferas de vida de um indivíduo². Nesta tese, busco identificar o poder exercido pelo imaterial – no caso em questão, a fé religiosa – sobre a realidade material – uma possível atração resultante da soma de sentimentos humanos com forças biologicamente naturais –, com vistas a traçar um paralelo entre possíveis influências das crenças no invisível frente ao poder ideológico capaz de interferir e modificar atitudes.

Com o intento de investigar e discernir os significados representacionais e identificacionais dessas figuras em situações que os aproximaram de mulheres específicas, e as quais exerceram influência em suas vidas, busca-se identificar se houve interferência, sobretudo, em suas identidades de homem e pregador e/ou se foram abalados em suas crenças. Para tanto, busca-se examinar suas condutas públicas e privadas, por meio de produções escritas por eles – sermões, cartas e diários – bem como registros históricos e culturais considerados fidedignos.

¹ Por ser um nome polonês, é originalmente grafado como “Jòzef”. Todavia, seguiremos com o registro colocado no texto por ser esse o mais utilizado pela mídia e pelos livros.

² LOPES, V. F. **Identidade, família e letramento**: representações discursivas num contexto de pobreza. Dissertação 2008. 142 f. (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

O embasamento teórico é a Análise do Discurso Crítica (ADC) e o Realismo Crítico (RC), correntes que permitem uma conexão entre a Linguística e a Ciência Social Crítica, sobretudo, pelo enfoque das relações de poder existentes nos diversos grupos sociais e os distintos recursos linguísticos utilizados pelos sujeitos. Um estudo que envolve a relação existente entre três figuras públicas e de grande ingerência social, todavia influenciadas por ideologias e/ou crenças religiosas, permite-nos a análise linguístico-discursiva de representações que vão da relação do mundo físico com as identidades resultantes da fé, o que afeta diretamente o mundo cognitivo, emocional, bem como o mundo das relações abstratas.

No primeiro capítulo, dividido em quatro seções, apresento um breve panorama do contexto de situação e do contexto de cultura que configuram o cenário histórico de pares de personagens que, embora tenham vivido em épocas distintas, permitem tecer um paralelo que os aproximam por uma característica principal, qual seja, a renúncia. A divisão busca organizar as próprias etapas de apresentação, que visam a pré-anunciar a tese em sua completude e direcionar a trilha de construção de pensamento e de análise que se fará no decorrer da leitura. Na primeira seção, pondero sobre o discurso religioso, tanto em seu poder enunciativo quanto em sua interferência comportamental. Nesse sentido, aponto sua força discursiva sobre os sujeitos subordinados. Em seguida, apresento o valor histórico e cultural das correspondências, que carregam tradição, bem como valoração comunicativa, de caráter consolidado e documental. Na terceira seção designo os três pares históricos que serão alvo da análise linguístico-discursiva, por meio seus próprios escritos e dos registros históricos que os marcaram na esteira do tempo. Finalizo o capítulo apresentando exemplos históricos e literários de casos amorosos, tantos factuais quanto ficcionais, ponderando a respeito de seus preceitos de fé e da ideologia dominante que possivelmente os tenham influenciado nas decisões sentimentais.

O segundo capítulo traz a discussão a respeito dos pressupostos teóricos basilares deste estudo. Dividido em cinco partes, início com a apresentação do passaporte principal: a Análise de Discurso Crítica

(ADC), bem como a Análise do Discurso textualmente orientada – ambas colhidas em Fairclough (2001, 2003) – entre outros pesquisadores de relevância,. Conceitos como discurso, práticas sociais, eventos discursivos, estudos críticos do discurso e seus significados acional, representacional e identificacional, serão trazidos à discussão, sempre na trilha fairclougueana. O segundo momento traz a teoria de Realismo Crítico, sugerida por Bhaskar (1978) e seguida no contexto brasileiro por Barros (2015) e Resende (2009), especificando como essa ferramenta teórica será aporte reputado, já que se trata de um suporte teórico que permite uma reflexão em termos da análise histórica presente. Na terceira seção, conceptualizações substanciais balizam o alicerce proposto, com a apresentação dos conceitos de identidade e de ideologia, ampliados em Hall (2006) e Thompson (1990). Com o propósito de sustentar a interpretação das questões investigativas propostas nas definições de Gênero Social e Textual, apresentando a definição, bem como a importância, de cada um dos gêneros que geraram elementos teóricos e especulativos. O quarto momento conceitua o gênero em suas duas facetas: a social e a textual, ponderando a respeito da importância histórica do binarismo sexual, primeiramente, e, em seguida, detalhando as produções comunicativas existentes, com ênfase nas correspondências. Encerro o capítulo com uma breve discussão dos sentidos do termo "amor", abordados para salientar o formato científico e histórico da tese ora apresentada.

Os percursos metodológicos compõem o terceiro capítulo e se dedicam aos procedimentos metodológicos da pesquisa, os quais justificam as tomadas de decisão. Na primeira seção, trago um panorama da pesquisa, que é de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa). Em seguida, apresento as estratégias de investigação qualitativa, bem como os métodos utilizados na seleção de amostras para a geração do *corpus*, com dados de natureza documental. A terceira seção envolve a apresentação dos dados principais, bem como os procedimentos de saturação do *corpus*. A última seção compreende uma discussão a respeito da temporalidade que baliza a presente tese, já que se trata de um pilar

documental em triangulação periódica, com cada um dos três pares históricos oriundos de épocas distintas.

O quarto capítulo envolve uma análise do primeiro par histórico selecionado: dois personagens marcantes que viveram no século XII. Teço, de início, uma síntese da vida de Pedro Abelardo, com base em sua biografia, destacando a sua importância social e política, bem como as consequências de seu relacionamento com Heloísa, que o levou à vida clerical. Na segunda seção, apresento a biografia de Heloísa de Argenteuil, com base no seu relacionamento com Abelardo, bem como nas consequências sofridas por essa decisão sentimental, culminada pela entrega à vida celibatária. A terceira seção constitui a análise linguístico-discursiva das cartas trocadas pelo casal, o que envolve pistas identitárias e ideológicas, nas entrelinhas dos textos selecionados.

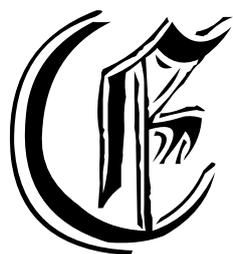
No quinto capítulo apresento a análise do segundo par histórico do estudo formado por personalidades de prestígio do século XVII. A primeira seção expõe a vida de Antônio Vieira. Para tanto, apresento sua biografia e enfatizo sua importância social, política e literária, bem como a repercussão de seu relacionamento com Cristina. Na segunda seção, apresento a biografia de Cristina de Vasa, detalhando sua vida como rainha da Suécia, sua importância política e sua abdicação ao trono, bem como sua aproximação com o Padre Vieira, fortalecida por admiração, respeito e amizade. A terceira seção, por fim, envolve a análise linguístico-discursiva das cartas trocadas. Além das implicações sócio-históricas dessa relação, busca-se, também, levantar efeitos acionais, representacionais e identitários, bem como pistas ideológicas que perpassam os textos.

O terceiro par histórico da pesquisa encontra-se no capítulo seis, no qual apresento, de maneira sucinta, a história de duas personagens históricas que viveram nos séculos XX e XXI. A primeira seção apresenta a vida do Papa João Paulo II, expondo sua biografia e revelando sua importância social e política, por se tratar de uma figura pública de prestígio e influência inquestionáveis. Na segunda seção, apresento a biografia de Anna-Teresa Tymieniecka, detalhando sua vida privada e sua profissão, bem como sua aproximação com o Papa, com uma

amizade de décadas, com evidências de intimidade não impedidas, ainda que pela posição do pontífice. A terceira seção é dedicada à análise linguístico-discursiva de dados documentais a partir de dados selecionados com base na coleta de amostras colhidas na mídia.

No último capítulo, retomo as perguntas de pesquisa, discuto os dados e teço algumas considerações sobre o alcance das análises feitas e das comparações entre as correspondências dos três pares. Busco assinalar as consequências que as aproximações entre eles provocaram em suas vidas particulares e públicas. Discuto a influência das crenças sobre as decisões tomadas, tanto individualmente quanto em comum acordo à pessoa do afeto, com vistas a apontar e, em condições propícias, sugerir a influência dos dogmas religiosos em suas tenções sentimentais.

JUSTIFICATIVA



Esta pesquisa é fruto de longevos questionamentos, irrompidos em minhas inquietações de criança. Nascida em um lar católico, fui batizada quando ainda era um bebê e compelida a fazer a primeira comunhão na adolescência, mesmo que a obtenção de tal sacramento se opusesse à minha vontade juvenil, já racional em demasia para abraçar dogmas pautados em forças de fé.

Li a Bíblia pela primeira vez aos oito anos de idade, começando pelo livro de **Apocalipse**³ – justamente porque meu pai houvera me dito para não o ler, já que eu era ainda muito jovem para isso. Ainda na mesma época, li **A dama das camélias**⁴, de Alexandra Dumas Filho⁵, porque meu pai igualmente me instruiu a deixar a obra para quando tivesse idade para entendê-la. Penso que foi essa a centelha do início do meu vício: a proibição. Eu enxerguei que os livros seriam a porta para os mundos que ficavam escondidos, repletos de mistérios a que poucos tinham acesso e, por isso mesmo, proporcionavam uma inteligência desmedida a quem os tivesse. De certo modo, eu ainda acredito nisso, mesmo que não tenha mais oito anos de idade e tenho a leitura como único vício consciente.

Ler a Bíblia pela primeira vez me apresentou a um preceito de fé, que mais me levou a questioná-lo do que o abraçar. Após, eu a reli dezenas de vez, instigada pela devoção que via nos outros e a qual, por um certo tempo, busquei adquirir – o poema colocado no início desta tese é um registro dessa época da minha vida. Porém, acabou por ser um fervor de pouca duração, ainda que eu me lembre de o sentir intensamente.

Deixei de crer, porém, não deixei de acreditar. O conhecimento ainda é para mim o tal poder misterioso e, em meu julgamento, também está presente nas obras consideradas sacras, seguidas como regras de vida e convicção de moral por milhares de pessoas pelo mundo. Perdi a conta

³ Último livro da Bíblia, são as revelações divinas descritas pelo apóstolo João, quando se encontrava exilado na ilha de Patmos, por ser perseguido por sua fé.

⁴ Romance francês lançado em 1852.

⁵ Francês (1824-1895). Autor de livros e peças, foi filho de Alexandre Dumas.

de quantas vezes já li a Bíblia, mas não me ative somente a ela, afinal, meu olhar curioso já perpassou por obras diversas de outras concepções religiosas – islamismo, espiritismo, adventismo, mormonismo, ocultismo, bruxaria, entre outros – e, no momento, estou debruçada numa publicação dos **Livros Apócrifos**⁶. Essa busca incessante que faço pelos meandros religiosos tem aumentado meu respeito pela devoção que os outros têm no imaterial – enquanto consolo e refúgio – e, portanto, este trabalho trará a divindade cristã católica grafada com a inicial maiúscula: Deus. Pretendo, nesse detalhe, reiterar meu intento de sustentar a consideração àqueles que se firmam nessa crença metafísica.

Eu aprecio ver como as pessoas são guiadas por crenças imateriais – não confirmadas pela ciência e nem legitimadas por experimentos –, envolvidas por ideologias nas quais concebem suas identidades e direcionam todo o seu modo de viver, o qual ainda pode incluir, infelizmente, atos atrozés de intolerância e destruição. Porém, não é a isso que minha intromissão investigativa leva. Meu olhar volta-se à avaliação da fé enquanto abnegação de prazeres, de vivências sociais, de atitudes e comportamentos comuns ao ser humano, porém, renunciados pela convicção devota de que, com renegações, agrada-se a um ser que não pode ser provado materialmente.

Estudos em várias áreas do conhecimento, como História, Psicologia e Sociologia, mostram que a sociedade passou por um processo de aperfeiçoamento evolutivo desde sua origem até os dias atuais, resultado direto de todas as influências culturais, sociais, políticas e, até mesmo, geográficas de cada época e lugar. O homem, enquanto espécie social, mudou(-se), transformou(-se) e (re)criou muito, todavia, ainda busca respostas nas estrelas, ou seja, deseja que haja algo maior do que aquilo que é capaz de tocar. Segundo Hawking (2018, p. 49), “a ciência oferece respostas melhores e mais consistentes, mas as pessoas sempre vão se aferrar à religião porque lhes dá conforto”, ou seja, enquanto seres

⁶ Chamados, também, de textos pseudocanônicos, esses registros são livros tanto do período cristão quanto do período pré-cristão – o que os aproximaria do Novo e do Antigo Testamentos, respectivamente –, mas que não são reconhecidos como sagrados e, por isso, não foram incluídos no cânone bíblico.

emocionais, precisamos mais do que teorias comprovadas: queremos discursos consoladores, agasalhos para a alma e conceitos incorpóreos por meio dos quais possamos justificar nossa existência.

Justifico, então, que minha pesquisa não se faz somente numa inquietação particular, oriunda de uma infância de desobedientes investigações, mas, ainda, embasa-se na relevância social do tema. Sua contribuição linguística carrega pretensão original, tanto em consecução teórica quanto sociológica. Por meio da avaliação das interferências ideológicas dos preceitos religiosos sobre as pessoas, em seu formato discursivo, e levando em conta o referencial sociocultural como contexto de ingerência, analiso sujeitos em seus discursos epistolares íntimos e sentimentais, sugestionados por essa interferência maior, que habita o universo e comanda as estrelas, afinal, seria ele que, no princípio, criou o céu e a terra⁷ (BÍBLIA SAGRADA, 1993).

⁷ Bíblia Sagrada, livro de Gênesis 1:1.

Capítulo 1 - Contextualização da pesquisa

"Eis a nossa história em poucas palavras. É esta uma provação que suportaremos como outras suportamos, porque o amor nunca é feliz, mas devemos, tu e eu, sofrer mais ainda, pois tanto a tua situação como a minha são igualmente extraordinárias."

Lord Byron

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

“*A medida do amor é amar sem medida*”
Santo Agostinho



este capítulo, dividido em quatro seções, apresento um breve panorama do contexto de situação e do contexto de cultura que configuram o cenário histórico de pares de personagens que, embora tenham vivido em épocas distintas, permitem tecer um paralelo que os aproxima por uma característica principal, qual seja, a renúncia. A divisão busca organizar as próprias etapas de apresentação, que visam a pré-anunciar a tese em sua completude e direcionar a trilha de construção de pensamento e de análise que se fará no decorrer da leitura. A primeira parte, intitulada de DISCURSO RELIGIOSO: ENTRE CRENÇAS E DESAFIOS A VALORES DEVOCIONAIS, discute a imponentia que as crenças religiosas têm sobre os indivíduos que a elas se submetem, ainda que tais sustentações sejam incorpóreas e não sensoriais e venham em oposição a compleições factuais e cognoscíveis. INQUIETAÇÕES DE ESPÍRITO REVELADAS EM CARTAS é a segunda seção, na qual fazemos uma explanação a respeito da escolha do *corpus* para a investigação, tendo em vista que a pesquisa precisa se ater a comprovações que, até então, tenham se confirmado fidedignas. Na terceira parte, que traz por título RENÚNCIA COMO MEDIDA DE AMORES PLATÔNICOS SEM MEDIDAS, registramos esclarecimentos necessários a respeito dos pares selecionados para a análise, já que se trata de casais de referência cultural e, sobretudo, religiosa, razões pelas quais carregam valor histórico de valência e preponderância social. A seção ENLACES NO CAMPO DA FICÇÃO E DA FÉ encerra o capítulo, com destaque de algumas narrativas protagonizadas por pares da história e da fé, com o propósito de ilustrar, por meio de outros relatos, que casos profundos e marcantes estão registrados na cultura de um modo geral. Pode-se sugerir que na correnteza de um tempo real e de longa duração, nossa sociedade foi marcada, ainda, por lastimosos amores e comoventes renúncias.

1.1 Discurso religioso: entre crenças e desafios a valores devocionais

A presente pesquisa justifica-se não só pela relevância social do tema, como também pela inédita contribuição linguístico-discursiva acerca das influências ideológicas dos preceitos religiosos em seu formato resultante de dogmas. Desde a Antiguidade Clássica até a atualidade, as mais fortes convicções religiosas têm sofrido modificações, sobretudo, se for considerada sua formação inicial e avaliada cada evolução sofrida no decorrer cronológico da história. Todavia, graças às crenças e aos valores devocionais, pode-se identificar uma permanência no sustento ideológico do indivíduo enquanto sujeito crente, o que instiga a uma perquirição social quanto à sua conduta imutável – fruto de bases psíquicas – diante de inumeráveis transformações externas a seu subjetivismo.

Registros históricos permitem observar que a hegemonia religiosa sempre foi uma força de influência altamente poderosa e significativamente marcadora de comportamentos sociais. Por possuírem fundamentos baseados na força invisível e imaterial de um ser sobrenatural, tal modelo de domínio encontra-se sob a autoridade dos que dela se dizem detentores, o que acaba por favorecer a soberania de poucos sobre muitos. Trata-se de uma influência que se torna, também, facilitada pelo limitado poder e conhecimento dos indivíduos subordinados.

Se a aquisição de conhecimento científico e acadêmico influencia a atuação do sujeito, levando-o a questionar imposições não fundamentadas em conceitos comprovados, seria relevante refletir sobre o fato de um estudioso de nível elevado, reconhecido, inclusive, por sua sabedoria e pelo domínio que possui de relevantes áreas de conhecimento, submeter-se a uma crença religiosa ao ponto de negar a própria ciência que construiu sua forma de refletir. Pode-se ponderar, aqui, sobre suas justificativas e sobre os conceitos ideológicos que o cercam e interferem na formação de suas bases conceituais.

Desse modo, faz-se necessário discutir se realmente existe uma interferência – direta ou indireta, leve ou intensa –, o que nos leva a ponderar que mesmo diante de toda uma influência de práticas sociais em

seu convívio cotidiano, ele consegue, ainda, resistir a determinadas imposições sociais, graças a seus saberes de crença e a seus valores devocionais, ao ponto de não se sentir abalado em seu alicerce ideológico, cuja viga mestra é a fé sublimada no amor a Deus. Afinal, trazendo uma fundamentação que se encontra aferrada a traços mentais/emocionais tão profundos, a religião interfere diretamente na aceitação ou não do sujeito piedoso às mudanças que se constroem diante de si, não importando a força balizadora do acontecimento, e fazendo, então, uma ingerência direta na construção da identidade pessoal e social. Tais interferências devem, portanto, ser investigadas numa visão crítica e ponderadas em seu poder (trans)formador do papel social, a fim de que se possa discernir sua influência sobre as práticas de indivíduos pensantes e influentes. Seria realmente possível que um sujeito submetido ao domínio de um sistema metafísico conseguisse manter inabaláveis suas crenças, ainda que diante de situações físicas e concretas que a elas se opusessem?

Entende-se ser necessário buscar o porquê de o conhecimento científico e acadêmico, que é oferecido a um corpo político empoderado, e que influencia a formação identitária de um conjunto de pessoas, apesar de possuir uma força ideológica tão influente, não se sobrepor ao domínio que a crença religiosa exerce sobre uma parcela desses mesmos sujeitos, a ponto de os tornar pouco influenciáveis por tais estudos ou, ainda, imunes ou arredios a eles. Parece que o modo como as ideologias religiosas interferem na conduta biológica humana influencia-os à negação de seu papel natural e, ainda, animal e instintivo, o que promove um confronto entre necessidades naturais e crença imaterial.

Assim, tendo em vista que os conceitos de fé fazem parte da organização social de uma nação, bem como da formação de sua cultura, quando tal instituição de crença priva o sujeito de seus hábitos inatos, condenando ações comprovadamente fisiológicas e inerentes à espécie, faz-se necessário compreender de que modo tais proibições se firmam junto às convicções e à construção identitária dos que a acatam e a definem como verdade incontestável. Para discernir as questões apontadas, é de relevância que se leve em conta a ideologia dos discursos

apresentados pelo sujeito portador de uma crença religiosa, em concomitância com suas ações, e analise-se tanto a influência que recebe quanto a que exerce enquanto componente social.

Esta tese visa a propiciar reflexões consistentes a respeito das sustentações ideológicas de determinados sujeitos – pautados em crenças antigas – em suas práticas sociais, que os induziram a abdicar de experienciar sentimentos intensos e biologicamente naturais.

1.2 Inquietações de espírito reveladas em cartas

Apesar de tantos anos transcorridos, do ponto de vista biológico e cognitivo, não somos muito diferentes daqueles que viveram há doze mil anos, pois não houve mudanças significativas no mundo físico e biológico dos seres humanos. As mudanças decorridas ao longo de milhares de anos resultaram da pertinaz e crescente capacidade humana de controlar as forças da natureza. (AZEVEDO; SERIACOPI, 2013). O trabalho manual e intelectual humano, que resulta em tecnologia e produção organizada, confirma que o alicerce do desenvolvimento humano repousa no conhecimento e no uso da criatividade.

Com o intento de registrar esse caminho evolutivo, pensadores e artistas em suas respectivas épocas registram uso empoderado de marcas semânticas diversas, as quais contribuem para resguardar a memória de um dado período temporal, como é o caso dos sermões de Antônio Vieira e dos discursos filosóficos de Pedro Abelardo. Escrutar os registros pregressos e distinguir as bases históricas dos acontecimentos ditos factuais terminam por direcionar o pensamento humano da contemporaneidade, levando-nos a confirmar ou questionar as atitudes ascendentes que fizeram de um momento vivenciado o resultado dos eventos pretéritos. Nessa perspectiva, historiadores pesquisam o percurso da memória humana, em sua condição particular, social e, até mesmo, planetária, buscando entender o que vem a ser registro fidedigno, lenda presumida pela coletividade ou narrativas imaginárias.

Diante de registros históricos – legitimamente factuais, expressões individuais ou mitos culturais –, historiadores costumam

recorrer às chamadas origens históricas, que podem se classificar em gêneros distintos, tais como: fontes escritas, como cartas, panfletos, certidões, crônicas e informações publicadas em periódicos; fontes orais, como depoimentos; fontes materiais, como utensílios, vestimentas, objetos e vestígios. (CHARTIER, 2009, p. 19) A investigação da origem é feita e, assim que certificada sua autenticidade, permite que se conheçam aspectos da vida social, cultural e política do comportamento humano de épocas remotas e diferentes.

As fontes escritas ainda são as mais comuns no estudo da História e, de certa forma, as com mais clareza de entendimento. Todavia, parece errôneo o julgamento de que os documentos trazem a verdade registrada ou, ainda, que se tratam de pedaços de fatos irrefutáveis, uma vez que a premissa está em considerar que o registro escrito, por si só, não constitui uma fonte histórica, pois somente o será a depender da validade e da importância que o cronista lhe conceder. Cabe, aqui, salientar que nem todos os documentos manuscritos, impressos, talhados, desenhados ou rabiscados carregam um valor factual significativamente confirmado. A esse respeito, esclarecem os seguintes historiadores:

Fonte histórica, documento, registro, vestígio são todos termos correlatos para definir tudo aquilo produzido pela humanidade no tempo e no espaço; a herança material e imaterial deixada pelos antepassados que serve de base para a construção do conhecimento histórico. O termo mais clássico para conceituar a fonte histórica é documento. Palavra, no entanto, que, devido às concepções da escola metódica, ou positivista, está atrelada a uma gama de ideias preconcebidas, significando não apenas o registro escrito, mas principalmente o registro oficial. Vestígio é a palavra atualmente preferida pelos historiadores que defendem que a fonte histórica é mais do que o documento oficial: que os mitos, a fala, o cinema, a literatura, tudo isso, como produtos humanos, torna-se fonte para o conhecimento da história. (SILVA; SILVA, 2009, p. 158).

Sendo assim, pode-se enfatizar que os registros, de um modo geral, apresentam sua importância cultural, ainda que não classificados como documentos certificados e conclusivos da verdade de uma dada época. O que se encontra gravado, graficamente ou simbolicamente, vem carregado de significado expressivo, resultado de uma percepção sobre

um tempo datado. As sensações e as reações a episódios determinados – quer sejam de natureza coletiva, quer sejam particularizados – refletem e reproduzem a história, compondo-se, então, como registros que traduzem os momentos que contextualizam seus atores sociais.

A perspectiva sociointeracionista, proposta por Bakhtin (1997), trata da noção de que todo discurso é, na verdade, o eco de outros discursos, uma vez que o homem, o pensamento e a cultura são construídos socialmente, e que esses discursos são formados por ideias, sentimentos e intenções que são, indubitavelmente, estabelecidas na interação social dos indivíduos. Fazendo a análise de gêneros discursivos, esse pesquisador propõe que as relações entre linguagem e sociedade são indissociáveis às diferentes esferas da atividade humana que, entendidas como domínios ideológicos, dialogam entre si e produzem, em cada esfera, formas relativamente estáveis de enunciados.

Nesse sentido, lendas, contos, anedotas e causos, por exemplo, também constituem parte da construção cultural de determinado povo, que terá por referência conceitual as lições, bem como a moral, tecidas no decorrer dos anos e confirmadas pela prática contínua e pela valorização do costume eleito, muitas vezes, pelo senso comum. Desses princípios constituídos, tem-se, conseqüentemente, a criação de valores e, outras vezes, de condutas sancionadas pelos dirigentes, a fim de que a ordem tenha um preceito basilar, do qual, ainda, punições são estabelecidas para reabilitar ou apenar os insurgentes. (CERTEAU, 1982), o que será apresentado nos capítulos analíticos. Por hora, cabe destacar o significado do instrumento de interação que serviu como forma de mitigar pares insurgentes.

A palavra "carta", em uma definição etimológica, provém do latim *charta, -ae* ou *carta, -ae*: “folha de papiro preparada para receber a escrita; folha de papel (feito antigamente da entrecasca do papiro)”, sendo empréstimo antigo e latinizado do grego *khártés*: “folha de papiro ou de papel, por extensão, escrita, obra”. Ainda quanto a seu aspecto físico, trazia, no passado, o selo enquanto respaldo do sigilo, afinal, seu destinatário poderia ser a um monarca e, em conteúdo, alistar leis e diversos outros assuntos de interesse nacional ou, ainda,

extrafronteiriço. Quanto ao conteúdo, em supremacia, era a forma de comunicação oficial entre reinos, por meio da qual tratados de importância nacional eram firmados, bem como avultadas guerras confirmadas.

No caso do presente estudo, as cartas pessoais constituem fontes históricas relevantes, uma vez que retratam determinada época, ainda que por meio de uma visão subjetiva do cotidiano individual de vidas separadas por escolhas religiosas. Muitas vezes, carregam um objetivo político, buscando informar destinatários a respeito de problemas, perigos ou conquistas, o que aumenta sua importância enquanto registro de relevância coletiva. Em outras situações, caracterizam-se como mensagens pessoais, trocadas em formato e conteúdo íntimo, confessional e, ainda, confidencial.

Sua acepção usual, o gênero carta de cunho mais particular, configura o foco de nosso interesse maior, sendo, por sua vez, o objeto físico que registra a mensagem, manuscrita a uma pessoa, com a finalidade de comunicar algo que interesse aos dois, privativamente. Por aproximar os ausentes, esse meio comunicativo caracteriza-se pela espontaneidade e, teoricamente, não abarca o intuito de alcançar posteridade. Todavia, a função desses registros vai além do ato da escrita e da recepção, por influenciarem— ainda que seus remetentes não o soubessem— a visão da posteridade a respeito de suas vidas e de suas crenças, ao interpretarem revelações sentimentais sinceras de padecimento.

Para Manuela Parreira da Silva,

[...] queimar uma carta significa destruir o próprio vínculo (amoroso) que ela suporta; conservar as cartas de alguém é preservar a sua própria corporalidade; devolvê-las corresponde a negar-se como destinatário, como pessoa, a negar a sua história; tirar e guardar uma cópia dela pode ser uma forma de autoafirmação; assim como sabê-la chegada ao destinatário e até tornada do domínio público pode ser vivido como uma manifestação de poder. (SILVA, 1998, p. 139)

Segundo a autora, as cartas missivas observam características de valor sentimental e, ainda, de registro identitário, por exporem

indícios subjetivos, bem como a essência simbólica da corporeidade, ou seja, a representação do próprio remetente. Constantemente envolta em sigilo— cujo aparato físico seria uma fita, um carimbo, um sinete ou um lacre— a abertura por outro constituir-se-ia em uma contravenção, por trazer à luz segredos e individualidades.

Assim, por encerrar caráter íntimo e/ou confidencial, as cartas particulares registram o pertencimento a um espaço privado, inviolável, em que os envolvidos são, também, os personagens centrais. O desnudamento da alma e as confissões criam as linhas desse tipo de correspondência, trazendo à luz o que foi escrito aos sussurros, de forma velada, de modo a pertencer somente ao outro, que se faz de destinatário. Nesses registros, o receptor é também o objeto das confidências silenciadas pelo contexto, mas sentidas secretamente. E nessas revelações escritas, em confissões genuínas, o discurso revela a renúncia que o contexto tentou calar.

1.3 Renúncia como medida de amores platônicos sem medidas

Com a intenção de investigar e discernir até que ponto as crenças interferem nas atitudes de uma pessoa, decidimos investigar três personalidades históricas, cujas vidas foram dedicadas à fé cristã. Sendo afamados religiosos da Igreja Católica Apostólica Romana, cada um vivendo em uma dada época, e com séculos de distância, permite-nos traçar uma triangulação temporal.

As fontes selecionadas para análise revelam modos de agir e situações que os envolveram com mulheres que, de algum modo, influenciaram suas personalidades e, ao que parece, estremeceram suas convicções com relação ao voto de celibato, ainda que não a ponto de romperem com o juramento religioso. Por isso, na análise de seus comportamentos públicos e privados, busca-se descrever e interpretar suas intenções ideológicas e, conseqüentemente, o efeito que um sentimento carnal possa ter provocado na concepção religiosa que sustentavam. Por meio da microanálise dos textos epistolares, buscar-se-ão pistas linguístico-discursivas que podem revelar suas reações

mediante o que registraram nas correspondências e, ainda, por meio do que foi assentado historicamente a seu respeito.

Elencamos, a seguir, as personalidades selecionadas, que viveram em três períodos distintos:

- Pedro Abelardo – Padre Abelardo (1079 – 1142) – filósofo escolástico francês, teólogo e grande lógico, considerado um dos maiores e mais ousados pensadores do século XII, e Heloísa de Argenteuil – ou Heloísa de Paráclito (1090 – 1164) – uma freira, escritora, erudita e abadessa francesa, mais conhecida por seu amor e correspondências com o filósofo.
- Antônio Viera – Padre Antônio Vieira (1608 – 1697) – uma das mais influentes personagens do século XVII em termos de política e oratória, na Europa, destacando-se, ainda, como missionário em terras brasileiras, e a nobre Cristina Vasa (1626 – 1689) – rainha da Suécia, de 1632 até sua abdicação, em 1654, admiradora, incentivadora e amiga íntima de Antônio Vieira, com quem manteve uma sofrida relação platônica.
- Karol Józef Wojtyła – Papa João Paulo II (1920 – 2005) – o 264º Papa da Igreja Católica e que teve o terceiro maior pontificado documentado da história, reinando por 26 anos, 5 meses e 17 dias, e Anna-Teresa Tymieniecka (1923 – 2014) – uma filósofa polonesa, casada, que trocou cartas íntimas com João Paulo II por trinta anos – desde quanto era ele um arcebispo até sua morte.

Os pares em questão trazem, na vertente de representação masculina, figuras conhecidas e respeitadas, tanto por sua fé, quanto por sua interferência política, literária e filosófica. Todavia, o relacionamento sentimental com as mulheres apresentadas não vem a ser de conhecimento público, ao menos, em relação aos três e, portanto, faz-se necessário especificá-los – como será feito, nesta tese, nas seções analíticas.

1.4 Enlaces no campo da ficção e da fé

No decorrer de sua história, o ser humano criou objetos não apenas para o servir, mas também para expressar seus sentimentos diante do olhar que tem sobre sua vida, bem como sobre os acontecimentos que

o acometem. Entre essas criações, há os registros narrativos, cuja significação cultural e relevância estética representam os valores e os conhecimentos que contextualizaram um período, de modo a levar à identificação e à reação que nossos antepassados tinham diante dos eventos que os atingiam.

Quer sejam criações artísticas, cuja baliza está voltada à criação imaginativa e à emoção representativa, quer sejam registros factuais, cuja referência se encontre em repertoriar um episódio social verídico, as narrativas envolvem, por seu caráter extraordinário e, muitas vezes, recognitivo. Segundo Tinoco,

Há sempre o risco de que a literatura, por tão poeticamente transgressiva, possa levar o leitor a um tipo de alteração de sua visão de mundo. Esse risco se dá na medida em que o leitor-receptor estabelece com o texto relação que tem mesmo um fundo erótico, no sentido mais amplo e natural da palavra (*Eros* = deus do amor, da vida, em oposição a *Tanathos* = deus da morte, na mitologia grega). (TINOCO, 2010, p. 17)

Para o autor, determinadas leituras trazem possibilidades de inúmeras novidades ao leitor, o que, então, promoverá a ampliação do conhecimento sobre sua visão ordinária de mundo. Afinal, uma narrativa não traz o propósito único e central do escapismo, justamente porque a leitura pode revelar imposições sociais referendadas e impostas que, no momento, aparecerão metaforizadas, porém totalmente possíveis de interpretação, necessitando, para tanto, que o sujeito enxergue a obra como agente provocador.

Na vertente dos relacionamentos amorosos, histórias de paixão famigeradas permeiam a cultura dos países, envolvendo pares românticos que ficaram afastados um do outro e, após desventuras diversas, em que buscaram unir-se em definitivo, conquistaram a companhia do objeto de seu desejo ou, para a tristeza dos leitores, a infelicidade pela solidão. Apesar de contextualizarem épocas distantes ou, ainda, trazerem cenários fantasiosos e não reais, o público que consome esses enredos sentimentais sensibiliza-se, identifica-se e quase que também vivencia os dissabores contados.

Narrativas afamadas são alicerces culturais para alguns países, como *Romeu e Julieta*— cujo cenário é a Itália—, uma tragédia do inglês William Shakespeare⁸. Protagonizada por dois adolescentes de família inimigas, que se apaixonam à primeira vista, casam-se secretamente e procuram experienciar seu amor até o desditoso final, que culmina na morte de ambos, por suicídio.

A lenda medieval de *Tristão e Isolda*, contextualizada na Grã-Bretanha, é outro perceptível exemplo de como a ficção pode chegar a qualquer parte do mundo, a ponto de ultrapassar suas fronteiras e se tornar referência para toda a humanidade. A história em questão fala do amor impossível entre um cavaleiro da Cornualha e uma princesa, que, como a dramaturgia de Shakespeare, tem desfecho trágico e comovente.

A **Bíblia**⁹, também, traz relatos amorosos, sendo que nem todos apresentam um desfecho de felicidade. Sansão e Dalila¹⁰, por exemplo, é uma história de amor pautada em desejo e traição, com um desenlace marcado pela amargura e morte. Isaque e Rebeca¹¹, por sua vez, representam um enlace provocado pela intervenção divina e, por isso, gratificado com amor duradouro.

Há de se considerar, ainda tendo por referência o livro que fundamenta a fé cristã, que a história da humanidade é nele registrada tendo por seu início, ou seja, por sua gênese, a união entre Adão e Eva¹², que, por conta de desobediência aos preceitos estabelecidos pela divindade, ou seja, por Jeová (Deus), passa a ter uma vida relacional marcada pelo sofrimento e pelo trabalho árduo, ainda que seus descendentes tenham, conforme os conceitos de fé, povoado a terra.

Saindo do campo da ficção e da fé, adentremo-nos aos registros catalogados na história social humana, ou seja, nos enredos verdadeiros. Um deles aconteceu no século XVII, na Índia, e foi protagonizado pelo imperador Shah Jahan, que perdeu sua esposa favorita quando essa dava

⁸ (1564-1616) Poeta, dramaturgo e ator inglês.

⁹Do grego βλία, plural de βιβλίον, traduz-se "rolo" ou "livro", a obra se trata de uma coleção de textos religiosos, com valor sagrado e doutrinário para o cristianismo. É considerada, pelos que nela devotam sua fé, como divinamente inspirada.

¹⁰Bíblia Sagrada, livro de Juízes, 13-16.

¹¹Bíblia Sagrada, livro de Gênesis, 24.

¹²Bíblia Sagrada, livro de Gênesis, 2-5.

à luz ao 14º filho do governante em questão. A fim de recuperar a motivação para governar e tornar a memória de Aryumand Banu Begam eternizada, ordenou a construção de um monumento, o mausoléu Taj Mahal, uma suntuosa edificação de mármore branca mundialmente conhecida e que imortalizou a lembrança desse amor.

Outra narrativa, ainda, registrada na História, trata-se da triste e verdadeira trama do século XIV, que envolveu D. Pedro e sua amante, Inês de Castro. Nessa trama, o príncipe de Portugal envolve-se sentimentalmente com alguém que não simbolizava os interesses culturais e políticos do reino lusitano e, por isso, o rei D. Afonso IV mandou matar a jovem, o que resultou no desespero de D. Pedro, que entrou em conflito feroz com o pai. Tempo depois, quando assumiu o trono, o então rei D. Pedro I afirmou haver casado secretamente com D. Inês e, por isso, legitimou os três filhos tidos com ela e lhe concedeu o título póstumo de rainha de Portugal, apesar de morta.

Tais compêndios de narrativas diversificadas em fictícias ou factuais, artísticas ou religiosas, exemplificam que a linha da história humana encontra-se cercada e tramada por enlaces amorosos, quer sejam promissores, quer sejam comoventes. Por sua vez, quando as escolhas pela união fazem-se, todavia, não pelo sentimento existente, mas, sim, pela imposição de conceitos de crenças imateriais, representadas por dogmas de fé, importa discutir essa preponderância, tendo em vista seu valor hegemônico.

Os pares que são analisados nesta tese, além de historicamente importantes e influentes, marcaram-se pela renúncia à concretização do sentimento que possivelmente havia entre ambos e que era transparente ao outro. Ainda que Pedro Abelardo e Heloísa Argenteuil tenham chegado a se casar e ter um filho, Astrolábio, o rompimento definitivo, bem como a entrega ao celibato, evidencia a abdicação ao contrato físico do sentimento que enlaça duas pessoas verdadeiramente afeiçoadas. Já os outros dois pares – Antônio Viera e Cristina Vasa, Karol Jósef e Anna-Teresa – não chegaram a, sequer, confirmar qualquer contato físico de maior intimidade, conforme é acreditado pelos apontamentos históricos.

Por meio desses personagens historicamente valorosos, e diante de seus posicionamentos marcados em apurações factuais, analisamos a imposição dos preceitos de fé, bem como o poder ideológico que, provavelmente, as crenças instituem sobre seus seguidores. Tendo três pares de diferentes épocas e, por sua importância contextual, representantes de influência social e cultural, constata-se ser possível que assumam a posição de pilares históricos, simbolicamente representativos e referenciais, a fim de demonstrarem, por meio de seus discursos, como suas escolhas apontaram para a negação e a renúncia aos próprios desejos e sentimentos.

A stack of old, worn books with a quill pen and an inkwell. The books are bound in dark leather and have yellowed, aged pages. A quill pen is tucked into the top of the stack. To the left, a small, dark, faceted inkwell is visible. The background is a plain, light color.

Capítulo 2 - Passaportes Teóricos

*"Poís quem obedece a
toda a Lei, mas
tropeça em apenas um
ponto, torna-se
culpado de quebrá-la
inteiramente. "*

Bíblia Sagrada,

Tiago, 2:10

Tiago, 2:10

Bíblia Sagrada,

CAPÍTULO 2 – PASSAPORTES TEÓRICOS

*“Mergulhe no que você não conhece
como eu mergulhei”*

Clarice Lispector



este capítulo, apresento os pressupostos teóricos que sustentaram a análise das fontes históricas colhidas e selecionadas. Para a descrição e interpretação das informações obtidas, embasei-me nos estudos sobre Análise do Discurso Crítica (ADC), direcionando para os significados acionais, representacionais e identificacionais do discurso, e nos estudos de Realismo Crítico, apresentando sua importância para uma averiguação mais apurada das representações comunicativas de cunho e insigne cultural. Recorri, também, às fundamentações teóricas de identidade, de ideologia e poder, de gênero e, ainda, aos diversos sentidos conceituais do termo "amor". Apresento, assim, um tripé teórico de sustentação para análise dos registros elegidos, com o propósito de identificar, à luz da Análise de Discurso Crítica e do Realismo Crítico, as crenças presentes nas representações linguístico-discursivas de três afamados religiosos que tiveram envolvimento emocional com mulheres e, por conta da fé, renunciaram a experienciar esse sentimento.

2.1 Estudos críticos do discurso

Com o propósito de analisar criticamente os desacordos aparentes e formados linguisticamente, a Análise de Discurso Crítica (ADC) é uma perspectiva teórica e metodológica que analisa o uso da linguagem nas formações sociais e os acordos entre linguagem, poder e ideologia. Tais interferências devem ser investigadas numa visão crítica e ponderadas em seu poder (trans)formador do comportamento social. Todavia, para que uma investigação venha a ser iniciada, Fairclough (2001) explicita a necessidade de haver uma preocupação com a seleção dos métodos que irão analisar a linguagem, a fim de que haja seu

adequado desenvolvimento teórico social. É importante não se esquecer que o uso da linguagem é um método de estudo da mudança social, por estar voltada a relevantes processos sociais e culturais.

Como o modelo teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica é aberto à análise de inúmeras práticas sociais, ele permite enxergar conexões entre relações de poder e os recursos linguísticos escolhidos por determinados grupos sociais (RESENDE; RAMALHO, 2006). Dessa forma, o discurso pode ser visto dentro dessas práticas e analisado segundo esse aspecto. As autoras mencionadas, por exemplo, mostram a importância de se ver a ADC como uma conexão entre a Linguística e a Ciência Social Crítica e de se entender que um analista do discurso é capaz de focar e estudar as relações de poder existentes nos diversos grupos sociais e os distintos recursos linguísticos utilizados pelas pessoas.

Ainda na perspectiva da ADC, afirma Fairclough (2003, p. 227-228) que a prática social é formada de diversos elementos: discurso, ações, sujeitos e relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e lugar, formas de consciência, valores, sendo que o discurso é uma dimensão das práticas sociais. Para Fairclough, o forte dessa concepção é a mudança social. O discurso, ao mesmo tempo em que é fruto da constituição social, é também o componente que constitui as estruturas sociais. Nota-se, assim, uma relação cíclica de causa e efeito, ou razão e consequência.

Segundo Fairclough (2003), ações e identidades são representadas em discursos, que se concretizam em gêneros e se transformam em estilos, rompendo, assim, os limites entre a Linguística e as Ciências Sociais. Assim, é no processo de contextualização que a língua é uma atividade estruturante mais do que estruturada, sendo seu lugar o de condução regrada e categoricamente justificada de ações discursivas. Discurso e cognição são, enfim, dois aspectos ligados na atividade discursiva (MARCUSCHI, 2007). É interessante notar que a ADC trabalhará nas brechas das relações de dominação, já que isso sim é digno de análise, pois as relações em si estão mais claras ao senso comum. Ao analista do discurso cabe mostrar o que não está óbvio e especular o que está encoberto, disfarçado, trazendo-o à luz. É por isso

que o linguista tem um importante papel social, cumprindo sua função de cientista social (RESENDE; RAMALHO, 2006).

O uso da linguagem é uma ação situada historicamente e constituída socialmente, diretamente influenciado pelos fatores sociais e ideológicos, enquanto o discurso é uma prática social organizada em rede, mas com enfoque maior no momento discursivo. Quando se pergunta se haveria outros momentos sociais, além de discurso, na formação de práticas sociais, aproximamo-nos do fato de as práticas sociais serem atividades realizadas regularmente, afinal, elas têm o discurso como um de seus elementos, igualmente importante aos outros três: atividade material, relações sociais e fenômeno mental, sendo as quatro articuladas entre si e tornando essa conexão uma fonte de criatividade discursiva. Sugerem Resende e Ramalho (2006) que a ADC precisa da crítica explanatória para ultrapassar os limites do texto nos aspectos da prática social, fazendo redes entre práticas relativamente estáveis que serão sustentadas por relações sociais de poder.

Segundo Fairclough (2003), interpretar textos na interface entre ação e gênero, representação e discursos, representação e estilos, implica analisá-los em termos dos significados do discurso, tendo por referência uma concepção social detalhada, o que permitirá uma conexão entre eventos sociais concretos e práticas sociais abstratas. Tomando por referência os pressupostos analíticos, o autor sugere (FAIRCLOUGH, 2003, p. 28) que há uma associação dialética entre o que o sujeito é (significado identificacional), com o que ele faz (significado acional) e o modo que ele representa o mundo em que está inserido (significado representacional), vinculando tais acepções aos conceitos de conhecimento apresentados por Foucault (1996).

2.1.1 O significado acional

O significado acional tem seu dialogismo voltado ao eixo do poder, pois se refere à relação existente com o outro, bem como à ação exercida sobre ele, e está ligado à concepção de gênero. Segundo Marcuschi (2003) e Fairclough (2003), os gêneros são um modo

discursivo de agir, mostrando-se e atuando como formas de controle social, político, ideológico e, ainda, como exercício de poder.

Com a capacidade de variação em seu grau de fixidez, estabilização e homogeneização, os gêneros podem ser tão bem definidos, que se constituem estáveis ainda que possam estar em constante movimento, estabelecendo uma necessidade quanto à individualização de sua análise. Podendo ser identificados com base em seus níveis de abstração, vão de uma especificação a redes de práticas particulares à transcendência dos limites temporais e espaciais, com deslocamento do contexto situacional, e chegando, ainda, ao mais alto nível de abstração, representados pela narrativa, o diálogo e a descrição.

Os avanços tecnológicos comunicativos proporcionam, a cada dia, a emergência de novos formatos discursivos, adequando distintos modos semióticos ao formato compatível a ambientes virtuais. A necessidade de um envolvimento em rede sociodiscursiva atribui ao ser humano sua constituição enquanto ser social, promovendo-o ao aprendizado de gêneros diversos. Marcuschi (2003) sugere que são um estoque de conhecimentos diários, voltados à normatividade e à reputação social da atividade comunicativa, com a necessidade de prescrição e molde, e voltados a possibilitar a ação adequada para o alcance dos propósitos comunicativos nas práticas sociais.

Os gêneros vêm a ser, portanto, mais do que uma orientação neutra quanto à realização de atividades comunicativas, por trazerem uma carga ponderada de valores e revestimentos ideológicos. Sua realização em práticas sociais se diferencia a depender da ação escolhida, da relação estabelecida e do estilo de comportamento selecionado para o ambiente em questão, permitindo que ocorram, inclusive, de forma misturada, híbrida. Essa realização em práticas sociais remete ao caráter interdiscursivo do gênero, atribuído por Fairclough (2003).

2.1.2 O significado representacional

O significado representacional expõe sua relação dialética tendo, por referência, o eixo do conhecimento, de modo buscar o controle

sobre o que o cerca. Segundo Fairclough, os discursos, em seu atributo representacional,

[...]podem ser vistos em termos de relação envolvendo as pessoas no evento ('sujeitos') – suas relações com o conhecimento, com os outros (relações de poder), e consigo mesmo (como 'sujeitos morais'). Ou podemos dizer, por exemplo, que Representações particulares (discursos) podem desempenhar de modo particular Ações e Relações (gêneros), e apontar modos de Identificação (estilos). (FAIRCLOUGH, 2003, p. 28)

Os discursos constituem uma forma de representar o mundo, utilizando, de seu aspecto material, mental e social, os processos, as relações e as estruturas necessários. As relações que os sujeitos estabelecem entre si formam as visões exteriores que possuem, baseadas em suas identidades pessoais e sociais. Fairclough (2003) sugere, ainda, que o discurso vem a constituir parte dos recursos utilizados para relacionamentos interpessoais, para competições, bem como para formas de dominação, ressaltando, inclusive, que as representações criadas podem não ser, necessariamente, o retrato fiel do mundo físico, justamente por se tratarem de direções particularizadas e de projeção imaginativa.

Os textos trazem concepções individuais e identificam áreas da vida social, retratadas no discurso – distintos por suas representações e pelas relações com os demais elementos sociais –, de modo a permitir a detecção de formas interpretativas por meio da sucessão de estruturas linguístico-discursivas elaboradas no texto. Fairclough (2003) interpreta que o processo que se apropria de elementos de uma prática social e os desloca a outra, transformando-os, permite que sejam incluídos, enfatizados ou excluídos em textos que circulam em diferentes práticas sociais. À vista disso, o modo de representação pode ser fruto de um discurso regulador, transformado a benefício de grupos hegemônicos para a sustentação das relações sociais de poder.

2.1.3 O significado identificacional

O significado identificacional está voltado ao eixo da ética e da moral, apontando para a relação que o sujeito tem consigo mesmo, por serem aspectos discursivos das maneiras de ser e constituírem identidades. Por sua vez, o sujeito encontra-se relacionado ao modo de falar, escrever, movimentar e portar que expressa cotidianamente, o que aponta para a identificação que seu estilo demonstra.

Segundo Fairclough (2003), a identificação está associada às relações com a própria pessoa, envolvendo sua percepção de ética e sua visão particulariza de valores morais. As diversas formulações possíveis direcionam a possibilidade de fazer prosperar o entendimento de textos por meio da concatenação dos três aspectos do significado com uma diversidade de categorias nos conceitos sociais. Ainda, é possível interpretar o significado identificacional nas ações de sujeitos de acordo com suas disposições particularizadas em eventos sociais, bem como suas experiências de fala e escrita nessas situações.

De acordo com Fairclough (2003), as representações particulares de discurso podem realizar ações e relações caracterizadas por sua individualidade, promovendo apontamentos de estilo e identificação, conforme esquematiza o autor:

Dialética do discurso

Discursos (significado representacional) interpretados em gêneros (significados acionais)

Discursos (significado representacional) apontados em estilos (significados identificacionais)

Ações e identidades (incluindo gêneros e estilos) representados em discursos (significado representacional)

(FAIRCLOUGH, 2003, p. 28)

Além de uma variedade diversificada de fatores linguísticos – tais como a escolha lexical, a entonação e o ritmo –, a linguagem corporal se estabelece enquanto construto de identidade. Sendo assim, alcançar a identidade social significa, por assim dizer, apresentar a capacidade de assumir papéis sociais de forma personificada, moldando traços

individualizados da sua formação restrita, específica, bem como, privativa.

Feito o embasamento do discurso como prática social, bem como a importância da investigação crítica sobre os eventos discursivos, passo, a seguir, para uma apresentação da teoria de Realismo Crítico, a fim de especificar a importância, enquanto aporte reputado, dessa ferramenta para a presente tese.

2.2 Realismo Crítico

Caracterizado com um caráter interdisciplinar, de acordo com o Vandenberghe (2010), o Realismo Crítico(RC)¹³ tem como representante o inglês Roy Bhaskar¹⁴, que o desenvolveu após pesquisas a respeito das ciências sociais, numa abordagem filosófica e defensora da investigação racional, crítica e emancipatória. Voltada à distinção entre as perguntas epistemológicas e ontológicas, bem como à importância da objetividade como base para a compreensão adequada de um projeto crítico, esse conceito defende que o real venha a ser um mundo que precisa ser especulado além do superficial, levando o sujeito a uma compreensão mais profunda. Por isso, encontra-se conceituado enquanto filosofia e ciência social, apesar de não determinado, trazendo em si a percepção de uma possibilidade quanto à crítica objetiva poder provocar mudanças sociais, de modo a promover a liberdade de pensamento humano.

Segundo Barros (2015), Bhaskar sugere que esse movimento seja, também, uma alternativa para as ciências naturais, afinal, o mundo é estabelecido por mecanismos que produzem sequências de eventos, os quais vêm a gerar os acontecimentos presenciados. Atuando independentemente às ações humanas, tais recursos afiançam que o sujeito não possui emancipação plena e, conforme o estudioso pontua, a valoração da ciência consiste em produzir conhecimento a respeito desses fenômenos naturais. O caráter de filosofia de natureza autônoma do RC contribui para o pensamento científico, tornando-o embasamento teórico

¹³ Abreviação que será usada na presente pesquisa a partir deste ponto.

¹⁴ Ram Roy Bhaskar (1944-2014)

e metodológico para especulações sociais que procuram interpretar a relação entre indivíduo e sociedade.

Por serem relevantes e acarretarem a necessidade de compreensão, os fenômenos sociais não devem ser comensurados. Barros (2015, p. 23-24) acentua que, para o RC, todo significado requererá uma interpretação do investigador, justamente por conta da característica naturalista, ainda que parcial, que essa filosofia social traz em sua visão analítica. Buscando assimilar as relações entre os fenômenos, desconsidera as regularidades que os conecta, por reconhecer a importância quanto à interpretação dos significados, apesar de considerar a existência de outras possibilidades elucidativas, já que a causa de um evento pode ser, também, a razão para sua ocorrência.

Segundo Silva (2015, p. 84), o RC se trata de uma proposição teórica que avança que a realidade física constitui-se, na verdade, de um instituto aberto, estabelecido pelas experiências dos três domínios ontológicos – o real, o atual, o empírico –, bem como dos distintos estratos – físico, biológico, social, semiótico –, sendo que cada esfera carrega sua composição particularizada e seus mecanismos gerativos, assentados no domínio real e/ou no atual. Quando ativados, esses estratos podem sofrer estimulação conjunta, o que produzirá, por sua vez, consequências imprevisíveis nos três domínios citados, preponderando sobre o campo social. Conforme ponderam Silva e Ramalho (2008, p. 269), "[...] a ideia de que problemas sociais podem ser desencadeados e sustentados, assim como superados por (sentidos de) textos, assenta-se na ontologia do Realismo Crítico".

Introduzindo um novo modelo de análise à metodologia em pesquisa social transdisciplinar, Fairclough (2010, p. 235) aponta para o RC, sugerindo que "[...] a metodologia pode ser vista como uma variante da 'crítica explanatória' de Bhaskar (BHASKAR, 1998; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999) e pode ser formulada inicialmente em quatro estágios", que, segundo o autor, são:

- Estágio 1 – Enfocar um fato socialmente injusto (*wrong social*), em seu aspecto semiótico.

- Estágio 2 – Identificar obstáculos concernentes ao fato socialmente errôneo.
- Estágio 3 – Considerar se a ordem social 'necessita' desse erro social.
- Estágio 4 – Identificar possíveis formas de ultrapassar os obstáculos.

Para o pesquisador, faz-se necessário atender à convocação teórica crítica que o RC apresenta, quando, no Estágio 3, estabelece como etapa inescusável a interpretação de determinado fato, já classificado como desacertado, apontar para uma possível importância de permanência, por contribuir, então, para a ordem social de nível mais amplo. Sucedendo com a marca de continuidade especulativa no passo seguinte, em que designa haver a necessidade de verificação de formas que possam extrapolar os obstáculos, propondo que sua resolução possa não ser, no momento da investigação, uma possibilidade. O caráter filosófico dessa teoria confirma a necessidade que ela traz, em si, quanto à especulação das objeções sociais, ainda que não se apure alguma solução. Deve-se ter em vista que o remate quanto ao progresso da questão possa surgir após um tempo e, por sua vez, seu apontamento inicial, bem como sua classificação enquanto obstáculo, tenha contribuído para tanto, uma vez que desnudou suas implicações e afetações ao equilíbrio vigente.

Quando a investigação volta-se à análise de determinados fenômenos sociais ou naturais, Barros (2015) considera que é possível constatar

[...] que eles possuem poderes em virtude de suas estruturas. Os mecanismos se originam de estruturas e existem em função delas. Ao analisar determinado objeto concreto, por exemplo, é preciso compreender como esse objeto está se apresentando. A abstração é uma maneira de fazer isso. Ao fazer a abstração sobre determinado objeto, denotam-se suas estruturas, poderes e mecanismos. Porém, não basta organizar e explicar categorias apenas, é preciso procurar desvendar outros estratos da realidade. (BARROS, 2015, p. 36-37)

A autora ainda pondera que, por serem concernentes a distintos estratos da realidade – como físicos, biológicos, psicológicos e químicos –, a movimentação desses mecanismos, de uma categoria à outra, traz à luz poderes subtraídos de esferas subjacentes, promovendo objetos com sistemas, poderes e recursos próprios. Quanto aos objetos sociais, importa constatar que suas estruturas são dependentes das atitudes e intervenções das pessoas, e, por sua vez, os mecanismos derivam de estruturas e subsistem em função delas.

Buscando identificar a importância do RC em relação aos estudos de ADC, Resende (2009, p. 79-80) destaca a vantagem de um analista do discurso edificar associações especulativas com conceitos fronteiriços, o que vem a fortalecê-la enquanto uma interdisciplina, porquanto sustenta interesses equivalentes aos das ciências sociais, ainda que não totalmente similares. Tendo em vista que o foco precípua de um pesquisador do discurso constitui-se o momento discursivo e as relações causais das práticas sociais – diferenciando-o dos investigadores das atividades materiais e suas estruturas –, entende-se, por isso, que se objetiva analisar criticamente as relações entre aspectos discursivos e não discursivos despontantes que se voltam à reprodução e à transformação social.

Entendendo a necessidade do analista do discurso quanto à distinção clara entre ação social e representação da ação social, Resende (2009, p. 80) pondera que

Uma implicação direta desse interesse particular nos aspectos discursivos de práticas sociais é que, em nosso diálogo profícuo com as ciências sociais, precisamos fazer reflexões que nos permitam adaptar categorias e conceitos a nossos interesses, precisamos transformá-los em ferramentas adaptadas a nossas necessidades.

Conforme avalia a autora, a compreensão precisa dessa diferença conceitual descarta o risco de se incorrer em inconsistências epistemológicas. Sendo assim, importa ressaltar que o RC pode realizar pesquisas voltadas à percepção quanto à relevância dos discursos a respeito de objetos sociais não discursivos, enquanto que a ADC está

voltada, prioritariamente, a investigar as representações discursivas, ainda que não desconsidere a relevância que momentos não discursivos das práticas sociais possuem sobre a análise crítica dessas circunstâncias.

Importa confirmar que o momento inicial para a identificação de sistemas explanatórios e investigativos vem a ser a interpretação, que, por meio de pesquisas de competência elucidativa, analisam os significados sociais e os "modos como tais significados são produzidos" (BHASKAR, 1998, p. 238). A importância da análise semiótica para a crítica investigativa confirma a vantagem de uma conexão entre a ADC e o RC, pois a articulação interiorizada entre teorias discursivas e sociais estenderá para apurações que promoverão maior desenvolvimento da pesquisa social, ainda que essa união tenha muita reflexão a ser considerada e concluída. Assim, um diálogo interdisciplinar entre essas abordagens investigativas promove a estratificação da realidade social, uma vez que fornece uma versão ontológica direcionada à compreensão da vida social enquanto composto sistemático aberto e firmado nas práticas relativamente regulares, as quais abarcam eventos sociais simultâneas com resultados que decorrem no tempo, ou seja, com estruturas sincrônicas promovendo efeitos diacrônicos.

2.3 Conceptualizações teóricas

A identidade é um elemento que insere o indivíduo num determinado âmbito social, sendo, para tanto, construída tanto em formato individual, quanto em formato coletivo. Já a ideologia, segundo Thompson (1984), constitui-se em uma tentativa de explicar a realidade, bem como as transformações sociais, e, por essa razão, pode trazer doutrinas que têm por propósito orientar ações sociais individuais ou grupais. Desse modo, faz-se necessário que essas explicações componham o arcabouço conceutivo que sustenta a teorização analítica desta tese, pois a investigação sobre as influências ideológica e identitária provocam, ainda, a consideração de suas ingerências na

construção do pensamento e das crenças do sujeito enquanto agente social.

Os significados da linguagem promovem espaços para a adoção de correntes teórico-metodológicas que justificam a pesquisa de olhar socialmente crítica. Por sua vez, Fairclough sustenta a influência dos estudos hegemônicos quanto a fornecer bases teóricas nos debates atuais sobre discurso, defendendo, ainda, as investigações de Thompson (1984, 1995). O autor aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, ao propor que “[...] as ideologias são significações/construções da realidade que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 17). Por ser uma ciência crítica, a ADC se volta à investigação dos efeitos ideológicos que interpretações textuais possam provocar sobre “[...] relações textuais, ações e interações, conhecimentos, crenças, atitudes, valores e identidades.” (RAMALHO, 2009, p. 193).

2.3.1 Identidade

Observa-se que, na sociedade atual, diversos valores sociais, científicos e culturais têm passado por transformações um tanto quanto significativas se forem comparados às modificações ocorridas em épocas anteriores. Contudo, faz-se curioso perceber e analisar que outros desses valores permanecem quase imutáveis mesmo após tantas variações/evoluções históricas, por estarem firmados numa contextualização de amplas raízes: as crenças religiosas. Trazendo para tanto uma fundamentação que se encontra arraigada a traços mentais/emocionais tão profundos, a religião interfere diretamente na aceitação ou não do sujeito às mudanças que se constroem diante de si, não importando a força balizadora do acontecimento, e fazendo, então, uma interferência direta na construção da identidade pessoal e social.

Como uma identidade deve ser analisada como fruto de uma época, na qual suas crenças e valores servem como norteador na formação

de um comportamento social, seria importante registrar que Kerbrat-Orecchioni (1996) vê o contexto como um conjunto de fenômenos não-objetivos, mas interiorizados no formato de modelos cognitivos, indo contra os que o veem como uma coleção de fatos ou situações em que se situa uma dada produção discursiva para enquadrar inferencial. Afirma a linguista francesa, ainda, que o discurso modela o contexto assim como o contexto modela o discurso, concluindo que os enunciados são a um só tempo modelados pelo contexto, como também renovam o contexto (1996, p. 49).

Considera-se, aqui, o contexto não só em sua dimensão exterior, mas, sobretudo, como espaço interior, ou seja, psicológico. Quando há a avaliação do indivíduo enquanto ser biológico, deve-se entender que há uma sustentação de sua composição estruturada na formação psíquica, o que, por isso, traz uma dicotomia entre unidade e grupo, entre homem e sociedade.

[...] emprega a qualificação "identidade psicológica" para se referir a um predicado universal e genérico definidor por excelência do humano em contraposição a apenas um atributo do eu ou de algum eu como é a identidade social, étnica ou religiosa, por exemplo. [...] refere-se à "identidade do eu", que se constitui com base na "identidade natural" e na "identidade de papel" a partir da integração dessas, através da igualdade com os outros e da diferença em relação aos outros. Com base no pressuposto inter-relacional entre as instâncias individual e social, a expressão "identidade social" vem sendo empregada, buscando dar conta dessa articulação. (JACQUES, 1998, p. 161).

Embora ainda haja a sustentação da definição de uma origem que delimite o sujeito social do individual, Jacques (1998) considera que a identidade não venha a ser inata, mas, também, não é uma formação influenciada unicamente pelo contexto externo, ou seja, o meio. Segundo o autor, sua composição é uma forma sócio-histórica e individual. Tendo em vista que as circunstâncias fornecem as condições para as mais diversas condições e feições, faz-se necessário apontar a singularidade existente na relação do sujeito diante das conjunturas a que é exposto e às quais reage.

Por essa razão, é necessário entender o que vem a ser Ideologia, bem como seu papel na composição de identidade. Primeiramente, deve-se verificar que não se trata de um fenômeno individual, tanto que não aparece de forma consciente na maioria dos casos. Nessa perspectiva,

[...]quando pretendemos alguma coisa, quando defendemos uma ideia, um interesse, uma aspiração, uma vontade, um desejo, normalmente não sabemos, não temos consciência de que isso ocorre dentro de um esquema maior, de um plano, de um projeto maior, do qual somos apenas representantes – repetimos conceitos e vontades, que já existiam anteriormente. (LOPES, 2008, p. 93).

Quanto à identidade, tem sido caracterizada, de modo geral, como o conjunto de atributos com os quais é possível identificar pessoas, animais, plantas e objetos inanimados, quer diante de seus diferentes, quer diante de seus semelhantes. Mas para as Ciências Sociais, as identidades são construídas paulatinamente, com a mudança do mundo no homem e do homem no mundo. A análise do discurso, por exemplo, sugere que as identidades são construídas pelo discurso social.

Vejamos as palavras de Stuart Hall:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p. 7)

Já van Dijk (2005) mostra de que maneira as identidades sociais, e principalmente as étnicas, influenciam as práticas sociais em geral e o discurso em particular, provando que os fatores históricos, sociais e culturais intervêm na finalização de diversos modos de falar e de se comunicar. Dessa forma, afirma que o discurso é tão somente uma expressão fiel da identidade cultural das relações entre grupos étnicos, se bem que coloca em prática e reproduz a dominação étnica.

2.3.2 Ideologia e poder

O discurso religioso possuiu uma grande força de propagação, que, embasada em crenças antigas e, muitas vezes, pouco adeptas às evoluções sociocientíficas, tem exercido poder conceitual sobre sujeitos de diversas classes sociais. Portanto, sua interferência na composição identitária da sociedade é evidente e, por isso, faz-se necessário entender de que modo suas bases de crença sustentam ou fazem ruir os valores nascidos da evolução construtiva de uma nova identidade.

Segundo Thompson (1990), a ideologia é entendida, de forma geral, como um sistema de crenças, ou formas e práticas simbólicas, observando qual relação que as formas simbólicas possuem com as relações de poder. Nesse caso, nas palavras do autor:

Se fenômenos simbólicos servem, ou não, para estabelecer e sustentar relações de dominação, é uma questão que pode ser respondida somente quando se examina a interação de sentido e poder em circunstâncias particulares – somente ao examinar as maneiras como as formas simbólicas são empregadas, transmitidas e compreendidas por pessoas situadas em contextos sociais estruturados. (THOMPSON, 1990, p. 72)

Por conseguinte, com base na perspectiva transdisciplinar da Análise de Discurso Crítica (ADC), do conceito de Ideologia e da compreensão sobre o significado de Identidade, entendemos que os estudos linguísticos podem nos auxiliar a ponderar a respeito dos problemas a seguir.

Assim, conforme é possível se verificar nos registros históricos, a hegemonia religiosa sempre foi uma força de influência altamente poderosa e significativamente marcadora de práticas sociais. Por possuir fundamentos baseados na força invisível e imaterial de um ser sobrenatural, tal modelo de domínio encontra-se sob a autoridade dos que dela se dizem detentores, o que acaba por favorecer a soberania de poucos sobre muitos, cuja influência torna-se, também, facilitada pelo limitado poder e conhecimento dos indivíduos a eles subordinados.

Se as transformações sociocientíficas influenciam o modo de agir do sujeito, levando-o a se adaptar às novidades apresentadas, às

mudanças comportamentais e aos progressos tecnológicos que se desfolham diante de seus olhos, seria relevante refletir sobre o fato de o sujeito portador de uma crença religiosa encontrar-se arredio a tais variações, ponderando sobre suas justificativas e conceitos ideológicos.

Street (1984) compreende ser a ideologia o lugar de tensão entre a autoridade e o poder, entre a resistência e a criatividade, tanto da forma escrita quanto na forma verbalizada de uso da língua. Na visão de Marcuschi (2007), Street busca inserir questões técnicas, culturais, cognitivas e sociais com o modelo ideológico de letramento, ressaltando as relações de poder em que operam. O linguista brasileiro, também, analisa a variedade oralizada e a variedade escrita, em seus estudos, e sugere que tais sejam tratadas como práticas que diferem de um contexto sociocultural para outro.

Nesse sentido, verifico a necessidade de se averiguar o porquê de as transformações sociais, que são mostradas por um corpo político empoderado, o qual as utiliza para influenciar a formação identitária de um conjunto de sujeitos, apesar de possuírem uma força ideológica tão influente, não se sobrepõem ao domínio que a crença religiosa exerce sobre uma parcela desses sujeitos, a ponto de torná-los pouco influenciáveis por tais interferências ou, ainda, imunes e arredios a elas.

É importante entender que os fenômenos simbólicos são compreendidos como ideológicos quando se observa o contexto social no qual as simbologias estão se desenvolvendo e se propagando. E por meio do sentido das formas simbólicas, como ações e falas, imagens e textos, que estão inseridas no contexto social e circulam no mundo social, é que opera a ideologia e, assim, pode ser observada, pois são produzidas por sujeitos e reconhecidas por eles e outros como construtos significativos.

Para se verificar o problema citado, é de relevância que se leve em conta a ideologia dos discursos apresentados pelo sujeito portador de uma crença religiosa, em concomitância com suas ações, analisando a influência que recebe/exerce enquanto componente social.

Na verdade, as inquietações apontadas representam apenas um recorte do que seria preciso abranger e analisar quanto ao poderio ideológico do discurso religioso sobre a formação identitária social.

Afinal, a ADC trabalha nas brechas das relações de dominação, já que isso, sim, é digno de análise, pois as relações em si estão mais claras ao senso comum. É nessa perspectiva que o linguista crítico tem um papel relevante, cumprindo sua função de cientista social, porque já existe a consciência de que as influências das crenças sobre a cultura e os conceitos individuais constituem todo um comportamento dirigente de pensamentos e atitudes e, por sua vez, uma interferência num sistema de preceitos cientificamente estabelecidos e igualmente abertos a evoluções (LOPES, 2008).

Portanto, não podemos nos esquivar de lançar luz sobre estes problemas, entendendo que se faz necessário averiguar de que modo uma influência imaterial se faz maior que uma força física e atuante. Enfrentar essas questões significa, por um lado, uma contribuição do ponto de vista intelectual e, por outro, um avanço sobre fronteiras até então pouco tocadas, para que docentes/pesquisadores ergam novos debates sobre o benefício ou o malefício – ou, até mesmo, ambos – de domínios ideológicos tão antigos e, ainda assim, tão influentes e decisivos na identidade social de uma nação. A fim de promover uma análise mais detalhada, referenciaremos as avaliações discursivas das correspondências com base nos conceitos acima realçados, de acordo com o princípio comportamental examinado.

2.3.3 Crença

Segundo a Psicologia, o termo “crença” define a convicção em determinado poder capaz de influenciar eventos, quer essa autoridade seja humana, quer seja voltada a uma divindade. (STRATTON, 2003). Por se tratar de um estado psicológico, encontra-se submetido à mente e às suas vulnerabilidades, ou seja, está sujeitado ao impacto de situações que influirão no cérebro, sendo balizadas pelas consequências que tais princípios exercerão sobre sua condição existencial.

Segundo Argyle (1997), a crença é, então, um estado psicológico no qual o indivíduo abraça proposições e asserções e fixa-as para a verdade, tornando-as convicções, ainda que tenha origem em uma

opinião formada. Uma crença será considerada um conhecimento se estiver pautada em uma justificativa – com provas e afirmações razoáveis e plausíveis – que a tornem uma verdade consensual.

Diante do fato de as crenças se expressarem por ações, os estudos psicológicos assinalam suas constituições advindas de variadas conjunturas, como essas, dentre outras:

- Incorporação das crenças de outros durante a infância (ARGYLE, 1997, p. 25).
- A admissão de uma crença procedida de um líder influente, ainda que essas incitem ações impróprias e incomuns (HOFFER, 2002).
- Influência de propagandas por meios diversos, cujas repetições incitam a emoções positivas, usando imagens que associam a sentimentos atrativos (KILBOURNE; PIPHER, 2000).
- Lesão física, especialmente na cabeça, cujo trauma venha a alterar os princípios anteriores à percussão (ROTHSCHILD, 2000).

Para Hoffer (2002), uma convicção deve resultar da conciliação entre realidade individual e credo, por meio de uma consonância cognitiva. Por isso, tendo em vista que as crenças, por muitas vezes, refletem contradições não superadas ou, ainda, dissonâncias entre desejo e constatação, o autor questiona se a crença seria voluntária. Todavia, apura-se que sujeitos com formação acadêmica superior à média, inclusive conscientes do processo pelo qual uma crença se forma, ainda recorrem como veemência a tais credos, com ações pautadas em doutrinas das mais diversas. Considerando-se que as crenças analisadas nesta pesquisa possuem uma firmamento no imaterial, ou seja, na fé, faz-se necessário apontar que essa convicção traz uma referência de poderio emocional superior à maioria.

A religião é um conjunto de sistemas de cultura e convicção, constituindo símbolos que promovem um vínculo entre a humanidade e a espiritualidade, por meio de dogmas comportamentais (MARQUES, 2005). Estabelecem a moralidade, a ética e, até mesmo, um estilo de vida, por meio de apontamentos ao sentido da existência e explicações às

origens cósmicas ainda insondáveis à ciência. Por isso, Marques (2005) determina que a crença religiosa seja uma motivação pautada em submissão voluntária e uma verdade considerada maior e, por essa razão, indiscutível e não subordinada à razão.

A Igreja Católica Apostólica Romana, por sua vez, vem a ser uma instituição de fé estabelecida há mais de dois mil anos, sendo registrada como a mais antiga ainda em funcionamento. Possui sua história incorporada à do cristianismo, bem como a da própria civilização ocidental. Por essa razão, essa igreja acredita ser a única fundada por Cristo, o que a tornaria exclusivamente autêntica frente às demais denominações autoproclamadas cristãs, por haverem surgido após ela (MARQUES, 2005). Ainda, trazem por autoridade suprema o Papa, aclamado como Bispo de Roma e sucessor do apóstolo Pedro¹⁵.

Como religião de poderio milenar, a Igreja Católica traz como tônica de sua crença a prática devota dos ensinamentos estabelecidos, considerando as atividades e a obediência aos dogmas como premissa para a remissão dos pecados e a conquista do paraíso, ao lado do Redentor. A compreensão dessa forma de convicção, ou seja, da crença religiosa católica, é basilar para apreensão da análise das cartas trocadas pelos pares românticos aqui pesquisados, já que o comportamento de renúncia que determinou suas vidas foi dirigido por esse estado psicológico. Levando em consideração que os três casais tenham, em sua formação binária, um homem religioso e verdadeiramente devoto, é imperativo compreender que sua conduta pautar-se-á, sempre, na ênfase da prática de fé, trazendo em suas experiências piedosas atividades de firmação de dogmas, bem como ações que os expiem de culpas e condenações pós-morte.

Após a apresentação de conceitos sobre ideologia e crença, cuja finalidade vem a ser balizar o alicerce proposto, faz-se inescusável apresentar as definições de gênero. Tendo em vista as questões investigativas desta tese, é de extremo valor teórico apontar a

¹⁵ Segundo a fé cristã, Pedro, um dos doze apóstolos, haveria recebido de Jesus Cristo a incumbência de iniciar a igreja na terra.

importância de cada um dos gêneros que geraram elementos teóricos e especulativos, o que será feito na subseção a seguir.

2.3.4 Gênero

O reconhecimento quanto à regularidade existente nas manifestações discursivas direciona à conclusão de haver uma necessidade semelhante dos sujeitos sociais quanto à forma de explicação utilizada. Buscando expressarem a respeito de si mesmos e do mundo exterior, subjetivamente interpretado, bem como transmitirem valores e crenças, que resultam, por sua vez, em discussões e polêmicas, criam classificações e tipificações comunicativas diversas, cujas afinidades e diferenças promovem propostas que descrevem e analisam os fenômenos discursivos. Apesar das distintas maneiras quanto à representação e verbalização das atividades dialógicas, as semelhanças permitem, por sua vez, a criação de conceitos que classificam grande parte dos produtos culturais cujo objeto fundamental venha a ser a palavra, atribuindo, a isso, o conceito de gênero. (BLANCÁFORT; VALLS, 1999).

Com o advento de novas tecnologias de comunicação, conceitualizar e classificar gêneros inéditos torna-se imperativo, afinal, a categorização existe para atender aos discursos em uso em um tempo, determinado histórica e culturalmente, e submetidos aos âmbitos da vida institucional. As autoras acima citadas afirmam, ainda, que, por serem critérios baseados nas práticas discursivas existentes, faz-se fundamental valer-se do contexto em que os gêneros se reproduzem, devendo-se considerar os seguintes aspectos: atores, finalidades, formas verbais e não-verbais, temas contextualizados.

Segundo Bakhtin (1997), o estudo a respeito de gênero discursivo deve, primeiramente, avaliar seu referencial histórico, a fim de identificar o sistema ideológico no qual está inserido, bem como a visão de mundo predominante na época em questão. Em sequência, avalia-se a vida social coletiva dos sujeitos temporalmente determinados para, então, investigar os usos linguísticos recorrentes. Para o autor, essa relação entre os elementos apontados permite uma análise conceitual a

respeito de gênero em um formato mais operacional, verdadeiramente inserido em sua funcionalidade, permitindo, inclusive, a verificação da distinção entre as produções mais simples e a mais complexas, conforme a elaboração intelectual exigida.

Conforme declara Bazerman (2005, p. 22), “Cada texto bem-sucedido cria para seus leitores um fato social. Os fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou atos de fala. Esses atos são realizados através de [...] gêneros[...]”, o que compartilha com Bronckart (2003, p. 72), para quem “os textos são produtos da atividade humana e, como tais, estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos”. Nesse sentido, os gêneros estão associados às instâncias sociais, ou seja, aos

[...] aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor- isto é , sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e tema(s) discursivos – e, a partir desta análise, as marcas linguísticas (formas de texto enunciado e da língua – composição e estilo) que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação.(ROJO, 2005, p. 196)

A linguagem de cada prática social promove marcas linguísticas utilizadas em gêneros discursivos particulares, os quais articularão estilos e discursos determinados em um contexto estabelecido histórica e culturalmente. Assim, o desenvolvimento da competência discursiva está relacionado, também, à capacidade de selecionar o gênero mais adequado a seu propósito comunicativo, a fim de promover uma interação social adequada e previamente sugerida.

Avalia-se que a escolha do gênero seja significativa na produção discursiva, já que "os discursos proferidos em cada gênero assumem especificidades" (FERRAZ, 2007, p. 132), pois a eleição por determinada composição constitui-se significativa na construção textual, por representar uma forma comunicativa própria, caracterizada por seu aspecto sociocomunicativo. Marcuschi (2003, p. 25) avalia, a esse respeito, que são os "gêneros formas verbais ou ação social relativamente

estáveis, realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e domínios discursivos específicos", como se comprovará nesta tese, em que cartas sentimentais e, em princípio, de teor proibido, serão analisadas enquanto atividade humana, fundamentadas como produção discursiva designativa de uma instância ideológica determinada, a saber, a religiosa.

2.3.4.1 Gênero social

A teoria da linguagem avalia e conceitua os diversos formatos de produções escritas, conforme apontado acima, todavia, faz-se necessário analisar, também, o gênero enquanto constituição social, já que as produções analisadas nesta tese foram correspondências trocadas entre pares binários, o que trará a necessidade de uma investigação particularizada de seus aspectos formadores. A Psicologia foi a área de conhecimento que cunhou o termo “gênero” como construção social do “feminino” e do “masculino”, criado para apontar uma identidade genérica essencial. (STOLLER, 1968). Médico de profissão, Robert Stoller defende a ideia de uma “feminilidade” e uma “masculinidade” que não trazem determinações submetidas à anatomia ou à fisiologia, mas sim, à composição cultural do indivíduo.

Toma-se, então, Aristóteles¹⁶ por ponto de partida, já que a Antiguidade Clássica registra um estudo a respeito, quando se acreditava que as mulheres não possuíam diferença sexual em comparação aos homens, mas, somente, uma alteração em grau: eram consideradas menores. Conforme assinala Laqueur (2001), se uma mulher não oferecesse à sua criança em gestação o calor necessário à sua formação, daria à luz uma menina. Era acreditado, também, que certas garotas, diante de esforços físicos acima do que lhes era viável e com uma transpiração maior do que normalmente teria, transformavam-se em garotos. De acordo com o pensamento da época antiga, havia mais semelhança do que diferença entre os órgãos sexuais, sendo que o da

¹⁶ (Estagira, 384 a.C. – Atenas, 322 a.C.). Filósofo grego, é considerado um dos fundadores da filosofia ocidental. Aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande.

mulher estava marcado, tão somente, pelo fato anatômico de não haver “saído”, ou seja, de não estar externado no corpo.

A ideia de “sexo oposto” surgiu no século XVIII, quando houve a necessidade política de se distinguir as diferenças anatômicas e fisiológicas em homens e mulheres. Desse modo, evidenciam-se os motivos ideológicos para tanto, resultantes das transformações sociais da época, já que é no século XVIII/XIX que ocorre a Revolução Industrial, consolidando o capitalismo.

A história da representação das diferenças anatômicas entre mulheres e homens é independente das verdadeiras estruturas destes órgãos [...] A ideologia, não a exatidão da observação, determina como eles foram vistos e quais as diferenças importantes” (LAQUEUR, 2001, p. 111).

O autor pondera que tais transformações sociais promoveram a abertura de cenários para a mobilidade de manifestação contra injustiças, tendo em vista a delimitada e evidente separação social. Porém, a diferença física entre homens e mulheres naturalizaram as distinções e, por sua vez, a justificativa de colocar uma parte da população – neste caso, elas – sem permissão à concentração na busca por direitos sociais. A Revolução Industrial trouxe, assim, as transformações que determinaram às mulheres um lugar específico de atuação: a família, o lar.

Para Kehl (2007, p. 44), esse espaço estipulado é marcador “da criação de um padrão de feminilidade que sobrevive ainda hoje, cuja principal função [...] é promover o casamento, não entre a mulher e o homem, mas entre as mulheres e o lar”. A autora ainda pondera que a “função da feminilidade, nos moldes modernos, foi a adequação entre a mulher e o homem a partir da produção de uma posição feminina que sustentasse a virilidade do homem burguês” (KEHL, 2007, p. 44). Todavia, a firmação dessa submissão se opõe aos ideais do sujeito moderno, balizados na autonomia e na liberdade, e reforça a imposição da domesticidade por meio da crença na predestinação da mulher ao casamento e à maternidade, promovendo uma sociedade firmada nos valores patriarcais.

As sociedades patriarcais devem ser entendidas como um sistema sexo/gênero no qual a forma de domínio é masculina, não sendo, necessariamente, representada pela figura paterna. O termo em questão, volta-se à afirmação de uma teoria política de resignação da mulher, no qual o direito do homem está no fato exclusivo de ser homem, vinculada a imposições de sujeição feminina aos valores impostos e acreditados pelos dominadores. (PATEMAN, 2013, p. 39) Nas sociedades cuja base seja essa política austera, constata-se uma divisão de trabalho com aporte emocional. Dimen (1997) afirma que o patriarcado, afetando um embasamento em diferenças ditas naturais, apresenta uma estrutura prepotente, demarcando ao homem a individualização, a autonomia e a independência e, à mulher, a interdependência de cumprir com tarefas voltadas ao cuidado e à ligação afetiva. Zanello (2018), então, aponta para o traçar da cultura quanto aos processos que configuram os valores socialmente marcados, esclarecendo que a inibição de determinados atributos gera conflitos quando, enfim, são expressados. A autora ainda acentua que a atitude patriarcal é uma colonização afetiva, já que, ao firmar contextos culturais, impõe unidades organizadoras sobre como se deve sentir ou expressar emoções em concordância ao sexo com o qual nasceu. (ZANELLO, 2018, p. 32).

Em sociedades marcadas pelo binarismo de gênero, ou seja, onde se nasce homem ou mulher, identifica-se que os valores se façam estruturantes, marcando as expectativas quanto aos rótulos comportamentais esperados, já que tais referenciais demarcam a veracidade de seu papel enquanto ser social. Conforme aponta Zanello (2018, p. 29), a compreensão binária do sexo é uma interpretação de gênero, marcada do modo histórico e cultural, com efeitos percebidos na formação corpórea vivida e sentida. Pensado enquanto categoria que advém dos primórdios da concepção, gênero faz parte do imaginário engendrado ao possível futuro de uma criança, tendo em vista o sexo com o qual nasceu e, ainda, demarcada pela escolha do nome.

Apesar da possibilidade de contestação aos valores dominantes, o custo de atitudes refratárias não é pequeno, haja vista a constituição socio-histórica das experiências pessoais e o condicionamento cultural

das emoções humanas¹⁷. Certos grupos com poderes e autoridade desiguais são respaldados pelos aspectos referenciais de uma determinada época, apresentando uma hierarquia configurada historicamente, pautada na dominação e na capacidade permanente de controlar, exercendo efeitos no pensamento generalizado, ainda que esse tenha sido, outrora, desafiado. Conforme registra Engel (2004, p. 332):

[...] a construção da imagem feminina a partir da natureza e das suas leis implicaria em qualificar a mulher como naturalmente frágil, bonita, sedutora, submissa, doce etc. Aquelas que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais.

Avalia-se, assim, que existe um sistema de sexo/gênero específico a organizar socialmente a sexualidade e que o transgredir condena a mulher a uma rotulação de anomalia comportamental. Engel (2004) ainda denuncia que a heterossexualidade obrigatória, embasada no binarismo e promotora das restrições sexuais femininas, não marca uma distinção natural, mas sim, uma castração de similaridades naturais.

Conforme registra Laqueur (2001), a afirmação das diferenças não é, em si, um problema, tendo em vista que a constituição biológica antecede a própria história humana; a objeção está voltada ao porquê da afirmação dessas distinções, pois foram assentadas para estabelecer maior ou menor empoderamento, alicerçando oposição e desigualdade. Zanello (2018, p. 44) reitera que “gênero” é, portanto, “um conceito relacional e implica, sempre, relações de poder, de privilégios, de maior ou menor prestígio”. Para Lauretis (1984), a constituição do sujeito acontece no gênero, mas não apenas na determinação sexual, e sim, por meio de concepções culturais que acontecem com códigos linguísticos, afinal, é fundamental a relação entre constituição subjetiva no gênero e na linguagem, que é a expressão naturalizada da comunicação e da representação de ser. O gênero vem a ser, assim, “[...] o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais” (LAURETIS, 1984, p. 208), pois o sistema gênero/corpo “[...] teria como

¹⁷ Essa questão será melhor detalhada no tópico 2.3.4 Os sentidos do termo "amor".

função constituir indivíduos concretos em homens e mulheres. Ser homem e ser mulher, nesse sentido, seria uma forma de assujeitamento” (ZANELLO, 2018, p. 46).

Por ser utilizada para marcar várias acepções e, dessa forma, ideias diferentes, a palavra “gênero” está sujeita em significado a seu uso contextual. Zanello (2018, p. 51), diante disso, detalha ao menos três sentidos diversos, dentre outros:

- 1) Gênero como marcação do binarismo, sustentando a ideia de masculino e feminino tanto no sentido metafísico quanto no natural.
- 2) Gênero como sublimação da relação entre performances conceituadas como femininas ou masculinas, onde a anatomia aponta para as especificidades corporais: o pênis determina a masculinidade e a vagina, a feminilidade.
- 3) Gênero como embasamento para orientação sexual, com a coerção da heterossexualidade, ou seja, com a imposição de que seres mulheres tem a natureza direcionada ao desejo pelos seres homens, e vice-versa.

A análise desta tese alicerçar-se-á na definição do binarismo estratégico, que entende a mulher segundo seu instinto materno, sendo, portanto, cuidadoras, e determina o homem como o par naturalmente agressivo. Por ser uma construção social, a forma binária de compreensão do mundo é “criada, reafirmada e mantida por diversos mecanismos, dentre eles as tecnologias de gênero, as quais interpelam performances diferentes a sujeitos considerados homens e mulheres. (ZANELLO, 2018, p. 51)

A perspectiva bakhtiniana promoveu uma tradição de estudos de gêneros em diversas correntes teóricas, influenciando diretrizes que apontam a dimensão maior de gênero associado à cultura, ou seja, à exterioridade da linguagem. O caráter social da linguagem fortalece as teorias recentes de estudo do discurso, uma vez que enfatiza o texto como uma necessidade para a interação social, mediante práticas discursivas (orais e escritas) enquanto produtos de trocas sociais. Uma comunidade linguística, por sua vez, é definida, a depender de suas condições representadas pelo discurso.

Assim, após a compreensão do gênero social, bem como da necessidade de sua manutenção essencial/binária como estratégia de afirmação de poder, faz-se necessária a conceituação de gênero textual. Os casais analisados nesta pesquisa trocaram cartas sentimentais e, por meio delas, a investigação de suas ideologias e crenças poderá ser feita. A avaliação de práticas discursivas e práticas sociais de cada esfera da sociedade utiliza-se de tipos relativamente estáveis de construções enunciativas, concretas, particulares e resultantes de manifestações de uma determinada atividade humana. No caso deste estudo, especificamente, as práticas que delimitam o objeto de observação compõem o gênero epistolar.

2.3.4.2 Gênero textual/epistolar

Os gêneros textuais receberam diversas definições, sendo objeto de análise de enfoques teóricos distintos. Na Antiguidade clássica, foram classificados de acordo com os elementos de sua produção: forma (prosa ou verso), composição (expositiva, representativa ou mista) e conteúdo (subjutivo ou objetivo).

Quando entendidos como tipos relativamente estáveis, os gêneros realizam-se em situações habituais de comunicação culturalmente estabelecidas e promovidas socialmente, de tal forma a tornar reconhecido o gênero no momento de sua ocorrência. Por sua natureza dinâmica e maleável, surge à medida que os adventos comunicativos buscam novas definições de realização, de modo a classificar seu formato e conteúdo. Bakhtin (2003, p. 280) considera que "[...] cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa".

Segundo Ferraz (2007, p. 130), "[...] a relação entre a reflexão sobre gêneros discursivos e a função que desempenham na vida social" contribui para o surgimento de "novos gêneros", apesar de não serem completamente inéditos em sua estrutura e propósito caracterizador. Bakhtin (1997) já houvera afirmado que os gêneros passariam por

transmutação e assimilação, a fim de gerar outros, o que, por sua vez, apontaria para uma relação entre os elementos socioculturais, promovendo sua funcionalidade e a submetendo a quatro aspectos determinantes: tema, estrutura interna, registro/estilo e relativa estabilidade.

Valendo-se da constatação avaliativa de que os gêneros trazem a problemática quanto a suas diversas formas de interação nas inúmeras esferas das atividades sociais, Ramires (2005, p. 43) retoma dois pontos conceituais fundamentais para o entendimento da proposta bakhtiniana: o dialogismo e a interação verbal. Sendo o cerne da teorização do pesquisador, o dialogismo avalia a interação verbal por meio dos gêneros do discurso, quando a linguagem é avaliada enquanto um processo contínuo e historicamente estabelecido. A linguagem não pode existir de maneira puramente sincrônica, afinal, ela "[...] se situa no interior das relações sociais mantidas pelos indivíduos" (RAMIRES, 2005, p. 43), manifestando a ideia de sujeito social essencialmente formado pelas vozes de outros sujeitos.

A fim de acentuar a importância empírica dos eventos particulares descortinados e descritos como gêneros, tomando por referência um grupo cultural concreto, Marcuschi (2003, p. 20) ressalta que

Os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são a nossa forma de inserção, ação e controle social. Toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero [...]

O pensamento de Marcuschi coaduna-se com Bakhtin (2003), sobretudo, quanto à distinção dos processos dialógicos na interação verbal, o que, em poucas palavras, podem ser, assim, definidas: o sujeito com outros sujeitos, o discurso com outros discursos, o sujeito com discursos. A relação, por exemplo, do sujeito com uma composição social plural, moldará seu discurso interior, tornando-o influenciado pelo arranjo social presenciado e pela recepção verificada. Por isso, é possível

sugerir que a interação verbal se faz ao lado da determinação linguística, bem como do sujeito agente dela, tendo em vista a composição histórica e centralizada socialmente de ambos. Os enunciados são produtos de atividades humanas, são reflexos de suas condições de produção e de recepção, e inter-relacionam-se de modo a interferir em determinada esfera de atividade humana.

As condições e finalidades mutáveis dos gêneros apresentam diretrizes marcadas pelo conteúdo temático, pelo estilo de linguagem e pela construção composicional, o que respalda a constatação de que "[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados" (BAKHTIN, 2003, p. 262). Para o autor, as verdades estabelecidas e aceitas por uma comunidade, geralmente definem o que o sujeito, individualmente, acredita, determinando o conceito de fatos sociais. Enunciados produzidos socialmente retomam outro enunciado, apontando que um sistema de atividades humanas produz textos que suscitam a outros, de modo a gerar uma cadeia intertextual obrigatória para o funcionamento desse sistema.

Nas palavras de Marcuschi (2008, p. 147), "[...] o estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática, iniciou-se com Platão". Por serem dinâmicos e de complexidade variável, verifica-se a impossibilidade quanto à determinação de todos os existentes, e, segundo o autor, sua composição de influência sócio-histórica e, por isso, variável, impede uma classificação. Os estudiosos atuais não possuem mais a preocupação quando a colocar os gêneros em tipologias, definidas e estruturadas em forma e conteúdo, e seguem a tendência quanto a explicar sua constituição e influência social.

Em princípio, houve a necessidade de uma divisão em dois grandes conjuntos genéricos: os gêneros conversacionais e os gêneros instituídos. Sendo o segundo grupo o que vem a interessar esta pesquisa, importa saber que os gêneros instituídos abarcam "[...] textos que mantêm um caráter de autoria pelos traços de estilo, caráter pessoal e se situam em especial na literatura, jornalismo, política, religião, filosofia [...]",

podendo, também, definir produções comuns do cotidiano, pois seus papéis são "fixados a priori e não mudam muito de situação para situação e neles as marcas autorais se manifestam menos. Têm uma estabilidade institucional bastante definida" (MARCUSCHI, 2008, p. 160).

A escola clássica de epistolografia define a carta como *sermo*, diálogo. (DEMETRIUS, 1973). Apesar de o bilhete ser entendido como uma pequena carta ou, mais precisamente, uma carta em miniatura, Grassi (1998) afirma que a confusão não pode ser aceita, tendo em vista que o primeiro não traz as normas que compõem a outra, carregando uma escrita sem cerimônia comunicativa. Ademais, a condição *sine qua non* do gênero epistolar está no diálogo pretendido entre emissor e destinatário, sendo, portanto, um texto redigido a quatro mãos e reivindicando uma resposta ao anteriormente recebido, acarretando o pacto epistolar de não rompimento estabelecido entre os interlocutores (GRASSI, 1998, p. 3).

A fim de fundamentar sua estrutura, Bettiol (2016) aponta que o gênero epistolar se constitui a partir de determinados elementos estruturais: emissor, destinatário, data, lugar, assunto, assinatura, sigilo e, se pretendido, publicação. Em relação ao conteúdo, se não for dirigido a uma autoridade instituída e, portanto, abrigar intenção sócio-política e/ou profissional, apresenta um tom confessional e vem marcada por impressões particulares, em formato de saudações sentimentais, adjetivações determinadas e, ainda, interjeições expressivas, entre outras. Segundo Santos (1998, p. 69-70), "A carta não só diz do remetente, como abre brechas para o conhecimento do destinatário, expondo-o através de observações, comentários", o que permitirá a quem vier a ler a correspondência de outros, avaliar o tipo de relação que mantinham, permitindo avaliar seus significados identitários e suas influências ideológicas.

A respeito da confiança comunicativa, Bettiol (2016, p. 232) esclarece que "[...] no que concerne ao sigilo e publicação das cartas, devemos pensar que inicialmente uma carta não era escrita para ser publicada – o sigilo, a confiança e a discrição sempre foram regras respeitadas pelo emissor e pelo destinatário". A compreensão social estabelecida eticamente entende que o gênero epistolar produz um texto

que se tornará propriedade do destinatário, que optará por seu destino—normalmente, os que os guardam são pessoas letradas, que têm consciência do valor informativo neles contido. Em princípio, a missiva em sua origem afirma que seja uma produção que não deve ser publicada, todavia, verifica-se que tal determinação não se faz obedecida, já que muitos desses textos particulares carregam informações históricas, biográficas, literárias e artísticas, o que lhes confere valor documental.

O gênero epistolar institui-se um documento expressivo, que, por essa razão, permite que seja comparado a outros, ditos históricos, por apresentar desconfiança à sua expressão individualizada. Porém, ao ser publicado, essa produção sai da esfera do privado e passa a pertencer a todos, sendo, assim, alvo de opiniões e críticas quanto a seu conteúdo. Inclusive a Bíblia traz, na composição de Novo Testamento¹⁸, cartas que constituem livros, os quais, por sua vez, são documentos antigos e firmados como sagrados, segundo essa fé. Por fornecerem uma visão das crenças dos primeiros cristãos, são produções fundamentais para a teologia cristã, bem como para a ética religiosa.

Mário de Andrade¹⁹, diante de sua contínua práxis epistolar, questionou se não estaria produzindo literatura:

Aquela pergunta desgraçada 'não estarei fazendo literatura?', 'não estarei posando?', me martiriza também a cada imagem que brota, a cada frase que ficou mais bem-feitinha, e o que é pior, a cada sentimento ou ideia mais nobre e mais intenso. É detestável, e muita coisa que prejudicará a naturalidade das minhas cartas, sobretudo sentimentos sequestrados, descrições estúpidas e processos, exageros, tudo vem de uma naturalidade falsa, criada sem pensar ao léu da escrita pra amainar o ímpeto da sinceridade, da paixão, do amor. (MORAES, 2007b, p. 70)

A análise de Mário de Andrade demonstra que sua produção, embora carregue a marca da pessoalidade, deve ser entendida como um outro, ou seja, deve ser considerada na existência dos autores múltiplos de um mesmo “eu” (BETTIOL, 2016, p. 233). Para Santos (1998), o autor da produção, quando diante de seu texto epistolar, depois, testemunha e

¹⁸ Na Bíblia Sagrada, o Novo Testamento traz 27 livros, sendo que 21 desses são cartas.

¹⁹ (1893-1945) Escritor, poeta, crítico literário, folclorista, ensaísta, musicólogo brasileiro.

interpreta um outro, que viveu tempos atrás: “Sem dúvida, trata-se da mesma pessoa, mas sempre um outro, modificado pelas vicissitudes do tempo. Como, então, não duvidar que o relato não tinha sido contaminado pela química do imaginário?” (SANTOS, 1998, p. 55).

Assim como o texto literário, o epistolar exige uma análise interpretativa, tendo-se por referência que a obra literária vem a ser destinada a um público de desconhecidos, enquanto as cartas, por sua vez, dirigem-se a indivíduos determinados, carregando, em suas linhas, informações particulares e sentimentais, embasadas, muitas vezes, em confidências transgressoras. Quando o pacto entre remetente e destinatário é rompido, a produção torna-se objeto de contemplação teórica e curiosidade linguística de terceiros, os quais podem envergar a condição de analistas sociodiscursivos ou, simplesmente, aceitar a caracterização de curiosos alcoviteiros.

Então, após a explanação a respeito de gênero – social e textual –, torna-se necessário avaliar a natureza sentimental que compeliu os pares desta pesquisa a renegarem suas conquistas afetivas e a produzirem cartas de tão marcada abdicação. Para tanto, conceituar a emoção que os impeliu a sofrerem a renúncia é necessária, tendo em vista que o sofrimento pela existência dessa afeição estará sublimado em suas exposições discursivas.

2.3.5 Os sentidos do termo "amor"

Com entendimento conceitual comumente popular, o termo "amor" encontra inúmeras significações, a ponto de definir sentimentos e atitudes que se afastam da concepção original, mas que interferem nas diversas percepções que a sociedade lhe atribui. Para que apresentemos a definição da tipologia a que esta tese se propõe investigar, colocamos, a seguir, algumas formas que embasam as culturas, bem como as práticas sociais.

A princípio, vale a pena mencionar o que vem a ser um amante. Segundo o dicionário²⁰, a palavra, oriunda do latim (*amans, -ntis*), define

²⁰Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 7 jun. 2018.

aquele que ama, que está apaixonado, enamorado, namorado. Ainda, pode definir aquele que mantém com outra pessoa relações amorosas ilícitas; concubino.

Segundo a Neurociência, importa que seja estabelecida a diferença entre amor e paixão. O primeiro está voltado à criação de relacionamento duradouro, estável e apaziguador, no qual o indivíduo desenvolve interesse honesto quanto a conhecer particularidades do outro, bem como cultivar uma afinidade por meio de conversa, criando vínculos de apreço e, talvez, desejo carnal. Quanto à paixão, o desejo corpóreo vem a ser a realização primeira e principal, já que existe focalizada na aparência do outro e nas sensações físicas que lhe são provocadas, sendo, portanto, ativa e completamente embasada nas consumações eróticas.

A neurocientista Herculano-Houzel (2012) explica que o amor é uma conexão neuronal que concebe a sensação cerebral de felicidade vinculada à presença e à felicidade do outro, criando, ainda, a necessidade de também fazê-lo feliz. Sua continuidade dependerá de vários fatores, que são condições particulares e, por isso, fruto da identidade de cada um. A Neurociência, no entanto, acentua a possibilidade de tanto o amor quanto a paixão serem longevos e devotados à mesma pessoa. Para tanto, faz-se necessário inventar e descobrir prazeres que envolvam aos dois, a fim de que o sistema de recompensa do cérebro esteja permanentemente ativo.

De acordo com estudos da Psicologia, as emoções são respostas contextualmente condicionadas, já que as experiências humanas são culturalmente constituídas. (LEAVITT, 1996). Diante disso, faz-se presente, nesse campo científico, o debate a respeito das emoções como naturais ou como constituições circunstanciais, levando-se a indagações diversas a respeito do amor enquanto expressão puramente interna e fruto da evolução ou resultado de construtos sociais.

Importa destacarmos, tendo em vista o objeto de análise desta pesquisa, que até recentemente lágrimas de amor eram sinal de fraqueza em homens adultos, por representarem tristeza e, por isso, estarem vinculadas à destituição de virilidade. Em sociedades sexistas e

patriarcais, como a brasileira, identifica-se a permanência dessa ideologia, apesar de esse ocultamento sentimental apresentar uma diminuição gradativa (ZANELLO, 2018, p. 33). A esse respeito, Paul Ekman (2011, p. 106) pondera que “[...] o fato de um homem não querer demonstrar seus sentimentos não significa que ele terá sucesso”. E quando aponta a relação das emoções com as palavras, o autor afirma que padrões exclusivos de sensações são gerados em nosso corpo, frutos de emoções específicas, por meio de “sinais únicos, principalmente na fisionomia e na voz” (EKMAN, 2011, p. 15):

As palavras são representações das emoções e não as próprias emoções. A emoção é um processo, um tipo específico da avaliação automática, influenciado por nosso passado evolucionista e pessoal, em que sentimos que algo importante para nosso bem-estar está acontecendo e um conjunto de mudanças fisiológicas e comportamentos emocionais influencia a situação. As palavras são uma maneira de lidar com as emoções. (EKMAN, 2011, p. 31)

O autor ainda avalia a existência das emoções por si mesmas, apartada de uma dependência cultural, justamente por serem experiências individuais, ainda que mediadas culturalmente (EKMAN, 2011). Todavia, Zanello (2018, p. 34) afirma serem as emoções configuradas com base nas interações sociais e, por isso, dependentes de um contexto, de uma linguagem e de uma construção significativa. Por identificar as emoções como uma expressão da relação sentido e sensação, mente e corpo, cultura e biologia, Leavitt (1996) afirma que:

[...] deveríamos ver as emoções nem como sendo primariamente significado, nem como sensações psicobiológicas, mas como experiências aprendidas e expressas no corpo em interações sociais através da mediação de signos, verbais e não-verbais. Nós deveríamos vê-las como fundamentalmente sociais, ao invés de simplesmente de natureza individual; como expressas ordinariamente, ao invés de inefáveis; e como culturais e situacionais. Mas deveríamos igualmente reconhecer na teoria o que todos nós assumimos em nossos cotidianos: que as emoções são sentidas na experiência corporal, não somente conhecida, pensada ou avaliada. (LEAVITT, 1996, p. 526)

Por avaliar as emoções como experiências aprendidas e expressadas no corpo, o autor não as considera primariamente sentidos ou sensações somente, por entender que necessitam de interações sociais. Mediado por sistemas de signos, verbal e não-verbal, o amor, então, é uma associação afetiva e semântica, coletiva e individual, operando por meio de experiências comuns de indivíduos que passam por circunstâncias equivalentes, por meio de estereótipos culturais similares, com expectativas congêneres. Tomando essa perspectiva, torna-se possível analisar as similitudes sentimentais dos três pares pesquisados nesta tese, pois, apesar de pertencerem a contextos historicamente distintos, trazem a influência de crença religiosa de igual origem e poderio ideológico.

Numa perspectiva psicossocial, por ser uma emoção, o amor encontra-se engajado às relações sociais, as quais, por sua característica, encontram-se em contínua mudança. Socialmente constituído, não será, então, considerado uma entidade interna, mas, sim, um processo em curso, dinâmico, interativo e socialmente construído. Assim, será constituído, moldado e definido pelo contexto histórico, retroalimentando as interações, organizando as relações e atribuindo sentido às situações e as interações sociais (BOIGER; MESQUITA, 2012). Os autores acentuam que a construção social da emoção “[...] se desdobra desde as interações e relações, e derivam sua forma e sentido das ideias e práticas prevalentes do largo contexto cultural” (BOIGER; MESQUITA, 2012, p. 222).

Segundo estudos da Sociologia, o amor importa enquanto embasa a constituição da família e do casamento (TORRE, 1978, p. 191). Nas sociedades mais primitivas, os enlaces matrimoniais eram determinados pela necessidade econômica e pela intenção de procriar, sendo, atualmente, mais pautados pelo sentimento de afinidade e desejo, já que o amor traz seu significado social e cultural conceituado enquanto emoção. Na esteira das pesquisas antropológicas, o amor habita o ser humano, englobando a totalidade da pessoa e direcionando seus pensamentos e sua relação com outros, além de lhe constituir valores que venham a aperfeiçoar sua existência. Já as discussões filosóficas a

respeito do tema questionam a natureza do sentimento, entendendo-o como um objeto a ser analisado, criticado e interpretado. Dada a sua manifestação irracional, segue destituída da necessidade de uma definição conceitual.

O centro do pensamento de Santo Agostinho²¹ (2010) foi, segundo ele, o amor. Seus estudos levaram à divisão de duas distintas formas de expressá-lo: o amor sensual – mundano – e o transcendental – pleno e divino. Tendo a Idade Média recebido influência de seus escritos filosóficos e teológicos, constituiu a ética cristã embasada na convicção de o homem haver nascido no pecado. Diante dessas crenças, a Igreja tornou o casamento um sacramento, ou seja, determinou-lhe a valoração de gesto divino instituído pela vontade superior.

O casamento enquanto sacramento foi firmado no século XII, o que tornaria sua quebra um ato pecaminoso e de condenação divina. Ainda, no século XIII, instituiu-se a monogamia o pilar fundamental do matrimônio, aumentando o controle da sexualidade e do prazer e tornando o casamento um projeto político e religioso. Trazendo o sexo como atividade voltada unicamente à procriação, a firmação desse compromisso indissolúvel não estava aliada ao amor e à paixão, já que as relações deveriam ser breves, durando o suficiente para que a fertilização acontecesse. (TORRE, 1978). Sendo assim, mais do que um ato de afeição ao cônjuge, o casamento era um ato de amor a Deus, pois se tratava de um remédio às tentações satânicas e, portanto, uma forma de obedecer aos mandamentos divinos.

De acordo com as concepções cristãs, havia, ainda, o amor que Agostinho classificou de transcendental, sendo a maneira mais pura a que um ser humano possa chegar a respeito de seus sentimentos, afinal, está voltado a abdicar dos desejos humanos por outra pessoa e a se consagrar unicamente à contemplação ao divino. Assinalada nas chamadas escrituras sagradas, essa devoção é registrada desde seus primeiros livros, quando, em formato de mandamento, doutrina seus seguidores quanto ao modo de sentir e decidir, retornando nos Evangelhos, pelas

²¹ Agostinho de Hipona (354-430) é conhecido como Santo Agostinho, sendo um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo.

palavras de Jesus, quando indagado: "'Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?' Respondeu Jesus: 'Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento'²². Este é o primeiro e maior mandamento"²³.

Segundo as crenças do cristianismo, o ser divinamente superior – Deus –, é caracterizado nas escrituras sagradas pelas palavras conclamatórias de um dos evangelistas, João, que, inclusive, era considerado o mais próximo de Cristo: “Amados, amemos uns aos outros, pois o amor procede de Deus. Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor.”²⁴ Nesse registro epistolar, o apóstolo amado²⁵ define ao ser superior e sagrado como a própria definição do amor, o que, por sua vez, vem a ser a confirmação da supremacia de sua essência, já que Paulo de Tarso²⁶, um dos apóstolos mais influentes do início da era cristã, afirma em uma de suas cartas: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes, três, mas o maior destes é o amor.”²⁷ Ao colocar esse sentimento como mais consistente e permanente que outros, que possuem, declaradamente, aclamada virtude, o apóstolo em questão corrobora sua elevação e soberania, asseverando a excelência superior de Deus ao sê-lo em essência.

Nas Escrituras Sagradas, o próprio Cristo aponta a plenitude sentimental daquele a quem chama de “Pai”, ao afirmar a Nicodemos, um fariseu que veio lhe indagar a respeito de seu conhecimento sobre o Criador: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não perece, mas tenha a vida eterna”²⁸. Levando em conta o fato de, de acordo com a fé cristã, Jesus

²² Presente na lei judaica, a qual Jesus se refere, e encontrada na Bíblia Sagrada, no livro de Deuteronômio, 6:5

²³ Bíblia Sagrada, Evangelho de Mateus, 22:36-38.

²⁴ Bíblia Sagrada, 1 João, 4:7-8.

²⁵ Na Bíblia Sagrada, Evangelho de João, 21:20, está registrado “o discípulo a quem Jesus amava”.

²⁶ Paulo de Tarso, também chamado de Apóstolo Paulo, Saulo de Tarso, São Paulo Apóstolo, Apóstolo dos gentios, (Tarso, Cilícia, ano 5 - Roma, ano 67). Foi um dos mais afamados e influentes apóstolos, sendo autor de boa parte da composição do Novo Testamento.

²⁷ Bíblia Sagrada, 1 Coríntios 13:13.

²⁸ Bíblia Sagrada, Evangelho de João, 3:16.

ser considerado a forma encarnada de Deus²⁹, sua demonstração de amor deveria, então, ser considerada divina, e não humana. A exemplo desse sentimento, há a passagem que o coloca diante do túmulo de Lázaro, um amigo de grande afeto que havia morrido³⁰, e diante do qual ele chora. Ao presenciar a dor e demonstração de afeto de Cristo, os presentes ficam reflexivos: “Jesus chorou. Então os judeus disseram: ‘Vejam como ele o amava!’”³¹.

Considerando que o ser divino, superior e infalível tenha certificado à sua criação seu amor – sentimento supremo e marcador de perfeição –, a espera por uma igual demonstração afetiva é ansiada. Por isso, a Bíblia é continuamente marcada por tais manifestações, que registram testemunhos de retribuição emotiva a Deus. Dentre os diversos exemplos, há aquelas condutas que fogem à normalidade, como a de Abraão, que aceitara imolar o filho unigênito como prova de seu amor³², porém sem precisar finalizar o intento, e, ainda, Jefté, que chegou a matar a única filha, como promessa ao Criador³³. Além desses, há incontáveis casos de jejuns, isolamentos, imolações de animais, condenações à morte e aniquilamentos em guerra, todos com a intenção de validar seu amor pela deidade acreditada, o que reafirma e consolida que o ato de amar a entidade celestial e egrégia deve ser atestado por meio de sacrifícios, tanto físicos quanto emocionais.

Para reforçar a importância superior e necessária do amor a Deus, bem como a necessidade de cumprir a ordem doutrinária, a mulher era definida, por Crisóstomo³⁴, como “[...] um mal necessário, tentação natural, calamidade desejável, perigo doméstico, fascinação mortal, o próprio mal que se apresenta disfarçado” e que, por isso, levará o homem à punição eterna, longe do Criador, enquanto, por Tomás de Aquino³⁵, era constituída à posição inferior a de um escravo, já que afirmava que “A

²⁹ Bíblia Sagrada, Evangelho de João, 1:1-3 e 1:14.

³⁰ Bíblia Sagrada, Evangelho de João, 11.

³¹ Bíblia Sagrada, Evangelho de João, 11:35-36.

³² Bíblia Sagrada, Gênesis, 22.

³³ Bíblia Sagrada, Juízes, 11.

³⁴ João Crisóstomo (347-407) foi um arcebispo de Constantinopla e um importante patrono do cristianismo primitivo.

³⁵ (1225-1274) Frade católico cujas obras tiveram influência na teologia e na filosofia.

sujeição da mulher está de acordo com a lei da natureza, o que já não se dá com o escravo" (DURANT, 1955). De acordo com as leis religiosas, o homem, não a mulher, fora feito à imagem e semelhança de Deus.

Apesar das proibições religiosas e dos dogmas de imposição punitiva ao amor carnal, a relação afetiva entre pares transcorreu por toda formação histórica humana, trazendo, nos registros culturais, exposições artísticas diversas de sua manifestação e contemplação. O amor romântico, então, foi celebrado ao longo dos tempos como um dos mais avassaladores de todos os estados afetivos, justamente por sua necessidade de satisfação erótica e por sua conduta servil. Definido como o "amor verdadeiro", esse modo de sentir e de se portar busca romper com a visão então dominante do cristianismo de que esse sentimento serve somente à procriação e, ainda assim, trata-se de uma prática pecaminosa.

Diante da existência da continuidade temporal, das transformações socioculturais e das dezenas de séculos que acompanham a fundação da Igreja Católica, essa instituição de fé tem seus dogmas em permanente organização interna e direcionados à conduta de seus clérigos, bem como à de seus fiéis. O **Código de Direito Canônico**³⁶, por sua vez, criado em 1917, traz sete livros, chamados de "cânones", os quais abrangem a "constituição" da Igreja, deixando registradas suas leis para prática e cumprimento dos atos devotos. (DICIONÁRIO, 2002) Um dos temas trazidos é a regulamentação a respeito da vida apostólica – que deve ser consagrada –, instruindo quanto às prelações pessoais e as administrações diversas da função. Segundo essas regras, a castidade é um preceito para a vida eclesial, sendo efetivada pelo celibato, cuja finalidade é levar os sacerdotes e um coração indiviso para Deus, ou seja, livrá-los de se dedicarem a alguém a ponto de prejudicar seu compromisso contínuo ao divino. (LIMA, 2004) Dessa forma, ainda que se apresente como uma imposição aos seguidores da fé na prática

³⁶ O **Código de Direito Canônico** é a agregação ordenada do direito canônico, o qual regula a organização da Igreja Católica Romana, a hierarquia do seu governo, os direitos e obrigações dos fiéis e o conjunto de sacramentos e sanções que se estabelecem pela contravenção das mesmas normas. (LIMA, 2004)

sacerdotal, a castidade é um sacrifício de afeição superior a Deus e, por meio dessa renúncia a amar a outros, consoma-se uma penitência cotidiana, enlevando a alma daquele que a cumpre em demonstração de seu sentimento ao Criador. Consequentemente, a beatitude, efetivada na vida eterna ao lado da divindade eterna, tendo em vista o cumprimento de seu voto a Ele enquanto vivente, far-se-á instaurada na prometida vida após a morte, diante do cumprimento do mandamento: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças”³⁷.

Conquanto a fé religiosa e os preceitos dogmáticos da Igreja Católica acompanhem as transformações históricas, dos mitos à psicologia, das artes às relações pessoais, da filosofia à religião, o amor apaixonado instituiu-se objeto das mais variadas abordagens, trazendo seu componente trágico em diversas composições literárias, como temática central. Ainda que se mantenha a crença de que o amor a Deus deva ser o maior existente, a prática mostra-se diferente da imposição religiosa, pois a paixão erótica e terrena apresenta-se continuamente nas manifestações culturais diversas. A morte, por exemplo, virá a se tornar a consequência para os amantes que são proibidos de se unir, fortalecendo sua relação com o sofrimento e desnudando aos dogmas sociais sua dualidade: adoração quase divinizada ao outro e prazer carnal.

A visão epistemológica do amor abarca concepções filosóficas da linguagem, bem como teorias a respeito das emoções, analisando-as enquanto condições tão somente emocionais, subjetivas e guardadas ou, diferentemente, manifestações expressadas em palavras. Pondera-se, ainda, que o indivíduo que afirma ter em si esse sentimento por alguém, manifesta uma declaração que dispensa investigações mais profundas, já que se trata de uma condição emocional, de uma manifestação íntima de natureza indecifrável. Todavia, pode ser descrito, ainda que parcialmente, numa exposição dialética ou analítica, por ser categorizado enquanto conceito transcendental e compreendido subjetivamente por artistas.

³⁷ Bíblia Sagrada, Deuteronômio, 6:5.

Após pontuar a visível dificuldade em analisar um sentimento de caracterização incognoscível, esta pesquisa ater-se-á à representação linguístico-discursiva da abdicação a essa experiência entre pares, voltada à deserção ao desejo erótico e humano por uma busca imaterial de cunho ideológico fortemente sustentada pelas concepções de fé. Sublimado em cartas, o amor será investigado enquanto emoção sentida e declarada, mas, diante dos preceitos de crença e dos dogmas religiosos, renunciada.

Algumas considerações

Identificar mecanismos de dominação e poder, bem como apontá-los, pode ser uma das formas de superar problemas sociais discursivos – em sua totalidade ou parcialidade –, por meio de uma apurada e esclarecedora análise de seu sustento de hegemonia desigual e opressora. Importa que um estudo, que abarque gêneros discursivos, conceitos e perscrutações de valores e crenças milenares, contribua para a lucubração reflexiva das construções sociais, a fim de promover interpelações sobre os construtos firmados e reafirmados como legítimos e perduráveis.

Nas palavras de Silva e Lopes (2014, p. 169), "ADC trabalha nas brechas da 'hegemonia', na observação crítica das relações de dominação, já que isso, sim, é digno de análise", pois se deve avaliar que tais relações costumam apresentar-se socialmente naturalizadas no discurso do senso comum, ocultas nas práticas sociais de dominação. Enquanto linguistas, exercemos o papel de analistas do discurso e, uma vez analistas, somos cientistas sociais, e, portanto, carregamos o compromisso de pesquisar para transformar as práticas sociais, acreditando na intervenção da realidade por meio de uma análise crítica das manifestações linguístico-discursivas.



Capítulo 3 - Percursos metodológicos: um campo para tomada de posições

*"[...] não tive coragem de abrir a
mensagem
Porque, na incerteza,
eu meditava
Dizia: 'será de alegria,
será de tristeza?'
Quanta verdade tristonha
ou mentira risonha
uma carta nos traz [...]"*

Aldo Cabral

Aldo Cabral

uma carta nos traz [...]

CAPÍTULO 3 – PERCURSOS METODOLÓGICOS: UM CAMPO PARA TOMADA DE POSIÇÕES

*“Ainda ontem chorei de saudade
Relendo a carta, sentindo o perfume
Mas que fazer com essa dor que me invade?”*
Moacyr Franco³⁸



metodologia que baliza os caminhos da presente pesquisa envolve uma descrição densa do fenômeno investigado, bem como uma interpretação do mesmo. Para tanto, o capítulo encontra-se distribuído em quatro seções, que vão desde a caracterização da metodologia constituída (seção 1), transitando para o detalhamento das ferramentas de trabalho selecionadas (seção 2), bem como pela delimitação do *corpus* (seção 3), mediante uma exposição temporal dos documentos analisados, que é arrematado por um breve perfil dos autores das cartas (seção 4).

Esta pesquisa tem como base teórico-metodológica uma abordagem de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa), pois é por meio de uma orientação criteriosa que se pode produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo. Busca-se, nesse sentido, analisar dados com um aparato científico e apresentar conclusões significativas, de modo a promover condições para ações que conduzam a práticas sociais transformadoras.

Segundo Leung (2005), é possível compreender que as disposições sociais não são apenas símbolos de interpretação, já que apresentam, de fato, uma descrição do que acontece na contemporaneidade, tanto em nível local quanto em global. Por sua vez, o autor reitera que estruturas sociais costumam documentar como ocorrem a organização das forças institucionais, ou poderes hegemônicos. Mediante uma abordagem qualitativa, é possível compreender como específicos grupos culturais, quando estudados e

³⁸ Refrão da canção *Ainda ontem chorei de saudade*, de composição de Moacyr Oliveira Franco (1936)

analisados, revelam uma prática baseada na seleção de formas e maneiras que moldam preferências culturais em um processo sistemático, conferindo valores particulares agregados a discursos políticos específicos de seu tempo.

3.1 Características da metodologia

Esta perquisição, de natureza declaradamente qualitativa, ocorre por meio de processos descritivos e interpretativos, o que envolve várias abordagens possíveis na coleta de dados – entrevistas, análise documental, pesquisa de campo, entre outros –, de modo que a produção de conhecimento científico resulte de todo um trabalho rigoroso de investigação científica. A escolha pela abordagem qualitativa detalhada acima tem por propósito trabalhar o sentido e o conteúdo dos textos apontados, além da observação dos significados atribuídos que os autores fazem de si mesmos e do outro (sendo esse “outro” a pessoa com quem a correspondência sentimental se efetiva). A importância da pesquisa qualitativa, apontando o uso de seus métodos como instrumentos poderosos para a coleta de informações sobre as práticas sociais, deixa clara a existência dos problemas dessa prática, já que há uma quase impossibilidade de se absorver a realidade de modo racional e objetivo, sem se interferir nos dados com as impressões pessoais.

De fato, para Bauer e Aarts (2002), a investigação qualitativa é mais que uma metodologia teórica. Trata-se de uma forma que visa a identificar os anseios ou simplesmente as crenças presentes em um dado texto. Ressalte-se, também, a importância em se buscar desvelar o senso comum que costuma (des)construir a realidade na qual está inserido o objeto linguístico explorado. Isso, a fim de que haja melhor compreensão de seu contexto de interferência. Sobre essa questão, Gaskell (2002) sugere que se trata de um modelo de pesquisa que:

[...] fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das

pessoas em contextos sociais específicos. (GASKELL, 2002, p. 66)

Faz-se basilar ressaltar que, para que haja uma pesquisa qualitativa, vários recursos são possíveis na coleta de dados – entrevistas, análise documental, pesquisa de campo, entre outros –, a fim de que a produção de conhecimento científico resulte de todo esse trabalho de inquirição. Segundo Flick (2004), está na condução da investigação a diferença entre esse modelo e o de caráter quantitativo, justamente por seus aspectos essenciais de análise apurada, os quais envolvem uma preocupação com a eleição do método, com a apropriação circunstancial da teoria, com a variação das perspectivas e com a observação da multiplicidade de interpelações e recursos. O mérito desse formato de averiguação científica abarca a pluralização das esferas de vida no que concerne ao estudo das relações comunicativas, tendo por suposto o nascimento de contrastes sociais em recentes e heterogêneas formações reflexivas.

Cabe, aqui, ressaltar que é imprescindível tal objetividade de estudo é tanto em um de natureza qualitativa quanto em um de natureza quantitativa, ocorrendo por meio da eliminação de opiniões subjetivas do pesquisador ou dos que estão sob investigação empírica, o que, para sua efetivação, acarreta padrões inevitáveis (FLICK, 2004). Planejamento, experimentação e análise lógica estão entre os procedimentos precípuos de um investigador apurado e isento de intenções obscuras ou tendenciosas.

Como material empírico, esse modelo investigativo tem, por objeto de exame, textos, bem como as razões de sua construção, ou seja, o contexto de realidade que os formaram, considerando-se a influência dos episódios efetivos que resultaram em sua concepção, quer sejam esses palpáveis, quer sejam abstratos. Sopesam Michaliszyn e Tomasini (2008) a respeito do fato de o ser humano ser inserido em um mundo cultural desde seu nascimento, trajado de um sistema de significados os quais, por sua vez, foram instituídos por outros. Nas palavras dos referidos autores:

O comportamento social é resultante da maneira pela qual os seres humanos organizam, através do estabelecimento de regras de conduta e de valores, as relações que estabelecem entre si e que nortearão a construção da vida social, econômica e política. (MICHALISZYN; TOMASINI, 2008, p. 28)

Os autores mencionados acima apontam para a importância de uma pesquisa avaliar o contexto situacional do objeto investigado, sobretudo, se envolvem saberes e valores determinantes na vida de uma pessoa – suas aptidões intelectivas, suas verdades e suas diretrizes. A esse respeito, Morin (2000) coaduna com a deferência a ser dada a respeito do momento cultural em que o sujeito avaliado encontra-se inserido, tendo em vista que as relações intersubjetivas trazem valoração superior, afinal, a interpretação adequada está pautada em conhecer o “humano, individual, interindividual e social”, sendo necessário unir explicação e compreensão (MORIN, 2000, p. 127). Ainda para o autor, pesquisadores não se mostram unicamente como uma mente racional e objetiva, tendo em vista o fato de estarem inseridos em relações com outros sujeitos e, por isso, passíveis de estabelecer conexões que criam tecidos sociais atuantes na construção de redes de paradigmas cognitivos.

Os dados qualitativos estão embasados em significados e, por isso, clamam por interpretação teórico-analítica. A investigação de direcionamento descritivo, deverá pautar-se em uma avaliação apurada e sistemática, com vistas a reconhecer formas comunicativas que modelam a manifestação linguística de um dado texto. A maioria dos teóricos, conforme acentua Gibbs (2009), reconhece que os dados qualitativos envolvem análise por meio da descrição e da interpretação dos dados. Efetivada, primeiramente, a seleção dos elementos, continuada pela redução – desconsiderando-se os de pouca valia –, passa-se, então, para a análise interpretativa, a qual será seguida dos resultados obtidos.

Pondera Gibbs (2009) que uma pesquisa qualitativa envolve duas atividades para a efetivação de seus aspectos práticos: o desenvolvimento de um discernimento quanto aos modelos de dados a serem examinados, bem como sua descrição e explicação possíveis; e o progresso de inúmeras laborações práticas concernentes aos modelos de dados e à sua quantidade, sendo necessária uma escolha determinada para

o exame. Avalia, ainda, o autor a respeito da flexibilidade desse tipo de investigação, considerando-se a possibilidade de a seleção dos primeiros dados direcionarem ao levantamento de novas questões e, por sua vez, trazerem a viabilidade de um adicional curso especulativo.

Diante disso, faz-se necessário avaliar que o esforço voltado a uma coleta de dados de qualidade coaduna-se às características da pesquisa qualitativa, uma vez que contribui para uma análise eficiente. A restrição do tamanho do *corpus* está diretamente envolvida com o tempo destinado, ou disponível, para a efetivação do projeto (BAUER; AARTS, 2002). Segundo os autores mencionados, essa organização prévia e a ponderação a respeito da duração direcionada à coleta contribuirão para a supressão de uma possível queixa quanto ao não aprofundamento analítico necessário para as conclusões.

3.2 Ferramentas de trabalho

Iniciemos pela delimitação do *corpus*. Nosso propósito foi o de um estudo das representações discursivas de grandes expoentes religiosos da Igreja Católica Apostólica Romana, ainda que cada um tenha vivido em épocas históricas distintas. As fontes de estudo são produções escritas – cartas –, trocadas entre eles e mulheres de seu apreço, bem como registros históricos considerados fidedignos, os quais relatam comportamentos e situações que os envolvem sentimentalmente e que, de algum modo, possam ter influenciado suas personalidades e/ou abalado suas convicções de fé.

Nessas produções, foram identificados seus registros linguísticos, de certa forma ideológicos, embasados em crenças, religiosas ou não, bem como seus comportamentos públicos e privados. Busca-se apontar, nesta tese, as composições identitárias e, conseqüentemente, o efeito que isso possa ter provocado na concepção de credo que sustentavam. Para a análise linguístico-discursiva das cartas trocadas pelos personagens em questão, foram selecionados excertos que me permitem desvelar sentimentos e sensações dos respectivos pares de interlocutores – considerados, em princípio, razões de seu afeto –, o que

desde um ponto de vista analítico, enquanto pistas linguístico-discursivas, merecem ser discutidos, desde o princípio da razão até os laços de ternura possíveis de existir entre seres humanos.

Assim, os instrumentos de trabalho a serem selecionados como dados, serão de natureza bibliográfica, colhidos em registros históricos, bem como produções escritas pelos religiosos e pelas mulheres que com eles se relacionaram por meio de correspondências. Além dessas produções textuais, busca-se trabalhar com dados complementares, tais como: diários, biografias, sermões, romances históricos, publicações em revistas e, ainda, um longa-metragem cinematográfico.

A presente pesquisa configura um estudo crítico que envolve dados de natureza documental, os quais, por sua vez, apontam para a importância de se trabalhar a Análise do Discurso Crítica (ADC) como uma conexão entre a Linguística e a Ciência Social Crítica, o que nos permite mostrar que um analista do discurso pode focar e estudar as relações de poder existentes nos diversos grupos sociais e os distintos recursos linguístico-discursivos utilizados pelas pessoas. Por isso, a exposição das primeiras impressões obtidas dos textos selecionados acarreta uma primeira leitura interpretativa, expondo o resultado das avaliações balizadas por um aparato teórico.

Na perspectiva da ADC, enquanto abordagem teórico-metodológica, sugere Fairclough (2003) que a prática social é formada de diversos elementos: discurso, ações, sujeitos e relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e lugar, formas de consciência, valores, sendo que o discurso é uma dimensão das práticas sociais. Dessa forma, para dar conta da pesquisa proposta e da consecução dos objetivos, entendemos que nos podemos pautar em uma investigação à luz do enlace teórico e analítico da Análise de Discurso Crítica (ADC), na vertente de Fairclough, e do Realismo Crítico (RC), desenvolvido por Bhaskar.

Balizada por esses conceitos, considero que tais aportes teóricos ampliam a exposição das diversas práticas sociais oriundas da palavra escrita, o que envolve caminhos para a análise da identidade, uma vez que a religião é a base da construção social identitária; maneiras de reconhecer a influência da ideologia de fé no comportamento cotidiano,

chegando a atingir todas as esferas de vida do indivíduo; métodos para identificar as práticas sociais como resultado do domínio ideológico e da formação da identidade; bem como a possibilidade a relação do mundo material com o mundo imaterial.

Ao avaliarem a problemática enfrentada pelos linguistas, Bauer e Aarts (2002, p. 55-56) indicam os passos para uma seleção qualitativa: regra 1 – agir estabelecendo etapas, elegendo os dados, interpretando-os e apurando reiteradas vezes;

regra 2 – buscar a homogeneidade do *corpus*, a fim de que a investigação da substância material dos dados seja mais real;

regra 3 – escolha sincrônica dos materiais, levando em consideração sua relevância em uma determinada inserção histórica.

Os autores ainda sustentam a possibilidade de correlação entre as variedades internas e externas, ou seja, entre os ambientes sociais e as representações específicas dos sujeitos. Sendo assim, os textos bibliográficos selecionados para esta pesquisa foram analisados levando-se em consideração os vínculos sujeito-objeto particulares, bem como sua ligação ao meio social, o que nos termos de Bauer e Aarts (2002, p. 57) equivale a investigar a relação das pessoas “com os objetos no seu mundo vivencial”.

A análise bibliográfica depende das conjunturas históricas que a referenciam, bem como das manifestações linguístico-discursivas de seus autores, já que estas são resultado das interferências daquelas, o que exige uma análise crítica do funcionamento dos discursos constituintes. Observa Maingueneau (2006) que as vidas de santos ou de filósofos – e, nesta pesquisa, os sujeitos masculinos são tanto um quanto o outro – traz a manifestação de um discurso constituinte.

[...] pelo próprio fato de sua existência alimentar uma criação que por sua vez a alimenta, vivem num espaço irrepresentável em que todo gesto, de escrita ou de comportamento, deve ser dotado de sentido, participar da construção de um exemplo que só se encerra com a morte. (MAINGUENEAU, 2006, p. 139)

O referido autor especifica que textos diversos são produzidos de modo a virem carregados desses sentidos, como diários, relatos de viagem, memoriais. Por levantarmos dados que, ou foram produzidos subjetivamente com direcionamento específico – como as cartas –, ou foram elaborados com a finalidade de justificar o comportamento desses escritores com base nas conjunturas históricas e culturais que os cercavam e influenciavam, é necessário aclarar que os discursos, aqui analisados, fazem parte de um território compacto, que gera espaços duplos os quais, por sua vez, movimentam-se em descompasso com o espaço canônico, embora em conexão com o espaço associado, sempre voltados a instâncias subjetivas.

3.3 Fontes de dados documentais

A coleta de dados documentais envolve textos produzidos pelas autoridades religiosas selecionadas, bem como por seus respectivos pares correspondentes, e de documentos históricos e culturais que registraram suas vidas com suas influências ideológicas, já que dispunham de uma voz de autoridade, tanto em suas épocas quanto nas seguintes, chegando, inclusive, aos dias atuais. A coleta de dados originalmente dessas fontes representa um procedimento que marca a evidência de uma pesquisa social científica, pois os mundos da política, da arte e da religião são meios comunicativos que cultivam formas de persuasão ímpares, justamente por não serem dados matemáticos específicos e registrados com evidências contábeis. A linguagem é metafórica, significativa, simbolicamente interpretada em seu contexto histórico e, portanto, aberta à análise ponderada em referências sociais e culturais.

Diante dos dados formais que aqui serão expostos, faz-se necessário avaliar suas características específicas, tendo em vista que a realidade social se encontra representada em seus aspectos linguísticos e, portanto, com signos diversos, tanto formais quanto informais. A comunicação efetiva-se por meios que podem ser textuais, imagéticos ou materiais sonoros (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002). Ainda que uma pesquisa qualitativa aponte todos os elementos coletados como

importantes, firmamo-nos nos textuais, em preeminência, bem como no imagético sonoro, em composição única.

3.3.1 Dados básicos: cartas

Neste subtópico do trabalho de perquirição, o propósito é especificar os textos de maior relevo e distinção para a presente pesquisa, que são as cartas trocadas pelos pares em questão. Conforme esclarece Bourdieu (1996), a fim de que uma análise interpretativa adequada aconteça, faz-se necessário o estabelecimento de relações entre

[...]o espaço das obras (isto é, formas, estilos, etc.), concebido como um campo de tomadas de posição que só podem ser entendidas em termos relacionais, semelhantemente a um sistema de fonemas, ou seja, como sistema de afastamentos diferenciais, e o espaço das escolas e dos autores, concebido como sistema de posições diferenciais no campo de produção. (BOURDIEU, 1996, p. 69-70)

De acordo com a indicação de Bourdieu, a obra produzida traz o estilo de seu autor, estabelecendo uma vinculação direta com sua época: as características culturais de seu momento histórico, sua composição de valores e crenças, as influências que os cercavam. Tais aspectos reproduzir-se-ão nas escolhas vocabulares, bem como na estrutura das construções enunciativas. Ponderando a esse respeito, Maingueneau (2006) esclarece que, realmente, “os escritores produzem obras, mas escritores e obras são, num dado sentido, produzidos eles mesmos por todo um complexo institucional de práticas” (MAINGUENEAU, 2006, p. 53). Para o autor mencionado, é necessário conferir o valor devido à composição discursiva, tendo em vista que tal contextura linguística é inextricavelmente relacionada à intenção de estabelecer construções legítimas de sentido a seu autor.

Em seus estudos a respeito de gêneros textuais, Bazerman (2005) especifica a importância das correspondências. Segundo o autor,

A carta, com sua comunicação direta entre dois indivíduos dentro de uma relação específica em circunstâncias específicas (tudo que podia ser comentado diretamente), parece ser um meio flexível no qual muitas das funções, relações e práticas

institucionais podem se desenvolver – tornando novos usos socialmente inteligíveis, enquanto permite que a forma de comunicação caminhe em novas direções. (BAZERMAN, 2005, p. 83)

Por sua erudição e importância cultural, já que os autores dessas cartas são figuras de importância histórica e religiosa, as produções aqui analisadas são, como afirmou Bazerman (2005), comunicações que se converteram em novas direções. A Literatura, enquanto área de pesquisa e estudo científico, avalia-as enquanto obras literárias, com valores estéticos conceituais, e organiza seus autores como escritores de escolas literárias, que são movimentos culturais cujas características influenciam os artistas e os leitores em geral, de um determinado momento histórico. Nessa perspectiva, Kohlrausch explica o seguinte:

Tal situação merece atenção por parte de estudiosos e pesquisadores do gênero epistolar no sentido de oferecer subsídios para essa caracterização enquanto documento histórico, criação artística ou componente da obra de um autor. Se a essência do literário é a ficcionalização da realidade, marcada por um discurso plurissignificativo, sem o compromisso da veracidade dos fatos, e a carta tem o compromisso dessa veracidade, pois ela é um documento expressivo que informa ao outro acerca da vida do emissor, e que é lida, no momento da recepção, como uma verdade, de que forma pode-se dar a ela um caráter de literário? Sabe-se que nem sempre o remetente relata na carta a situação real, omitindo dados ou “fantasiando ocorrências” numa tentativa de contar o que gostaria que tivesse acontecido e não o que realmente aconteceu, ou ainda para amenizar determinada situação, buscando evitar que o destinatário sofra ou que fique desgostoso, entristecido, ou, ao contrário, visando entristecê-lo, despertar o desassossego ou a ira do outro. Como é possível definir a presença dessas “verdades inventadas” ou dessas intenções? (KOHLRAUSCH, 2015, p. 153)

Como se pode observar, a autora acima indaga a classificação das cartas enquanto componentes literários, tendo em vista seu compromisso com a verdade relatada e confessada. Diversas artes e ciências trazem seu olhar analítico e indagativo às possíveis experiências vividas e registradas – explícita ou implicitamente – nas linhas que compõem as confissões epistolares, carregadas de ideologias, de fundamentos artísticos e, até mesmo, científicos, bem como

particularidades vivenciadas ou imaginadas. Conforme analisa Moraes (2007a), enquanto objeto cultural, a carta “nos remete ao suporte e a seus significados, assim como à história das condições materiais da troca epistolar, prestando-se também à transfiguração artística, a fetiches e à exploração econômica”. (MORAES, 2007a, p. 8). O autor ainda avalia essa forma de produção segundo sua importância textual, validando sua retórica e os estudos linguísticos e filológicos nela contidos, afinal, é alvo dos olhares pormenorizados de inúmeras áreas de conhecimento, como a filosofia, a história, a psicologia e a sociologia.

Diante dessas avaliações, ecoa a pergunta: A quem pertence uma carta? Vasconcellos (2008) afirma que seria de seu destinatário, sendo, então, dele a decisão quanto a sua ventura, ainda que seja o de destruí-la. A autora aponta para a possibilidade de o receptor vir a guardar o documento, o que o deixaria para a posteridade e, ainda, delegaria a defesa da pessoa ausente aos herdeiros do texto. Por sua característica direcionada e confessional, vale entender que a carta não é um texto para ser publicado, apesar de essa propriedade não ser respeitada, tendo em vista que diversas carregam informações históricas, bibliográficas, literárias e artísticas, como as que trazemos nesta pesquisa.

No Brasil, conforme a Lei nº 6.538/1978, a carta, em seu aspecto jurídico, é definida como “objeto de correspondência, com ou sem envoltório, sob forma de comunicação escrita, de natureza administrativa, social, comercial, ou qualquer outra, que contenha informação de interesse específico do destinatário”³⁹. Ou seja, a Lei reitera a marca expressiva e também individual do conteúdo da correspondência em relação a seu destinatário. O assunto de direito autoral teve atenção em 1827, adquirindo autonomia jurídica com a Lei nº 5.988/1973, a qual, alterada, resultou na publicação da Lei nº 9.610/1998, cujo conteúdo descreve quais venham a ser as obras intelectuais protegidas. A respeito das cartas, o Artigo 34 afirma: “Cartas missivas, cuja publicação está condicionada à permissão do autor,

³⁹ Lei nº 6.538, de 22 de junho de 1978. República Federativa do Brasil. Consultado em 20 de outubro de 2018.

poderão ser juntadas como documento de prova em processos administrativos e judiciais”⁴⁰

Diante disso, Vasconcellos (2008) chama a atenção ao fato de as cartas serem produtos escritos protegidos pelo direito do autor e de interesse daquele a quem se remeteu, chamando à atenção para o fato de o pesquisador de correspondência acabar por cometer um crime, de acordo com o artigo 153 do Código Penal Brasileiro⁴¹: “divulgar alguém, sem justa causa, conteúdo de documento particular ou de correspondência confidencial, de que é destinatário ou detentor, e cuja divulgação possa produzir dano a outrem”. Por isso, expor, analisar e interpretar correspondências íntimas traz um enorme cuidado por parte do investigador, porque, se de um lado, “a sociedade tem o direito à informação”, de outro, “o cidadão tem direito à privacidade” (VASCONCELLOS, 2008, p. 389).

A carta, assim, exerce sua função de documento expressivo, já que possibilita o olhar distinto, ao mesmo tempo que já carrega o sentimento de quem a produziu, servindo, então, de voz tanto para um quanto para outro, sendo, deles, um elemento constitutivo. Uma produção íntima – como as que investigamos – pressupõe cenários preestabelecidos e fixos, bem como autores que não estão preocupados em criar para divulgação ou autopromoção. As cartas em apreço nessa especulação são uma elaboração de caráter reservado, cujas intenções estéticas carregam o propósito de simbolizar os sentimentos privados ali expostos e direcionados a uma determinada pessoa, objeto de um afeto preciso. Ainda que o fossem sujeitos de elevada instrução – tanto os religiosos quanto as mulheres –, suas sentenças, frutos da erudição possuída, vêm carregadas de sentimentos recônditos, revelados explicita e, outras vezes, implicitamente, conferindo sentido a textos que, em princípio, trariam labirintos interpretativos.

⁴⁰ Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. República Federativa do Brasil. Acesso em: 20 out. 2018.

⁴¹ Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Câmara dos Deputados. Acesso em: 20 out. 2018.

Portanto, a fim de que a investigação discursiva acontecesse com acerto científico, primeiramente, dediquei-me a uma leitura atenta de produções escritas desses três grandes ícones da Igreja Católica Apostólica Romana, bem como das mulheres com quem se corresponderam, e, em seguida, a seleção dos textos que apontaram importância significativa para as questões erguidas nesta pesquisa, a saber: identidade, ideologia e poder, crenças. A escolha dos textos tem como referência o discurso ideológico feito pelo autor, que, por sua vez, acabou gerando uma criação identitária em sua época e/ou interferindo na identidade já construída.

3.3.2 Saturação de corpus

Os estratos selecionados para uma pesquisa encontram-se diretamente relacionados à contribuição científica que proporcionarão à análise aos apontamentos feitos, com o intuito de contribuir, em considerações conclusivas, com a visão social que, até então, tinha-se a respeito de determinado assunto. Para tanto, observar criticamente as escolhas e as entender como necessárias e suficientes para contribuir com a formação de um pensamento reflexivo é um desafio no decorrer da investigação, pois o pesquisador não pode “confiar apenas em suas intuições, quando eles segmentam o espaço social” (BAUER; AARTS, 2002, p. 59). Para os referidos autores:

Saturação é o critério de finalização: investigam-se diferentes representações, apenas até que a inclusão de novos estratos não acrescente mais nada de novo. Assume-se que a variedade representacional é limitada no tempo e no espaço. (BAUER; AARTS, 2002, p. 59)

No momento em que se identifica que mais objetos não acrescentarão à investigação, podendo, inclusive, gerar observações desproporcionais e inverdades científicas, chega-se no momento de cessar a busca por novos estratos. Por isso, a escolha há de ser pautada em uma variedade que contribuirá e sustentará efetivamente a análise, a

fim de subsidiar o corolário apresentado, além de escorar a tese defendida.

Então, com a finalidade de firmar esse fundamento científico do *corpus*, outros materiais bibliográficos serviram como aporte para a efetivação desta pesquisa, como registros históricos da época em que viveram os personagens em análise, bem como descobertas relevantes atuais que falem do período investigado ou, especificamente, da relação entre os indivíduos que compõem os pares. Por ser o material volumoso e diversificado, foi necessário eleger os que realmente serviriam para a perscrutação proposta, tendo, por referência, o embasamento teórico adotado.

3.3.2.1 Biografia

Um objeto especulativo de grande importância para esta pesquisa foi a biografia, que é um exemplo de narrativa que traz a história de vida de certos personagens históricos, buscando o detalhamento das situações pelas quais passaram e a que foram sujeitados. Podendo ter sido feita por um pesquisador competente ou pelo próprio indivíduo, que será narrador-personagem de seu relato (neste caso, chamada autobiografia), esta produção revela como uma pessoa enxerga suas próprias experiências, avaliando-as como sucesso ou fracasso. (GIBBS, 2009).

Elencando características para esse perfil comunicativo, Gibbs (2009, p. 85) esclarece que:

- há predominância da cronologia no relato, afinal, tende-se a registrar os eventos na ordem de sua ocorrência;
- descreve-se a respeito de pessoas que interferiram na vida desse indivíduo, ainda que tais não tenham sido de importância social relevante para a época;
- os eventos expressivos são os que criaram momentos decisivos da vida do indivíduo em questão, sendo, ainda, indicadores do modo que ele concebe sua vida;

- a sorte é destacada, bem como os eventos planejados e as influências recebidas, direcionando para o desfecho do relato particularizado do indivíduo.

Entendida como uma prática discursiva, a biografia oferece um depósito de metáforas, do qual é possível analisar uma intenção dentre as possibilidades. Para tanto, faz-se imprescindível a avaliação do contexto sociocultural do autor/personagem central do relato, a fim de interpretar os fenômenos citados em consonância à realidade que o cercou. Gill (2002, p. 248) aponta que

A noção de construção marca, pois, claramente uma ruptura com os modelos de linguagem tradicionais “realistas”, onde a linguagem é tomada como sendo um meio transparente – um caminho relativamente direto para as crenças ou acontecimentos “reais”, ou uma reflexão sobre a maneira como as coisas são.

Conforme esclarece a autora, lida-se com o mundo em termos de construções e não em um formato imediato, instantâneo, já que o que um sujeito considera, para si, uma concepção de mundo, vem a ser, na verdade, um coletivo de textos interpretados num dado momento e através de determinados sentimentos. Entende-se, assim, que o “[...] uso construtivo da linguagem é um aspecto da vida social aceito sem discussão”. (GILL, 2002, p. 248).

Para essa pesquisa, obteve-se acesso à autobiografia de um dos personagens históricos, a saber, Pedro Abelardo, que escreveu *Historia Calamitatum*⁴², traduzida em português para **História das minhas calamidades**, uma autobiografia escrita em latim, no formato de carta, e direcionada ao amigo Pierre le Vénéable⁴³. Sua leitura dota o leitor de um conhecimento singularizado a respeito da vida de um intelectual da Paris do século XII, quando as universidades estavam sendo criadas e a influência da Igreja era expressiva e desmesurada, além, evidentemente,

⁴² Escrita por Pedro Abelardo no ano de 1132.

⁴³ Abade de Cluny. A carta tinha o propósito de consolar o amigo, que passava por um momento difícil.

de revelações a respeito do que mais interessa a esta investigação: seu relacionamento com Heloísa de Argenteuil.

3.3.2.2 Diário

Produção particular e confessional, o diário íntimo é produzido para ser lido somente pelo próprio autor ou por pessoas que lhe são próximas, por reunir segredos e declarações recônditas. Diante disso, a linguagem utilizada vem a ser, normalmente, informal e espontânea, com traços de despreocupada pretensão e objetivo maior em expressar emoções e indagações existenciais, bem como expor desabafos e interjeições diversas.

Em princípio, importa citar que a Crítica Literária expõe a dificuldade que enfrenta para “classificar obras de cunho intimista e pessoal, como são os diários, e da necessidade de lhes aferir importância e reconhecimento enquanto obras literárias” (OLIVEIRA; VOLPINI; LISBOA, 2017, p. 105). De acordo com Lejeune (2014), tais produções carregam um valor documental essencial para a conservação da memória, afinal, refletem determinado momento histórico, bem como promovem laços emocionais com o futuro ao estabelecer identificação com os leitores.

Ademais, há os diários cuja intencionalidade do autor tenha sido a publicação, o que, certamente, intensifica o fito literário e, portanto, altera a análise por parte do pesquisador, tendo em vista que seu escritor tenha se utilizado de um arcabouço vocabular mais elaborado e menos desafetado. Lejeune (2014) observa que essa qualidade de diário não desqualifica a produção em seu caráter confessional, mas somente lhe acrescenta o propósito direcionado a um público. Ainda assim, fazem-se declaradas as dúvidas quanto à veracidade completa das exposições, criando a problemática, para um investigador da obra, de uma confissão legítima ou de uma criação ficcional.

No início, os diários foram coletivos e públicos, antes de entrarem também na esfera privada, depois individual, e, enfim, na mais secreta intimidade. Digamos apenas que um diário serve sempre, no mínimo, para construir ou exercer a memória de seu

autor (grupo ou indivíduo). Quanto ao conteúdo, depende de sua função: todos os aspectos da atividade humana podem dar margem a manter um diário. [...] O diário é, em primeiro lugar, uma *lista de dias*, uma espécie de trilho que permite discorrer sobre o tempo. (LEJEUNE, 2014, p. 301-302).

Segundo o autor, essa produção possui motivações e conteúdos diversos, estando, ainda, registrados em suportes dos mais variados, como cadernetas, cadernos, agendas, folhas soltas e, na contemporaneidade, em ambiente virtual. Ao entrarem na mais secreta intimidade, os diaristas deixam uma pegada confidencial de suas memórias, a qual poderá caracterizar o momento em que tenha sido feito (LEJEUNE, 2014, p. 302).

Nesta pesquisa, utilizo, de maneira ancilar, trechos dos diários de Antônio Vieira e Cristina Vasa, todavia, não em sua totalidade. Ambos, ao se corresponderem por cartas, assinalavam nelas trechos de seus registros privados, como forma de aumentarem a intimidade que estavam estabelecendo. Assim, os excertos investigados foram selecionados intencionalmente por seus próprios autores e estavam voltados a propósitos específicos de revelação de suas emoções e seus pensamentos recônditos. Esses textos complementam as cartas, entre outros fragmentos registrados na obra **O poder erótico**⁴⁴, de Gloria Kaiser, que faz parte do referencial básico, em termos de dados empíricos selecionados, inicialmente, na intenção primeira de avaliar a existência de um sentimento mais profundo que ligasse essas duas personagens intelectuais históricas do período.

Cabe ressaltar que a produção de aspecto íntimo, como o identificado nas cartas escolhidas, como sugere Martins (2013, p. 126), apresenta inequívocas características confessionais e subjetivas, por conta do desnudamento da intimidade do autor, podendo, inclusive, gerar uma reconhecimento com o leitor, que vive um liame afetivo diante da exposição. Por outro lado, um diário oferece uma memória com identidade narrativa, sendo, ao mesmo tempo, “um arquivo e uma ação, um ‘disco rígido e uma memória viva’” (LEJEUNE, 2014, p. 302).

⁴⁴ **O poder erótico**: diários e cartas de Cristina Vasa, rainha da Suécia, e do padre Antônio Vieira, de Glória Kaiser, 1950.

Com seus registros confessionais, Antônio Vieira e Cristina Vasa deixaram marcas de suas existências, seus temores e, ainda, sobreviver diante das inúmeras adversidades pelas quais passaram, tanto separadamente quanto juntos. Ademais, suas inscrições tornaram-se memórias individuais, de composição intimista, com desafogo introspectivo e caráter identitário, como será apontado, mais adiante, no **Capítulo 5** desta Tese.

3.3.2.3 Sermão

O sermão é uma produção voltada à oratória, ou seja, é um discurso que visa à expressão oralizada. Feito por uma autoridade religiosa – que pode ser um profeta ou um representante clerical –, aborda temas bíblicos diversos, voltados à prática da fé, e/ou conceitos morais, cuja finalidade basilar venha a ser a sustentação da crença. Utiliza-se, para tanto, de exposições que exemplifiquem os preceitos apontados, com a finalidade de adequar o comportamento humano à lei professada, com elementos linguísticos que envolvem a exortação, a exposição doutrinária e a invocação à prática.

A Bíblia, no Antigo Testamento, traz inúmeros profetas que exortaram o povo escolhido por Jeová por meio de sermões, que traziam admoestações severas e ameaças aos pecadores. Elias⁴⁵, Eliseu⁴⁶, Jeremias⁴⁷ e Jonas⁴⁸ estão entre alguns exemplos desses vates divinos, cujas pregações traziam mensagens do ser superior do qual eram arautos.

No Novo Testamento, Jesus Cristo traz o sermão mais famoso de toda a nova proclamação, chamado de *O Sermão da Montanha*⁴⁹, no qual, além de exortar quanto ao abandono de práticas transgressoras, também anuncia as bem-aventuranças para os seguidores dos preceitos. Existe, ainda, outra prédica famosa, cujo proferidor fora Paulo de Tarso, e aconteceu no Areópago de Atenas⁵⁰, quando, utilizando de exímia

⁴⁵ Bíblia Sagrada, livro de I Reis.

⁴⁶ Bíblia Sagrada, livro de II Reis.

⁴⁷ Bíblia Sagrada, livro de Jeremias.

⁴⁸ Bíblia Sagrada, livro de Jonas.

⁴⁹ Bíblia Sagrada, Evangelho de Mateus, 5 a 7.

⁵⁰ Bíblia Sagrada, livro de Atos dos Apóstolos, 17.

oratória, convenceu pessoas influentes a seguirem as boas-novas da mensagem cristã.

O sermão acaba sendo compreendido, muitas vezes, como um gênero da modalidade oral, sendo “o estudo da classificação das interações verbais orais bem mais recente e menos sistemático que a classificação dos textos escritos. (MARCUSCHI, 2008, p. 186-187). Todavia, ainda que os exemplos bíblicos tragam personalidades de autoridade religiosa apregoando em formato unicamente oralizado – apesar do registro dessas palavras nas Escrituras –, esse gênero também pode acontecer em formato escrito. Segundo Bakhtin (2003), há gêneros discursivos que, em formato prático, são empregados com maestria, todavia, em composição teórica, perdem-se pela ausência da entonação sonora.

Vale entender que o sermão religioso traz, ainda, um formato estável de enunciado, por apresentar um conteúdo temático, voltado à afirmação de crenças, uma estrutura de apresentação e exortação, bem como um estilo doutrinário. Tendo por referência a fé no invisível, no imaterial, faz-se um campo da atividade humana que se pauta em uma realidade metafísica, com conceitos e interpretações próprias, e apresentando simbologias peculiares. (SILVA, P., 2017).

A natureza homiliasta, de acordo com Silva (1992), divide-se em três formatos: sermão expositivo, sermão temático/tópico e sermão textual. O primeiro, que é maior e traz uma construção dissertativa, apontando argumentações extensas e reflexões bíblicas, cria uma interpretação em relação a um tema específico. Nesta tese, foi justamente esse modelo de sermão que trouxemos para saturação do *corpus*, a saber, os produzidos pelo Padre Antônio Vieira.

Famoso por sua capacidade incomum em se pronunciar, quer seja oralmente, quer seja pela escrita, Vieira afamou-se por conta de seus argumentos, por meio dos quais expunha ideias e defendia pontos específicos da prática doutrinária, bem como fundamentos da fé. O célebre pregador elaborava previamente seus textos para que fossem lidos em determinadas situações, para as quais era convidado ou indicado para apregoar a fé, na maior parte das vezes envolvendo ritos religiosos.

Exortando diligentemente, o padre chegou a condenar o comportamento indigno de colegas confessionais, fazendo uso de simbologias e metáforas facilmente compreendidas pelos eruditos religiosos⁵¹. Além do sermão indicado, o pregador também intercedeu em favor dos judeus – principalmente os cristãos-novos⁵² –, que nessa época eram perseguidos pela Inquisição, e defendeu abertamente a abolição da escravatura, posicionamento excepcional para a época.

Sua produção completa – sermões, cartas e escritos sobre política – foi reunida e começou a ser publicada em 2013. Uma equipe de curadoria da Universidade de Coimbra reuniu todas as suas obras desse escritor, propiciando a publicação de 1345 páginas, em trinta volumes, com o título de **Obra Completa Padre António Vieira**⁵³, no dia 9 de fevereiro de 2017. O lançamento reúne cartas, sermões, escritos políticos – sobre índios e judeus –, profecias, teatro e poesia, sendo a primeira publicação a reunir toda a produção feita e deixada pelo pregador.

Quanto aos escritos do Papa João Paulo II, uma editora na Polônia, chamada *Wydawnictwo Literackie*, encarregou-se da publicação⁵⁴. Diferentemente da obra reproduzida de Antônio Vieira, essa, do Papa, não é uma compilação, mas, sim, um sermão que foi produzido com pretensões de ser levado à público, e que virá com o título de **Sermão no Areópago: 13 catequeses**.

Segundo as informações obtidas a respeito do texto, divulgadas a público por Marcin Baniak⁵⁵, fora produzido entre 1965 e 1966, quando o pontífice, na época Arcebispo Karol Wojtyła, viajara para a Terra Santa e para a Grécia, a fim de participar do Concílio Vaticano II, em 1963. O livro é uma análise do sermão que o apóstolo Paulo proferiu há mais de dois mil anos, na Grécia, para os intelectuais de sua época, no qual Wojtyła reflete sobre as palavras do apóstolo por meio da escrita de treze

⁵¹ Sermão da Sexagésima, 1655.

⁵² Em Portugal e na Espanha, recém-converso ou cristão-novo era a nomeação dada aos judeus convertidos ao cristianismo, a fim de os distinguir dos cristãos que provinham de famílias já dessa fé.

⁵³ Publicação feita pelas *Edições Loyola*.

⁵⁴ Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/publicarao-livro-inedito-escrito-por-sao-joao-paulo-ii-81694>. Acesso em: 30 out. 2018.

⁵⁵ Diretor do Departamento de Promoção da *Wydawnictwo Literackie* (editora de livros polonesa).

lições. Como o lançamento dessa produção não fora feito até a data de finalização desta tese, não houve como ser utilizada para análise, apesar de ser desejosamente aguardado pela presente pesquisadora.

Já os escritos de Pedro Abelardo não foram aqui citados enquanto sermões por não o serem assim considerados. Tanto para a Igreja Católica Apostólica Romana, quanto para os estudos críticos das áreas diversas das humanidades, esse religioso se destacou por produzir obras de verificação crítica, de assuntos como Filosofia, Teologia, Lógica e Análise de Discursos Científicos. Apesar de ter tido produções que foram destruídas pela Igreja⁵⁶, por serem consideradas profanas, não há registro de haver sermões escritos, mas, somente, declarados aos ouvintes que sempre o seguiam em profusão.

3.3.2.4 Romance Histórico

Quando uma narrativa se pauta em referenciais factuais, o limite entre a História e a Literatura faz-se tênue, chegando a quase inexistir. O autor desse perfil romanesco, quer seja historiador, quer seja literato, não assume a responsabilidade completa da imparcialidade, o que resulta em, ainda que não queira, um direcionamento em forma de rastros linguísticos de sua visão particular sobre os fatos descritos. Enquanto o historiador tem a incumbência de apontar os episódios assim como ocorreram, o poeta traz a liberdade de desenhar versões possíveis, dando lugar à imaginação e à vontade. Então, a união desses dois perfis, aparentemente paradoxais, produz obras de informação e comoção.

O romance histórico, apesar de ser um gênero literário, vem a ser, ainda, uma narrativa que se relaciona com os fatos históricos, com personagens e cenários verdadeiros, constituídos por meio de documentos e dados legítimos. Tais referenciais oferecem ao leitor uma percepção dos costumes e da vida cotidiana de uma dada época, promovendo a reconstrução imaginária de detalhes históricos, o que a Literatura nomeia de “autenticidade de cor local”. Segundo Victor Hugo, em sua obra

⁵⁶ A respeito desse evento, faremos maior detalhamento no **Capítulo 4**.

Cromwell⁵⁷, a cor local retrata e estampa a informação histórica, traduzindo o passado como uma realidade acabada.

A narrativa constrói um enredo que realça os valores do passado, permitindo a reflexão de padrões antigos e a interpretação a respeito da permanência de preceitos que perduram, o que representa variadas interpretações sobre as razões dos fatos ocorridos e suas consequências. Por ser histórica, ficcional e discursiva, essa narrativa permite o questionamento e a investigação mais apurada, direcionando o leitor para um pensamento crítico em relação aos processos factuais e os motivos que produziram os acontecimentos.

Conforme acentua Cardoso (2012),

[...] a escrita dispõe de elementos e recursos que interferem na construção da figura do historiador, seu caráter, e no estabelecimento de sua argumentação. A metáfora, nesse sentido, possui um valor significativo, pois, como será demonstrado a partir de Aristóteles, ela confere vivacidade à narrativa, retém um instrumental pedagógico e possibilita com seu emprego criar imagens. É possível, no limite, afirmar que a metáfora participa inclusive do processo de construção de provas, na medida em que a comprovação também requer um tratamento narrativo (CARDOSO, 2012, p. 44).

O elemento primordial de um romance vem a ser a simbologia de sua trama, formada por meio de imagens metafóricas. O autor coloca a significação que tais representações podem assumir para o leitor, tanto na construção de provas históricas quanto na composição de emoções, as quais, por sua vez, presentificam personagens e momentos.

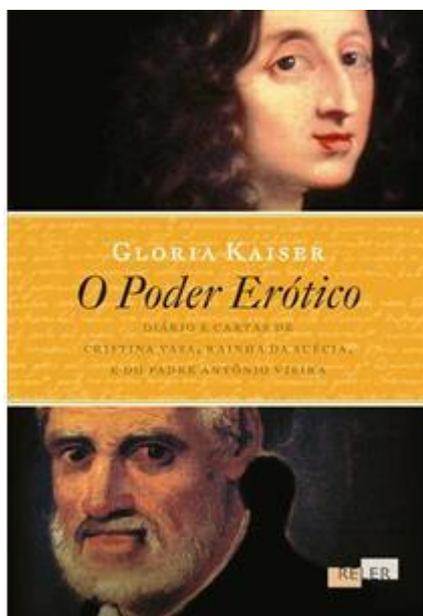
Nesta pesquisa, o romance histórico trazido para compor o *corpus* analisado é **O poder erótico**, de Glória Kaiser⁵⁸, que narra a relação sentimental entre o Padre Antônio Vieira e a rainha Cristina Vasa, os quais se tornaram amigos durante o tempo em que viveram em Roma. A autora buscou honrar o preceito de fidelidade aos documentos, às cartas trocadas pelos personagens citados e aos fatos históricos,

⁵⁷ Peça de teatro escrita por Victor Hugo, em 1827. A versão usada nesta pesquisa é de sua versão de 1996.

⁵⁸ Historiadora e escritora austríaca.

apresentando detalhamentos dos costumes do século XVII e descrevendo a sofrida relação entre os dois.

Figura 1 – O poder erótico



Fonte: <https://www.travessa.com.br/o-poder-erotico/artigo/3752e7db-cf69-4b04-8b6d-226de89ffef0>

De acordo com Gibbs (2009, p. 90), “a estrutura narrativa das histórias das pessoas” deve ser considerada e avaliada, em sua composição linear – começo, meio e fim –, bem como em sua construção lógica. Os eventos apontados em obras que contam a história de vida de personagens históricos, além de temporais, são, ainda, construídos em sequências causais, ou seja, trazem eventos que, por sua vez, promovem a outros mais. As pessoas da trama, então, dão forma aos eventos, os quais se formam como ponto de partida da composição de elementos que promoverão, por sua vez, as funções e a razão da história em si.

A análise de narrativas delinea uma dimensão diversa à pesquisa qualitativa, por ser construída em episódios factuais e envolvidos de emoção criativa, exigindo uma concentração quanto à sua veracidade em contraposição a seus elementos imaginativos. Tais produções possibilitam, enfim, a interpretação de sentidos múltiplos para experiências particulares e, ao mesmo tempo, históricas, contribuindo para uma avaliação quanto às atitudes que responderam às situações aflitivas que o contexto promoveu aos personagens.

3.3.2.5 Longa-Metragem Cinematográfica

Chamado de a sétima arte, o cinema – abreviatura de cinematógrafo – é uma invenção dos irmãos Lumière⁵⁹ no final do século XIX. O aparelho permitiu que, pela primeira vez, histórias fossem contadas por meio de imagens em movimento. Desde sua criação até o presente momento histórico – mais de cem anos –, a invenção passou por variações progressivas, com aparatos científicos diversos, e a tecnologia a modernizou a tal ponto que, atualmente, é descrita como uma ilusão em movimentação, chegando a poder emitir, além de som imagem, efeitos sinestésicos distintos, como cheiro, sensação térmica e, até mesmo, ilusões de interferência mental e emocional particularizadas.

Embasado em uma ampla teoria, o cinema se relaciona com a literatura, a pintura e a fotografia, desde o instante de sua criação. Todavia, seu propósito inicial, que visava à exposição artística, para a propagação da ciência e da cultura, foi excedido pelos interesses mercadológicos, constituindo-se numa produção industrial, geradora de empregos. (ANDREW, 1989). Tido como uma ferramenta de promoção, disseminação e afirmação de pensamentos e informações diversos, o cinema tornou-se uma atividade profissional que exige técnica especializada e unidade de produção laboriosa, com direção, fotografia, roteiro, montagem, direção de arte, dentre tantas outras que vêm crescendo devido ao desenvolvimento tecnológico que se assoma a seu formato.

A respeito da criação dos roteiros para cinema, que buscam fomentar filmes de poder arquetípico e beleza que proporcionarão aos telespectadores emoções diversas, McKee (2006, p. 19-20) considera que

Não houve nenhuma conspiração para manter os segredos de nossa arte. Em vinte e três séculos que Aristóteles escreveu *Poética*, os “segredos” da estória viraram tão públicos quanto a biblioteca do outro lado da rua. Nada da arte da escrita é abstruso. De fato, à primeira vista contar uma estória para cinema parece enganosamente fácil. Porém, quanto mais perto

⁵⁹ Auguste e Luis Lumière foram os inventores do cinematógrafo, ou seja, da apresentação de imagens em movimento. A primeira exibição data de 28 de dezembro de 1895, em La Ciotat, cidade que fica no sudeste da França.

chegamos da raiz, tentando fazer a estória funcionar cena por cena, a missão vai ficando mais difícil, pois percebemos que na tela não há esconderijo. [...] A câmera é temível máquina de Raios X para todas as falsidades. Ela amplia a vida imensamente, e em seguida desnuda toda virada de estória fraca ou falsa [...].

A ponderação do autor a respeito da pseudofacilidade em produzir obra para o cinema elucida quanto ao engenhoso trabalho em criar para esse formato, já que essa arte desnuda a narrativa aos olhos de quem assiste, expondo facilmente erros que seriam menores em outras configurações. Ao mesmo tempo que realiza um encantamento desmedido quando atinge seu propósito de envolver emocionalmente, um filme pode, também, ser reduzido à desaprovação generalizada, impiedosa e, muitas vezes, néscia, do espectador.

Desde sua criação, o cinema tem se constituído um dos maiores expoentes da expressão cultural, graças a sua composição industrial e tecnológica. Por sua simplicidade de acompanhamento, essa mídia proporciona fácil absorção de informações tanto para crianças quanto para adultos, por meio de seus estímulos audiovisuais, ilustrando conceitos e demonstrando conteúdos numerosos, o que a torna educativa, reflexiva e/ou estimuladora de impressões a respeito do mundo. Uma produção audiovisual abarca uma variedade de saberes, tendo o conhecimento a ser representado pela imagem, pelo som e tantos outros elementos que o avanço técnico tem proporcionado, o que não permite que essa arte seja enquadrada enquanto simples estímulo audiovisual de entretenimento. Em seus diversos gêneros, pode ser um filme ficcional ou biográfico, ou, ainda, um documentário, que pode trazer, em sua composição, cenas reais obtidas de arquivos.

Estudos diversos a respeito já identificam a influência que as produções exercem sobre o imaginário dos espectadores, por meio dos estímulos sinestésicos variados, interferindo na reflexão moral e ideológica da sociedade, como confirma a historiadora:

[...] tais produções ainda são vistas com ressalvas, quando se trata da busca de documentos que atestem o teor científico dos trabalhos. Um dos motivos é o reduzido aparato teórico-

metodológico disponível, sendo que os mesmos também são alvos de inúmeras críticas. Para muitos historiadores, a maior preocupação são as diversas possibilidades de manipulação de imagens e do discurso à disposição do cineasta através da linguagem cinematográfica. O fato de que este artifício de manipulação não é uma característica apenas das produções cinematográficas, mas de qualquer documento histórico com o qual o historiador venha a trabalhar. (SILVA, P., 2017, p. 87-88)

A autora aponta para a importância de um filme ser analisado sob um enfoque sociocultural, já que foi construído com questões ideológicas e mercadológicas e tenderá a interferir na mentalidade daqueles que a ele assistem. Ainda segundo a historiadora, a licença poética – presente nas manifestações artísticas diversas – coaduna-se às relações de poder que construções culturais diversas possuem, o que fazem de tais obras uma abundante fonte de informação a respeito do passado e do presente, porém, também influenciadoras das representações de crenças e costumes que mediam a mesma sociedade que os concebe. (SILVA, P., 2017).

O filme biográfico **Stealing Heaven** teve seu título traduzido em adaptação para o português como **Em Nome de Deus**⁶⁰. Ele é uma cinebiografia, ou seja, uma produção que dramatiza a vida de uma personalidade, ainda que esta não seja de importância histórica. Na obra em questão, a trama traz à luz o caso de amor entre Abelardo e Heloísa – o primeiro casal da triangulação analítica desta tese –, os quais tiveram, além de influência histórica, autoridade religiosa e prestígio social de avultada importância.

⁶⁰ Em tradução literal, o título em português seria “Roubando o céu”.

Figura 2 – Em nome de Deus



Fonte: http://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/filmes/em-nome-de-deus/filmes-em-nome-de-deus.jpg/image_view_fullscreen

O filme foi lançado em 1988, cujo enredo se baseia no romance, da França medieval do século XVII, entre o casal citado. Dirigido por Clive Donner⁶¹, teve por roteirista Christopher Brian Spencer Dobson⁶² e, no elenco, Derek de Lint⁶³ como Pedro Abelardo e Kim Thomson⁶⁴ como Heloísa. A produção teve por embasamento primordial a autobiografia de Abelardo – Histórias das minhas calamidades –, trazendo, todavia, mais informações históricas, já que apresenta, ainda, cenas da vida de Heloísa fora do convívio com seu amante, como sua juventude no convento e sua morte, que ocorreu vinte e dois anos após a do monge.

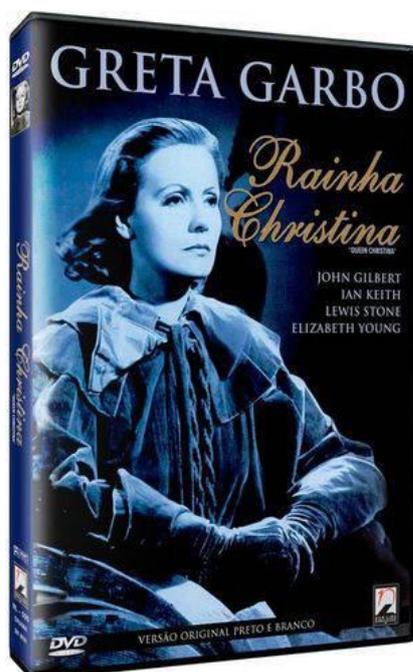
⁶¹ Cineasta inglês (1926-2010).

⁶² Roteirista e ator inglês (1936-2008).

⁶³ Ator holandês (1950).

⁶⁴ Atriz inglesa (1960).

Figura 3 – Rainha Christina



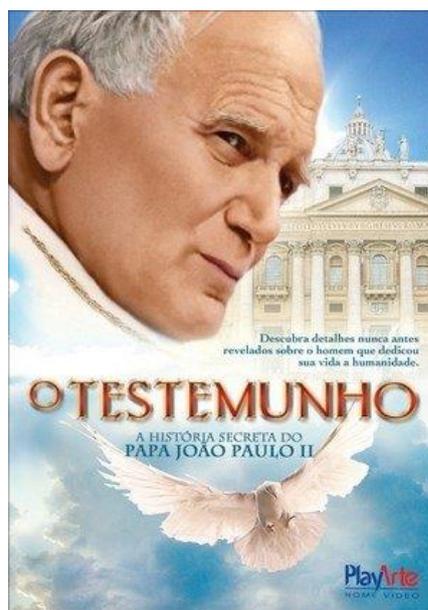
Fonte: <http://bit.ly/2QKmfde>

O filme **Queen Christina** teve seu título traduzido para o português como **Rainha Christina**. Ele é um drama biográfico, ou seja, uma produção que representa a vida de uma figura de importância social, nesse caso, a rainha da Suécia. O longa-metragem em questão foi dirigido por Rouben Mamoulian⁶⁵ e lançado no ano de 1933, cuja trama foi enfocada na vida particular e pública da Rainha Cristina, com atuação feita por Greta Garbo⁶⁶ no papel principal. A obra audiovisual temporaliza o século XVII e explora os dilemas de uma monarca que carrega as imposições de seu papel político unidas aos dilemas quanto às restrições que seu gênero carregava, empenhando-se por viver uma liberdade que não lhe era permitida.

⁶⁵ Diretor de cinema armeno-americano (1897-1987).

⁶⁶ Atriz sueca (1905-1990).

Figura 4 – O Testemunho



Fonte: <http://bit.ly/2QMNDYk>

O documentário biográfico **Testemny: The Untold Story of Pope John Paul II** teve seu título traduzido, para o português, como **O Testemunho – a história secreta do Papa João Paulo II**. Dentre os vários registros feitos a seu respeito, como biografias e relatos jornalísticos, essa produção audiovisual fez um registro detalhado da vida de Karol Józef Wojtyła, pelo testemunho do Cardeal Stanislaw Dziwisz, que foi secretário particular do Papa João Paulo II e esteve a seu lado por trinta e nove anos. Sua Eminência Dziwisz traz revelações singulares, além das que houveram sido amplamente noticiadas pela mídia.

Dirigido por Pawel Pitera e narrado pelo ator Michael York⁶⁷, o filme foi baseado no livro **Uma vida com Karol**⁶⁸, também do Cardeal Dziwisz, e lançado no ano de 2007. Contudo, o documentário traz informações que o livro não aponta, o que aumenta a humanidade que compunha o Papa. Dentre essas, as tentativas de assassinato, a revelação curiosa sobre ele sair disfarçado para andar entre as pessoas como alguém comum, além de curiosidades sobre o início de sua vida, como sua

⁶⁷ Ator inglês (1942).

⁶⁸ Lançado no Brasil em 2012 pela Editora Objetiva.

carreira como ator e o fato de ser um apaixonado por karaokê, sendo dono de uma bela voz.

O longa-metragem **O Testemunho** narra a história não contada do pontífice, detalhando sua benevolência e seu carisma, que afetaram e enterneceram bilhões de pessoas pelo mundo, bem como influentes líderes políticos e religiosos. Produzido com imagens de arquivos, nunca antes vistas, além de recriações históricas e entrevistas importantes, o filme revela a vida privada e o comportamento espiritual do santo católico, que foi uma personalidade pública marcante na história da Igreja e do mundo, com uma devoção que quebrou barreiras sociopolíticas que pareciam indissipáveis.

O cinema é, portanto, objeto ou meio de pesquisa relevante para a História, devendo ser analisado além de seu “estado de arte” e, portanto, interpretado em suas visões de mundo e nas ideologias que apresenta e representa. Um filme encerra um papel representacional e simbólico, utilizando-se de imagens para sugerir percepções de conteúdo manifesto, as quais irão além de um imediatismo dramático de uma cena, na tentativa de provocar sentimentos e pensamentos de ordens gerais. (SILVA, M., 2017). Os longa-metragem⁶⁹ e o documentário que fazem parte desta pesquisa se encaixam, então, nesse formato biográfico e histórico, e alcançam a fidelidade das informações, não obstante seja um produto artístico. Seus enredos estão, assim, ligados às afirmações históricas que registraram a vida dos personagens que o protagonizam e, à vista dessas asseverações, fazem-se um instrumento de importância investigativa.

3.3.2.6 Periódicos

Produções criadas como meios de comunicação em massa, os periódicos surgiram em Roma, no ano de 59 a.C., porque o imperador Júlio César queria informar ao povo a respeito das ocorrências sociais e políticas, além de fazer divulgação de solenidades e eventos que poderiam ocorrer nas proximidades. De acordo com os registros de

⁶⁹ Produção cinematográfica com duração mínima de 70 minutos.

Molina (2015), naquela época, os jornais eram mensagens colocadas em placas grandes, esbranquiçadas, que ficavam em evidência em locais públicos, para que muitas pessoas visualisassem.

No ano de 1447, Johann Gutemberg⁷⁰ inventou a prensa, o que proporcionou o surgimento do jornal moderno e inaugurou uma liberdade maior da promoção de informações e da divulgação de acontecimentos culturais. Molina (2015) ressalta a importância que o jornal impresso foi para a classe média em ascensão, que passou a ser provida de notícias diversas, que traziam dados sobre o mercado comercial. O jornalista espanhol ainda disserta que tais publicações informativas somente se tornaram periódicas na primeira metade do século XVII, em países da Europa Ocidental, que costumavam mencionar escândalos que envolviam nações rivais, além de promover as melhorias nacionais.

A imprensa escrita sofreu grande transformação com o surgimento do telégrafo, no final do século XIX, permitindo que as informações fossem transmitidas com velocidade entre grandes distâncias. Tais invenções fizeram com que os jornais se tornassem um veículo de comunicação de grande importância, conforme aponta Motta (2018), colocando a mídia em relevância e a promovendo como principal difusor de informações. Até que, no início do século XX, o aparecimento do rádio provocou o poderio dos jornais, que precisaram criar notícias mais atrativas para fidelizar os leitores.

Em meados do século XX, a chegada da televisão retira, enfim, a soberania dos periódicos impressos, os quais, segundo Motta (2018), têm se aproximado da extinção, graças à atual revolução tecnológica. A rápida difusão de informações e o modo instantâneo de receber notícia, não importando onde esteja a pessoa e de que lugar o acontecimento proceda, fez com que os periódicos se tornassem, no século XXI, predominantemente digitais. Então, para que permaneçam, os jornais têm se adequando ao formato *online*, tomando como força a já renomada credibilidade por parte dos leitores, oriunda de quando tinham o formato impresso (MOTTA, 2018).

⁷⁰ Foi importante invento alemão (1400-1468).

A respeito da influência persuasiva desse meio de comunicação, Frazão (2010) pondera:

O jornalismo alcançou tal força e credibilidade que lhe permite participar do jogo do poder através de interesses sustentados pelas grandes empresas de comunicação que, mesmo quando funcionam como concessão pública, podem chegar ao descumprimento de tal finalidade e passar a atender aos seus próprios interesses, os do governo ou de grandes grupos e corporações. (FRAZÃO, 2010, p. 103)

A pesquisadora acentua a força de construção polifônica e multifacetada da mídia atual, a qual especula e pontifica a respeito dos diversificados conhecimentos, promovendo visibilidade a assuntos específicos e desqualificando outros, o que o faz simplesmente por meio da decisão de noticiar ou não determinado fato. Ainda que asseverem agir de modo neutro, a legitimação a uma determinada interpretação de eventos revela que a divulgação se volta à linha editorial do veículo de comunicação que o noticia, sinalizando que a isenção ou equanimidade nas posições não existe efetivamente (FRAZÃO, 2010, p. 102-103).

Por isso, por mais imparciais que afirmem ser, os periódicos não conseguem um distanciamento crítico completo ao relatar os acontecimentos, afinal não há como abrir mão da condição humana da reflexão. A escrita é, por sua vez, “um instrumento para divulgar o pensamento do outro, que não é necessariamente o dela mesma” (FRAZÃO, 2010, p. 107). Se o jornalista não se posiciona, termina por transferir ao leitor a interpretação do seu texto, o que pode promover compreensões distorcidas e complicações para o próprio jornal. Noticiar é, então, contar, esclarecer, revelar e, ainda, direcionar, mesmo que dissimuladamente.

A vida do terceiro par de análise desta tese precisou ser investigada, também, por meio dessa forma comunicativa, tendo em vista que são figuras contemporâneas e afamadas, que se tornaram, portanto, notícia em âmbito global por inúmeros jornais, tanto impressos, quanto digitais e televisivos. A presente pesquisa buscou pelos periódicos mais renomados e declaradamente respeitados, tanto por sua trajetória histórica, quanto pela deferência generalizada da população e dos

profissionais dos demais meios de divulgação, dando preferência aos de formato digital.

Para embasar esta pesquisa, evidentemente há uma variedade ainda maior de dados que poderiam ter sido acrescentados. Todavia, consideramos que os que aqui assinalamos tenham sido os estratos suficientes e necessários para a interpretação científica a que nos propusemos. Os dados colhidos – nas obras apontadas – proporcionaram uma vasta análise e os apontamentos que representam o cumprimento dos objetivos com os quais nos comprometemos. Por isso, os padrões delineados nesta pesquisa satisfazem-se nas amostragens colhidas e avaliadas, trazendo-os por referência e objetos estudados.

3.4 Pilares documentais em três sustentações temporais

Este último passo do Percurso Metodológico compreende uma discussão a respeito da temporalidade que baliza a tese, já que se trata de um pilar documental em triangulação periódica, com cada um dos três pares históricos oriundos de épocas distintas. Para tanto, apresentamos as seguintes e períodos:

- Pedro Abelardo – Padre Abelardo (1079 – 1142) – foi um filósofo escolástico francês, um teólogo e grande lógico. É considerado um dos maiores e mais ousados pensadores do século XII, com conteúdos doutrinários revolucionários e aportes filosóficos que deram origem ao método escolástico, cujos assentos preceituais criaram polêmicas entre membros da Igreja;
- Antônio Viera – Padre Antônio Vieira (1608 – 1697) – constitui uma das mais influentes figuras intelectuais do século XVII em termos de conhecimento, política e oratória. Destacou-se como missionário em terras brasileiras e, sobretudo, por seus sermões que são objeto de estudo até a atualidade.

Uma terceira personalidade histórica estava prevista na presente pesquisa. Trata-se de Karol Józef Wojtyła – Papa João Paulo II (1920 – 2005) – e as cartas que trocou com uma filósofa polonesa, com quem

manteve amizade durante anos⁷¹. Porém, diante das decisões de cunho religioso, as correspondências encontram-se trancadas, no Vaticano, recolhidas do público comum, com acesso restrito. Não obstante, tais informações passassem a se tornar parte do cofre de Roma, os documentos midiáticos acessados anteriormente entram como dados complementares da triangulação planejada. Trata-se, pois, de uma técnica que balizará o recorte temporal da tese ora apresentada. Além disso, textos desses períodos serão a fonte para a pesquisa, que poderá ser revista e/ou ampliada de acordo com a presença de dados relevantes em quantidade e, sobretudo, em qualidade.

Por isso, essas três figuras de importância histórica e social permitiram um recorte metodológico que facultou em triangulação temporal e análise ideológica das influências de uma mesma fé em momentos distintos da história humana. Para tanto, selecionei excertos que pudessem revelar sentimentos e sensações que os ligassem a essa outra pessoa – considerada, em princípio, de seu afeto. Foram elas mulheres, também, de importância social em seus respectivos recortes temporais e de preponderância intelectual, como poderá ser verificado nos capítulos posteriores, nos quais a bibliografia de cada uma é apontada com maior detalhamento.

São elas:

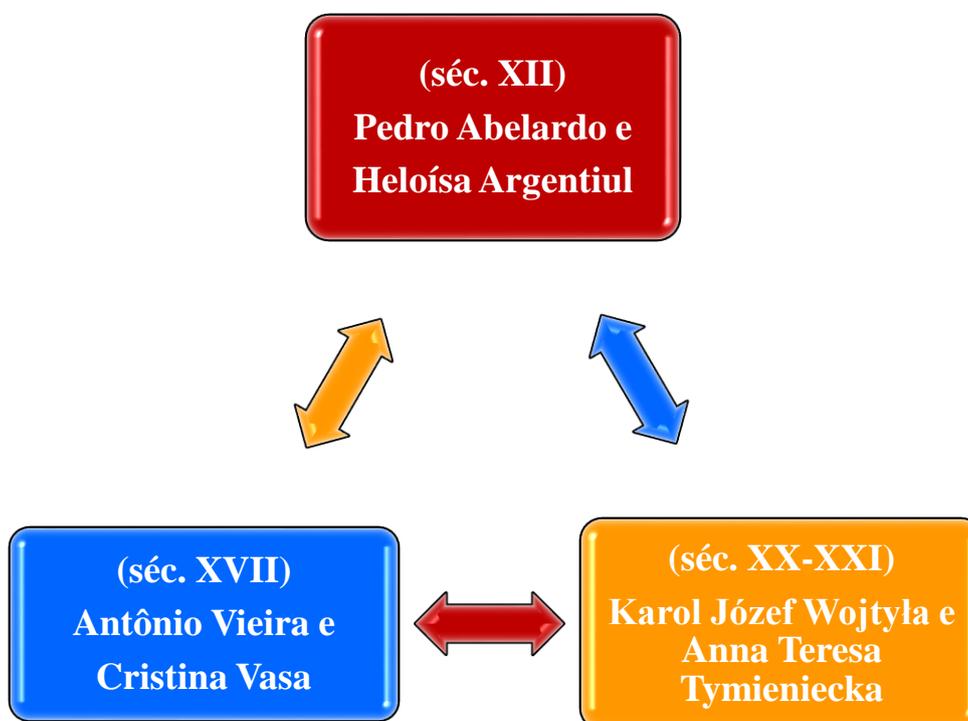
- **Heloísa de Argenteuil** ou **Heloísa de Paráclito** (1090 – 1164) – Foi uma freira, escritora, erudita e abadessa francesa, mais conhecida por seu amor e correspondências com o filósofo Pedro Abelardo.
- **Cristina Vasa** (1626 – 1689) – Foi a Rainha da Suécia de 1632 até sua abdicação em 1654. Admiradora, incentivadora e amiga íntima de Antônio Vieira, com quem manteve uma paixão velada e sofrida relação platônica.
- **Anna-Teresa Tymieniecka** (1923 – 2014) – Foi uma filósofa americana de origem polonesa, amiga de Karol Wojtyła desde jovem. Casada, trocou

⁷¹ Correspondência revela relação intensa de João Paulo II com filósofa. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160215_cartas_papa_tg. Acesso em: 01 jul. 2018.

cartas íntimas com João Paulo II por trinta anos – desde quando era ele um arcebispo até sua morte, já como Papa

A triangulação documental aponta o olhar inquiridor para o mesmo fenômeno, ou questão de pesquisa, a partir de mais de uma fonte de dados – no caso desta investigação, três momentos históricos distintos. Informações advindas de diferentes ângulos podem ser usadas para corroborar, elaborar ou iluminar a questão de uma pesquisa, respaldando com mais propriedade os vieses analíticos e metodológicos de um estudo.

Figura 5 – Triangulação documental



Fonte: elaborada pela autora

De acordo com Antoniacci e Braga (2016), trata-se de um formato de pesquisa utilizado há mais de sessenta anos, ainda tem sido um tema que ergue discussão no meio acadêmico, pois, para alguns estudiosos, é vista como uma tentativa de combinar forçosamente diferentes métodos de coleta, impelindo resultados que não seriam interpretados do modo como estão apontados se avaliados sob outra perspectiva ou em comparação a outros dados. Porém, a triangulação deve ser constatada como um formato que vem a reduzir os riscos quanto ao enviesamento ou

à contenção provocados por um método individualizado, o que pode, assim, conduzir a conclusões investigativas mais legítimas. (MAXWELL, 1996). Tendo-se por referência analítica um determinado fenômeno que, porém, apresenta-se em mais de uma fonte de dados, as informações obtidas, por pertencerem a ângulos distintos, acabam por corroborar para um resultado de pesquisa com maior fundamentação, tendo em vista que não se trata de um episódio isolado, mas, antes, de um estudo generalizado.

A triangulação pode, assim, ser considerada mais do que uma estratégia de validação, firmando-se, antes, uma variação à validação, sob a ótica de se avultar enquanto ferramenta que acrescenta profundidade e precisão à investigação. Afirma Vergara (2006) que esse formato especulativo pode ser considerado de duas perspectivas: método que favorece a legitimidade de uma pesquisa e alternativa para a aquisição de competências inovadas, por meio de ampliados pontos de vista. Uma triangulação metodológica, portanto, refere-se ao uso de mais de um olhar, que aponta para mais de um momento factual e busca obter os dados mais completos e detalhados possíveis sobre o fenômeno.

A estratégia da triangulação apresenta um formato institucionalizado de aspectos e procedimentos teóricos, os quais reduzem a possibilidade de imprecisão investigativa. Segundo Bauer e Gaskell (2002), esse modelo de pesquisa viabiliza e aumenta a confiabilidade quanto aos resultados apontados, já que se embasa em um quadro mais consistente do fenômeno, haja vista sua recorrência demonstrada em mais de uma situação. Ao validar a convergência do episódio considerado, o pesquisador firmará a consciência de uma visão cientificamente implícita, um paradigma que direcionará os estudos e os apontamentos, a fim de chegar, o máximo que conseguir, a uma avaliação explícita dos acontecimentos.

Assim, essa investigação envolve a combinação de referenciais diversos, justamente por trazer personagens históricos e componentes culturais distintos, todavia, sob uma mesma ótica analítica e um igual amarrão ideológico, de modo a compreender melhor os diferentes aspectos de uma realidade e a evitar os traçados de um julgamento único. Aqui,

temos três casais em três diferentes momentos, mas com amarras ideológicas que os aproximam e identificam. Então, essas distinções e igualdades devem – e serão – colocadas à luz da análise discursiva, ideológica e identitária.

A hand in a white lace sleeve dips a quill into a dark inkwell. The scene is set on a desk with several old, leather-bound books in the background. A quill pen lies on the desk to the right. The lighting is warm and focused on the hand and inkwell.

Capítulo 4 - Cartas de Abelardo e Heloísa em foco de análise

"Foi por tua salvação que Cristo voluntariamente sofreu essa paixão pela qual ele cura em nós todo langor e reprime todo sofrimento."

Pedro Abelardo

Abelardo Pedro

CAPÍTULO 4 - CARTAS DE ABELARDO E HELOÍSA EM FOCO DE ANÁLISE

*“Em todos os estados a que a vida me conduziu, Deus o sabe,
foi a ti, mais do que a Ele, que temi ofender;
foi a ti, mais do que a ele, que procurei agradar.”*
Heloísa de Argenteuil



este capítulo, apresento o primeiro casal da triangulação analítica, o qual foi tomado pelo sentimento amoroso e, por ele, levado a cometer infrações morais e sociais que escandalizaram sua época. Porém, foi, ainda, a renúncia a continuar sustentando a prática desse amor que trouxe os amantes à investigação apurada desta pesquisa, cujo propósito se volta a identificar, por meio das cartas trocadas, o que interdito a prática do relacionamento entre eles. O capítulo encontra-se dividido em três seções, assim denominadas: “História das minhas calamidades”, “Em nome de Deus” e “Perdoe-nos, Pai, por nos termos amado”.

Narrativas de amor preenchem a cultura humana em diversos aspectos – cultural, histórico, religioso e, ainda, místico. Conforme detalhado no tópico 2.3.4 desta tese, esse sentimento, considerado o mais enlevado dentre os demais, reproduz-se de formas diversificadas e com acentuações divergentes, podendo ser ameno e provocando a paz ou, ainda, impetuoso e excessivo – misturando-se à paixão. Por essa razão, o amor sempre foi o afeto que contribuiu para o início e a finalização de discórdias longevas, como em *O morro dos ventos uivantes*⁷², que concorreu para mortes trágicas, como em *Romeu e Julieta*⁷³ e em *Os sofrimentos do jovem Werther*⁷⁴, ou, ainda, que provocou guerras sanguinárias, como em *Ilíada*⁷⁵.

⁷² Romance da escritora britânica Emily Brontë (1818-1848).

⁷³ Tragédia do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616).

⁷⁴ Romance do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832).

⁷⁵ Poema épico do escritor grego Homero (928a.C.-898a.C.).

4.1 "História das minhas calamidades"

Esta seção é dedicada à biografia de Pedro Abelardo (1079-1142) e se encontra dividida em quatro etapas.

Figura 6 – Escultura de Pedro Abelardo no Palácio do Louvre



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Abelardo

4.1.1 Os primeiros pensamentos de uma vida de reflexões

A vida de Pedro Abelardo encontra-se registrada em inscrições históricas e, ainda, na sua autobiografia, intitulada **História das minhas calamidades**⁷⁶, originalmente escrita em latim, cujo título original é *HISTORIA CALAMITATUM*. Segundo a análise de filósofos, a produção

⁷⁶ A carta **História das minhas calamidades** encontra-se, nesta tese, na obra **Correspondência de Abelardo e Heloísa**, 2000, indicada nas Referências.

foi penejada sob a influência das **Confissões**, de Santo Agostinho⁷⁷, de cujo autor Abelardo fora leitor e estudioso devoto. (SPINELLI, 2004)

Filho primogênito de um cinturão, nasceu em 1079, pelo que registrou em sua carta⁷⁸ a um amigo desconhecido:

Sou oriundo de um lugarejo situado na entrada da pequena Bretanha, afastado creio que oito milhas a oeste da cidade de Nantes e que se chama propriamente de Le Pallet. Tal como a natureza de minha terra ou de minha família, eu me distingui tanto pela vivacidade do espírito e pelo talento como pela facilidade para o estudo das letras. (ZUMTHOR, 2000, p. 29)

Berengário, seu pai – homem apaixonado pelas letras, conquanto fosse militar – instruiu a todos os filhos nesse sentido, apesar de os demais terem seguido as armas e a carreira bélica. Tornou-se, graças à sua dedicação à argumentação dialética, um êmulo da Escola dos Peripatéticos⁷⁹. A fim de melhor se dedicar a tal prática, foi viver em Paris, tendo por preceptor a Guilherme de Champeaux⁸⁰, considerado o maior expoente dessa habilidade de conhecimento. Voltado à prática do questionamento, das proposições e do raciocínio, começou a incomodar seus superiores, justamente por lhes interpelar as opiniões, apresentando outras mais fundamentadas. Segundo Abelardo, em suas **Calamidades**, seu conhecimento e contra-argumentações aos afamados mestres marcaram o início de suas desditas, por começar a ser alvo da inveja dos vultosos doutrinadores. (ZUMTHOR, 2000, p. 30)

Recluso por alguns anos em sua terra Natal, por conta de uma enfermidade, ao retornar a Paris encontra Guilherme já bispo de Châlons,

⁷⁷ **Confissões** foi uma obra autobiográfica de Agostinho de Hipona, um bispo do século IV da província de Hipona, na África. Foi reconhecido como santo pela Igreja Católica, além de ser afamado teólogo e filósofo, tendo reconhecimento como um dos mais importantes representantes dessa fé religiosa. A obra citada é o relato de sua vida antes da conversão ao cristianismo, na qual afirma ter passado a viver em adoração a Deus, louvando com seus atos e pensamentos.

⁷⁸ **História das minhas calamidades**.

⁷⁹ Círculo filosófico fundado em 336 a.C., por Aristóteles, no Liceu, em Atenas. Apesar de haver durado até o séc. IV, influenciou filósofos no decorrer dos séculos seguintes, cujo hábito era o de ensinar em praças, em campos ou caminhando. Peripatético vem do grego e significa “ambulante”, já que Aristóteles tinha por prática doutrinária passar preleções ao ar livre.

⁸⁰ (1070-1121) Nascido em Champeaux, foi bispo e filósofo, além de fundador da Escola de San Vittore, em Paris.

o que houvera acrescido poder a seu antigo mestre. Abelardo, desejoso de melhor aprender retórica, volta a ser aluno de Guilherme, e, novamente, a se lhe opuser, em discussões a respeito de bases filosóficas e conseguindo, novamente, vencê-lo em certames verbais. Tais discussões mais uma vez atribuíram ao jovem fama por Paris e, unida e ela, repressões, crescendo-lhe o número de discípulos e, igualmente, de perseguidores.

Começa a lecionar em Melun, tendo sua fama acentuada pelo assédio de Guilherme, que, por fim, decide afastar-se, forçando-se à decisão de cultivar seu estudo e ensino em lugar distanciado de Paris, já que seus impropérios contra o antigo discípulo não são acreditados. Além disso, já tomado pela má fama das derrotas nas discussões, prejudicava o prestígio dos que se diziam seus seguidores e, por isso, resolve abandonar a popularidade e dedicar-se à vida monástica, envergonhado.

Logo após esse acontecimento, que daria a Abelardo grande oportunidade de se efetivar em nome e notoriedade, eventos familiares o fazem retornar ao seio doméstico, já que seus pais – Berengário e Lúcia – resolvem entrar para a vida monástica. Após organizar tal intervenções particulares, retorna à importante cidade francesa para estudar a doutrina sagrada com Anselmo de Laon⁸¹, considerado a máxima autoridade nesse âmbito por anos. Enquanto se instrui no conhecimento religioso, ensina com fervor e dedicação, tendo suas aulas a se tornarem eventos concorridos por incontáveis estudantes, que afluem de províncias diversas em busca de suas preleções.

4.1.2 A trajetória da fama marcada por admiração e perseguição

Pedro Abelardo torna-se orador e filósofo afamado. Sua maneira distinta dos demais, de ensinar, leva os aprendizes ao encantamento, fazendo-os propagar ao largo sua didática e seu conhecimento. Por isso, passa a ser perseguido, também, por Anselmo, a quem transpõem demasiadamente no conteúdo e no raciocínio. Segundo o jovem orador, a

⁸¹ (1050-1117) Nascido em Laon, foi afamado teólogo francês e fundador da escola de teologia e exegese, que seria precursora da hermenêutica bíblica.

dialética seria a forma adequada de ensino e aprendizado, ou seja, dever-se-ia utilizar o processo do diálogo, do debate entre pensadores dedicados à busca da verdade, por meio do raciocínio lógico, embasado na coerência, bem como em seu encadeamento intrínseco, sendo, todavia, possível de ser refutado, já que toda e qualquer ideia é dita uma consideração a ser provável e, para tanto, entrega-se à possibilidade de ser refutada. Sua opinião é a de que esse deveria ser o formato educacional, reflexivo e encorajador, para a promoção da quebra de preconceitos e da exaltação do pensamento livre. (SPINELLI, 2004). O reconhecimento leva-o à escola catedral de Paris, onde é aumentada a sua notoriedade quanto ao conteúdo e ao modo de ensino, considerados, para a época, revolucionários, e nomeados, assim, de escolástica⁸².

A respeito de toda essa notoriedade, afirmou Abelardo

Acreditei ser então o único filósofo sobre a Terra; nenhum ataque me parecia digno de temor. Eu, que até então havia vivido numa estrita continência, comecei a dar brida a meus desejos. Quanto mais eu avançava no estudo da filosofia e da teologia, mais a impureza de minha vida me afastava dos filósofos e dos santos. [...] Mas o orgulho e a luxúria haviam me invadido. Apesar de mim mesmo, a graça divina soube me curar de um e de outro: primeiro da luxúria e depois do orgulho. (ZUMTHOR, 2000, p. 38)

Quando escreveu suas **Calamidades**, o filósofo já havia se convertido à vida celibatária, o que é possível identificar na construção que faz ao relatar a respeito de sua vida pretérita, julgando-a inapropriada para o papel que acreditava dever cumprir enquanto mestre e, portanto, um exemplo de conduta. Ainda, reconhece sua visibilidade enquanto celebridade do conhecimento e da revolução que promovia por meio do conteúdo e da conformação que o expunha. E foi exatamente nesse período, em que o reconhecimento o valia pelas ruas, que conheceu Heloísa, ao que faremos entender agora sua história junto a ela.

⁸² O formato criado por Pedro Abelardo tornou-se o embrião do que viria a ser o ensino universitário. (SPINELLI, 2004)

4.1.3 Discussões lógicas e práticas irreflexivas

Heloísa era a sobrinha de um cônego de Notre Dame, chamado Canon Fulberto, que a amava e cuidava para que sua instrução fosse superior à que normalmente era dada às mulheres. Instruída, tinha um belo talhe, além de ser vinte e dois anos mais jovem que Abelardo, que foi atraído pelos dois atributos: intelectual e físico. Por isso, o filósofo articula conseguir morar na casa do clérigo, justificando que gastava muito com sua residência e ficava exposto à vida desregrada dos estudantes. Se fosse aceito como hóspede, poderia retribuir proporcionando um ensino mais adequado à sobrinha deste, além de pagar-lhe algum valor pela moradia – o que foi bem visto e apreciado por Fulberto, que viu nessa oferta dupla vantagem.

Luís Guilherme Marques (2016) registrou que o orador, agora próximo à jovem, facilmente a conquistou, já que a moça, com somente dezessete anos, já era encantada pelo conhecimento divulgado que o orador tinha, sendo, antes de ele lhe ser professor, lido vários de seus textos filosóficos. O relacionamento amoroso entre os dois aconteceu às escondidas e sem a desconfiança do tio, que dedicava a ambos completa confiança, pois amava a sobrinha com devoção e creditava ao filósofo a fama de continência sexual que carregava. Tendo essa ingenuidade a iludir o religioso, seguiram seus encontros noturnos por vários meses, o que chegou a interferir no desempenho das aulas de Abelardo, erguendo a desconfiança dos que o cercavam quanto à sua vida na casa no cônego e a virtude de sua sobrinha.

Descobertos, enfim, veio à público a vergonha e a desonra, com a expulsão do orador da casa e, posteriormente e como agravante, a descoberta da gravidez da moça. Abelardo, então, tirou-a às escondidas de seu lar e levou-a a viver em sua terra natal, aos cuidados confiáveis de sua irmã, Denyse, na casa de quem ela deu à luz um menino, a quem chamou de Astrolábio⁸³. (MARQUES, 2016)

⁸³ (1116 - 1171) O nome foi uma referência ao objeto usado para medir a posição entre os astros – ou entre as estrelas. Heloísa o escolhe como atribuição metafórica à distância entre ela e seu amante.

Fulberto temia agir contra Abelardo e acabar prejudicando sua sobrinha, que se encontrava junto à família do filósofo. Conversaram a respeito de uma reparação apropriada e, portanto, o casamento foi anunciado como a forma apropriada de apaziguar o vitupério. Heloísa repudiou veementemente a solução, trazendo à tona as justificativas quanto a afastar seu amante de sua vida devotada ao conhecimento.

A respeito disso, as **Calamidades** do orador trouxeram recordação de que a própria moça utilizou as escrituras para embasar sua recusa:

Ora, quanto às coisas que me escrevestes, bom seria que o homem não tocasse mulher; mas, por causa da fornicação, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido. O marido conceda à mulher o que lhe é devido, e da mesma sorte a mulher, ao marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no o marido; e também da mesma maneira o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no a mulher. Não vos priveis um ao outro, senão por consentimento de ambos por algum tempo, para vos aplicardes ao jejum e à oração; e depois ajuntai-vos outra vez, para que Satanás não vos tente pela vossa incontinência. Digo isso, porém, por permissão e não por mandamento. Porque quisera que todos os homens fossem como eu mesmo; mas cada um tem de Deus o seu próprio dom, um de uma maneira, e outro, de outra. Digo, porém, aos solteiros e às viúvas, que lhes é bom se ficarem como eu.⁸⁴ (BÍBLIA SAGRADA, 1993)

Segundo constatou Marques (2016), Heloísa rejeita a união em matrimônio e propõe ser instituída amante, o que foi recusado, apesar de suas lágrimas de protesto. Porém, ele aceitou que suas núpcias ficassem ocultas do conhecimento social e, assim, casaram-se diante do testemunho de Fulberto e de outras poucas testemunhas. Como o casamento não foi divulgado abertamente, a profanação à casa do cônego permanecia com a desonra aflorada e, por isso, ele buscou propagar o reparo a tantos quanto pudesse, tendo a própria sobrinha e proferir que o tio mentia quanto à união dela com o filósofo.

⁸⁴ Bíblia Sagrada, livro de Coríntios, 13:1-8.

4.1.4 O ápice das calamidades: ausência, solidão e contrição

Abelardo leva a esposa a viver na abadia onde houvera sido instruída quando menina, chamada de Argenteuil, para que ali ficasse resguardada dos insultos familiares, já que Astrolábio vivia sob a proteção de Denyse e ali permaneceria até o casal decidir a respeito do destino da família socialmente questionável que houveram estabelecido. Porém, com a moça e a criança distantes e sentindo-se ultrajado e engodado por eles, o cônego, unido a certos parentes, decidiram ressarcir a ofensa pública, de forma indigna e agressiva, ao que pormenorizou o próprio filósofo em sua carta:

Certa noite, um de meus servidores, comprado a preço de ouro, introduziu-os no quarto retirado onde eu dormia, e eles me fizeram sofrer a vingança mais cruel, a mais vergonhosa e que todo o mundo conheceu com estupefação: amputaram-me as partes do corpo com as quais eu cometera o delito de que se queixavam. Fugiram. Dois dentre eles puderam ser presos; foram condenados à perda da visão e à castração. Um desses infelizes era o servidor de quem falei e que, dedicado à minha pessoa, por cupidez se deixara corromper. (ZUMTHOR, 2000, p. 50)

O ato infame propagou-se, erguendo lamentos e queixas infundáveis, que mais torturavam o filósofo do que o acalentavam, tendo em vista que, segundo ele, “Sentia mais minha vergonha do que a mutilação. A confusão me abatia mais ainda do que a dor. [...] O julgamento de Deus me batia com justiça na parte do meu corpo que havia pecado”. (ZUMTHOR, 2000, p. 51). Sabendo que a injúria seria profusamente espalhada e temendo não a suportar, decide pela vida religiosa, confidenciando: “No abatimento de uma tal miséria, a vergonha, eu o confesso, mais do que uma verdadeira vocação, me levou para a sombra de um claustro”. (ZUMTHOR, 2000, p. 51-52). Igualmente o foi com Heloísa, que tomou o hábito a pedido dele e em mesmo momento que seu esposo: ela no monastério de Argenteuil e ele na abadia de Saint-Denys.

Na abadia onde agora residia, Abelardo foi convencido a voltar a ensinar e acreditado de que Deus o queria a seu serviço como professor.

Como tal informação se espalhou, rapidamente uma multidão de estudantes avançava a seu encontro, o que novamente promoveu incômodo aos demais filósofos da região, que perdiam seus discípulos para o abade. (ESTÊVÃO, 2015).

No decorrer dos anos que se seguiram, foi condenado por palavras ditas e escritas, chegando a ter os livros sentenciados à fogueira, lançados às chamas por suas próprias mãos. Foi julgado no Concílio de Soissons (1121) e no Concílio de Sens (1141), nos quais foi condenado. Em resposta às calúnias a que era alvo constante, fundou a Abadia do Paracleto⁸⁵, ou Convento do Paracleto, um oratório dedicado ao Espírito Santo, onde retomou suas aulas e teve grande adesão de público. Porém, acabou por ser eleito, no ano de 1128, abade do mosteiro de Saint-Gildas-de-Rhuys, tendo de deixar o oratório que houvera construído e partir para a nova função. De acordo com os apontamentos de Estêvão (2015), no ano seguinte, Abelardo viria a doar o lugar para Heloísa, que, como priora de Argenteuil, fora expulsa do monastério com suas monjas, não tendo a quem recorrer senão a seu esposo em matrimônio e em Cristo. A partir de então, ele se tornaria o dirigente espiritual das religiosas, sendo-lhes pregador e escritor de hinos e regras sacras, e por elas sendo considerado em elevado respeito e afeto. Heloísa foi, assim, abadessa do Convento do Paracleto enquanto viveu, sendo aconselhada quanto à devoção religiosa por Abelardo até que este viesse a adoecer e, conseqüentemente, morrer.

No mosteiro, tentaram matá-lo ao envenenar o vinho que beberia na ceia de celebração da missa e, em outra situação, quando visitava um irmão na fé, intoxicaram sua comida, a qual se absteve por estar jejuando, mas que vitimou a um outro monge, que a ingeriu ingenuamente. (MARQUES, 2016). Nessa época de sua vida, em torno de 1132, escreveu **História das minhas calamidades**, registrando tudo pelo que já havia passado até o momento e o sofrimento que ainda carregava, dedicando

⁸⁵ Nome bíblico para o Espírito Santo. Atualmente, existe apenas uma cripta onde fora construída a abadia, na qual estavam enterrados Abelardo e Heloísa até 1792, quando seus restos mortais foram transferidos para a igreja de Nogent-sur-Seine.

seus últimos anos de vida à devoção, ao que registrou, quando refletiu sobre suas desolações:

[...] esforcemo-nos então para suportar os golpes da fortuna com tanto maior serenidade quanto mais serão injustos. Não duvidemos de que, se não aumentam nossos méritos, contribuem ao menos por alguma expiação. [...] Nada acontece por acaso sem a permissão da Bondade todo-poderosa: esse pensamento deve bastar para consolar o fiel em suas provações. (ZUMTHOR, 2000, p. 87-88)

Sua piedade e esmero religiosos marcaram evidentemente seus anos de vida, a partir do momento em que se entregou à conduta monástica. Enclausurado, pouco teve contato com o filho e renunciou a seu amor pela esposa, acreditando que a mutilação foi permitida por Deus como forma de o expiar de sua arrogância, salvando sua alma. Sua castração fora, sem dúvidas, um divisor de águas: mais do que seu amor por sua esposa, sua fé à divindade levou, definitivamente, à grande entrega de sua alma, à grande abdicação da vida material a que tinha acesso e a qual abriu mão pela crença no imaterial – tanto como condenação quanto como salvação.

Durante o tempo de sua vida, como filósofo e orador, ou como abade e pregador, Pedro Abelardo foi invejado, perseguido, injuriado, ferido, mutilado – tanto por seus mestres da juventude quanto por seus colegas monges. Não obstante, e sendo justamente essa a causa de suas desditas e de seus impugnadores, foi admirado, elogiado, seguido, amado e desejado, até o dia de sua morte, em 21 de abril de 1142.

4.2 "Em nome de Deus"

Esta seção é dedicada à biografia de Heloísa de Argenteuil (1090-1164) e se encontra organizada em quatro etapas.

Figura 7 – O voto de Heloísa, de Pedro Américo



Fonte: <http://bit.ly/2IxIqzV>

4.2.1 Os passos de uma jovem questionadora

A sobrinha do cônego Fulberto nasceu no ano de 1101. Como a vida de uma mulher, no período medieval, trazia um valor inferior em relação ao homem, sendo, portanto, de ínfimo interesse histórico e social, a trajetória de Heloísa encontra-se registrada, em sua essência, pelas palavras do próprio Pedro Abelardo, em sua autobiografia **História das minhas calamidades**. Ainda, a produção cinematográfica **Em nome de Deus** (1988), de Clive Donner, buscou apresentar momentos da biografia dessa consagrada personagem que não estariam nos registros do filósofo, sendo trazidos, portanto, de suposições erguidas por estudiosos e, ainda, de anotações históricas de cronistas do período, que as fizeram segundo os acontecimentos políticos.

Durante a Idade Média, o agente ideológico social de maior valimento era a Igreja Católica Romana, que utilizava de seu predomínio sobre a mentalidade da população, completamente induzida por sua fé. Orientados pelo *Direito Canônico*⁸⁶, os bispos guiavam o modo de pensar e agir da sociedade, preservando a arte, a escrita e a cultura latinas que

⁸⁶ Conjunto de regulamentos legais para a ordem cristã, a fim de apontar o modo como os membros da Igreja Católica Romana deveriam se comportar e pensar. Instaurado pelos líderes religiosos, tornou-se a lei eclesiástica interna a reger a instituição.

se alinhavam aos preceitos religiosos. (LABARGE, 1988). Esses representantes religiosos eram tomados em alta conta, sendo consagrados como modelo masculino de santidade e, portanto, validados em suas declarações e julgamentos.

Quanto à instrução educacional, não era comum que as famílias se preocupassem com as mulheres, que recebiam como formação a orientação quanto às regras a respeito do comportamento da vida privada e social, bem como os conselhos de suas futuras responsabilidades quanto ao casamento e aos filhos, pois deveriam ser mães zelosas, exercendo seu papel de educadoras na moral e na fé. Porém, se fossem nascidas em famílias abastadas, teriam responsabilidade social e, portanto, necessitariam de um certo nível de educação e cultura. Para essas, era direcionado o aprendizado da leitura e da escrita e o conhecimento da língua e da cultura greco-romanas, com aulas separadas das dos rapazes e em um formato particular. A Abadia de Argenteuil, onde Heloísa foi educada em sua mocidade, instruía as jovens nas sagradas escrituras, nas letras, no grego e no hebraico, além de ensinar medicina e práticas cirúrgicas. (PERNOUD; GONÇALVES, 1992)

De uma família conceituada, Heloísa mostrou talento intelectual desde a tenra idade, destacando-se em gramática, astronomia e geometria. Clanchy (1997) aponta que Abelardo, quando começou a instruí-la como seu professor, registrou elogios em suas anotações, afirmando que a moça tinha o dom da escrita e da leitura superior, inclusive, a muitos homens. Em sua época, a jovem teve propagada sua reputação quanto à inteligência e à perspicácia elevadas, que eram altamente incomuns em mulheres.

4.2.2 O amor em letras, discussões e sensações

O encontro dela com o filósofo traz algumas construções lendárias, que procuram romancear para a paixão fantasiosa o que teria sido a primeira troca de olhares entre os dois. O filme **Em nome de Deus**, por exemplo, exhibe essa versão, não trazida nos registros do filósofo em sua carta **História das minhas calamidades**. Ainda assim, importa

apresentá-la. De acordo com uma versão narrativa, a moça, que houvera escutado a respeito da inteligência aguçada e da superioridade oratória do popular professor, tinha curiosidade sobre a composição de sua figura. Certo dia, ao passear pelas ruas com sua criada, Heloísa apercebeu-se de um aglomerado de jovens reunidos na praça, a ouvir alguém, e aproximou-se com curiosidade. Nesse instante, um forte e inesperado vento tirou-lhe o chapéu e depositou-o aos pés do orador, que o pegou e aproximou-se da jovem para devolvê-lo, quedando sobre ela um olhar de encantada admiração. Era Pedro Abelardo. Ela o fitou com igual interesse e, entendendo de quem se tratava, recolocou o chapéu, prestou-lhe reverência e voltou para sua casa.

Quando o filósofo conseguiu, junto a Fulberto, a autorização para residir em sua casa e ensinar-lhe a sobrinha, a jovem já lhe voltava um grande interesse e, por isso, facilmente deixou-se seduzir. A paixão pelo professor, vinte e dois anos mais velho, nasceu rapidamente e com incontrolável intensidade, e consumava-se pelas madrugadas, quando o cônego dormia e de nada suspeitava, já que tinha em alta conta a fama venerável de Abelardo e o comportamento irrepreensível da moça. O impróprio caso amoroso entre eles durou meses, chegando a interferir nas aulas que o professor ministrava, devido às vigílias noturnas que passava em companhia de Heloísa e, portanto, privando sua dedicação aos estudos e à exposição do conhecimento com maestria. (ZUMTHOR, 2000)

A descoberta de Fulberto trouxe grande constrangimento à moça, que tinha a obrigação, para com os preceitos na época impostos, de primar por sua honra e respeitabilidade, ademais porque o escândalo seria agravado diante de sua gravidez. Por tal razão, aceitou retirar-se para a casa de Denyse, a irmã de Abelardo, onde ficou até o nascimento de seu filho, a quem batizou com o nome de Astrolábio. A visita do filósofo, que tinha por intuito precípua vê-la e conhecer o filho, veio acompanhada da notícia de que se casariam, a fim de apaziguar a cólera do cônego e formalizar a indulgência do casal diante da moralidade dos princípios religiosos e sociais. Mas a isso, inusitadamente, Heloísa recusou-se com veemência, apontando justificativas que considerava contundentes, posto que impróprias se avaliadas sob a perspectiva da

honra de uma moça de família conceituada. De acordo com o registro do filósofo, tais foram:

Ela jurava que nenhuma satisfação acalmaria seu tio. [...] Que glória poderia eu tirar, perguntava-me ela, de um passo tão pouco glorioso, tão humilhante tanto para ela quanto para mim? Que expiação o mundo não se veria no direito de exigir dela, que lhe roubava um luminar tão grande? Que maldições tal casamento não suscitaria, que prejuízo não acarretaria para a Igreja, que lágrimas não custariam aos filósofos! Que indecência, que miséria me ver, a mim, um homem formado pela natureza para o bem da criação inteira, escravizado ao jugo vergonhoso de uma única mulher! (ZUMTHOR, 2000, p. 44-45)

Consoante a averiguação da jovem, era-lhe necessário repelir a proposta matrimonial por ser esta uma constatação ignóbil para a carreira de seu amado. Chegou, inclusive, a citar textos bíblicos em que o apóstolo Paulo exorta aos seguidores de Cristo a evitarem o casamento⁸⁷, além de escritos de filósofos⁸⁸ que ensinam a respeito da questão, em concordância à vida celibatária de santos. Além das justificativas com citações conceituadas em conhecimento e fé, busca persuadi-lo por meio de argumentos que lhe levem à reflexão, apontando-lhe o quanto as exigências de uma vida familiar lesariam sua carreira de estudioso e professor. Segundo Heloísa, por todos os motivos arrolados, ainda acrescia o fato de preferir ser amante a esposa, porque, além de a situação se suster mais honrosa ao filósofo, havia a razão de se mostrar mais sólida para ela, tendo em vista que provaria que a ligação entre ambos era afetiva e terna, ao contrário de existir por uma imposição nupcial.

Todavia, apesar da declarada contrariedade da jovem, casaram-se em Paris. O que, todavia, não trouxe alívio para Fulberto, já que continuaram a viver separados e negavam publicamente o enlace, encontrando-se às escondidas como se fossem amantes. Quando soube do crime cometido pelo tio a seu esposo, Heloísa sentiu-se abater fortemente, desesperando-se diante da dor e da humilhação pública a que

⁸⁷ Uma dessas referências encontra-se na Bíblia Sagrada, livro de 1ª Coríntios 7:1-9.

⁸⁸ Heloísa usa, entre outras citações, as exortações feitas por São Jerônimo (347-420) em uma de suas obras, chamada *Adversus Jovinianus*, escrita em 393, cujo teor central foi condenar a declaração feita pelo monge Joviniano (340-400), que afirmou ser o casamento tão digno quanto a virgindade.

seu esposo estava submetido. O cônego recebeu castigo régio pelo delito atroz, perdendo propriedades, e foi réu do repúdio e da objurgação clerical e popular. (EM NOME DE DEUS, 1988).

4.2.3 A vida da priora e a morte do abade

Heloísa recebe o hábito no monastério de Santa Maria de Argenteuil, aos vinte e dois anos de idade, deixando o filho Astrolábio aos cuidados de sua cunhada Denyse, que o criou até chegar à vida adulta. Os encontros entre mãe e filho foram raros, tendo em vista a condição dela quanto a uma vida reclusa, porém, quando aconteciam, eram mergulhados na emoção e na lamentação. Apesar de não haver abraçado à natureza celibatária por vocação, a jovem dedicou-se à religiosidade com afinco e aplicado desvelo, o que lhe promoveu no lugar a cargos superiores no decorrer dos anos.

Além das cartas de exposição sentimental, que são objeto de análise desta tese, Heloísa também dirigiu ao esposo perguntas teológicas de nível aprofundado e complexo, as quais foram recolhidas e organizadas posteriormente, e que receberam o nome de *Problemata Heloissae*⁸⁹, compondo uma coleção de quarenta e duas questões, acompanhadas das respostas que ela mesma propunha. Segundo Marques (2016), o nível erudito e filosófico, tanto das interpelações quanto das resoluções sugeridas, acentua de modo a testificar a elevada erudição da jovem, incomum e de excessivo grau de doutrina e de elucidação até mesmo para um homem de sua época.

No ano de 1129, quando Abelardo era já abade de Saint-Gildas-de-Rhuis, Heloísa, teve sua abadia reclamada pelo poderoso abade de São Dionísio, expulsando as religiosas do lugar e deixando-as, integralmente, sem abrigo. Estêvão (2015) registra que, ao pedir ajuda ao esposo, a priora foi prontamente socorrida e dele recebeu por morada o Convento do Paráclito, sendo, para ela, o lar definitivo, já que o Papa Inocêncio II, com consentimento e ingerência do bispo da diocese, confirmou como propriedade permanente para as monjas.

⁸⁹ Do latim, traduz-se como *Problemas de Heloísa*.

Por insistência das religiosas, Abelardo passou a visitá-las com frequência, além de colaborar como pregador e conselheiro. Todavia, difamações começaram a se erguer, acusando o casal de atos de devassidão e sacrilégio, o que levou o abade a se afastar do lugar, a fim de não manchar a virtuosa reputação que a esposa houvera construído como religiosa e priora. Todavia, Heloísa não se agradou de seu apartamento, angustiando-se ainda mais quando lhe caiu em mãos **História das minhas calamidades**, a qual lê com perturbada comoção e, abalada e apreensiva diante das revelações das quais não tivera conhecimento, decide começar a lhe escrever correspondências. (ZUMTHOR, 2000).

Abatido emocionalmente e destituído fisicamente, por conta das perseguições que ainda sofria, Pedro Abelardo morre no ano de 1142, no monastério de Cluny, tendo seu corpo recolhido pelo próprio filho, Astrolábio. Heloísa se entregara à vida de claustro a pedido do esposo e foi sustentada em todo esse tempo pelo amor que lhe devotava, escorando sua renúncia à liberdade com o sentimento inabalável que lhe devotava e aprisionava. Consagrando-se sem fé genuína, “[...] a solidão de seu amor encerra-se sobre o altar de um Deus que ela não quis. Ela encontrou seu Obstáculo, e sua Espera, contra sua vontade, ela deu forma a seu desejo.” (ZUMTHOR, 2000, p. 14).

4.2.4 Existência marcada por dissabores, perdas e descrenças

A produção **Em nome de Deus** (1988) apresenta que a priora viveu ainda vinte e dois anos, firmando-se em sua afeição pelo esposo e sustentada pela lembrança que dele carregava junto a si. O símbolo físico que trazia desse apreço seria uma pena de pássaro que encontrara em uma das noites que passaram juntos, ainda como amantes ilegítimos na casa de Fulberto. Desde então, a moça carregara o pequeno atributo, como marca da emoção que a unia ao filósofo, tendo-o junto a si no exato momento em que morreu e, ainda, recusando-se a segurar um crucifixo como indício de fé. Ao ostentar o signo de sua ligação carnal com Abelardo e enjeitar a representação sacra da devoção que sustentara por

tantos anos, Heloísa explicitou o sentimento que realmente a guiou por todo esse tempo, revelando que renunciara ao contato carnal, todavia, não ao sentimento que o conduziu.

Perto de morrer, solicitou às monjas que fosse enterrada na mesma sepultura de Abelardo. Conforme lendas que se propagaram popularmente, no momento em que abriram a tumba do filósofo para depor o corpo de sua esposa, seu cadáver se encontrava de braços abertos, como que para recebê-la. (ESTÊVÃO, 2015). No ano de 1817, os restos mortais dos amantes foi trasladado para o cemitério do Padre Lachaise⁹⁰, onde se encontra até o momento⁹¹.

No decurso de sua vida, como adolescente de demasiada instrução e arguta curiosidade, ou como monja e priora respeitada, Heloísa pode ser amante e amada pelo único homem que teve, todavia, ainda que por ele fora constrangida a abraçar uma fé que não sustentava com devoção. A abdicação da liberdade levou-a para longe não somente de seu esposo, mas, também, de seu filho. Sua vida, com poucos sabores e inumeráveis dissabores, foi marcada, ainda, por uma inteligência incomum e uma composição argumentativa que a alçou como mulher à frente de sua época, por verificar e se opor a valores que a amarravam e submetiam a princípios que abusavam em poder moralizante e em interrupção de pensamento reflexivo. Por resultado à sua conduta, pereceu sob o infortúnio da separação, do claustro e do isolamento, e, apesar de escritora e erudita, ficou marcada na história, em realce, por sua paixão e por suas correspondências com Pedro Abelardo, a quem amou até o dia de sua morte, em 16 de maio de 1164.

4.3 "Perdoe-nos, Pai, por nos termos amado"⁹²

Os documentos principais selecionados para análise linguístico-discursiva são quatro correspondências trocadas entre Pedro Abelardo e Heloísa, durante o tempo em que ele se ausentou do Convento do

⁹⁰ Maior cemitério de Paris, onde também estão os restos mortais de tantas outras personalidades.

⁹¹ Ano de defesa da presente tese, a saber, 2019.

⁹² No filme **Em nome de Deus**, essa frase é atribuída a Pedro Abelardo.

Paraclito, em razão das calúnias que se dissipavam a respeito dos dois. Essas cartas rompem o período de silêncio devoto que distanciava os dois e, apesar de ainda se encontrarem afastados fisicamente, aproxima-os emocionalmente, por fender o muro de silêncio que a renúncia construía quando fizeram os votos de celibato. Foi Heloísa quem redigiu a primeira, logo após haver lido **História das minhas calamidades** – que, na verdade, era uma carta ao abade Pierre le Vénéable, e não a ela – e entender as tribulações pelas quais seu esposo ainda passava, a despeito da vida de reclusão e penitência.

A respeito dos textos confidenciais trocados, Vasconcellos (2003) aponta que

[...] embora escritas a dois, possuem uma sólida coerência interna. Há um fio condutor que atravessa estes textos centrando-se na articulação entre um desejo-paixão vivo e ainda latente e uma escrita-paixão, sendo ambos fonte de prazer igualmente procurada pelos próprios intervenientes. (VASCONCELLOS, 2003, p. 259)

A historiadora avalia que a linguagem, para o casal, tornou-se a expressão de seu sentimento, ao invés de ser o véu da realidade que os enclausurava. O famoso mestre apaixonara-se por sua aluna, a única mulher que conseguiria estar à elevação de sua competência intelectual, de sua apreensão cultural, sentindo-se atraído pela curiosidade inteligente e pela formosura juvenil da moça e, por isso, tendo seu desejo gratificado em duas condições: a intelectual e a amorosa.

Considerando que tais missivas carreguem as razões que levaram o casal à renúncia amorosa, bem como os infortúnios acarretados por essa decisão, começemos, então, a análise de trechos desses textos. Os excertos selecionados têm o propósito de concorrer para a conclusão dessa pesquisa, de modo a interpretar a carga ideológica que os registros identitários transportam, tanto na escolha vocabular, quanto na construção sintática e na composição retórica.

Para uma organização avaliativa, serão nomeadas de acordo com seu emissor: *CARTA H* (carta de Heloísa a Abelardo) e *CARTA A* (carta de Abelardo a Heloísa)

4.3.1 *Conhecimento como marca identitária*

A vida de Aberlado e Heloísa foi marcada, também, por um eixo comum: a busca ao conhecimento. Cada um, em sua configuração social, destacou-se pela prestância que caracterizava a erudição ostentada e constantemente acrescida em leituras, pesquisas e conferências – ainda que estas fossem um com o outro.

Apreciemos o seguinte excerto:

(1) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)

“Numa passagem das Cartas a Lucilius, Sêneca analisa a alegria que se experimenta ao receber uma carta de um amigo ausente. ‘Eu vos agradeço’, diz ele, ‘por me escreverdes tão frequentemente. Assim vos mostrais a mim da única forma que vos é possível.’. (ZUMTHOR, 2000, p. 91)

Ao citar Lúcio Aneu Sêneca⁹³, Heloísa registra uma das marcas usuais de sua expressão escrita: sua formação erudita. A obra literária e filosófica do escritor romano é composta por física e lógica, com retórica, declamatória, frases concluintes epigramáticas e abusivo emprego de metáforas, o que explicita que o leitor necessita de um elevado conhecimento nos assuntos apontados. Como admitiu em suas **Calamidades**, Abelardo encantou-se, fortemente, pelo conhecimento que a jovem acumulava e que destoava daquele que comumente ataviava as mulheres daquele momento histórico (CLANCHY, 1997), reforçando a avaliação de Zanello (2018) no que condiz ao comportamento previamente instituído socialmente.

Ela era bastante bonita e a extensão de sua cultura tornava-a uma mulher excepcional. Os conhecimentos literários são tão raros entre as pessoas de seu sexo que ela exercia uma atração irresistível, e sua fama já corria pelo reino. Eu a via assim ornada de todos os encantos que atraem os amantes. (ZUMTHOR, 2000, p. 39)

A psicóloga Valeska Zanello avalia essa rotulação quando afirma que a “própria compreensão binária do sexo já é uma leitura de

⁹³ (4 a.C.-65 d.C) Filósofo, advogado e escritor do Império Romano.

gênero, histórica e culturalmente localizada, cujos efeitos se fazem sentir na própria construção da corporeidade vivida e de suas performances” (ZANELLO, 2018, p. 29). A contradição ao previsível, fora, justamente, o que mais atraiu a cobiça desejosa do filósofo, já que, apesar de muito bela, Heloísa não era dona de um apanágio físico que chamasse atenção tanto quanto seu conhecimento, como ele mesmo registrou.

4.3.2 O domínio ideológico da crença religiosa

Ainda que estudiosa dos filósofos e tipificada por uma educação de inteligência superior, Heloísa era construída de uma formação identitária de sua época, moldada pelos princípios propagados em formato ideológico na composição cultural. Por isso, ainda que possuísse uma formação intelectual em categoria maior, trazia influências dos princípios que imperavam em seu momento histórico, como pode ser constatado no excerto seguinte:

- (2) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)
“As mulheres não poderão então jamais conduzir os grandes homens senão à ruína! Eis por que sem dúvida o livro de Provérbios põe em guarda contra elas [...] E no Eclesiastes [...]. Já a primeira mulher, no jardim do Éden, seduziu o primeiro homem: criada pelo Senhor para lhe trazer assistência, ela foi sua perda. Sansão [...] foi vencido apenas por Dalila [...]. Salomão, o sábio dos sábios, desviado do caminho da virtude pela mulher a quem se havia unido [...]. O santo Jó sofreu, da parte de sua mulher, o último e mais grave ultraje [...]. O manhoso Tentador, instruído por tantas experiências, bem sabia que a esposa de um homem é o instrumento mais dócil de sua ruína.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 116-117).

As inúmeras citações bíblicas que Heloísa fez na segunda correspondência que remeteu ao esposo são mais do que o registro de um conhecimento aprofundado a respeito das escrituras sagradas: são o ressaltado de uma identidade que se forma como produto de uma época social. Kerbrat-Orecchioni (1996) afirma que crenças e valores regulam a construção comportamental do indivíduo, já que ele é um componente social, explicitando que o contexto é constituído por uma agregação de

episódios abstratos que, por sua vez, serão incorporados como modelos cognitivos. Segundo a linguista, um registro discursivo não é somente um enquadre referencial, afinal, foi modelado pelas circunstâncias e não somente criado por elas, podendo, ainda, interferir no contexto.

Para Wodak (2001), as questões de poder delineiam a ADC, contribuindo para a definição de seus componentes, avaliando a conformidade entre linguagem e as inúmeras situações sociais que ela representa. O entrelaçamento da comunicação com os inúmeros modos de prestígio explicita-se no discurso, que constitui as relações sociais, as identidades, os sistemas de conhecimento e de crenças, abrindo-se para diferentes significados: acionais, representacionais, identificacionais. (FAIRCLOUGH, 1989).

Quando afirma que a união a uma mulher teria como único resultado encaminhar o homem à ruína, a priorosa traz em seu discurso o significado identificacional, registrando que sua existência estava permeada pelas numerosas ideias de condenação trazidas pela religião, ainda que dela não fosse devota convicta. Voltado ao alicerce da ética e da moral, esse significado salienta a relação que o indivíduo tem consigo diante das identidades que o constituem. Mulher medieval, cuja época era marcada pelo domínio irrefutável do catolicismo, ainda que houvesse sido formada pela erudição e possuísse um espírito questionador, Heloísa estava sujeita às concepções que concebeu a sociedade da qual fazia parte, conforme é possível se confirmar na conclusão que fez logo após as citações bíblicas:

(3) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)

“[...] os numerosos pecados que cometi antes da nossa infelicidade me proíbem de me crer completamente inocente. Durante muito tempo submissa às volúpias carnis, mereci o que sofro hoje; meu sofrimento é a justa consequência de minhas faltas passadas. Nada termina mal que não tenha sido mau desde o início.”.
(ZUMTHOR, 2000, p. 117).

Heloísa encontra-se relacionada a seu modo de escrever, registrando a assimilação que seu estilo certifica, pois a identificação presente em suas construções expressivas está associada às relações

construídas dentro de si, enquanto pessoa reflexiva, carregada de concepções éticas e com uma definição particular de juízos morais. (FAIRCLOUGH, 2003). Sua experiência de escrita, nessa situação de dor e desolamento, é interpretada pelo significado identificacional, pois sua ação de penejo foi forjada pela disposição particular aos eventos sociais que a circundavam, promovidos pelo ideário religioso.

Ainda que seu conhecimento filosófico lhe tenha incomodado e promovido indagações e refutações ceticistas às apregoações misógenas das quais era vítima, sua condição carregava-lhe para a admissão da efetivação da doutrina de fé sobre os mortais, afinal, estava em um convento, obrigada a ali permanecer pelos votos que proferira, ainda que não tenham sido honestos. Assim, o resultado no qual via sua existência acabava por promover os credos dogmáticos e, com ele, sua condenação pelo pecado, ao assumir que está sendo punida pelas transgressões que cometera outrora, ou seja, ter se entregado carnalmente a Abelardo.

Já o filósofo, em resposta à primeira carta da esposa, faz as seguintes afirmações:

- (4) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)
“Está escrito nos Provérbios: ‘A mulher diligente é uma coroa para seu marido.’. E em outra parte: ‘Aquele que encontrou uma mulher virtuosa encontrou o bem verdadeiro e recebeu do Senhor uma fonte [...]’. No Eclesiastes: ‘Feliz o marido de uma mulher de bem.’. [...] Finalmente, a autoridade dos apóstolos nos atesta [...]”. (ZUMTHOR, 2000, p. 106-107).

Pedro Abelardo responde à Heloísa com inúmeras citações bíblicas, em consonância ao referencial utilizado por esta para se condenar. Todavia, ao invés de respaldar as acusações às quais a priorisa se submeteu, incriminando-se de acordo com os dogmas da fé, arrazoou com outros versículos, ainda que oriundos dos mesmos livros aos quais ela se embasou. De acordo com os estudos de RC, os fenômenos sociais não devem ser dimensionados, tendo em vista sua relevância e necessidade de compreensão aprofundada. Conforme acentua Barros (2015), todo significado arrogará uma interpretação do analista, que o elucidará com o intento de assimilar as relações entre os registros.

A proposta de Bakhtin (1997), em sua concepção sociointeracionista, aponta para a percepção do discurso enquanto reprodução de outros discursos, justamente porque o indivíduo é o construto social de uma cultura. Os extratos (2), (3) e (4) revelam justamente o que o pesquisador apresentou: a relação entre a sociedade e a linguagem é inerente a toda atividade humana e, portanto, manifesta os domínios ideológicos por meio de enunciados que, na verdade, vêm a ser o produto do diálogo que se fizera entre a reflexão privada e a influência do meio. Os discursos registrados nas cartas dos amantes estão carregados das ideias que os sentimentos e as intenções estabeleceram em união à interação social, convertendo-se, então, em ecos de manifestações enunciativas distintas (BAKHTIN, 1997), a saber, nos extratos analisados, a crença religiosa, representada pelos escritos sagrados.

O filósofo, que trazia o intento de apaziguar a aflição explicitamente colocada pela amada, que se responsabilizava pelas provações amargas vividas por ele, fez uso da mesma fonte teórica de dogma e fé que os embasava em suas funções sacerdotais, como forma de a colocar em reflexão e reanálise das imputações feitas. Mais do que se assentar nos eventos regulares, como o seria julgar um comportamento pelo viés doutrinário, o abade recorre à assimilação das justificativas aos fenômenos e interpreta seus significados em outra perspectiva, ainda que a de sua esposa fosse possível. (BARROS, 2015).

Com o desígnio de trazer para si a culpa e inocentar Heloísa de qualquer transgressão, ele permanece no propósito de a libertar de qualquer reprovação que houvera imputado sobre si, tirando-a do papel de mulher submissa por carregar o pecado em sua natureza (DURANT, 1955) e absolvendo-a em sua posição de vítima. Avaliemos tal comportamento registrado nos extratos seguintes, em que ele busca convencê-la:

(5) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)

“A vergonha traição da qual me tornei culpado para com teu tio, na casa em que vivia como familiar, quando, impudentemente, te seduzi? Quem então ousaria achar

injusto que eu tenha sido traído por minha vez por aquele a quem, primeiro, traí afrontosamente? [...]. Certamente, se não me engano, meus pecados terão sido menos expiados por um ferimento tão salutar que por minhas provações atuais.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 138).

(6) **CARTA A** (carta de Abelardo a Heloísa)

“Tu sabes a que torpezas minha concupiscência desenfreada havia levado nossos corpos. Nem o pudor, nem o respeito de Deus me arrancavam, mesmo durante a Semana Santa, mesmo no dia das maiores solenidades religiosas, do lamaçal em que eu rolava. Te recusavas, tu resistias com todas as tuas forças, tu tentavas a persuasão. Mas, aproveitando-me da fraqueza de teu sexo, eu forcei mais de uma vez teu consentimento, através de ameaças e de golpes.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 140).

(7) **CARTA A** (carta de Abelardo a Heloísa)

“Deplora a iniquidade tão cruel cometida para com sua inocência, e não a justa vingança que me atingiu e foi para ambos, eu o repito, a maior das graças.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 147).

Em sua segunda correspondência à esposa, o filósofo busca persuadi-la a três convicções que traz registradas em seu texto: que fora ele o violador da pureza da jovem, ao seduzi-la em sua inocência; que houvera traído a Fulberto quando tramou meios de entrar em sua casa e, vivendo como um familiar, semeou em seu lar o vexame e a desonra; e que o sofrimento a qual estava sendo submetido era leve diante da transgressão que cometera. Por haver sido previamente planejado (ZUMTHOR, 2000, p. 40), o crime de demérito à honra do cônego deveria ter sido carregado de um corretivo maior, mas a benevolência de Deus obstruiu a pena adequada à gravidade do delito.

Todavia, ao invés de postular à amada a mácula de infratora que Crisóstomo abertamente assacava às mulheres (DURANT, 1955), Abelardo justificou-a por meio de suas concepções ideológicas, “amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 2008, p. 4), afirmando que a jovem se submeteu a ele por pertencer ao sexo frágil.

Observemos em outro excerto o que ele vem a declarar a respeito do papel de Heloísa em sua vida de fé:

(8) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)

Deixa de te lamentares de teres sido a causa de um bem tão grande: não tens o direito de duvidar de que Deus tinha te criado para sesse fim! Não chores mais pela minha provação, ou chora então pelos sofrimentos de todos os mártires ou pela morte de Nosso Senhor.”.
(ZUMTHOR, 2000, p. 137)

Embasado nas escrituras que tomou como referência de vida e conduta, o filósofo afirma que Heloísa fora usada por Deus para o levar a uma vida de piedade. Dessa forma, ao invés de marcá-la como aquela que empurrou o homem ao pecado⁹⁴, em herança de gênero à primeira dentre todas, o monge decreta ter sido a moça a culpada por sua redenção, o que a identifica com a mãe do Criador⁹⁵.

As crenças de Abelardo a respeito do gênero reafirmam que a cultura seja a composição de uma teia de valores e, por isso, deva ser analisada em seu contexto de formação, todavia, não como uma ciência experimental que almeja se fundamentar em leis, mas, antes, como uma ciência interpretativa, que esquadrinha significados. (GEERTZ, 2008). Por sua formação ideológica, o filósofo sustentava que a mulher seria, na verdade, não o centro do pecado e da perdição do homem, mas, sim, sua auxiliadora⁹⁶, a parte frágil, e que por isso deveria ser por ele governada⁹⁷.

Essas concepções trazem afirmação na crença religiosa, que carrega uma integração de compostos fundamentados na cultura e na convicção, compondo signos que vinculem a humanidade à espiritualidade ao apresentar dogmas comportamentais, de fundamentação moral e ética. (MARQUES, 2005). Tais princípios possuem influência doutrinária e regulamentam um estilo de vida, o que Marques (2005) classifica como sendo uma motivação moldada em

⁹⁴ Bíblia Sagrada, livro de Gênesis, 3:1-6.

⁹⁵ Bíblia Sagrada, evangelho de Lucas, 1:26-30.

⁹⁶ Bíblia Sagrada, livro de Gênesis, 2:18.

⁹⁷ Bíblia Sagrada, livro de Gênesis, 3:16.

subjugação irrefletida, apesar de arbitrária, a uma verdade supostamente superior, irrefutável e desobrigada de justificativas racionais. A crença religiosa, apesar de fundamentada no imaterial, apresenta apontamentos às ocorrências ainda não elucidadas pela ciência, o que explica o uso de suas doutrinas por um filósofo de elevada instrução, como o foi Pedro Abelardo.

Analisemos, ainda, essa crença marcada nos extratos seguintes, quando o monge avalia o ato inconcesso e agressivo de Fulberto:

(9) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)

“A indigna traição cometida por teu tio foi, portanto, um efeito de justiça e de clemência soberanas: diminuído dessa parte do meu corpo que era a sede dos desejos voluptuosos, a causa primeira de toda a concupiscência, pude crescer de todas as outras maneiras. Aquele de meus membros que sozinho pecara expiou na dor seus gozos pecaminosos: não foi tudo justiça? Tirado da abjeção onde eu mergulhava como no lodo, fui circuncidado de corpo e de espírito. Tornei-me assim mais apto ao serviço dos altares, pois que nenhum contágio carnal poderia agora me atingir e me manchar. Vê de que clemência fui objeto: não tive que sofrer senão no membro cuja privação serviria à salvação da minha alma; toda mutilação visível, que pudesse me ter prejudicado no desempenho dos meus deveres públicos, me foi poupada.” (ZUMTHOR, 2000, p. 140)

(10) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)

“A graça divina me purificou mais do que me mutilou, privando-me de um membro tão vil que a vergonha ligada à sua função lhe vale a apelação de ‘partes vergonhosas’, e que ninguém ousa designar por seu nome.” (ZUMTHOR, 2000, p. 141)

Ainda que as situações materiais registrem um fato em um determinado espaço e tempo sociais, a ideologia religiosa forma um conceito que pode estar distante desta e, todavia, encontrar-se emocionalmente enraizada no indivíduo, por se este fruto de suas próprias crenças e valores (LOPES, 2008). Abelardo, homem erudito e destacado dentre os demais por sua lucidez racional e reflexiva, justifica a atrocidade do cômico e o considera um agente da entidade divina, que agiria para resgatá-lo à santidade.

A ideologia religiosa, seguidamente presente nas cartas do monge, revela a autoridade contextual do discurso soberano da religiosidade, acentuando o poder que a imaterialidade reflete em intertextualidade nos pronunciamentos de seus fiéis. Quando cita, ao fim do extrato (9), a mutilação do membro pecaminoso, o filósofo se refere ao texto seguinte: “Fugi da fornicção. Todo pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que fornicca peca contra o próprio corpo.”⁹⁸ (BÍBLIA SAGRADA, 1993), bem como aos versículos:

Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é mister que venham escândalos, mas ai daquele homem por quem o escândalo vem! Portanto, se a tua mão ou o teu pé te escandalizar, corta-o, e atira-o para longe de ti; melhor te é entrar na vida coxo, ou aleijado, do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno. E, se o teu olho te escandalizar, arranca-o, e atira-o para longe de ti; melhor te é entrar na vida com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no fogo do inferno.⁹⁹ (BÍBLIA SAGRADA, 1993)

Os trechos bíblicos acima apontam para a ideologia de crença religiosa presente no discurso de Abelardo, na prática social de receber e transmitir conceitos pré-formulados, apontando que as funções ideacional e interpessoal dependem da ocorrência da função textual (FAIRCLOUGH, 2001), com as práticas discursivas e sociais estão marcadas pelos textos bíblicos sugestionados em sua argumentação.

O cônego Fulberto transfigura-se em anjo justiceiro, agindo sob o “efeito de justiça e de clemência soberanas” (ZUMTHOR, 2000, p. 140), pois o filósofo o qualifica como aquele que o livrou da parte do corpo que leva aos desejos libertinosos. Sendo a ideologia um sistema de crenças simbólicas relacionadas ao poder (THOMPSON, 1990), identifica-se que os registros de Abelardo validam o crime social como o ato que, de uma certa forma, acaba freando os impulsos humanos que o levavam ao que era incorreto, aos olhos dos seguidores dessa crença.

Para Marcondes (1997), o ser humano necessita conhecer as ideologias que embasam sua forma de pensar, para que escolha àquela

⁹⁸ Bíblia Sagrada, livro de 1 Coríntios, 6:18.

⁹⁹ Bíblia Sagrada, Evangelho de Mateus, 18:7-9.

que mais se identifica com seus anseios. Assim, as palavras do monge mostram que ele respeita e segue a fé que professam e, ainda segundo este pesquisador, a prática é a verdadeira reveladora ideológica, não o discurso por si só.

4.3.3 O gênero social enquanto identidade constituída

A figuração quanto ao gênero feminino, sustentada pelo casal – quer seja o de transgressora, quer seja o de singela –, é uma identidade debilmente erigida no tempo, uma “identidade instituída por uma repetição estilizada de atos” (BUTLER, 1990, p. 297). A autora ainda afirma que o conceito de identidade é resultado de um legado metafísico oriundo das concepções ocidentais, onde os valores se marcam pela composição física, existindo antes de nosso nascimento e permanecendo por meio de práticas sociais.

A afirmação de Abelardo quanto à fraqueza do sexo de Heloísa se repete, ainda, em sua segunda carta à esposa:

- (11) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)
“A bondade divina teve piedade da fraqueza do teu sexo, e, até certo ponto, isso também é justo. Com efeito, a natureza que te criou mais débil fisicamente te armou melhor contra a incontinência, e tua culpabilidade era menor.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 148).

O filósofo pondera que a piedade divina deveu-se ao fato de sua esposa ser mulher e, por tal razão, mais fraca às exposições pecaminosas, o que, de certo modo, embasa-se na ideologia religiosa quanto ao pecado haver entrado no mundo por meio de uma mulher, Eva, que não conseguiu recusar a oferta da serpente – que simbolizava o agente do mal¹⁰⁰. A esse respeito ainda analisa a pensadora, que chama tal justificativa de fé de “estratégia de sobrevivência”, sugerindo haver, em sua intenção indutiva, uma opressão social, com consequências punitivas aos impugnantes. Ser o sexo frágil atenua a ofensa, já que praticamente a destina a tais

¹⁰⁰ Bíblia Sagrada, livro de Gênesis, 3:1-6.

incoerências. Numa sociedade binária, “obrigar o corpo a conformar-se com uma ideia histórica de ‘mulher’ ou de ‘homem’ está” vinculado a apropriar-se do conceito relacional, que, por sua vez, revela as relações de poder, indicando maior ou menor prestígio e ligando-as a privilégios sociais. (BUTLER, 1990, p. 300). Ainda que afirme merecer maior punição, Abelardo atrela a isso sua supremacia em detrimento a Heloísa, simplesmente por conta de seu gênero, o que, portanto, atribui maior importância a seu suplício, justamente por carregar o privilégio social da superioridade de seu sexo.

A posição de inferiorização da priora também é confirmada por ela, na primeira correspondência que destina ao esposo após ler suas **Calamidades**. Avaliemos os excertos a seguir:

- (12) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)
“E não obstante sabes que laço nos prende e te obriga, e que o sacramento nupcial te une a mim, de uma maneira tanto mais estreita porquanto sempre te amei, diante do mundo, de um amor sem medida. [...] Tu só o deves a mim, pois cegamente cumpri todas as tuas vontades, a ponto de, não podendo me decidir a te opor a menor resistência, ter a coragem de me perder a mim mesma, sob tua ordem.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 94).
- (13) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)
“[...] no dia em que, para te obedecer, tomei o hábito e aceitei mudar de coração. Provei-te assim que reinas como único senhor tanto sobre minha alma como sobre meu corpo.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 95).
- (14) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)
“Somente uma ordem tua, e não sentimentos de piedade, me conduziram desde a primeira juventude aos rigores da vida monástica. Se com isso não adquiri um novo mérito junto a ti, julga da inutilidade de meu sacrifício! Eu não tenho a esperar recompensa divina, pois que não foi o amor de Deus que me guiou.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 99).

A submissão de Heloísa é declarada sem reservas em seus escritos confidenciais, chegando a possuir tom condenatório às decisões do filósofo, o que reafirma a valoração dele, bem como sua superioridade

diante da sociedade e, ainda, aos olhos conceituais da amada. Zanello nomeia a isso de “colonização afetiva” (ZANELLO, 2018, p. 47), em que a mulher é ensinada a se sacrificar pelo amado, sendo o silêncio o destaque dentre todos os tributos e o mais valioso preço a se pagar para a manutenção de uma relação entre cônjuges. As escrituras sagradas trazem essa orientação, quando o apóstolo Paulo ordena que “conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina”¹⁰¹.

Os apontamentos de Fairclough (2003) avaliam essa forma de se comportar, pois considera o evento como a associação do sujeito consigo, com o conhecimento e com as relações de poder manifestadas em outros sujeitos. As representações particulares da priorisa, registradas nos enunciados de seu discurso, desempenham as individualidades acionais e relacionais marcadas nas epístolas, além de assinalar seu estilo sentimental e confessional, típico desse gênero. A respeito da construção comunicativa em cartas, Bettiol (2016) dilucida que esse registro íntimo teve uma intenção sigilosa, embasada na descrição do destinatário enquanto futuro proprietário das informações confidenciais, ressaltando que as expressões apaixonadas e lastimosas de Heloísa buscavam atingir as emoções de Abelardo, alvo único de seu amor – como esclareceu constantemente.

Quando afirma, no extrato (12), haver obedecido ao esposo sem manifestação aberta de resistência, a priorisa afirma ter abraçado “a coragem de me perder a mim mesma, sob a tua ordem” (ZUMTHOR, 2000, p. 94). Seu registro discursivo vem, assim, explicitado quanto à renúncia que houvera feito: abdicou da liberdade, que a manteria junto ao filho, por exemplo, para fazer a vontade do esposo, no momento ferido fisicamente e moralmente diante da sociedade. Conforme o excerto (13) explicita, ela obrigou os sentimentos, o “coração” (ZUMTHOR, 2000, p. 95), a se submeterem à vontade daquele que elegera como seu senhor, a ponto de negar a superioridade do deus que sua fé instituíra como único objeto de servidão indubitável.

¹⁰¹ Bíblia Sagrada, livro de 1 Coríntios, 14:34.

O registro de Heloísa estabelece a correspondência cíclica de razão e consequência discutida por Fairclough (2003), já que suas ações e identidades refletiram-se em sua declaração plangente, mostrando a língua como atividade estruturante constituída para agir como condução sistêmica para as ações discursivas. As asserções da priorosa, carregadas de argumentos de valor, de citações eruditas e de explanações de sentimentos arrebatados, estão categoricamente justificadas por suas ações, vindo a ligar seu enunciado e sua cognição para que se tornem, então, aspectos resultantes de uma atividade discursiva (MARCUSCHI, 2008).

4.3.4 Servidão sentimental

Em seus escritos a Abelardo, Heloísa afirma que não teve poder de decisão, mas não simplesmente por ser mulher, e sim por estar resignada ao sentimento pelo esposo, esclarecendo-lhe que não agiu de modo a esperar a recompensa divina, já que procedeu em subserviência ao comando de Abelardo, em detrimento de um possível amor à entidade divina, no caso, Deus (ZUMTHOR, 2000, p. 99). Ainda que não tivesse o direito culturalmente constituído de se opor à decisão do filósofo, por conta do papel de autoridade que este carregava pelo matrimônio, Heloísa esclarece em seus registros que o obedeceu mais por servidão sentimental do que por sujeição social, evidenciando que seu papel de renúncia esteve constantemente resignado a realizar as vontades de seu amado, conforme reitera a passagens a seguir:

- (15) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)
“Louva-se minha castidade, porque se ignora a que ponto sou falsa. [...] Julgam-me piedosa, certamente; mas em nossos dias por uma grande parte, a religião não é senão hipocrisia, e faz-se uma reputação de santidade a quem não perturba os preconceitos do mundo.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 120).
- (16) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)
“Em todos os estados a que a vida me conduziu, Deus o sabe, foi a ti, mais do que a ele, que temi ofender; foi a ti, mais do que a ele, que procurei agradar. Foi

por tua ordem que tomei o hábito, não por vocação divina. Vê, então, que vida infeliz eu levo, miserável entre todas, arrastando um sacrifício sem valor e sem esperança de recompensa futura! Minha dissimulação te enganou muito tempo, como a todo o mundo, e tu chamavas piedade minha hipocrisia.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 121).

Na Idade Média, o casamento implicava um direito de posse do homem sobre a mulher com quem se unia conjugalmente, tendo essa prerrogativa a bênção e a corroboração da igreja (PERNOUD; GONÇALVES, 1992). Quando abraçou a vida eclesiástica, o casal apartou-se dos princípios matrimoniais para se resignar aos dogmas da religião, “casando-se”, então, com Deus, e somente a ele devendo obediência irrestrita. Diante disso, seria de se esperar que ambos servissem aos preceitos de fé em devoção e propósito definidos, o que as declarações da priora negam – “a religião não é senão hipocrisia” (ZUMTHOR, 2000, p. 120) e “tu chamavas piedade minha hipocrisia” (ZUMTHOR, 2000, p. 121) –, fazendo uso confessional ao filósofo, que fora, ainda, seu confessor e conselheiro na vida professa. Ao citar duas vezes a palavra “hipocrisia”, sendo ambas ocorrências a determinar termos dogmáticos da fé – religião e piedade –, a dissimulada devoção de Heloísa desnuda-se a Abelardo, ao que, segundo as palavras dela, parecia desconhecer: “Minha dissimulação te enganou muito tempo, como a todo o mundo[...]”. (ZUMTHOR, 2000, p. 121).

Ao abdicar de sua vida, a jovem o fez, como declarara, em nome do amor irrestrito que cultivava pelo esposo, agora castrado e decidido a se entregar à reclusão religiosa. Como não trazia fé suficiente para abraçar a religião, fê-lo em nome do sentimento ao material que houvera desfrutado, em favor das emoções que a dominavam em pensamento, em benefício do que mais decidiu honrar: seu amor por Pedro Abelardo. Permaneceu resoluta em sua decisão de atender ao pedido do filósofo de ser uma religiosa, já que assim permaneceu por vinte e dois anos, que foi a distância entre a morte dele e, após, a dela. Ainda que não viesse a ter direito a recompensas, como afirma no extrato (16), pois trazia a

consciência quanto a nada haver feito por Deus e, então, não alçar a vantagem da vida eterna prometida aos devotos.

A religião motiva a submissão ao imaterial, ao invisível, exigindo subordinação a crenças não pautadas na razão, todavia, capazes de convencer seus seguidores a respeito de episódios que se desenrolarão após a morte – os indivíduos não podem confirmar tais eventos, mas, também, não podem negá-los. Segundo Marques (2005), esse sistema de convicções, representadas em símbolos, são capazes de conectar o material – a humanidade – ao imaterial – Deus –, quando os preceitos determinados são respeitados e seguidos, já que se tratam de uma verdade considerada tão superior, que ultrapassa a razão e a compreensão humanas, sendo, então, impossível de completa explicação. Para Thompson (1990), os símbolos criados pela fé sustentam as relações de dominação, efetivando-se em contextos sociais constituídos em significação de poder, com circunstâncias que os reforçam, chegando a coibir seu exame ou reinterpretação.

Para o casal, cuja fé estava alicerçada nos preceitos do catolicismo, vigentes na época, o paraíso seria a recompensa dos santificados pelo arrependimento e pelas práticas de contrição e, por isso, a priora, no excerto (16), considera-se infeliz, já que entende, conforme os domas da religião, que não será recompensada no futuro, tendo em vista não estar no claustro pela fé. A hegemonia religiosa estabelecera-se em força e poder, propagando sua influência sobre os pensamentos humanos e dirigindo-os em ação, marcando as práticas sociais e moldando-os ideologicamente. Conforme esclarece Street (1984), a ideologia manifesta-se tanto da forma escrita quanto na forma verbalizada, o que, segundo Kilbourne e Pipher (2000), seria incitado pela repetição, que, por sua vez, promoveria emoções positivas por meio da incitação de imagens associativas e, conseqüentemente, sentimentos atrativos – no caso de nosso casal, a esperança de uma eternidade no céu.

Heloísa, então, estaria condenada em seus atos devocionais, os quais classificara de hipócritas, tendo em vista que seu estímulo único era o amor que nutria por um homem, a quem houvera se entregado em luxúria pecaminosa, sem perspectiva de qualquer recompensa: de acordo

com suas crenças, sua resignação em nada lhe traria retribuição – nem em vida, nem em morte. A renúncia feita pela jovem, então, dera-lhe como compensação singular o amor que guardava em sua alma, unido à certeza de que nada mais se sobreporia a ele e, assim, mantendo-se fiel ao único escopo que escolhera em vida: seu sentimento.

Por sua vez, Abelardo expressava, em palavras e ações, uma devoção sincera a Deus e aos dogmas a que, voluntariamente, sujeitara-se. Portanto, de sua parte, seus registros encontram-se permeados pela piedade que conservava, como é possível avaliar nos trechos seguintes, nos quais procura consolá-la:

(17) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)

“Feliz mudança do teu estado conjugal: outrora esposa de um ser miserável, foste elevada até o leito do Rei dos reis, e este privilégio honroso te colocou acima, não apenas do teu esposo humano, mas de todos os demais servidores desse Rei.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 126).

(18) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)

“É ele que te ama verdadeiramente, e não eu. Meu amor, que nos arrastou a ambos no pecado, chamemo-lo de concupiscência, não de amor. Eu aliviava em ti minhas miseráveis paixões: eis tudo o que eu amava!”. (ZUMTHOR, 2000, p. 147).

Enquanto Heloísa classificou seu amor como o único tomo de importância verdadeira em sua vida, o filósofo remeteu ao seu o juízo de infâmia e prática unicamente de propósito carnal, voltado à satisfação temporária do desejo masculino. As emoções, que tanto são manifestações carregadas de significados, quanto são sensações psicobiológicas, marcam-se como experiências mediadas por signos, manifestadas pelo corpo por meio das interações sociais, culturais e situacionais (LEAVITT, 1996, p. 526). Sendo experienciadas corporalmente, e não somente conhecidas em pensamentos, as emoções marcam ações e percepções corporais, o que, para Abelardo, passara a estar lesionado desde que fora ferido por Fulberto e, diferentemente da priorosa, não mais as possuía.

Em sua crença tão desesperadamente estreitada à sua angústia, o religioso chega a ignorar as afirmações da esposa na **CARTA 3**, quando ela lhe confessa sua dissimulação religiosa, lembrando-a, com extremada manifestação devota, do privilégio a que participava por ser uma monja e, assim, comprometida ao criador. A evidência de sua conversão é, ainda, assinalada na forma distinta em que registram destinatário/remetente e fecho em cada uma das correspondências.

Apontemos, primeiramente, as inscrições de recepção/emissão:

- (19) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)
 “Ao seu senhor, ou antes seu pai; a seu esposo, ou antes seu irmão; sua serva, ou antes sua filha; sua esposa, ou antes sua irmã; a Abelardo”. (ZUMTHOR, 2000, p. 89).
- (20) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)
 “A seu único depois do Cristo, seu único no Cristo.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 111).
- (21) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)
 “A Heloísa, sua irmã bem-amada em Cristo, Abelardo, seu irmão nEle.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 101).
- (22) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)
 “À esposa do Cristo, o servidor do Cristo.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 125).

Conforme observa Hall (2006, p. 7), o sujeito, constituído de várias identidades, termina por ser resultado de inúmeros infortúnios não resolvidos, já que as questões sociais internas estão em colapso com as externas, frutos de mudanças estruturais e institucionais. Os registros nas cartas são marcas identificacionais (FAIRCLOUGH, 1989) e, assim, revelam o reconhecimento de cada um com suas verdades guardadas e/ou reveladas: Heloísa permaneceu serva de seu amor pelo esposo, enquanto este transformou o seu, pela esposa, em devoção religiosa. A autoridade que ele, enquanto marido, pudesse ter sobre ela e ser-lhe, igualmente, objeto de desejo e afeição, passa a destinar ao deus de sua fé, entregando-a em sentimento de devoção, como um novo matrimônio.

Igual análise pode ser feita sobre os fechos. Vejamos:

- (23) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)
 “Termino com uma palavra esta longa carta: adeus, meu único.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 100).
- (24) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)
 “Vivei, mas, eu te imploro, lembrai-vos de mim no Cristo.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 110).
- (25) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)
 “Saudação no Cristo, esposa do Cristo. No Cristo, sê forte. Vive para o Cristo. Amém.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 89).

Começamos registrando que a priorisa não colocou fecho em sua segunda carta. Contudo, sua primeira esclarece o modo como identifica o esposo, o que coaduna com todas as confidências sentimentais que alista nas duas correspondências a ele remetidas, reforçando sua contundente e (por que não?) desesperada revelação registrada no excerto (16).

Por se firmarem como representações identificacionais das emoções, as sentenças revelam ou escondem os processos sentimentais que abarcamos. Segundo Ekman (2011), são as palavras que auxiliam o modo como lidamos com as sensações, que nos influenciam fisiologicamente e comportamentalmente. As locuções de Heloísa reafirmam sua devoção amorosa ao esposo e, as dele, as mudanças sofridas em seu modo de avaliar o amor, confirmando que sentir é um processo, uma forma determinada de interpretação impensada e induzida pelo passado particular e evoluído do sujeito (EKMAN, 2011). A mutilação provocou em Abelardo uma alteração fisiológica e, então, uma mudança no comportamento emocional, o que o influenciou a criar uma nova forma de bem-estar, porém, desta vez, imaterial e invisível.

Os termos vocabulares de ambos são também distintos quando classificam as experiências sexuais que viveram enquanto amantes, conforme os extratos epistolares, a seguir, averbam. Primeiramente, listemos o modo que Heloísa e elas se referem:

- (26) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)
 “Durante muito tempo submissa às volúpias carnis[...].” (ZUMTHOR, 2000, p. 117).

- (27) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)
 “Mas quão difícil é arrancar de seu coração o amor das mais doces volúpias[...]”. (ZUMTHOR, 2000, p. 118).
- (28) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)
 “Os prazeres amorosos que juntos experimentamos têm para mim tanta doçura [...] eles se apresentam a meus olhos e despertam os meus desejos. Sua ilusão não poupa meu sono. Até durante as solenidades da missa, em que a prece deveria ser mais pura ainda, imagens obscenas assaltam minha pobre alma [...] Longe de gemer as faltas que cometi, penso suspirando naquelas que não pude cometer.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 119).
- (29) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)
 “[...] eu ardo de todas as chamas que atizam em mim os ardores da carne, as de uma juventude ainda muito sensível ao prazer, e a experiência das mais deliciosas volúpias.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 120).
- (30) **CARTA H** (*carta de Heloísa a Abelardo*)
 “[...] Eu o recebo (elogio) e nele me deleito, cum um ardor igual a meu desejo de te agradar em tudo.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 122).

Evidenciando seu desejo carnal pelo filósofo, declara-o ainda intenso e pronto vivenciar seu amor em atos físicos. Conforme suas sentenças testificam, ela não se arrepende do desejo experienciado, mas, antes, de não mais o efetivar. A priorosa chega ao ponto de confessar, no extrato (28), que as cenas de amor ardente lhe tomam a mente até mesmo durante as missas, quando deveria se concentrar nos atos de contrição, confidência essa que se concilia com a revelação de falsa piedade feita no excerto (15).

Diferentemente, o monge, em sua devoção fervorosa e constantemente reiterada nas missivas, classifica os momentos de prazer carnal vividos com a amante com julgamento sacrílego condenatório:

- (31) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)
 “De que serve lembrar nossas antigas imundícies e as fornicções de que fizemos preceder o casamento?”. (ZUMTHOR, 2000, p. 138).

- (32) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)
“Tu sabes a que torpezas minha concupiscência desenfreada havia levado nossos corpos. [...] esses miseráveis e obscenos prazeres [...] essa parte do meu corpo que era a sede dos desejos voluptuosos, a causa primeira de toda a concupiscência[...]”. (ZUMTHOR, 2000, p. 140).
- (33) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)
“[...] fui liberto do jugo tão pesado da concupiscência.”. (ZUMTHOR, 2000, p. 141).
- (34) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)
“Meu amor, que nos arrastou a ambos ao pecado, chamemo-lo de concupiscência, não de amor. Eu aliviava em ti minhas miseráveis paixões [...]”. (ZUMTHOR, 2000, p. 147).
- (35) **CARTA A** (*carta de Abelardo a Heloísa*)
“[...] homens que, semelhantes a bestas, se abandonam à sua miserável vida sensual, está escrito que ‘os animais apodrecem sobre sua imundície’¹⁰².”. (ZUMTHOR, 2000, p. 149).

Abelardo foi confrontado por uma multiplicidade desconcertante de transformações, com as quais ele se obrigou a se sintonizar (HALL, 2006). Por mais que tenha avaliado as mudanças emocionais e sociais ocorridas como fruto de uma infração criminosa, permaneceu contundente em sua posição pautada pelos conceitos religiosos que abraçou. Sua relação de submissão à crença religiosa mostra-se fortemente impositiva em seus conceitos de mundo, intensificando sua posição interior, por mais que a situação exterior o coloque como vítima de uma vingança infame. Para Hall (2006, p. 13), “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. No caso do filósofo, essa “fantasia” torna-se sua base, sua bandeira, enfim, sua realidade, fazendo-o criminalizar, conforme os dogmas da fé, a relação de amor que vivera sentimentalmente com Heloísa.

¹⁰² Bíblia Sagrada, livro de Levítico, 15. Pedro Abelardo fez referência a esse capítulo do Antigo Testamento, em que Moisés anuncia as regras a respeito da relação sexual entre casados.

Nos extratos transcritos, distinguem-se as marcas identificacionais (FAIRCLOUGH, 1989), presentes no uso recorrente da palavra “concupiscência”, influenciada pela realidade a que passou a fazer parte – vida monástica – e na imaterialidade que passou a acreditar – fé. A rotulação corrompida e indecorosa a que submete a vida amorosa que tivera com Heloísa reflete a ideologia religiosa em sua composição como indivíduo social, sendo suas palavras a repetição da influência que a crença exerce em sua identidade, e que passou a defender. (VAN DIJK, 2005).

Algumas considerações

As cartas que trocaram, enquanto abade e priora, apesar de ainda casados, foram marcadas pela distância, pela ausência. Tendo por única presença o próprio emissor, esses textos particularizados carregam a mensagem gráfica que incorpora os gestos, as mímicas, o tom, o ritmo e, ainda, os suspiros e os silêncios que teriam tanto a dizer e que auxiliariam na compreensão de todo o sentido exposto somente em palavras escritas. A ausência das outras formas de linguagem sobrepesa os signos redigidos em sua responsabilidade, quando o sentido e a forma chegam a sugerir expressões contraditórias enquanto, na verdade, intencionavam revelar asserções pontuais. Tendo a si próprio como primeiro destinatário crítico do que está sendo assinalado, o escritor de uma carta acaba por proferir um monólogo, que, adiante, será interpretado e, caso seja respondido, abrir-se-á para o início de um diálogo.

A jovem Heloísa viveu no século XII, período no qual a subjugação da mulher ao homem era um preceito inquestionável, e sua condição foi agravada pelo fato de ser sobrinha de um cônego e, pouco tempo depois, ter sido constrangido pelo esposo – Pedro Abelardo – a se tornar religiosa, como ele o fez. Desde sua mocidade, apresentou um comportamento questionador e continuamente buscou enfrentar as imposições colocadas pelas leis sociais e religiosas às pessoas de um modo geral, mas, principalmente, sobre a mulher. Ainda que tenha se

entregado à vida monástica, fê-lo em obediência única ao amor que tinha por Abelardo e, até o fim, firmou-se exclusivamente nisso, o que, claramente, foi um comportamento transgressor e herético. (EM NOME DE DEUS, 1988)

O escrito ao amigo Pierre le Vénéable, carregado de confidências particulares a altamente íntimas, evidenciam o arrebatamento que acometeu a ambos enquanto era passado à Heloísa o conhecimento erudito a que o filósofo tão bem dominava:

Um mesmo teto nos reuniu, depois um mesmo coração. Sob o pretexto de estudar, entregávamo-nos inteiramente ao amor. As lições nos propiciavam esses *tête-à-tête* secretos que o amor anseia. Os livros permaneciam abertos, mas o amor mais do que nossa leitura era o objeto dos nossos diálogos; trocávamos mais beijos do que proposições sábias. Minhas mãos voltavam com mais frequência a seus seios do que a nossos livros. O amor mais frequentemente se buscava nos olhos de um e outro do que a atenção os dirigia sobre o texto. (ZUMTHOR, 2000, p. 41)

Abelardo foi declaradamente apaixonado por Heloísa, e a esse sentimento nunca negou a existência e a força. Prova dessa aceitação esteve na decisão de se casar com ela, ainda que a jovem tenha se oposto, ainda que tal decisão viesse a prejudicar sua carreira e sua reputação. Deixar a amante e o filho aos cuidados de sua irmã foi outra atitude que constatava o sentimento que o unia à sua amada, considerando-se que poderia a ter abandonado e negado a paternidade da criança que ela afirmaria esperar. (CLANCHY, 1997).

A análise linguístico-discursiva de enunciados sentimentais é, enfim, um aspecto ligado à atividade analítica e crítica da linguagem (MARCUSCHI, 2003, p. 20). Importa avaliar que a ADC se diligencia a interpretar as evidências, bem como as brechas, das relações de dominação, por serem, tantas vezes, obscuras ao senso comum. Apesar de grande filósofo e pensador, apesar de amar e igualmente ser amado, Abelardo renunciou usufruir de seu afeto por ter acreditado em uma Punição Divina que, de igual modo, intencionava sua redenção. Credo no invisível e tomando para si os preceitos religiosos como verdades incontestáveis, o erudito letrado reinventou seus dogmas e abraçou a uma

divindade que, por meio do sofrimento vergonhoso, vinha salvá-lo de uma perdição eterna: “[...] fui circuncidado de corpo e espírito” (ZUMTHOR, 2000). Pode-se afirmar que Pedro Abelardo, enfim, renunciou seu amor terreno pelo amor divino, que foi induzido a acreditar para suportar a humilhação a que foi imputado.

Capítulo 5 - Cartas de Antônio Vieira e Cristina Vasa em foco de análise

“Nós sabemos que por meio das palavras podemos superar tudo; com palavras nós vencemos qualquer escuridão, pois nada é mais forte e poderoso que a palavra.”

Antônio Vieira

CAPÍTULO 5 - CARTAS DE ANTÔNIO VIEIRA E CRISTINA VASA EM FOCO DE ANÁLISE

“O inverno já está novamente em curso: o céu fecha seus olhos e nós ficamos no escuro, dia e noite.[...] Eu amo a tempestade e temo o silêncio.”¹⁰³.

Cristina Vasa



Este capítulo traz o segundo casal da triangulação analítica e se encontra dividido em três seções, além da presente introdução e das considerações parciais, a saber: “Longe dos olhos e perto do meu coração”, “O poder erótico” e “Tentando orar eu só rezei você”.

Amigos confidentes e parceiros em potencial, Antônio e Cristina colocaram o que sentiram e viveram sentimentalmente grafado nas epístolas que chegaram a atravessar o oceano e que, por isso, estão nesta pesquisa, para investigação linguístico-discursiva. De um lado, um afamado e polêmico pregador, que vivia o evangelho que anunciava, de outro, uma mulher misteriosa, que ouvia suas confidências e lhe nutria um sentimento que ninguém, na época, conseguiu interpretar com fidelidade. Assegurados à fé que abraçavam, mantiveram o comportamento digno de devotos religiosos, e suas renúncias estão registradas nas cartas que trocaram, nas entrelinhas que carregam as vontades nunca vividas.

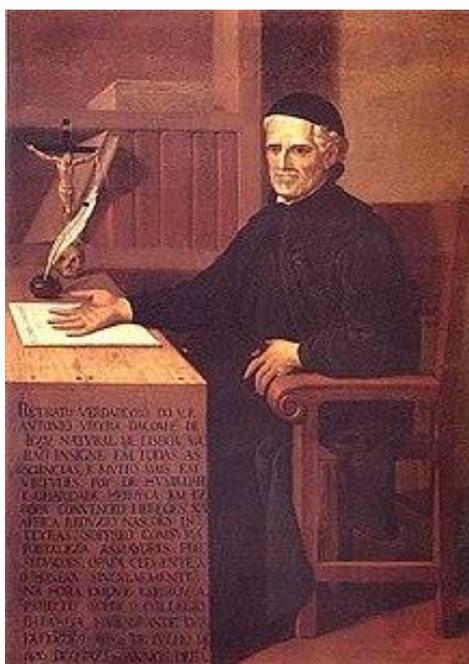
Antes, porém, de adentrar nas cartas, considero relevante traçar um breve perfil histórico-biográfico de Vieira e de Vasa, os quais serão apresentados em quatro subseções cada um. Ambos foram autores de uma trajetória brilhante que, apesar da grandeza – tanto política quanto social – foram marcadas por mudanças geográficas, reclusões e, ainda, por saudade sufocada e, ao final, declarada.

¹⁰³ Registro feito por Cristina Vasa em seu diário, quando tinha sete anos de idade e, depois, no início de sua juventude (KAISER, 2012, p. 16-17)

5.1 "Longe dos olhos e perto do meu coração"¹⁰⁴

Esta seção é dedicada à biografia de Antônio Vieira (1608-1697) e se encontra dividida em quatro etapas.

Figura 8 – Padre Antônio Vieira



Fonte: Retrato do Padre Antônio Vieira, de autor desconhecido do início do séc. XVIII, https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_Vieira

5.1.1 *Entre a vida monástica e as complicações políticas*

Primogênito dentre uma prole de quatro, Antônio Vieira foi filho de Cristóvão Vieira Ravasco – português, filho de uma africana – e de Maria de Azevedo. Nasceu em Lisboa, no ano de 1608, na Rua do Cônego, em uma casa humilde. Seu pai, que, primeiramente, houvera servido na Marinha Portuguesa, tornou-se escrivão da Inquisição, levando a família a se mudar para o Brasil. Antônio chegou, então, a Salvador, com onze anos de idade, em 1619, começando sua vida estudantil no Colégio dos Jesuítas de Salvador, onde veio a se destacar como aluno de excepcional inteligência. De todas as habilidades, sobressaía-se a de entender e memorizar com facilidade a tudo o que lia. (PAIVA, 1999).

¹⁰⁴ Verso da música “A mais bonita das noites”, de Osmar Navarro (1930-2012).

Aos quinze anos de idade, e por vontade própria, ingressa na Companhia de Jesus como noviço, tornando-se missionário já no ano seguinte, durante a invasão holandesa. Aos dezessete anos deixa o noviciado e toma os votos de obediência, pobreza e castidade, começando a carreira de escritor e tradutor latino, o que já o destacava e afamava na região. De acordo com Paiva (1999), durante o curso de Teologia, ainda se dedicou à Lógica, à Matemática e à Metafísica, e, em seguida, logrou um mestrado em Artes. No decurso desse período, ainda como estudante, foi professor de retórica em Olinda e conseguiu ser ordenado padre aos vinte e seis anos, sendo que, nesse período, sua fama como pregador já era notória, com seus primeiros sermões já conhecidos.

Além de conhecido orador, Vieira usava seu conhecimento para interferir nas questões políticas da colônia, que sofria constantes invasões de países que buscavam apoderar-se das conquistas portuguesas. Unida a essa situação, voltada a conflitos bélicos, havia uma importante questão social e religiosa: a perseguição da Igreja aos judeus. Iniciada no século XII, na França, a Inquisição foi uma conjuntura institucional criada pela Igreja Católica Apostólica Romana, cujo intento fora o combate à heresia em todos os seus formatos e manifestações.

Do fim do século XVI para o início do século XVII, houve um crescimento dessa constituição de enfrentamento ao sacrilégio, em forma da Contrarreforma Católica, já que a Reforma Protestante houvera se proliferado e enfraquecido a soberania católica. Dentre os propósitos dessa instituição, estava o de converter pela coerção os judeus e os muçulmanos para a fé cristã católica (BETHENCOURT, 2000). Segundo os apontamentos de Monter (2002), a Inquisição Portuguesa e a Inquisição Espanhola, principalmente, tiveram os mais fortes tribunais inquisitoriais, chegando a condenar cento e cinquenta mil pessoas, das quais foram mortas em torno de três mil.¹⁰⁵

¹⁰⁵ A Inquisição perdurou até o início do século XIX.

5.1.2 De embaixador régio a pregador hostilizado: o caminho para a Inquisição

No ano de 1640, houve, em Portugal, a Restauração da Independência¹⁰⁶, e Vieira foi para Lisboa no ano seguinte, como integrante da missão que objetivava prestar obediência ao novo monarca. Em 1642 começou a fazer pregações no país, cujo teor trazia apontamentos políticos, bem como críticas aos tempos em que o povo esteve sob o domínio castelhano. Segundo Mendes (2003), seu temperamento expressivo e vivaz cativou a D. João IV¹⁰⁷, que o instituiu embaixador e pregador régio, o que o levou a viagens de negociação em nome da coroa lusitana.

Pretendendo obter para os cofres portugueses mais recursos financeiros, Vieira propôs aos monarcas de seu país que protegessem os cristãos novos¹⁰⁸ da Inquisição Católica ao invés de os entregar, pois, desse modo, aqueles perseguidos do mundo inteiro se refugiariam junto ao reino lusitano, trazendo pecúlios que financiariam os empreendimentos do império. Porém, suas pregações em favor dos judeus não foram bem vistas por alguns dos influentes religiosos, e a igreja avaliou essa sugestão com imprópria, determinando-o um questionador dos preceitos de fé. (PAIVA, 1999)

Retornou ao Brasil em 1653, onde travou lutas acirradas em favor da liberdade dos nativos, ainda que tais enfrentamentos manchassem seu vínculo com o monarca português. De acordo com os registros de Azevedo (2008), Vieira proferiu sermões e redigiu documentos de intenso teor argumentativo crítico, conclamando senhores a excarcerar os índios, tendo em vista que o propósito das missões religiosas seria o de converter os aborígenes para a fé católica. Todavia, suas insistências não surtiam efeito diante do poder político que os colonizadores sustentavam e, por isso, decidiu retornar a Portugal, com

¹⁰⁶ Também conhecida como Restauração de Portugal, a Restauração da Independência foi o processo sociopolítico que trouxe novamente a autonomia lusitana após a União Ibérica, que durou de 1580 a 1640.

¹⁰⁷ Líder da Guerra da Restauração, trazendo para Portugal a independência do controle da Espanha e tornando-se, então, o monarca após a libertação.

¹⁰⁸ Judeu convertido ao cristianismo.

o propósito de defender junto ao monarca o que afirmava serem os direitos dos indígenas. A viagem teve tantos problemas – incluindo ataque de corsários –, que precisaram aportar. O sacerdote pode tentar outro embarque somente meses depois, chegando a Lisboa no final do ano de 1654.

Seu prestígio junto à coroa ainda era preponderante, o que o tornou confessor da regente D. Luísa de Gusmão, que foi a primeira rainha consorte de Portugal da Casa de Bragança¹⁰⁹. Mas, quando D. Afonso VI assumiu o trono, em 1662, mostrou-se declaradamente hostil ao religioso. Paiva (1999) esclarece que, ao decidir abraçar o sebastianismo¹¹⁰, Antônio trouxe para si ainda mais antipatia por parte da igreja, que já lhe guardava rancor por suas declarações a favor dos judeus. Por isso, ao redigir uma profecia sebastiana, na qual propunha que Portugal estava predestinada a ser líder de um grande império, entrou em novo e muito mais intenso conflito com a Inquisição, que o acusou de heresia e o condenou por todos os seus manuscritos que carregavam esse teor, julgando seu procedimento uma traição e indicando-o ao tribunal religioso, como um traidor da santa fé.

5.1.3 A condenação ao silêncio mitigada pela vivência na Arcádia

Segundo os registros de Castro (2008), o religioso ficou detido no Colégio dos Jesuítas de Coimbra, de 1665 a 1667, de onde foi enviado para a Casa do Noviciado dos Jesuítas de Lisboa. Leiamos algumas das informações que formaram seu processo:

Idade: 55 anos
 Crime/Acusação: proposições heréticas, temerárias, malsoantes e escandalosas
 Cargos, funções, actividades: religioso professo da Companhia de Jesus
 Naturalidade: Rua dos Cónegos, freguesia da Sé, Lisboa
 Morada: Coimbra
 Pai: Cristóvão Vieira Ravasco, fidalgo da Casa Real
 Mãe: D. Maria de Azevedo

¹⁰⁹ Pelo seu casamento com D. João IV.

¹¹⁰ O Sebastianismo é uma crença que se baseia em uma ideologia profética, a qual afirma que D. Sebastião voltará para salvar Portugal. Originou-se em 1578, por conta do desaparecimento de D. Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir.

Estado civil: solteiro
Data da apresentação: 21/07/1663
Data da prisão: 01/10/1665 (cárcere da custódia)
Sentença: auto-da-fé privado de 23/12/1667. Privado para sempre de voz activa e passiva e do poder de pregar, recluso no Colégio ou Casa de sua religião, de onde não sairia sem termo assinado pelo Santo Ofício, assinar um termo onde se obrigava a não tratar mais das proposições de que foi arguido, nem por palavra nem por escrito, pagamento das custas. (MANUSCRITOS DA LIVRARIA, n.º 2056-6. Portugal, Torre do Tombo, 1667)

A leitura da sentença, segundo os registros de Castro (2008), foi feita da Sala da Inquisição, no dia 23 de dezembro do ano de 1667, vindo a durar mais de duas horas. Antônio Vieira estava com a saúde debilitada, o que contribuiu para a autorização da saída da reclusão em Coimbra e a transferência para Lisboa. Após o período de encarceramento, recebeu o perdão das penas, cujo termo foi assinado por ele no dia 30 de junho do ano de 1668. No ano seguinte, partiu para Roma com a autorização do rei, onde residiu por seis meses.

Sua temporada de permanência na sede da fé cristã católica permitiu, conforme assinalou Barros (1958), que articulasse apoio de poderosos para que reavivasse a luta contra a Inquisição, na promoção de acordos para o embate opositor ao regime religioso que julgava ser nefasto e prejudicial à sociedade portuguesa, utilizando, para tanto, sua capacidade de oratória e de sedução argumentativa. Foi também, nesse período – de 1669 a 1675 –, que o religioso recebeu do Papa Clemente¹¹¹ IX a liberação oficial para visitar Cristina, com a justificativa de estudar italiano. (KAISER, 2012).

De acordo com o detalhamento de Kaiser (2012), o pregador torna-se visitante frequente do Palácio Riario, que era a residência da rainha Cristina de Vasa. Ela, que fora admiradora dos escritos de Vieira desde sua juventude, encanta-se ainda mais com sua amizade, fortalecendo o sentimento de deferência por constatar o quanto era erudito e verdadeiramente sensível às pessoas socialmente desprezadas. Desse enlace inicial, seguem-se regulares encontros no Palácio, bem

¹¹¹ Emilio Altieri (1590-1676), foi Papa de 1670 a 1676.

como uma constante troca de correspondências – essas, objeto de nossa pesquisa –, e um torna-se confidente do outro.

O pregador entrega-se à amizade com Cristina em tamanha confiança, que em uma de suas cartas confessa-lhe ter sido apaixonado pela Rainha Luísa de Gusmão:

Dona Luísa vibrava uma corda em mim, em minha alma, em meu espírito, que eu acreditava já ter calado com oração e revelação. Eu estava com 33 anos de idade e, no momento em que contemplei Dona Luísa, fui inundado por forças e desejos que me deram asas, que abriram comportas secretas. De um recinto proibido para mim entranhou-se em minha vida um clarão. (KAISER, 2012, p. 116)

Vieira se torna um dos frequentadores da Academia da Arcádia, criada por Cristina, cujo propósito era o de reunir personalidades da alta classe da sociedade romana, os quais desfrutavam de literatura, discursos, música, teatro e obras de arte. Os encontros eram, normalmente, semanais, sendo o próprio Papa um dos partícipes, apesar de sua presença não ser constante. Vejamos o que ficou registrado a respeito das idas de Antônio aos eventos:

Ele participa em silêncio dos encontros da *Accademia*, mas escreve textos, que são lidos pelos cardeais e por Cristina, abordando temas como a ameaça dos turcos para a Europa ou criticando a sujeira e o estado de abandono de Roma. Sua saúde é profundamente abalada nos anos que passou em Roma devido a não se dar bem com o frio e a uma queda que sofreu, com fraturas graves. Ele sente muita saudade de Portugal e finalmente declara, na presença do Papa, sua especial amizade por Cristina Vasa. (KAISER, 2012, p. 218)

Essa declaração provocou grande alvoroço nos presentes, bem como evidente inquietude no sumo pontífice. Kaiser (2012, p. 204) registra que Cristina de Vasa mostrou-se perturbada, como se sua intimidade estivesse sendo exposta, apesar de, em igual modo, denunciar nas faces um deleite que procurava de todo modo disfarçar, afinal, fora valorizada publicamente pelo pregador, diante do próprio Papa. Vieira deixou o recinto rapidamente, pois entendia o perigo de sua declaração, a qual o levaria, provavelmente, a ser novamente réu do Santo Ofício.

Todavia, Sua Santidade enviou para Cristina a resolução tomada diante das declarações do pregador, após três dias:

Nós lhe comunicamos, Cristian Vasa, da Suécia, que decidimos absolver o padre jesuíta Antônio Vieira de todas as acusações que foram apresentadas contra ele pela Inquisição de Coimbra, e que ele ainda hoje deixará Roma por volta do meio-dia. (KAISER, 2012, p. 204)

A decisão da autoridade católica já era esperada pela sueca, afinal, tal afastamento e silenciamento trazia, na verdade, o propósito de preservar a vida do pregador. Tanto, que no Índice do Santo Ofício há uma anotação incomum, nunca antes ou depois igualada a qualquer outra: “o padre jesuíta Antônio Vieira foi até agora o primeiro e único a ser absolvido pelo Papa Clemente X de todas as acusações” (KAISER, 2012, p. 205).

Desse modo, junto a Sua Santidade, Antônio Vieira obteve a anulação de suas penas e a suspensão das atividades da Inquisição, de 1675 a 1681. Ainda, chegou a apresentar ao Sumo Pontífice relatórios que detalhavam os abusos de poder do Santo Ofício, o que incitou à determinação papal da cessação das atividades inquisitoriais em Portugal e no império, feito esse que foi pontuado como raro nos registros históricos assinalados por Azevedo (2008). Contribuiu para tal resolução a personalidade de Sua Santidade, que ficou documentada como humana e marcadamente humilde.

Apesar do triunfo junto ao Pontífice, Vieira não ficou livre de repressões, pois, quando voltou a Portugal, foi perseguido pelo império, o qual se tornara aliado do Santo Ofício. Dessa forma, ainda que absolvido pela Inquisição, foi obrigado pelo Príncipe Regente, D. Pedro II, a se afastar das atividades públicas.

5.1.4 Brasil: entre a defesa dos “pequenos” e a grandeza da saudade

Com o retorno das práticas inquisitoriais, retornou ao Brasil, instalando-se na Bahia, sob a alegação de se encontrar com a saúde debilitada. Segundo especifica Castro (2008), o pregador tornou-se o

visitador-geral das missões do Brasil e devotou-se à edição de seus escritos, dentre eles: cartas, sermões e profecias. No ano de 1694 já não era capaz de escrever pelo próprio punho, o que o fez abandonar os registros e reescrituras aos quais estava se dedicando empenhadamente, seguindo-se da perda da voz.

Suas produções, quando publicadas anos depois, começaram a ser reproduzidas principalmente na Europa, chegando a receber elogios de representantes da própria Inquisição (MENDES, 2003). Dentre as centenas, alguns carregam maior destaque: *Sermão da Quinta Dominga da Quaresma*; *Sermão da Sexagésima*; *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda*; *Sermão do Bom Ladrão*; *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*.

Todos os seus mais de duzentos sermões formaram uma coleção, e suas mais de quinhentas cartas foram compiladas em volumes. Sob égide da reitoria da Universidade de Lisboa, um projeto editorial compilou, com o apoio de instituições internacionais variadas, todas as produções do afamado religioso, produzindo, em 2013, a publicação de **A Obra Completa do Padre Antônio Vieira**¹¹², com anotações atualizadas. Totalizando trinta volumes, a produção abarca sermões, cartas, profecias, registros políticos, poesia e teatro.

No momento de sua morte, uma estrela pairou sobre Salvador. As pessoas relatam isto; portanto, deve ter sido assim. Uma estrela brilha sobre Salvador, uma estrela a mais no céu – a inteligência de Antônio Vieira. (KAISER, 2012, p. 216)

No decurso de sua vida, o incomum e afamado orador foi admirado e igualmente perseguido, propriamente por sustentar e proclamar suas convicções com tanta paixão e fé. Como atitude incomum a um pensador de sua época, defendeu os fracos, os “pequenos” – índios brasileiros, negros africanos, judeus –, atormentados pelos poderes que dominavam e subjugavam com crueldade, mesmo que isso lhe tenha custado a liberdade e o respeito que sua função originalmente propunha. Até seus últimos dias de vida, carregou seu carinho por Cristina, lendo e

¹¹² A editora responsável foi *Edições Loyola*.

relendo suas cartas com comoção e saudade declarada (KAISER, 2012, p. 215). Padre Antônio Vieira foi estimado, invejado e elogiado por incontáveis personalidades, embora tenha morrido sozinho, na Bahia, aos 90 anos, no dia 18 de julho de 1697, oito anos depois do falecimento da amiga Rainha Cristina Vasa.

5.2 "O poder erótico"¹¹³

Esta seção é dedicada à biografia de Cristina Vasa (1626-1689), e se encontra organizada em quatro etapas.

Figura 9 – Cristina Vasa



Fonte: Rainha dos Suecos, Godos e Vândalos, Grã-Princesa da Finlândia, Duquesa de Íngria, Estônia, Livônia e Carélia, de Sebastien Bourdon. <https://www.wikiart.org/en/sebastien-bourdon/queen-christina-of-sweden>

5.2.1 *Menina Rei: a postura masculina da rainha erudita*

A herdeira da Suécia nasceu no ano de 1628, em Estocolmo, sendo a única filha do rei Gustavo Adolfo II e da rainha Maria Leonor de Brandemburgo. Precisou ascender ao trono com apenas seis anos de idade, porque o pai morreria na batalha de Lützen, durante a Guerra dos Trinta Anos¹¹⁴, defendendo a fé protestante. Apontada como criança muito inteligente, voltada a livros e manuscritos de alquimia e religião, trazia,

¹¹³ Importa lembrar que a expressão se trata do título do livro de Glória Kaiser.

¹¹⁴ A Guerra dos Trinta Anos foi uma série de batalhas que várias nações europeias travaram umas com as outras, do ano de 1618 a 1648, tendo a rivalidade religiosa como uma das principais razões.

todavia, temperamento sisudo, que era creditado como fruto da criação melancólica da mãe, que se deprimira após a morte do esposo. (WEIBULL, 1917)

A rainha Leonor sempre se mostrada indiferente à filha, porque seu desejo era haver dado um menino ao trono. Essa depreciação era notória, chegando a firmar em Cristina a asseveração de ter uma deformação em um dos ombros por descuido de sua ama-de-leite quando era ainda bebê, graças a uma queda que provocara o deslocamento, sendo o possível incidente fruto da indiferença materna aos cuidados com a indesejada criança. Essa tristeza seguiu a monarca por toda a sua vida, pois a má-formação física era visível e enfeava sua composição feminina, já diminuída pelo rosto não belo.

Os registros de Weibull (1917) afirmam que Maria Leonor, perturbada pela ausência de Gustavo II, passou a ter comportamentos de alienação, o que levou a nobreza a exilá-la da corte, deixando o reino nas mãos da herdeira, que, por sua vez, era guiada pelo conselho de regência. Tal decisão concedeu à criança anos mais felizes, sendo acompanhada pela Princesa Catarina, a irmã de seu pai, dentre outros parentes.

Quando, em 1633, tornou-se a rainha da Suécia, foi denominada de “Menina Rei”, e criada pelos eruditos do estado para governar. Segundo Buckley (2011), o rei Gustavo Adolfo a houvera reconhecido como herdeira legítima, e não havia na linha de sucessão qualquer homem que pudesse abdicar desse posto. Porém, apesar do reconhecimento outrora dado pelo monarca e sustentado pela corte, seu título oficial na ocasião da coroação foi de “rei”, apesar de ser tratada por “rainha” em todo o tempo. Os apontamentos dos documentos da época afirmam que possuía uma inteligência brilhante, a ponto de não ser parecida com uma mulher. Junto a seus tutores, chegava a estudar mais de dez horas por dia, assuntos como política, história, filosofia, religião, latim e grego, tornando-se fluente, além do sueco, em alemão, dinamarquês, francês e italiano.

Todavia, sua postura era considerada masculina, o que feria a exigida na época, e, por isso, o Chanceler Axel Oxenstierna¹¹⁵ contratou uma trupe francesa de balé para ensiná-la a portar-se com mais elegância e delicadeza. Seu vestuário e comportamento masculinos tornaram-se – no decorrer dos séculos – inspiração para obras diversas, como peças teatrais, romances, óperas e filmes.

Eu tenho desprezado todas as boas maneiras que pertencem ao meu sexo, o que muitas vezes me faz parecer mais culpada do que eu realmente sou... e eu rio muitas vezes e muito alto e eu ando muito rápido... uma consequência da minha natureza impositiva. (WAITHE, 1991, p. 24, tradução nossa)

O conselho da Suécia pretendia que Cristina assumisse o trono aos dezesseis anos, mas ela conseguiu protelar a coroação para quando completasse dezoito, no ano de 1644. Seu maior desejo enquanto monarca era o de findar a Guerra dos Trinta Anos, mas tinha alguns de seus influentes nobres dentre os maiores opositores a essa decisão. Porém, após incontáveis negociações e articulações, conseguiu o sucesso ao firmar o tratado de paz. (WEIBULL, 1917)

5.2.2 Minerva do Norte: a rainha que viu tudo, que leu tudo

Os registros de Trevor-Roper (1970) detalham que obras de arte outrora pertencentes ao sacro-imperador Rodolfo II¹¹⁶ foram reivindicadas por Cristina durante as negociações de paz e trazidas para Estocolmo, somando-se mais de setecentos quadros, quase duzentas estátuas de mármore, trezentos instrumentos científicos, inúmeros manuscritos e milhares de objetos de valor, como cristais, moedas e medalhões. Buckley (2011) registrou que a rainha foi protetora de muitos artistas e de projetos audaciosos no decorrer de toda a sua vida e, quando jovem, desejara tornar Estocolmo a “Atenas do Norte”, influenciada pelas tendências da cultura barroca e mediterrânea que a Contrarreforma

¹¹⁵ Axel Gustafsson Oxensdtierna af Södermöre (1583-1654) era conde de Södermöre, sendo membro do Conselho Real e chanceler da Suécia.

¹¹⁶ Rodolfo II (1552-1612) foi arquiduque da Áustria e imperador romano-germânico – rei da Hungria, da Croácia e Boêmia.

propagava. Era amante de poesia, balé e teatro, e chegou a atuar no papel da Deusa Diana na peça *Den fangne Cupido eller Laviancu de Diane*, escrita pelo poeta da corte, Georg Stiernhielm¹¹⁷. Por Estocolmo, os artistas espalharam a respeito da monarca: “Cristina viu tudo, leu tudo; ela sabe tudo e ela dá julgamento acertado a tudo” (WAITHE, 1991, p. 27 – tradução minha). Essa atuação, aliada à fama de sua instrução elevada, agraciou-lhe com o epíteto de “Minerva do Norte”, o qual a assinalou por toda a vida, sendo assim tratada, também, pelo próprio Padre Antônio Vieira.

Especialista em história e filosofia, a rainha ocupava o pouco tempo que as demandas do trono concediam com leituras e estudos aprofundados, o que lhe conferiam apenas três a quatro horas de sono. Kaiser (2012, p. 221) aponta ter sido nesse período que ela teve contato, pela primeira vez, com os escritos de Antônio Vieira, por intermédio de um dos nobres. Waithe (1991) registra que a monarca convidou o filósofo René Descartes a viver por um tempo em sua residência, a fim de que pudesse ter com ele lições privadas de religião e filosofia, o que a levou a um conhecimento mais aprofundado do Catolicismo Romano e a uma investigação de obras que questionavam todas as religiões organizadas, o que a tornou indiferente a quaisquer doutrinações de fé. Essa situação junto ao filósofo foi vivida de 1649 a 1650 somente, pois o clima muito frio do país, infelizmente, adoeceu e matou o erudito com pneumonia, o que trouxe sobre a rainha grande tristeza e culpa.

Os registros de Buckley (2011) afirmam que Cristina tinha imensa aversão à ideia de casamento, bem como repúdio às atitudes e comportamentos femininos considerados adequados e frágeis. Todavia, seu propósito em se abnegar do matrimônio estava na indisposição em partilhar o trono com um marido, a quem teria de se sujeitar. Mas esse pensamento a respeito do matrimônio não significava abstinência sentimental, tendo em vista que teve amantes desde seus dezesseis anos, trocando cartas de declarações sentimentais e arriscando-se em encontros secretos. Teve caso amoroso com o primo Carlos Gustavo e com a nobre

¹¹⁷ Georg Stiernhielm (1598-1672) foi um linguista e poeta sueco que ficou conhecido como o pai da arte poética sueca.

Ebba Sparre, a qual, inclusive, dormia consigo e era apresentada como sua “amiga de cama”. Diante da corte, que tanto insistia para um enlace político e sugeria pretendentes, anunciou abertamente: “Estou-vos a dizer que é para mim impossível casar. Tenho certeza absoluta. O meu caráter não se adequa ao casamento. Rezei fervorosamente para que minha inclinação mudasse, mas, simplesmente não me posso casar” (BUCKLEY, 2011, p. 153). A decisão foi aceita pelo clero e pelo povo, mas repudiada pela nobreza, que antevia benesses governamentais para a Suécia com um matrimônio influente.

5.2.3 A conversão à fé católica e a abdicação ao trono

Aos vinte e cinco anos de idade, a monarca encontrou-se em esgotamento nervoso, afinal, trabalhava por mais de dez horas por dia e alimentava-se e dormia mal, sofrendo de pressão arterial alta, visão turvada e dores musculares. Os registros de Waithe (1991, p. 32-33) colocam que Cristina de Vasa abdicou ao trono em 1654, em favor de seu primo Carlos Gustavo, tirando de si mesma a coroa e proclamando um discurso de despedida com comoção na voz e nas expressões faciais. Carlo X foi coroado no mesmo dia e ainda uma vez insistiu em seu amor pela prima, pedindo-a em casamento. Porém, com o já havia acordado com jesuítas e com o Papa Alexandre XII, em segredo, partiu para os Países Baixos, levando consigo inúmeras obras valiosas: livros, estátuas, quadros e tapeçarias.

No mesmo ano converteu-se à fé católica, o que causou grande escândalo quando a notícia chegou à Suécia, já que era filha de um defensor do protestantismo. Chegando ao Vaticano no final de 1655, onde teve aposento próprio, foi recebida com pompas devidas a uma rainha, com entrada triunfal pela *Porta Flaminia*¹¹⁸. Quando adentrou a Basílica de São Pedro, ajoelhou-se diante do altar, vindo a receber os sacramentos do próprio Papa. Tornou-se, então, a mulher mais afamada de sua época, sendo sua conversão razão de muito orgulho para Sua Santidade. (WEIBULL, 1917)

¹¹⁸ Hoje conhecida como *Porta del Popol*, é uma célebre praça de Roma.

Apresentada a Bernini¹¹⁹, consolidou com o renomado escultor uma relação fraternal que durou por toda a vida, sendo-lhe amiga e admiradora. De acordo com os registros de Buckley (2011), seu vínculo com artistas e personalidades políticas incentivou-a a abrir a Academia da Arcádia, em 1656, concedendo aos participantes música, literatura e teatro, todas as quartas-feiras, tornando-se, com isso, a líder da vida musical e teatral local. Os frequentadores eram da alta classe romana, porém isso não impediu que fosse difamada, afinal, socializava livremente com homens diversos – inclusive religiosos de alto escalão –, o que era considerado impróprio para as mulheres de sua época. De todos os contatos, um dos que manteve em forte apreço foi o do cardeal Decio Azzolino, de quem se tornou amiga por toda a vida. Preocupado com os falatórios, o Papa chegou a solicitar que certas visitas, principalmente a do clérigo, fossem evitadas à antiga rainha, a fim de preservar a probidade tanto dela quanto a da Igreja.

5.2.4 “Um intercâmbio cultural intenso e uma amizade apaixonada”¹²⁰

No ano de 1659 muda-se para o Palácio do Riario¹²¹, após voltar de uma viagem que fizera à França e onde promovera a execução de seu mestre de cavalaria, por quem havia se apaixonado e a quem estava acusando de traição. Apesar de ter poderes para tanto, a repercussão desse ato lhe manchou a imagem e a fama, conforme apontou Waithe (1991). Ali viveu até sua morte, tendo decorado as paredes com telas renascentistas e retratos das personalidades com as quais fizera amizade.

No ano de 1669, o afamado Padre Antônio Vieira chega a Roma, condenado pela Inquisição. Ela solicita ao Papa que permita a visita do pregador à sua casa, bem como a sua à moradia dele, justificando que estudariam italiano. Inicia-se, então, um “intercâmbio cultural intenso e uma amizade apaixonada” (KAISER, 2012, p. 222), usufruída por meio de visitas e trocas de correspondências confidenciais, que expunham a

¹¹⁹ Gian Lorenzo Bernini (1598-1680) foi escultor, pintor, arquiteto e cenógrafo, com trabalhos feitos principalmente em Roma.

¹²⁰ KAISER, 2012, p. 222.

¹²¹ Palazzo Corsini ala Lungara é uma construção barroca, localizado em Roma.

intimidade de ambos e, ao mesmo tempo, promoviam uma troca de conhecimento erudito, pautado em instrução filosófica, em fé e em sentimento declarado. Viveram em amizade esse afeto até 1675, quando o religioso parte de Roma, por ordem papal.

Cristina padeceu com a partida de Vieira, chegando a ficar fisicamente abatida com sua ausência. Após essa perda, ela sofreu alguns acidentes, que vieram a debilitar sua saúde, até que chegou a cair da escadaria do Palácio do Riário, ficando acamada e gravemente ferida. Envia a Antônio uma última carta, por meio do amigo que tinham em comum, Bento Almirantes, pedindo-lhe que viajasse a Roma para visitá-la. Consciente da proximidade de sua morte, enviou uma mensagem para Sua Santidade, pedindo-lhe perdão seus atos transgressores, e o obteve. O fiel amigo Cardeal Azzolino permaneceu a seu lado até o momento em que expirou, e fora por ela nomeado seu herdeiro universal – todavia, veio a falecer seis semanas após. (KAISER, 2012, p. 216).

No momento em que a monarca sentia-se desfalecer, Antônio Vieira estava caminhando pelo jardim do mosteiro da Quinta do Tanque, em companhia de Bento. De repente, ele se sente tonto e fraco e é amparado pelo amigo, olhando com tristeza para o céu e exclamando: “Ali, uma estrela surgiu, agora cruzamos nossos olhares. Cristina! Lá, aquela é ela! Largar e morrer. A morte; nós a sentimos em toda mudança de nossas vidas. Meu Deus! Quem pode me ajudar a aprender a morrer?” (KAISER, 2012, p. 215). Deita-se ao chão e chora desesperadamente, sem consolo. Naquela mesma hora, em Roma, Cristina Vasa morria.

Quando partira de Roma, em 1675, o pregador deixara ao Papa uma carta, na qual havia um pedido:

Se Sua Santidade deseja atender a um pedido, mesmo que neste momento possa parecer totalmente improvável que possa se realizar, quando Cristina Vasa vier a falecer, ela deveria ser sepultada na Basílica de São Pedro na *Grotte Vecchie*, entre os papas. Esta mulher extraordinária, que para mim significa mais do que a justiça terrena me concede, estaria deste modo próxima à imortalidade [...]” (KAISER, 2012, p. 215-216).

E assim o foi. Cristina Vasa é uma das três mulheres enterradas no Vaticano¹²², o que tornou memorável sua passagem terrena. O Papa ordenou que fosse embalsamada e enterrada com pompas de rainha, e seu corpo foi adornado com brocado branco, com uma máscara de prata, com um cetro e com uma coroa dourada. (WEIBULL, 1917).

Portava-se de modo incomum à sua época, sendo consideradas masculinas suas formas de andar, falar e sentar. Preferia a companhia dos homens, pois tinha as mulheres como tolas, e lhe chamava a atenção as que eram belas ou cultas. Negou-se ao casamento, ainda que fosse apaixonada pelo principal pretendente, em nome de quem abdicou ao trono. Renunciou a uma vida de rainha, bem como à religião em que fora criada e instruída. Questionou, estudou, admirou e festejou com intensidade, chegando a enfurecer seus contemporâneos com as opiniões que manifestava a respeito de sexualidade e identidade humana, pois eram nomeadas controversas para sua época (WAITHE, 1991). Seu mote de vida foi *FATA VIAM INVENIENT*, expressão latina que tem por tradução: “O destino encontrará seu caminho”. Teria a sueca constatado o lema em sua existência, tendo em conta todas as atitudes e palavras que a refletiram? Afinal, Cristina Vasa amou com desejo, com atos, com mortes; amou em presença e à distância; amou em evidência e em entrelinhas. A intensa ex-rainha e ex-protestante morreu no ano de 1689.

5.3 " Tentando orar eu só rezei você " ¹²³

As escrituras em análise são compostas por inúmeras correspondências remetidas por Antônio Vieira e Cristina Vasa, reciprocamente, no período de 1669 a 1689, que abarca o ano em que se conheceram até o falecimento da monarca. Para uma comparação interpretativa mais aprofundada, usamos, ainda, excertos do diário da sueca, principalmente quando o religioso foi citado, considerando-se que

¹²² As outras duas são: a Condessa Matilde de Canossa (1046-1115) e nobre polonesa Maria Clementina Sobieski Stuart (1702-1735).

¹²³ Verso da canção *Eu nunca mais vou te esquecer*, de composição de Moacyr Oliveira Franco (1936)

a maioria desses trechos foi lida para o religioso, durante as conversas que travavam no Palácio do Riário.

As missivas dos afamados amigos, que incorporam valor documental e, por isso, histórico, expõem a intimidade de pensamentos e sentimentos que afligiam e consolavam duas personalidades que, apesar de envoltas em prestígio, foram vitimadas pela incompreensão de um período muito aquém de seus preeminentes modos de examinar o mundo. Injustiçados pelo comportamento ideológico de seu tempo, foram vultos partícipes de um período de guerras, disputas políticas, processos inquisitoriais, religiosidade excessiva, intrigas palacianas e paixões. Esse composto referencial é fundamental para a avaliação da escrita dos dois, já que citam suas angústias quando desabafam um ao outro: “Cristina lembra do tempo em que foi rainha, de seus amores e culpas. Vieira lembra de seu exílio no Maranhão, da prisão inquisitorial, de sua luta em favor dos judeus portugueses.” (KAISER, 2012, p. 5).

Uma carta sentimental carrega em suas intenções o desejo de uma resposta, que será esperada ansiosamente, pois “impõe implicitamente ao outro de responder, sem o que a imagem dele se altera, se torna outra” (BARTHES, 1981, p. 33). Dado o grau de intimidade cultivado, a troca de escritas entre Vieira e Vasa, além de volumosa, foi lesta, chegando a classificar certos intervalos de resposta de alguns dias como sinais de incidentes – o que, em seguida, seriam realmente comprovados. Normalmente por parte do pregador, as demoras foram consequência de abatimentos de saúde, que chegavam a acamá-lo e, em alguns momentos, fazê-lo acreditar que faleceria.

O padre Antônio Vieira foi o mais notável e influente jesuíta luso-brasileiro da história, com um comportamento que posicionou suas ideias de forma contrária às de Igreja Católica, escolhendo defender minorias socialmente desconsideradas e, ainda, perseguidas. Sua oratória tanto encantou quanto escandalizou, trazendo-lhe protetores que o veneravam e algozes que o apenavam. Foi silenciado pela instituição que representava sua própria fé, o que lhe resultou em angústia e enfermidades. Talvez, por isso, a amizade com a monarca tenha lhe regalado com alguns anos a mais de vida, pois com ela pode falar –

trocando conhecimentos, desabafos, aflições – tanto pessoalmente quanto pelas cartas. Ainda, ela lhe fora a “voz” em mais de uma situação, já que, impedido de se pronunciar em público, escrevia os discursos que gostaria que fossem lidos da Academia da Arcádia, e Cristina o representava em voz e sentimento.

A ex-rainha Cristina Vasa afrontou a sociedade de sua época de muitas formas, com duas delas sendo as mais impactantes: a abdicação ao trono da Suécia e a conversão ao catolicismo, ambas em 1654. Todavia, a monarca já impressionava antes desses eventos e continuou a fazê-los após. Antes, por meio de seus casos amorosos com homens e mulheres e de seu modo masculinizado de se vestir e se portar; depois, com as amizades que sustentou – artistas, políticos e sacerdotes –, os eventos que promoveu e a inteligência que exprimia naturalmente, ao discutir assuntos diversos.

Diante disso, não seria improvável um afeto entre os dois, justamente porque as afinidades ideológicas, a erudição e as injustiças sofridas iriam, em algum instante, nivelar os caminhos que percorriam. A relação intensa que viveram poderia quase que ser considerada uma sina, arranjada por Moros¹²⁴ e firmada pelas desventuras correspondentes. Portanto, a separação seria, ainda, um desplante do deus grego a reajustar o curso de suas vidas, que os felicitou com o mesmo caminho por cinco anos para, enfim, separá-los em definitivo.

AUSÊNCIA: Todo episódio de linguagem que põe em cena a ausência do objeto amado – quaisquer que sejam a causa e a duração – e tende a transformar essa ausência em prova de abandono. [...] A ausência amorosa só tem um sentido, e só pode ser dita a partir de quem fica – e não de quem parte: *eu*, sempre presente, só se constitui diante de *você*, sempre ausente. Dizer a ausência é, de início, estabelecer que o sujeito e o outro não podem trocar de lugar, é dizer: “Sou menos amado do que amo”. (BARTHES, 1981, p. 27)

A ausência sentida pelo casal de amigos foi marcada por uma perda de identidade, vivenciada um no outro e, numa tentativa, permanecida em modo e quantidade nas linhas sentimentais que o

¹²⁴ Deus grego do destino. Também chamado de Aeon (tempo eterno).

Atlântico levava. As afirmações de Barthes (1981) expõem a formação de um construto fundamentado dubiamente, ainda que marcado pelo apartamento de um componente, provocando, ainda, uma sensação de menos amor recebido diante do que é sentido – fruto da dor que se tem e que não pode ser avaliada no outro, justamente pela distância.

O século XVII foi um século barroco e, por isso, traçado e pintado de acordo com os desenhos da religiosidade dominante. Antônio e Cristina tiveram uma intensa relação sentimental, pautada no afeto declarado em palavras ditas e grafadas, tanto em metáforas como em notórias significações. Tendo por pressuposto que as missivas trocadas registraram as razões que os impediram de vivenciar a consumação da afeição sentida, além de assinalarem o sofrimento que carregavam por conta dos diversos infortúnios, apreciamos criticamente trechos selecionados para esta pesquisa, com o propósito de avaliar a renúncia e, de igual modo, a força que a especou durante os anos de convivência íntima. Em análise linguístico-discursiva, principiemos a interpretação da porção ideológica dos registros identitários demarcadores dos enunciados, na eleição vocabular, na formação frasal, bem como na contextura expressiva.

Para uma organização avaliativa, nomeamos os excertos de modo a distinguir a sequência das cartas, tendo em vista que foram muitas. Seguimos, também, a numeração de acordo com sua sequência exposta nesta tese, sendo: *CARTA A* (*carta de Antônio a Cristina*), *CARTA C* (*carta de Cristina a Antônio*)¹²⁵ – cada correspondência terá um seguimento sequencial.

5.3.1 Conhecimento como marca identitária

O pregador e a monarca tiveram uma formação voltada aos estudos, dando-lhes uma composição erudita da formulação de pensamento crítico e na construção de conceitos, bem como da refutação de dogmas de diversas áreas. Essa instrução elevadamente culta não foi consequência única do preparo a que foram submetidos em suas

¹²⁵ A letra “A” refere-se à primeira letra do nome de Antônio e, a letra “C”, da de Cristina.

disposições sociais – ela, sendo preparada para governar a Suécia, e ele formado na construção própria a um jesuíta –, não obstante, ainda mais pelo desejo natural que acicatava a curiosidade inerente a integrar suas personalidades. (PAIVA, 1999; WAITHE, 1991).

Vejamos um dos extratos subtraído das cartas trocadas:

(36) *CARTA A (carta de Antônio a Cristina)*

“Meu pai me ensinou a retórica, e as principais lições valorizam o silêncio e a seleção cuidadosa das palavras”. (KAISER, 2012, p. 33).

O excerto acima compõe a primeira correspondência do religioso à monarca, a quem conhecera havia poucos dias, com a pretensão de aprender melhor a língua italiana. Nele, Vieira modera sobre a orientação recebida do pai, que fora um homem culto e, igualmente, pretendia que o rebento o fosse. Assim que a correspondência foi lida, Cristina registrou em seu diário:

A primeira carta já chegou. Eu quase não consigo largar os dois papéis timbrados de tão valiosos que são para mim. Quanto tempo eu terei de viver destas frases, pois a sua próxima visita não foi nem anunciada nem confirmada? As perguntas se precipitam em minha cabeça [...]. (KAISER, 2012, p. 34).

A sueca era admiradora dos escritos de Vieira desde sua mocidade, quando estava com dezoito anos de idade, e obteve de uma delegação chegada a Estocolmo alguns textos seus – o religioso já era considerado o pregador mais admirado e igualmente o mais temido da Europa. Os escritos falavam a respeito de linguagem e sentimentos de vaidade e culpa, sendo redigidos com uma capacidade argumentativa e persuasiva que deixaram a monarca maravilhada. Todavia, precisou de os ler às escondidas, já que o autor se tratava de um jesuíta e ela era a governante de um reino protestante. A admiração iniciada naquela época estendeu-se anos adiante e, quando já estava instalada em Roma, viu a pintura que Bernini fizera do sacerdote e a pediu para si, colocando-a em sua sala de leitura. (KAISER, 2012, p. 23-25).

Apreciemos outros excertos que apontam para o desejo do jesuíta pela erudição e igualmente para a importância que lhe atribuía:

(37) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
 “[...] as forças elementares que em nós habitam podem se aprimorar em forças para a mente e a inteligência.”. (KAISER, 2012, p. 73-74).

(38) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
 “Eu aprecio a forma do seu corpo, mas acima de tudo a sua inteligência.”. (KAISER, 2012, p. 161).

O excerto (37) expõe que, para o pregador, os agentes voltados à mente e à inteligência são “forças” superiores metafísicas, que podem ser promovidas pelo uso correto das que ele trata por “elementares”¹²⁶. Tal declaração fundamenta-se ao racionalismo de Descartes, propositor do célebre mote: “COGITO ERGO SUM”¹²⁷, vinculando-se à teorização de instrução vivida pelo casal de amigos, que tinha a busca pelo conhecimento como hábito de vida e como resposta para os dilemas que enfrentavam. A declaração na primeira coaduna-se com carta posterior, cujo extrato (38) confirma, ao que parece, que Vieira assume seu olhar apreciativo ao composto físico de Vasa, todavia, traz em maior enlevo a fascinação por sua inteligência.

Esse substrato de composição existencial – arrimo de ambos – abarca tanto o interesse pelas ciências chamadas naturais, exatas, quanto as denominadas sociais, filosóficas, o que os coloca na esteira da análise investigativa do RC. A teoria de Bhaskar (1998), por ser um movimento multidisciplinar, orienta-se pelas propostas de Immanuel Kant¹²⁸, que uniu uma filosofia de caráter transcendental à uma filosofia crítica, cujo interesse estava centrado no conhecimento. Segundo Kant, que agregou o racionalismo e o empirismo e renovou os conceitos epistemológicos, certas condições já existem em nossa mente – plano metafísico –, ainda que não possamos compreender tudo de um modo real. (PASCAL, 2001)

¹²⁶ Vocábulo associado ao que é terreno, mundano.

¹²⁷ Em tradução: “Penso, logo existo”. René Descartes (1596 - 1650) foi filósofo e matemático francês, um dos representantes do ideário iluminista, e fora professor de Cristina Vasa na Suécia, quando era ela ainda rainha.

¹²⁸ (1724-1804). Filósofo prussiano.

O Realismo Crítico de Bhaskar (1998) volta-se justamente à união de um realismo transcendental a um naturalismo crítico, explicando as ciências naturais de modo metafísico, o que exclui o Positivismo enquanto conceito seguro. Para o RC, o mundo é o resultado da operação de uma multiplicidade de fatores que coexistem e agem ao mesmo tempo, fazendo com que a ciência seja a geradora da emancipação do indivíduo. (BHASKAR, 1998). Vieira e Vasa foram, apesar de sujeitos políticos do século XVII, marcados por uma autonomia de pensamento, estreitamente incomum aos demais de seu período histórico. Suas palavras carregavam o desassossego dos que pensam, refletem e se inquietam, o que sustentaria a própria indagação do cientista: “Como deve ser o mundo para que a ciência seja possível?” (BHASKAR, 1978, p. 23).

Ainda que as relações humanas sejam reais, amparam-se em liames sistemáticos abstratos, os quais formam estruturas sociais de controle e manipulação (BARROS, 2015). O jesuíta era possuidor de um conhecimento que o inquietava para a transformação do que julgava como incabível, o que ficou registrado em seus sermões e, ainda, nas correspondências que enviou à sueca:

- (39) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
 “[...] eu conquistei a confiança dos índios e das pessoas da África. Eles vinham para as missas, para as orações; eu escrevi o catecismo na língua deles, em sete línguas indígenas.”. (KAISER, 2012, p. 126).
- (40) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
 “Minha missão são os pobres, os miseráveis, os índios, as pessoas da África. Estes prisioneiros vivem pior do que gado. Pais, mulheres, crianças e velhos – são utilizados, sacrificados, explorados, escondidos, humilhados e maltratados, e todos vivem na indigência em total desamparo interior.”. (KAISER, 2012, p. 127).

Os agentes do conhecimento envolvem crenças e julgamentos de valor, atribuindo aos indivíduos poderes causais para reproduzir ou transformar as estruturas sociais. (BARROS, 2015). Diferentemente da ideologia religiosa da época, que tratava a certas etnias como inferiores e, portanto, legitimadas para a escravidão, o pregador afligia-se com essa

determinação, ainda que advinda de seus líderes religiosos. Ele via sua instrução como competência para ajudar os desvalidos e, como aponta Barros (2015), uma capacidade para interferir nas disposições sociais, afinal, diferentemente de os rebaixar a uma existência insignificante, sentia compaixão pelo tratamento desumano que os acometia. Como bem observa Gomes (2006):

[...] a coisificação social se chocava com a pessoa do escravo (pessoa = subjetividade humana). Ferida, humilhada, comprimida, a pessoa do escravo não era anulada (exceto em casos patológicos). A contradição entre ser coisa e ser pessoa constituía a vivência do escravo durante toda a sua existência. (GOMES, 2006, p. 153)

Em consonância com as ideias de Gomes, pode-se afirmar que a religiosidade do pregador, ao invés de o ufanar, tornou-o sensível ao sofrimento de outros e, por isso, sustentou que esses eram tão humanos quanto ele, o que lhes garantiria o direito à salvação da alma – dogma da sua crença. Fairclough (2001) salienta que uma construção ideológica é representada em significações da realidade, apontando para inúmeras extensões semânticas de práticas discursivas que levam à formação, duplicação ou alteração de relações do controle social. Vieira buscou transformar essa forma, mas foi impedido, tendo em vista que seus superiores não aceitaram o novo olhar que ele queria constituir.

[...] longe de ser algo espontâneo ou natural, toda identidade é construída e fabricada em processos linguísticos e sociais de natureza ideológica. É inegável que o local onde nascemos condiciona nossa nacionalidade ou naturalidade. [...] Há estratégias representacionais acionadas para construir um senso comum acerca do pertencimento a um grupo. (SILVA, 2011, p. 140)

Pode-se afirmar que a dor que carregava por saber tanto e poder menos do que gostaria, coloca o jesuíta afastado da identidade determinada e condicionada em sua época, apontado para sua autoexclusão do senso comum, que o tornaria perseguido pelo grupo dominante, ao invés de participante dele.

Em seus estudos, Fairclough (2003) acentuou que a relação dialética entre sujeito e a forma com que ele reflete o mundo no qual se encontra incorporado é conceituada como significado representacional, cujo eixo abarca o conhecimento adquirido, bem como o controle que ele oferece diante das contradições observadas. O pregador português tinha em suas exortações de homilia ou em suas missivas íntimas a mesma necessidade de exteriorizar sua identidade pessoal e social, com um discurso que representava o mundo por meio das palavras que simbolizavam o aspecto material, mental e social dos processos que o envolviam, como certificou Fairclough (2003).

Apesar de não explicitar em seus escritos qualquer vínculo sentimental de compaixão àqueles por quem Vieira se afligia, a monarca sueca ouvia-o e lia-o com interesse em sua dor, com compaixão pelo padecimento que o atormentava. Ainda, ser confidente daquele a quem admirava desde a mocidade era-lhe, verdadeiramente, um privilégio que a alegrava, mesmo que a colocasse ao conhecimento de injustiças e martírios diversos. Em 1669, registrou em seu diário:

Agora as pessoas veem Vieira como eu o conheço há muito tempo. Para muitos, ele era um padre jesuíta obsessivo pela ciência e que estilizou o discurso polido à perfeição. E agora ele provou ser politicamente um teólogo clarividente. Com isto, para mim tudo mudou para melhor, porque agora a nossa amizade não é mais um segredo para a *Accademia*. (KAISER, 2012, p. 51).

A erudição que tanto marcava e afamava Cristina impulsionava-a constantemente à aproximação com outros iguais, voltados à arte, à filosofia, à matemática, ou seja, ao conhecimento de forma geral. Ser reconhecida como próxima, como amiga de um vulto de erudição moldava sua vaidade. Suas práticas discursivas concediam-lhe a concepção de uma identidade social cujas execuções ostentavam regularidades construtivas, sendo, então, possível observar a expressão de uma mulher com poder, apesar de viver em pleno século XVII. Porém, conforme expõe Silveira (2011, p. 28), “um sujeito que se movimenta em determinado espaço da sociedade e que constrói seu discurso levando em conta o outro” irá fazê-lo para construir uma identificação social.

Pode-se afirmar que Vasa movimentou-se em desacordo à sociedade de sua época e, portanto, sua instrução relacionou-a com outros que assim também o fizeram, mostrando uma assimilação intelectual e, igualmente, contraventora.

5.3.2 O domínio ideológico da crença religiosa

As atitudes de irresignação do pregador português foram sempre justificadas, por ele mesmo, como tendo motivação proveniente do sentimento de justiça que gostaria de ver reinar sobre “os pobres, os miseráveis”, conforme registramos no excerto (40). Ao recomendar em suas prédicas assuntos que contradiziam com os dogmas instituídos pela religião da qual era representante, Vieira colocava-se em confronto com os princípios cristãos que regiam a sua própria fé. Vejamos o excerto abaixo:

- (41) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
“Logo eu estava pregando na igreja: reprovei a escravidão, denunciei a negligência na luta contra a invasão holandesa. E tudo isso eu falei em formulações tão claras, mas também tão ofensivas, que, logo, os fazendeiros se distanciaram da nossa igreja e da minha pregação.”. (KAISER, 2012, p. 64).

Com base no que expõe Vieira, nesse trecho de carta, pode-se afirmar que quando um sujeito se encontra envolto por concepções de poder e subordinado a uma situação complexa de dominação, normalmente sua ação vem a ser a de resignação e, raramente, a de se atribuir uma responsabilidade de mudança. Uma cômoda atitude, com posicionamento de distância e justificada pelo contexto, seria o comumente esperado de um religioso influente como o era Antônio Vieira. Por isso, ao se mostrar intrincado com o tratamento voltado às pessoas desvalidas – que nem como humanas eram consideradas –, o religioso compromete-se a falar em favor dos emudecidos socialmente, ainda que isso o coloque em confronto com seus superiores. A propósito, como bem observa Eagleton (1997):

Não há nada de ridículo em se dizer que algumas pessoas são inferiores a outras, pois isso é obviamente verdadeiro. Em certos aspectos definidos, alguns indivíduos são de fato inferiores a outros: menos paciente, mais propensos à inveja, mais lentos nos cinquenta metros rasos. Pode ser falso e pernicioso generalizar desigualdades particulares a raças ou classes inteiras de pessoas, mas podemos entender muito bem a lógica que leva a isso. Pode ser errado acreditar que a raça humana se encontra em tal confusão que só pode ser salva por algum poder transcendental, mas os sentimentos de impotência, culpa e aspiração utópica sintetizados nesse dogma não são de modo algum ilusórios. (EAGLETON, 1997, p. 25)

Segundo os apontamentos do estudioso, os sentimentos promovidos pelas doutrinas de fé carregam intenções efetivas de disseminar necessidades e desejos legítimos, as quais, por sua vez, fundamentarão preceitos mitológicos e metafísicos que cativarão a devoção dos crentes, ainda que socialmente ilógicos ou, até mesmo, moralmente absurdos. Essa é a razão pela qual se pode apontar as declarações de Vieira enquanto formas intrépidas e altamente arriscadas, ainda mais quando se analisa o contexto no qual se encontrava: a Inquisição. Ousado, o padre, em anos anteriores a seu julgamento pelo Santo Ofício, houvera escrito o seguinte a respeito de Maria Madalena: “Era ela uma depravada ou uma santa? Porque ela foi uma sábia e uma incrédula.” (KAISER, 2012, p. 35), o que, similarmente, arrostava as afirmações da igreja¹²⁹.

Vejamos um excerto que traz uma confissão da ex-monarca, também reveladora de violação aos dogmas:

(42) **CARTA C** (*carta de Cristina a Antônio*)

“Há alguns dias você me perguntou como eu observei os mandamentos. Eu me calei sobre isso; agora desejo responder à pergunta. Eu não segui as leis de modo fanático, mas procurei viver de modo verdadeiro. [...] Apenas uma vez [...] eu tive de me curvar durante minha conversão. [...] Naquela época eu tinha 30 anos de idade, os conceitos de culpa, absolvição, perdão ainda pertenciam a outro mundo. [...] longo caminho tive de percorrer para tornar a sombra, o

¹²⁹ Segundo os preceitos da Igreja Católica, Maria Madalena foi uma prostituta a quem Jesus perdoou e livrou de ser apedrejada, fundamentados nos seguintes trechos da Bíblia Sagrada: Evangelho de Marcos 16:9 e Evangelho de João 8:1-11.

peso da minha culpa suportável para a minha alma”.
(KAISER, 2012, p. 192-193).

De acordo com o seguimento acima destacado, pondero que Vasa, ao assumir não haver internalizado os princípios religiosos que conduzem a sentimentos de contrição, revela uma violação às balizas que erguem a fé católica, pautada em penitências e compunções (MARQUES, 2005). Por isso, suas atitudes precisavam de camuflar a metanoia ausente, ao menos por meio de não declarações que indicassem esse prisma. A esse respeito, Giddens (2002) esclarece que a capacidade de agentes sociais, donos de pensamentos e reflexões próprias, não se encontra limitada “à consciência discursiva em relação às condições de sua ação”, ainda que desejem perdurar uma consciência prática, “incorporada à continuidade das atividades cotidianas” (GIDDENS, 2002, p. 39).

Elucubro que a busca por viver a autenticidade encontra-se sujeita aos eventos culturais de uma determinada época, bem como a seus (pre)conceitos, o que formula a decisão de aceitação – ainda que dissimulada – ou o pronunciamento de discordância, provocando um dado sujeito a assumir, quando isso, as consequências que um embate promove. Parece que Vasa escolheu se conter, ao menos da melhor maneira que sua personalidade naturalmente divergente lhe permitiu, e optou por abrir tais questões em confiança a Antônio, justamente por ler dele declarações que expunham atitudes semelhantes.

Não obstante, ainda que carregasse esse caráter gravemente questionador, Vieira era um religioso, que houvera se entregado ao sacerdócio por vontade própria e, por isso, era dono de uma fé verdadeira e motivada por suas crenças no divino (AZEVEDO, 2008). Assim, por mais que em certos assuntos se opusesse às premissas da devoção institucionalizada, seus pensamentos traziam dogmas promovidos por uma educação e formação jesuíticas, as quais constituíram sua identidade religiosa. Vejamos extratos que confirmam suas convicções devotas:

(43) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)

“[...] aí então apenas o silêncio e a oração me dão força para superar a dor pela minha juventude não

vivida e somente após alguns dias volto a encontrar meu próprio rumo.”. (KAISER, 2012, p. 61).

- (44) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
“Com que facilidade algumas formulações para um sermão fluíram de minha pena: Um grande espírito só se desenvolve na restrição, a domesticação do corpo.”. (KAISER, 2012, p. 63).
- (45) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
“Diante de alguns acontecimentos, de alguns atos, ficamos mudos. Nesse momento, deveríamos confiar em nossas lágrimas e, por conseguinte, em nosso Pai – lágrimas são a conversa com Ele.”. (KAISER, 2012, p. 103).

Seguimentos frasais como “o silêncio e a oração” (43), “domesticação do corpo” (44), “em nosso Pai” e “lágrimas são a conversa com Ele” (45), ratificam a crença fervorosa do pregador, demonstrando que sua fé era realmente amparada por preceitos dogmáticos, cuja sustentação o guiava e direcionava. Pondero, com base em Thompson (1990, p. 82), que acreditar em tais princípios anímicos confirmam a relação de comprovação que o jesuíta estabeleceu junto à instituição religiosa a que se vinculava, em obediência, “pelo fato de serem representadas como legítimas, isto é, como justas e dignas de apoio”.

Diferentemente das atitudes embasadas na fé, um dos procedimentos da ideologia é a unificação, que promove a permanência da dominação por meio da composição simbólica de uma forma que venha a agregar “indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possam separá-los” (THOMPSON, 1990, p. 86). Pois bem, nesse sentido, parece que Cristina deixou claro não seguir à religião com fervor, uma vez que sua dúvida era uma constante:

- (46) **CARTA C** (*carta de Cristina a Antônio*)
“Antônio, como foi possível você oprimir as tormentas do seu corpo com orações?”. (KAISER, 2012, p. 110).

A forma como construiu seu enunciado questionador revela a força da indagação que a incomodava, pois ela pergunta ao amigo quanto

à capacidade de se aliviar por meio das preces. Essa oscilação quanto ao credo abraçado foi, também, confidenciada no excerto (42): “longo caminho tive de percorrer para tornar a sombra, o peso da minha culpa suportável para a minha alma” (KAISER, 2012, p. 192-193). A não busca pelo ser superior, pelo divino, trouxe às apreensões da sueca uma incompreensão ao modo como o jesuíta resolvia suas angústias, suas “sombras”, “suas culpas”.

Observemos, agora, outros trechos de correspondências nas quais o padre desabafa a respeito da culpa:

(47) *CARTA A* (carta de Antônio a Cristina)

“Nós só podemos aprender a humildade se conhecemos o pecado, todos os pecados; caso contrário, o orgulho bloqueará o caminho para a cura.”. (KAISER, 2012, p. 32).

De acordo com o trecho destacado em (47), Antônio Vieira esclarece que o modo adequado, conforme os preceitos de sua fé, de lidar com a transgressão se faz por meio da humildade, do reconhecimento do erro, sendo que a não obediência a essa condição impede a remissão. Isso evoca o pensamento de Giddens (2002), para quem “a tarefa de forjar uma identidade distinta pode ser capaz de trazer ganhos psicológicos específicos, mas também é claramente um peso” (GIDDENS, 2002, p. 172).

Por outro lado, a então rainha Cristina deixou a fé protestante – na qual fora criada – pela fé católica, o que a colocou na reformulação de novas sustentações, onde teve de recriar e reordenar suas experiências e, ainda, construir novas bases para as “tribulações do eu” (GIDDENS, 2002, p. 172). Resulta que Cristina foi acusada pelo Santo Ofício por conta de seu relacionamento próximo com o judeu Ejud de Neto e, ainda, porque ela estudava Astronomia. (KAISER, 2012, p. 53). Mesmo que tenha sido absolvida sem detenções maiores, a simples acusação e o período de avaliação das denúncias testificam seu comportamento não linear quanto aos dogmas que houvera escolhido assumir, firmados pela fé que adotara por decisão de convicção. A rainha entregou-se a um rebanho religioso sem se inteirar de suas diretrizes por completo, o que

a impediu de os ter enquanto seguimentos lúdicos de gerência e de refúgio.

De acordo com Fairclough (2003), uma estruturação social e linguística caracteriza as ordens do discurso enquanto práticas sociais, o sistema semiótico como estrutura social e, os textos, em eventos sociais (FAIRCLOUGH, 2003, p. 220). A igreja é, então, uma estrutura social definida, formada, um conjunto de possibilidades para a realização de eventos; a liturgia seriam os eventos sociais, construídos por um conjunto de formas (palavras e gestos) para a realização dos ritos; a missa, então, constituiria uma prática social, firmada enquanto ordem de discurso, com disposições a contribuírem para permanência ou mudanças na sociedade.

Um comentário, aqui, faz-se necessário: ao estabelecer os modos que indicam aos seguidores como agir, a instituição firma seu papel de significado acional, apesar de, com esse procedimento, também balizar os modos representacional e identificacional. A então rainha da Suécia, por isso, revelou em sua conduta que o significado representacional, ou seja, o que é marcado por seus aspectos do mundo físico, não se relacionava com o esperado por um seguidor fervoroso da religião da qual era adepta, por mais que professe a fé.

Na verdade, o significado identificacional registrado em suas missivas e, igualmente, em seu diário, estão carregados pelos traços de um espírito independente e constantemente questionador, o que remonta à Heloísa, analisada no capítulo anterior desta tese. As relações de poder firmadas entre sujeitos, quer sejam emancipatórias, quer sejam coercivas, contribuem para a concepção do conjunto de caracteres que os constituem socialmente, afinal a “construção de identidades sempre se dará em contextos de relações de poder” (BARROS, 2015, p. 81). Por isso, ainda que trouxessem marcas díspares às esperadas para mulheres de suas época e religião, Cristina e Heloísa foram sujeitos marcadas por suas culturas, pois a “identidade social faz com que pessoas assumam determinados papéis na sociedade, revestindo-se de sua própria personalidade (identidade social)” (BARROS, 2015, p. 82)

Quanto ao comportamento sacerdotal de Antônio Vieira, sua sustentação de fé, continuamente declarada, passou por percalços

afetivos, os quais, ainda que sentidos em sua profundidade, foram rejeitados em prática. Analisemos trechos de correspondências enviadas à Cristina, nas quais confia a Vieira intimidades sentimentais que estremeceram seus votos sacerdotais:

(48) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)

“O encontro com Dona Luísa abriu-me uma esfera, que eu até aquele momento ainda não havia pisado. [...] eu me encontrava diante de Dona Luísa e sua visão; a aura que a circundava escancarou um espaço em minha alma, que ardia em chamas. [...] conduziu-me a um mundo novo – as palavras devem ser claras e sublimes; por Dona Luísa eu queria fazer qualquer coisa. [...] Mesmo com toda meditação, eu não podia evitar a verdade – eu faço tudo pelo Nosso Pai –, contudo, em minha mais profunda verdade, eu confesso: também o fazia por Dona Luísa.”. (KAISER, 2012, p. 117-118).

O jesuíta estava com 33 anos quando se apaixonou por D. Luísa. Diante do sentimento inesperado e igualmente indevido, o religioso não conseguiu retirar de seus pensamentos a imagem de afeto pela rainha de Portugal, ainda que se entregasse às orações ao divino. Comparemos esse registro epistolar e outro, pertencente a um dos clássicos da literatura universal:

De que servirás essa paixão furiosa e sem limites? Não posso dirigir minhas preces senão a ela; nenhuma outra figura, a não ser a dela, se apresenta à minha imaginação, e só percebo o mundo que me cerca quando tem com ela alguma relação. [...] Quando passo junto dela duas ou três horas, alimentando-me da sua presença, das suas maneiras, da expressão celestial das suas palavras, pouco a pouco todos os meus sentidos adquirem uma tensão excessiva, meus olhos deixam de enxergar, mal consigo ouvir [...]. (GOETHE, 2003, p. 272)

A obra em formato epistolar, criada por Goethe, traz um jovem emocionalmente inflamado – Werther – a escrever para o amigo Wilhelm a respeito de seu apego por uma moça comprometida – Carlota –, a quem irá dedicar um afeto apaixonado, aficionado, e contra o qual não conseguirá lutar, até que tal sentimento o leve a tirar sua própria vida. Ainda que seja uma ficção produzida pelo afamado escritor alemão, o

livro **Os sofrimentos do jovem Werther** comoveu aos leitores da época por carregar, em sua composição estilística, traços de veracidade confidencial, aproximando o narrador-personagem das afecções sentimentais que marcavam os jovens da época – séc. XVIII-XIX. O que pode ser comprovado, guardado o espaço de séculos que os separa, ao se analisar as expressões usadas por Antônio Vieira que, ao confessar sua estima enamorada por uma mulher a quem não poderia ter – tanto por conta de seu papel sacerdotal, pautado em votos celibatários, quanto pelo dela que, apesar de viúva, era a monarca do reino de Portugal –, confia o que sentia por ela: “escancarou um espaço em minha alma, que ardia em chamas” e “por Dona Luísa eu queria fazer qualquer coisa” (KAISER, 2012, p. 117-118).

Tal revelação aponta para a concepção sociológica do pregador, que revela uma identidade construída pela união de suas emoções com suas atitudes – as quais representam a esfera individual e a pública. Hall (2006, p. 11-12) reflete a respeito do fato de o sujeito projetar a si mesmo nas identidades culturais enquanto internaliza a legitimidade de seu conteúdo, a fim de torná-las um componente de seus valores e, assim, adequando suas concepções subjetivas ao lugar que ocupa no patamar social e cultural. Cabe, aqui, mencionar que durante anos Vieira sustentou essa paixão idealizada pela rainha, deixando evidente em suas confidências que nunca as realizou fisicamente.

Os registros de Kaiser (2012, p. 129-130) trazem que, na época em que Vieira se encontrava em prisão domiciliar, D. Luísa foi visitá-lo e enfrentou as limitações impostas pela Inquisição, usando, para tanto, seu cargo de poder, pois buscava ter mais liberdade e intimidade com o pregador. Contra as regras impostas pelo Santo Ofício, a monarca leu trechos de sermões que ele houvera escrito e, em seguida, ajoelhou-se para lhe beijar as mãos, em deferência, mas o guarda inquisitorial o empurrou, impedindo o gesto. Diante dessa interdição, ela não recuou e o convidou, com o olhar carregado de esperança, a fazer o mesmo. Examinemos o trecho de uma carta que enfoca essa questão:

(49) *CARTA A (carta de Antônio a Cristina)*

“Eu não era capaz de me opor à ordem do confrade da Inquisição. A minha promessa de obediência a Loyola, à Companhia de Jesus, me comprometeu de modo muito mais forte do que qualquer outra emoção. E, depois de uma troca de olhares intermináveis, Dona Luísa compreendeu que eu havia me decidido: eu não iria contra o meu voto. Nem mesmo por sua causa.”. (KAISER, 2012, p. 130).

Pode-se ponderar que, se Antônio tivesse se aproximado e aceitado seu beijo, revelaria, com seu ato, que seu sentimento por ela estava acima de sua vida de pregador, de seu sacerdócio e dos votos à Companhia de Jesus. Tal oposição colocaria em confissão aberta o que sentia por ela e, ainda, agravaria sua situação, já tão delicada. Então, não o fez. A monarca portuguesa saiu visivelmente abatida, deixando o sacerdote com igual desolação e, seis semanas depois desse derradeiro encontro, faleceu, no mesmo período em que o jesuíta recebia sua condenação ao desterro e ao silêncio, conforme informa Kaiser (2012, p. 130).

Sua paixão e, em igual medida, sua renúncia à D. Luísa, registrada em detalhes na correspondência enviada à ex-monarca, possui traços de confissão que desnudam a alma de um indivíduo comum, ou seja, de um homem que se encanta por uma mulher que o atrai, por meio de seus atributos físicos e morais. Diante de sua revelação, de cunho tão íntimo e honesto, o religioso expôs à Cristina sua fragilidade diante da tentação de negar a fé em nome de um sentimento terreno e passional – afeição essa que, como expusera no extrato (48), levava-o a querer agradá-la em igual proporção à vontade que tinha de o fazer pelo ser supremo de sua devoção religiosa. Isso evoca um dos momentos na vida de Santo Agostinho que merece ser destacado:

Era para mim mais doce amar e ser amado, se podia gozar do corpo da pessoa amada. Deste modo, manchava, com torpe concupiscência, aquela fonte de amizade. Embaciava a sua pureza com o fumo infernal da luxúria. Não obstante ser feio e impuro, desejava, na minha excessiva vaidade, mostrar-me afável e delicado. (AGOSTINHO, 2010, p. 45)

Conforme registrado no excerto acima, o filósofo Santo Agostinho aponta, em suas **Confissões**, a vida de pecado que tivera antes da conversão ao Cristianismo, expondo os diversos atos de libertinagem experienciados, bem como a intensidade da vergonha que suportou ao se lembrar do que sentira e do que provocara nas mulheres com que se relacionou (AGOSTINHO, 2010). Por isso, Antônio, ao revelar à sueca o sentimento cultivado por D. Luísa e, igualmente, sua decisão de o renegar no momento em que mais se beneficiaria dele – sair da prisão, por exemplo –, traria em registros de intenções a pretensão de assinalar que sua batina guardava uma alma humana, um corpo de homem, um coração formado por desejos e vontades iguais às dos demais. Porém, mais ainda, estaria, em suas linhas, as marcas linguístico-discursiva de apontar para aquilo que o configurava acima de qualquer característica regular e plural: as palavras de uma fé inflexível, irreduzível, pautada no invisível. Afinal, a obra basilar de sua crença dogmática traz em registro, dentre infindos outros, o verso: “Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos”¹³⁰ (BÍBLIA SAGRADA, 1993).

Expor à ex-monarca – por quem já demonstrava um carinho acima do comumente esperado entre amigos – detalhes de seu desvio sentimental pelo celibato jurado e, ainda, a resistência que tivera em transgredir sua fé por meio de atos ilícitos compelia à interpretação de que, vindo a revivescer um evento de afeto sacrílego, igualmente declinaria de o sustar, já que seu consagrado credo era-lhe de maior valor. De acordo com Gumperz (1982), a inferência discursiva firma-se como um processo linguístico que atua acima da lógica esperada, pois abarca concepções sociocognitivas que apontam para uma percepção que considera a experiência social e os indícios enunciativos na produção colocada.

Sendo uma atividade processual, a confissão narrada nas cartas traz as estratégias que o pregador tão bem governava, enquanto pregador argumentativo e persuasivo, quanto ao uso proposital do conhecimento gramatical e lexical, a fim de produzir mensagens cujo raciocínio

¹³⁰ Bíblia Sagrada, Epístola aos Hebreus 11:1.

interpretativo provém do conhecimento social e linguístico, tanto do emissor quanto do receptor. De acordo com Gumperz (1982), a natureza intelectual vincula-se ao contexto social, com a cognição e a linguagem sendo afetados pelas forças culturais e, desse modo, promovendo aos interlocutores a competência para a interpretação devida de suas atividades discursivas e, por isso, a efetivação de uma produção de sentido coerente. Nesse sentido, Vieira e Vasa firmaram, em pouco tempo, uma comunicação construída de maneira propícia, a considerar e dilucidar os enunciados trocados, pois partilhavam de conhecimentos que constituíam a realidade interativa que formava seu convívio, o que, no dizer de Gumperz (1982), conhecemos como pistas de contextualização.

Após declarar na Academia da Arcádia, diante dos presentes e do Sumo Pontífice, o apreço sentimental e desejoso que tinha pela ex-rainha, o pregador português teve seu retorno ao Brasil decretado pelo Papa que, na verdade, tentava protegê-lo de consequências piores. Então, quando subia à carruagem que o levaria em viagem até o porto, a ex-monarca, que ali estava para dele se despedir, recebeu das mãos de Vieira o que seria uma última carta redigida em Roma, na qual um trecho ao final trazia:

(50) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
“Eu a abraço, abençoo-a e, cada oração, você fará parte dos meus pedidos ao céu.”. (KAISER, 2012, p. 207).

Assim como o fez com D. Luísa, Antônio Vieira renunciava à efetivação do sentimento por Cristina em nome de sua fé, que lhe serviu de suporte enquanto viveu. Segundo Castells (2002, p. 29), “encontrar consolo e refúgio na religião” é uma condição da natureza do indivíduo social.

Estando presente no decorrer da história da humanidade, o fundamentalismo cristão é uma forte e bastante aprovada influência, em termos de composição identitária, já que uma “profusão de recompensas terrenas aguarda o cristão que se compromete a obedecer a esses princípios e preferir os desígnios de Deus ao seu próprio planejamento

de vida” (CASTELLS, 2002, p. 29). Considerado carregado de imperfeições e condutor para o sofrimento eterno, por colocar o sujeito longe do seu Criador – figura personificada do símbolo de sua fé –, o crente vive uma batalha ideológica, entre as condições terrenas de sua construção biológica, humana, e os ícones abstratos – perfeitos em atributos – promovidos culturalmente como soberanos e criadores dessa existência humana, em condição imperfeita no uso das emoções.

Por ter internalizado um “temor profundamente arraigado pelo desconhecido”, o ousado pregador age com piedade e contrição, pois acredita de modo inabalável que receberá a misericórdia divina, a restauração, “em troca do compromisso com o arrependimento e o testemunho cristão” (CASTELLS, 2002, p. 43). Portanto, abraçado ao futuro utópico que sua crença lhe fornece, Antônio Vieira escolhe o imaterial, e a ele destina seu amor em maior intensidade, prática e sacrifício, renunciando, mais uma vez, a experimentar uma paixão correspondida e, o que mais cabe ressaltar, legitimamente humana.

5.3.3 O gênero social enquanto identidade constituída

Cristina Vasa, a exemplo de Heloísa – que vivera meio milênio antes – igualmente foi influenciada pelas prescrições instituídas pelos governos e pelas religiões do século XVII – protestantismo e catolicismo. Suas recorrentes inquições e suas atitudes insubmissas aos dogmas e às regras constituídas moldaram-lhe uma personalidade que ganhou fama e, igualmente, oponentes reprovadores, como sua mãe, seus tutores e diversos seguidores das duas crenças pelas quais passou. Em seu diário, encontra-se registrado o seguinte:

Em minhas palavras não encontrei nada que me consolasse. Não fui sempre eu a causa de todo mal? Na minha pressão por liberdade lancei uma nação inteira ao caos, como disseram. Minha mãe e meu tutor Axel Oxenstierna faleceram poucos meses depois de minha abdicação. (KAISER, 2012, p. 184-185).

Resulta que a devoção de Cristina pelo conhecimento e, em consequência, suas investigações constantes pelas verdades científicas,

filosóficas e religiosas contribuíram para que tivesse um espírito subversivo, ainda que exatamente o contrário a isso era o esperado para os que viviam em plena Inquisição, onde o Santo Ofício exercia seu poder reprovador com intenso rigor. Assim como Heloísa de Abelardo, a ex-rainha sueca buscou sustentar sua personalidade e suas crenças individuais até onde sua posição sociopolítica lhe permitiu. E parece que ambas chegaram a ferir moralmente pessoas que lhes eram próximas e a quem deviam respeito e sujeição – Heloísa a seu tio e Cristina à mãe e aos tutores. Apreciemos um trecho de uma carta de Cristina:

(51) *CARTA C (carta de Cristina a Antônio)*

“Algumas das minhas verdades de vida eram opressoras. Assim, eu decepcionei profundamente meu tutor Axel Oxenstierna; não consegui me fazer entender pela minha mãe; não pude perceber as verdadeiras intenções de Gabriel, a verdade em relação ao meu crime de Fontainebleu lançou-me no abismo[...]”. (KAISER, 2012, p. 193).

O trecho acima evoca uma definição colocada por Castells (2002, p. 22), para quem “o processo de construção de significado com base em atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado” definem o que vem a significar a identidade de um sujeito, sendo necessário, porém, a distinção entre identidades e papéis exercidos, pois “algumas autodefinições podem também coincidir com papéis sociais”.

No caso das duas mulheres citadas – Heloísa e Cristina –, ambas se aproximam quanto ao desafio declarado às normas instituídas. Por isso, foi preciso que tanto Heloísa quanto Cristina disfarçassem o que realmente reputavam em comportamentos preceituais, já que a própria sobrevivência lhes exigiu isso, levando-as a assumirem papéis sociais que se opusessem às suas respectivas identidades. Ter pensamentos divergentes aos estipulados numa determinada época sempre trouxe mais punição para a mulher do que para o homem, o que demonstra a supremacia de uma categoria sobre outra (BUTLER, 1990).

Analisemos, agora, a identidade constituída por meio do gênero em construções linguísticas retiradas de extratos subtraídos de cartas que Cristina Vasa e Antônio Vieira trocaram em intimidade e confissão.

(52) **CARTA A** (carta de Antônio a Cristina)

“Eu penso que beleza é um todo harmônico, como em você, Cristina: o olhar intimativo em seus olhos tropicais verde-escuros; a austeridade em seu rosto quase masculino e, por outro lado, a maleabilidade no seu andar. Isso é, no todo – beleza e verdade. [...] para ver a beleza, para sentir uma pessoa que vive em sua verdade, eu olho para você. E persisto naquilo que já lhe disse várias vezes: o que eu mais aprecio é seu espírito delicado.”. (KAISER, 2012, p. 80).

(53) **CARTA A** (carta de Antônio a Cristina)

“[...] não fale da perda de brilho de sua beleza. Você é um ser feminino belo, que ilumina a partir do interior, e com o passar dos anos se tornará mais bela ainda, mais verdadeira. Para rapazes, que buscam um corpo em flor, você não apresenta interesse.”. (KAISER, 2012, p. 161).

Em ambas as cartas o pregador fala à amiga a respeito da composição de sua beleza, analisando-a em atribuição de valor. No aspecto físico, Vieira comenta, no excerto (52), a respeito de seus olhos, dos traços de sua face e de seu andar, arrematando, porém, a supremacia de sua delicadeza de espírito, o que viria a significar sua personalidade. O jesuíta traz referência de exaltação aos aspectos subjetivos da sueca porque sua compleição aproximava-se, em sua época, do que era a configuração masculina.

A rainha Cristina foi objeto de paixão de pessoas que a conheceram, mesmo após seu período de mocidade. Todavia, a desfiguração aos arquétipos de feminilidade de seu período histórico desfigurava-se da “construção da identidade social do gênero feminino”, apontada por Silveira (2001, p. 29), na qual a permanência dos costumes influencia quanto à manutenção da identidade concebida socialmente.

Como já apontado no subtópico **5.3.1** (Conhecimento como marca identitária), a inteligência superior de ambos foi o que mais lhes atraiu um ao outro, e é a isso que Antônio declarou quando escreveu no

excerto (53): “Você é um ser feminino belo, que ilumina a partir do interior, e com o passar dos anos se tornará mais bela ainda, mais verdadeira” (KAISER, 2012, p. 161). Suas declarações a respeito da personalidade de rainha reforçavam a admiração intelectual que tinha por ela, e que foi compartilhada por todos que a cercavam (BUCKLEY, 2011).

A pressão social, todavia, afligia a ex-monarca de modo acentuado, como é possível avaliar nos trechos seguintes, de cartas que enviou ao amigo.

(54) *CARTA C (carta de Cristina a Antônio)*
 “Apesar disso, você tem razão, a amizade com Decio Azzolino exige muito de mim, pois eu me esforço para bancar a meiga.”. (KAISER, 2012, p. 161).

(55) *CARTA C (carta de Cristina a Antônio)*
 “Ao mesmo tempo, eu me sinto interiormente como Pythia, a sacerdotisa de Delfos, antes que ela se retirasse do templo, do espaço sagrado do oráculo. Estou triste. Exigi muita liberdade? Ter desejado viver como uma mulher libertina, como cientista em uma sociedade de homens – foi esta uma vontade exagerada?”. (KAISER, 2012, p. 210)

O extrato (54), enviado em missiva durante os cinco anos em que Antônio permaneceu em Roma, carrega o desabafo da monarca quanto a seu contínuo esforço em se enquadrar aos padrões instituídos. Ao dizer “bancando a meiga”, Cristina assumiu o fingimento na atuação de uma imagem que não lhe era natural, todavia, necessária. A imposição de tal atributo está vinculada a seu gênero, afinal, o contrário não seria reclamado a um homem, instaurando que determinados qualificativos comportamentais compõem a construção identitária feminina, por significarem desse modo em um contexto cultural, pois, “se as interações são gendradas, faz-se necessário pensar se há e quais seriam emoções interpeladas diferentemente em homens e mulheres” (ZANELLO, 2018, p. 37)

Já a correspondência, a cujo extrato (55) pertence, foi enviada a Antônio por meio de Bento Almirantes. Já distante de seu interlocutor, a quem via com tanta frequência e se confidenciava diretamente, a sueca

agora se comunica espaçadamente, com envio e recebimento de respostas com longo tempo de intervalo. A distância de Vieira e o tempo que já não o mais vê revelam-se na tristeza declarada, bem como na reavaliação que faz de si mesma, quanto aos anos que tentou impor sua personalidade fortemente contrária aos comandos sociais que a cercavam.

De acordo com Hall (2006, p. 13), os processos sociais interferem na formação da identidade, que passa por constantes transformações e cujas representações interagem com os sistemas culturais nos quais os sujeitos encontram-se inseridos. Por ter sido definida historicamente, além de biologicamente, a ex-monarca sueca assumiu identidades distintas em momentos diferentes, a quais não foram “unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.” Afinal, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções” (HALL, 2006, p. 13), de forma a deslocar constantemente nossas assimilações.

Aos vinte anos de idade, a então rainha Cristina Vasa afirmou: “Jamais serei o arado para o campo do homem”. (KAISER, 2012, p. 157). De acordo com os registros de Waithe (1991), tal alegação respalda suas atitudes mesmo após a renúncia ao trono da Suécia, pois dispensou pretendentes poderosos com a justificativa de não querer/precisar de um homem a dominar sua vida, ainda que não mais estivesse à frente do governo de um país e, por isso, passasse a viver sozinha e dependente de mesadas e favores.

No século anterior, Isabel I¹³¹, rainha da Inglaterra, agira desse modo, porém, com o intuito de reger sozinha a Inglaterra e a Irlanda. Conhecida como a Rainha Virgem, imperou por quarenta e quatro anos, promovendo em seu governo um sentimento nacionalista não antes vivenciado, sendo exaltada como heroína da fé protestante e a governante provedora de uma era de ouro (BLACK, 1945). Seus feitos foram registrados, diferentemente do que ocorreu com a ex-rainha Cristina Vasa, que abdicou por questões pessoais e buscou uma vida voltada a seus anseios intelectuais e afetivos, ainda que não o fossem amorosos. Portanto, ao sair do trono, a sueca sabia que seus feitos seriam apagados,

¹³¹ Ou Elizabeth I (1533-1603).

já que o governo era o que poderia garantir algum louvor às suas atuações.

Ponderemos sobre outro excerto de suas cartas, em que avalia seu papel de mulher, não mais rainha, e a situação a qual tal condição a levou:

(56) **CARTA C** (*carta de Cristina a Antônio*)

“Os livros de história são escritos por homens, e aquilo que uma mulher faz em determinado período da história é rapidamente apagado. O feito inteligente de uma jovem princesa herdeira – a minha atuação em outubro de 1648 para que se alcançasse a paz de Vestfália – correrá durante alguns anos de palácio em palácio, de salão em salão, mas logo este feito cairá no esquecimento. Estou ciente disto.”. (KAISER, 2012, p. 144).

A consciência de que o que havia realizado seria apagado dos registros históricos aponta o conhecimento da ex-rainha para com sua decisão ao abdicar e preterir sua responsabilidade política, advinda do nascimento, diante de seus anseios individuais e de suas vontades particulares. Pondera Zanello (2018, p. 61) que os dispositivos preceituais são configurados histórica e socialmente, bem como contextualizados em raízes que se entrelaçam à cultura. Sendo assim, seria incomum que uma mulher, a quem fora determinado que o dispositivo amoroso formasse sua identidade e desempoderasse suas ações sociais, entregando-as ao domínio masculino, pudesse vigorar nos arquivos documentais como alguém de importância política, ainda que realmente o fosse. Já Isabel I conseguira o feito por meio de uma teimosa e arriscada insistência, vinculada a estratégias e arranjos políticos, mas, Cristina Vasa, abrindo mão de tal diligência, teve por consequência a compilação de sua vida privada e de suas relações sociais e artísticas, como se somente isso a houvesse caracterizado. (BUCKLEY, 2011).

(57) **CARTA C** (*carta de Cristina a Antônio*)

“Você conhece meu ritmo o meu ritmo de vida: eu amo a tempestade e temo o silêncio.”. (KAISER, 2012, p. 192).

Trazer a tempestade como símbolo de representação ao que lhe é caro sumariza o olhar que carrega sobre si mesma, em pensamentos, palavras e ações. Ainda, impulsiona-a à reflexão sobre as próprias decisões, que provocam a tal tormenta sobre sua vida como consequência das escolhas tomadas com tanta ousadia. O temo “tempestade” representa agitação, desordem, intempérie e instabilidade, aspectos avaliados na vida da monarca, desde sua mocidade até seu falecimento. Segundo Hall (2006, p. 13), é um desvario acreditar em uma identidade “plenamente unificada, completa, segura e coerente”, afinal, “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam”, o sujeito é defrontado por uma diversidade de identidades possíveis, tanto perturbadoras quanto mutáveis, com as quais poderá se reconhecer, ainda que momentaneamente. Cristina foi esse sujeito assujeitado, ou seja, “formado e transformado continuamente em relação às formas” (HALL, 2006, p. 12-13) por meio das quais poderia ser representada ou interpelada diante dos sistemas culturais – governos e igrejas – dos quais fazia parte, quer como professante, quer como soberana.

A consciência a respeito da personalidade intempestiva que possuía, além de afirmada em suas missivas, a seu amigo e confidente, foi, também, registrada em seu diário.

Final de maio de 1675, hoje estamos no vigésimo oitavo dia. Aqui termina este diário. Uma fase de vida encerrou-se também para mim. Eu sinto que estes últimos anos, estes quase seis anos com Antônio Vieira – de setembro de 1669 a final de maio de 1675 –, foram os mais importantes para mim. A tranquilidade se instalou em mim, pois me reconciliei com todos aqueles que me deram ordens e me condenaram. Comigo cumpriram seu dever, mas não tinham nenhuma ideia do ser humano em mim. (KAISER, 2012, p. 205)

A partida do jesuíta promoveu na monarca mais uma das múltiplas e desconcertantes variações que nossa identidade pode vir a sofrer, ainda que de modo temporário, dentro da perspectiva de Hall (2006, p. 13). Normalmente enérgica e dinâmica, Cristina queda-se em tranquilidade e reconciliação com antigos desafetos, justificando-se que essa também seria uma de suas facetas, afinal, “não tinham ideia do ser

humano” que a constituía (KAISER, 2012, p. 205). Tal melancolia firmase no desvencilhamento com aquele que fora um igual, um encontro marcado e rompido pela própria igreja a quem serviram por livre escolha. Como registra Kaiser (2012), com base nos originais do diário de Cristina:

Ele entrou na carruagem papal, que o levou até o porto, eu o segui e observei como ele balançava na embarcação. Ele hesitou por um instante, então virou-se e dirigiu-me ainda um olhar e um sorriso; a partir deste momento, o seu olhar direcionou-se somente para o mar aberto. (KAISER, 2012, p. 207)

O fragmento acima evoca os ensinamentos de Fairclough (2003, p. 159), a relação de interiorização entre representação e reconhecimento faz-se presente nas atitudes, pois o “processo de identificação envolve os efeitos constitutivos do discurso”. A necessidade de que o enunciado expressivo seja visto enquanto um recurso dialético está aliado à premência de se analisar as manifestações linguísticas enquanto processos incutidos em identidades. Ao registrar que o olhar de Vieira voltou-se para o mar aberto e assim permaneceu, Vasa delineia que compreendeu a decisão tomada pelo pregador quanto a seu destino, o que reafirma o significado identificacional desse gesto, firmado pelas palavras da sueca, estabelecendo que seu diário foi, realmente, um texto a ser visto “como pressupondo significados representacionais”, com presunções a promoverem identificações, caracterização que faço com base nas palavras de Fairclough (2003, p. 159).

Por outro lado, os apontamentos de Giddens (2002, p. 39) registram que uma exposição “da autoidentidade deve ser desenvolvida dentro do quadro geral da constituição psicológica do indivíduo”, tendo por premissa que o sujeito conhece, na maior parte do tempo, a razão de suas ações e a composição delas. Antônio e Cristina entendiam que seus sentimentos se opunham aos dogmas da fé sustentada e, por tal razão, a separação definitiva fazia-se necessária. Como bem observa Giddens (2002), “os agentes são normalmente capazes de fazer interpretações discursivas da natureza e das razões do seu comportamento”, ainda que as convenções sociais geradas e reproduzidas por reflexões induzam ao

“seguir em frente”, pois a consciência reflexiva é um atributo da ação humana, intrínseca ao seu comportamento (GIDDENS, 2002, p. 39).

A decisão pela fé separou os dois, deixando o Atlântico como a amurada que testemunhou a renúncia, a separação, no mar aberto que colheu as saudades, apartadas, então, pelas escolhas. As atividades sociais, segundo Giddens (2002), promovem a consciência prática, ainda que não-consciente, levando os sujeitos a se concentrarem nas tarefas que o induzem a prosseguir. Mas onde estariam as barreiras emocionais? Onde os dois conseguiriam controle cognitivo e emocional para resistirem ao afastamento? Seria a fé, com as orações e as penitências, suficiente para apaziguar a mágoa que substituiu a companhia do outro?

Cristina Vasa abraçou uma fé diferente da que sustentava seu país, enquanto Antônio Vieira entregou-se ao credo que lhe adveio de berço. Apesar das distintas origens, ambos aderiram à crença católica por decisão própria, chegando, no caso da monarca, a ser uma atitude perigosa, diante de sua origem – seu pai morreu em defesa do protestantismo, por exemplo. Dificilmente os amigos teriam se relacionado com tanta intimidade se a ex-monarca não houvesse tomado as atitudes abdicatórias que redefiniram o rumo de sua vida – renúncia política e religiosa –, pois uma estreita amizade entre os dois far-se-ia improvável diante dos embates hostis que sustentavam as rixas devocionais da época. Refletindo a respeito dessas questões, investiguemos, no subtópico analítico seguinte, se o sentimento que cultivaram poderia ter sido extirpado ou, ao menos, atenuado pela crença no imaterial.

5.3.4 Servidão sentimental

Uma crença advém do estado psicológico do indivíduo, sustendo-se em sugestões e alegações estabelecidas como verdades, até se transfigurarem em convicções, mesmo que se originem de conjecturas não comprovadas (ARGYLE, 1997). Permito-me sugerir que, pautadas, muitas vezes, em justificativas elucubradas em sensações ou relatos metafísicos individuais, as crenças tornam-se postulados consensuais e

criam dogmas que sustentarão ideologias e formarão identidades, interferindo, inclusive, no modo de sentir e pensar de seus seguidores.

As emoções, por sua vez, são respostas sobrevindas de conjunturas vinculadas às situações experienciadas, culturalmente concebidas e psicologicamente justificadas (LEAVITT, 1996). Por isso, a necessidade de inquirir a respeito das sensações fez-se necessária, pois existia a questão sobre sua natureza ser constituída pelas circunstâncias ou concebida naturalmente, depreendendo-se, para o estudo científico adequado, serem a expressão interna e espontânea do sujeito, todavia, afetada pelos conceitos sociais.

Nesse viés, ou seja, conduzidas pela orientação da Psicologia quanto aos sentimentos – naturais + avariados socialmente – (LEAVITT, 1996), atrevo-me a analisar os afetos de Cristina e Antônio, registrados nas missivas que trocaram.

(58) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)

“Eu a visitei pela primeira vez muito mais por educação e curiosidade. Em sua casa, em sua presença, eu me senti imediatamente à vontade. Cristina, você me inspirou tanta confiança que, na mesma noite, eu lhe escrevi uma carta. As palavras fluíram com muita facilidade de minha pena. E assim me foi mostrado o caminho, o meu caminho para conversar com a senhora, Cristina.”. (KAISER, 2012, p. 40).

Enviada logo após seu primeiro contato formal com a ex-monarca, a carta do pregador, cujo extrato acima representa, está carregada da formalidade devida à situação e aos envolvidos, apesar de revelar a abertura desejada para um relacionamento de maior confiança: uma amizade. A intenção de instaurar laços mais estreitos, conforme registrado por Kaiser (2012), efetivou-se rapidamente e sustentou-os nos anos porvir, crescendo em seu decorrer.

(59) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)

“Eu quero dar o valor exato ao nosso abraço de ontem. ‘Às vezes me faz falta o cheiro de pele’ – disse-me você –, posso tratá-la de você, não é? – e tem razão. Se nos foi ordenado caminhar pela treva,

devemos então, apesar disso, aceitar o reconforto de sentirmos um outro por alguns momentos. Uma segunda pessoa ameniza todo sofrimento. Que bênção nos foi concedida, Cristina, pois sabemos que a nossa amizade foi selada com nosso abraço.”. (KAISER, 2012, p. 46).

A essa carta, Cristina respondeu imediatamente:

(60) **CARTA C** (carta de Cristina a Antônio)

“[...] o que existe é uma unidade: em nossas conversas, em nosso silêncio, em nosso abraço. Quaisquer que sejam os acontecimentos e abalos que estejam por vir, eu persistirei e me mantereí firme, pois a graça da nossa amizade e do nosso amor não me foi vetada[...].”. (KAISER, 2012, p. 46).

Pode-se afirmar que Vasa e Vieira eram dois intelectuais incompreendidos por suas conjunturas sociais e, ainda, inconcebíveis para religião que professavam ser adeptos. O jesuíta fora condenado pelo Santo Ofício e, por isso, estava em Roma; a represália dogmática a suas exposições, portanto, foi exatamente o que promoveu seu encontro com a sueca, a quem possivelmente não teria conhecido, tendo em vista sua predileção por viver no Brasil e nessa colônia portuguesa promover suas catequizações. Sendo assim, as adversidades sofridas os aproximaram, uniu-os em conversas, silêncios, abraços respeitosos, o que os fortaleceu em amor e amizade, conforme registrado no excerto (60) da ex-monarca.

Cabe, aqui, mencionar que os estudos de Ekman (2011, p. 40) a respeito das emoções apontam que o cérebro armazena os eventos com a finalidade de resguardar o indivíduo de perigos e situações nocivas, concernentes “ao medo, à ameaça de dano, ou, com relação à tristeza, a alguma perda importante”, à perda de apoio. Ainda de acordo com o psicólogo, a infelicidade provoca expressões involuntárias, não intencionais, que acabam por atrair a comoção dos outros, ainda que irrefletidamente (EKMAN, 2011, p. 103). A missiva de Cristina revela seu amparo para com o sofrimento de Antônio, a quem prometeu firmeza e apoio, assegurando-o de sua amizade e de seu afeto diante dos eventos

cruciantes que ainda poderiam suceder. O pregador, a tais expressões, veio a responder:

- (61) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
 “E a nenhuma outra pessoa além de você, Cristina, eu confiaria minhas queixas.”. (KAISER, 2012, p. 73).
- (62) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
 “Você sabe que somente as visitas que lhe faço tornam a minha vida atual suportável. A todo momento eu agradeço aos céus pela graça de nos ter conduzido um para o outro””. (KAISER, 2012, p. 85).

O sentimento de gratidão que o jesuíta demonstra pela amiga confirma que ela realmente lhe forneceu a força da qual precisava para sustentar as aflições que teve de enfrentar durante o período em que esteve sob o julgo do Santo Ofício, sendo vigiado e advertido cotidianamente, comprovando que realmente firmaram uma afeição íntima, afetuosa e duradoura. Evoco o pensamento de Thompson (1990, p. 78), para quem as configurações simbólicas e o significado que carregam são “constitutivos da realidade social e estão ativamente envolvidos tanto em criar como em manter as relações entre pessoas e grupos”, o que coloca o papel de cada um, desse casal de amigos, como uma representação emblemática destinada a bem mais do que articular “relações sociais ou interesses que são constituídos fundamental e essencialmente”.

Em um nível relacional, Cristina e Antônio buscaram um no outro uma similitude por meio da associação, tendo em vista que a construção da identidade é tanto simbólica quanto social (HALL, 1997). Hall (1997) ainda avalia que, apesar de se constituírem processos distintos, o social e o simbólico são igualmente necessários para a composição e a conservação das identidades, com as quais os sujeitos se reconhecerão e se investirão. Sintetizo, aqui, a obra de Kaiser (2012), que detalhou a respeito de Cristina, a ex-rainha que tomou sobre si a responsabilidade de ser forte, de sustentar e apoiar o pregador perseguido e injustiçado por sua própria congregação de fé, bem como a Antônio, que, já acostumado a receber tais acolhimentos régios, aceitou seu frágil papel de tutelado.

Decorrentes de uma amizade inicial, fruto da confiança imediata que transpareceram – confirmada no excerto (58) –, seria previsto que sentimentos outros nascessem dessa convivência contínua e pautada na troca de segredos sugestivos, com a revelação de atitudes pecaminosas. Antônio detalha sua paixão não consumada para com a rainha Luísa, enquanto Cristina esmiuda sua vida de amantes e, ainda, o sentimento de haver sido traída por um deles, a quem veio ordenar o assassinato. Essa intimidade, vivenciada em palavras escritas, mas, também, em olhares, expressões e contatos físicos, promoveu afetos mais arrojados, que, ainda que tentassem dissimular, transpareciam a premissa escondida, afinal, a intimidade também termina por oferecer ao outro a interpretação mais acertada do que se tenta disfarçar (KILBOURNE; PIPHER, 2000).

A monarca, reflexiva a respeito das palavras de admoestação que o jesuíta começa a lhe voltar com recorrência, registrou em seu diário: “O que está acontecendo comigo para achar que Antônio seria capaz de emoções tão inferiores? A vaidade me leva tão longe, que eu quero ver Antônio Vieira com ciúmes?” (KAISER, 2012, p. 66). Sua dúvida seria confirmada, ou seja, o padre português estava realmente inquieto e cioso diante da amizade que ela conservava com alguns frequentadores da Academia da Arcádia. Contudo, tal sentimento somente viria a ser explicitado quando ele soube da vinda do afamado e bem-apeσοado rei da Polônia, que estaria em Roma para conhecer a ex-rainha da Suécia, cuja fama relacionada à sua inteligência já era conhecida pela Europa. Analisemos tais indícios no excerto seguinte:

(63) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)

“Você agradará a ele. Ele se sentirá arrebatado por sua inteligência penetrante, sua língua, também pelo seu cabelo, seus olhos. [...] Sim, Sobieski se sentirá arrebatado!”. (KAISER, 2012, p. 148-149).

As expressões do pregador, no fragmento (63), devem ser interpretadas em seu contexto cultural específico em união à intensidade de sua relação com a ex-rainha. Afinal, o significado de seu discurso vem inculcado na construção do enunciado, que, por sua vez, é firmado pelo sistema da representação que a composição das palavras provoca. Na sua

teoria de linguagem, Halliday (1994, p. 179) classifica o campo da representação como metafunção experiencial, associando-o à composição da linguagem como uma teoria da realidade, ou seja, como uma experiência de reflexão sobre o mundo, como um recurso para interpretar a existência.

Sendo a linguagem uma ferramenta para representar a realidade subjetiva e seu vínculo experiencial com o mundo – quer seja esse cognitivo, quer seja físico –, os recursos semânticos ideacionais, então, constroem essa relação significativa que, apesar de individual, denota-se em construtos resultantes das interferências externas. Por isso, quando Vieira sugere que o general Sobieski sentir-se-á atraído por determinados atributos físicos e psíquicos de Cristina, Antônio, na verdade, revela o que o faz se sentir arrebatado em relação à amiga, tendo a construção de seu enunciado categorizando a significação intrínseca em seu mundo interior (cognitivo).

Em outra correspondência, o religioso já houvera manifestado esse sentimento, por meio de suas queixas quanto às recorrentes visitas do Cardeal Decio Azzolino ao Palácio Riário. A amizade da ex-monarca com o cardeal se fizera desde sua chegada a Roma, ou seja, era bem anterior à que firmara com o jesuíta. Todavia, Vieira a importuna a respeito dessa relação:

(64) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)

“Cristina, a amizade com este cardeal exige muito de você. Em todas essas visitas e encontros não se conversa nem se pensa nada muito verdadeiro. Ele faz de conta que é seu amigo. (KAISER, 2012, p. 160)

Com base no excerto (64), em destaque, pode-se inferir que o feitiço de uma intriga palaciana perpassa as expressões redigidas de Antônio, revelando seus sentimentos de despreço ao cardeal. Segundo coloca Ekman (2011), é complicado enumerar um emprego para o menosprezo que não seja o de sinalizar um sentimento de superioridade, revelando a ausência de vontade em se envolver com o outro. Afinal, o “desprezo expressa poder ou status. Aqueles incertos a respeito do próprio status tendem a manifestar desprezo para afirmar sua

superioridade sobre os outros” (EKMAN, 2011, p. 193) e, por isso, faz-se comum que esse sentimento venha acompanhado da raiva, expressada em aborrecimento.

Por outro lado, cabe mencionar que, em seus apontamentos, Fairclough (1992) pondera a respeito da concepção de ideologia, afirmando preferir interpretá-la nas estruturas discursivas que estabelecem o resultado de eventos passados, nas “condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras”, afinal, segundo ele, “as ideologias estão nos textos” (FAIRCLOUGH, 1992, p. 118-119). Nesse sentido, Vieira traz em seus escritos a revelação de seus sentimentos, até então, ocultos, resguardados, por serem ajuizados sacrílegos e transgressores, dada a sua condição sacerdotal, firmada em votos de castidade – determinações de uma ideologia religiosa.

Cristina Vasa compreende os significados diluídos nas cartas do jesuíta – primeiramente a respeito do general e, em seguida, sobre o cardeal – e, igualmente, a objeção que isso reflete quanto às posições políticas e dogmáticas que ambos detêm. Então, a ele responde:

(65) **CARTA C** (*carta de Cristina a Antônio*)
“Meu querido Antônio, como devo entender isso? Em você clama – eu mal ouse pronunciar a palavra – o ciúme? [...] Querido Antônio, vamos interromper as nossas conversas por duas semanas, pois meu espírito, minha alma e meu corpo necessitam de um tempo de abstinência.”. (KAISER, 2012, p. 160-161).

Apesar de obter a confirmação da desconfiança que já registrara em seu diário a respeito do modo de falar e agir de Antônio, presumindo que poderiam esconder ciúme (KAISER, 2012, p. 66), Cristina não se satisfaz com a explicitação desse sentimento. Afinal, ele lhe houvera confessado a paixão extasiada pela rainha Luísa e, igualmente, a renúncia de viver esse amor por conta da fé que abraçara com devoção (KAISER, 2012, p. 116-130). Sendo assim, já compreendia o que poderia esperar de seu confidente e confessor: se algum afeto além da amizade lhe firmasse na alma, de igual modo seria abnegado em nome dos votos de fé. Afinal,

para Vieira, suas crenças se apoiam na convicção de que sua vida precisa sempre escolher “em defesa dos valores morais e cristãos”, estando voltada continuamente “à construção da identidade social e pessoal, [...] com base em imagens do passado projetadas em um futuro utópico, visando à superação do insustentável tempo presente”, bem como registra Castells (2002, p. 42).

Todavia, a missiva de Vasa vai de encontro ao conforto afetivo com o qual ele estava acostumado, ou seja, o de a ter constantemente disponível em amizade e consideração, como podemos ver comprovado em sua resposta:

(66) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
“Desculpe-me, Cristina. [...] Minha querida Cristina, você é importante para mim! Desde que estou em Roma, você é a pessoa mais importante para mim. [...] Ameace-me, mas não me negue um encontro por mais de duas semanas [...]”. (KAISER, 2012, p. 161).

A abstinência solicitada pela sueca parece afetar bastante o pregador, que se enxerga sozinho em Roma, sem sua companhia cotidiana e assídua, sem sua protetora, sem sua “Minerva do Norte”. Zanello (2018, p. 61) contextualiza que as raízes e a formação cultural do sentimento amoroso empodera e fornece proteção psíquica ao homem, sendo que, para as mulheres, coloca-se como central e as remete ao lugar de desempoderamento. Por isso, a perda dessa situação de prestígio e comodidade inquieta o jesuíta, que, ainda, soube em detalhes de como o encontro da monarca com o rei da Polônia houvera sido regado a gentilezas, com ele a lhe estender abertos elogios – foi exatamente Cristina quem lhe contou em carta, conforme lhe fora solicitado por Vieira (KAISER, 2012, p. 158-159). Por isso, a afeição que o religioso procurava esconder – às vezes de si mesmo também – assume prevalência diante do temor que a ausência temporária da sueca lhe provoca, o que confirma o apontamento de Ekman (2011, p. 162), que pondera, com relação ao medo, “que muitas vezes surge depois da surpresa, pode ser extremamente breve, mas pode durar algum tempo”.

Semanas após esse desenlace temporário, os encontros e as correspondências retornam. O general Sobieski houvera partido, o que colocaria a alma de Vieira novamente em paz, se não fosse o fato de, agora, seus sentimentos estarem revelados, a ponto de começarem a ser parte dos comentários maldosos dos moradores locais, cujas posições influentes são perigosas. A despeito dos falatórios, os passeios que fazem pelo jardim são mais demorados, as visitas mais frequentes e as confidências trocadas vêm carregadas de mais intimidade (KAISER, 2012, p. 166-170). As missivas, portanto, passam a denunciar as verdades antes ocultadas. Vejamos:

(67) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)

“Você deseja possuir o que não pode possuir. O que não podemos possuir! A nós! A nossa comunhão! E, às vezes, somos impelidos a isso com todas as forças! Cristina, é muito bom observá-la. O seu corpo é formoso, eu não o esqueci. Eu a abraço – seu Antônio.”. (KAISER, 2012, p. 170).

(68) **CARTA C** (*carta de Cristina a Antônio*)

“Querido Antônio, as horas da última noite irei guardar em minhas lembranças ao lado dos livros de Perugia – todos são frutos proibidos.”. (KAISER, 2012, p. 171).

Ao declarar sua atração pelo corpo de Cristina, Antônio assume-se homem, enquanto composição biológica e social, em contraposição ao clérigo, defensor de preceitos imateriais. Ao contrário de se revelar uma outra pessoa, o jesuíta, na verdade, expõe as vontades que sua pessoa também carrega, todavia, preservadas e acobertadas pelos dogmas de sua fé. Como sugere Barros (2015, p. 81), a “presença do outro, com o qual estamos engajados no discurso (oral ou escrito)” modelará nossos registros linguísticos, a ponto de nos fazer entender “o que o outro significa para nós”, afinal, a identidade é uma formação inconclusiva, pendente, que está em constante decurso de transformação.

A força presente em Cristina, sua inteligência e sua forma arrojada de lidar com as vicissitudes políticas e sociais provocam o poder emancipatório que as emoções carregam, tendo em vista que somos

possuidores de identidades contraditórias que se compelem para sentidos contrários (HALL, 1997). Na carta que destina ao pregador, ela aponta que as últimas horas passadas com ele estão carregadas de sentimento de desejo interdito, aludindo à simbologia que a posse do fruto proibido trouxera ao casal que, em desobediência, dele provou: condenação para longe de Deus¹³². Então, a fim de que a punição não lhes decaia, a sueca decide preservá-las em recordação ao invés de as anunciar abertamente.

Apesar de ser para os conhecidos uma suspeita profana e inconcebível, o sentimento é presente e assumido em ambos, intimamente, como as conversas e as correspondências declaram. Vejamos o que Cristina registrou em seu diário, o qual leu para Antônio em uma de suas visitas: “Eu experimento com você uma paixão totalmente diversa e já temo hoje a dor que serei obrigada a suportar quando você partir de Roma” (KAISER, 2012, p. 142). Importa analisar que quando decidem pronunciar sua afeição abertamente um ao outro, nomeando-a – paixão –, não significa que já não estivesse no início da amizade que amadureciam. A verdade é que, sem que assumissem até mesmo para si, a admiração e a afeição, pautada em uma confiança irrestrita, estivesse a delinear a atração que se revelaria em momento oportuno, como é possível avaliar nesse trecho do diário de Cristina, registrado no período de estreitamento de afeto entre ela e o pregador:

Você me possuiu, a pessoa inteira, juntamente com minha sombra. Você me ajudou a aceitar a mim mesma. [...] Antônio, em tais momentos você está tomado por lembranças e necessita de um longo passeio; em seguida, você sorri como se tivesse se libertado e, aliviado, aperta os seus lábios ao meu pescoço. (KAISER, 2012, p. 88)

Ao afirmar que ele a auxiliou em sua autoaceitação, diante do fato de haver sido propagada por toda a Europa “a imagem de Cristina da Suécia, uma mulher-homem perseguida por excessos” (KAISER, 2012, p. 158), ela se entrega ao carinho e ao respeito que o amigo lhe dedica, aceitando-a inteiramente, ainda que suas atitudes passadas fossem de completa reprovação para a fé cristã católica. Porém, ao descrever

¹³² Bíblia Sagrada, livro de Gênesis 3.

“aliviado, aperta seus lábios ao meu pescoço”, Cristina revela em seu discurso que as “lembranças” das quais Antônio se liberta levam-no, na verdade, a se sentir desprendido das sombras que ele também carrega, ainda que momentaneamente, ou seja, na presença da sueca. Em seus estudos, Barros (2015, p. 81) avalia que “as relações de poder existentes entre os indivíduos, por meio de atitudes ora opressoras, ora emancipatórias, pode determinar a construção de identidades”. Isso nos leva a refletir a respeito desse casal, avaliando se a união que tiveram os levou à ousadia que a liberdade sentimental promove, suscitando destemor e audácia, ainda que momentaneamente.

Apesar de as correspondências não denunciarem transgressão maior, ou seja, não revelarem um envolvimento físico mais íntimo, alguns extratos subtraídos das cartas de Antônio a Cristina evidenciam seu desejo quase erótico por ela. Analisemos:

- (69) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
“Eu fecho os meus olhos e, na memória, aspiro o cheiro do seu cabelo.”. (KAISER, 2012, p. 86).
- (70) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
“A sua visita na minha cela foi puro reconforto. Durante muito tempo seu perfume, o cheiro de castanhas e nozes, permaneceu em minha minúscula câmara.”. (KAISER, 2012, p. 163).
- (71) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
“O meu hábito cinza, tal como eu mesmo, tinha novamente absorvido por várias horas o cheiro de Cristina, amargo e cheio de temperos.”. (KAISER, 2012, p. 182).

Escritas em períodos cronológicos diferentes e distantes, as correspondências acima denunciam as reações humanas do religioso diante da presença da monarca, ou seja, registram seu comportamento enquanto homem biologicamente instituído e não enquanto sacerdote adepto de uma fé que proíbe a consumação do desejo carnal. A repetida referência aos efeitos olfativos que Cristina lhe provocou, sinalizam a provável libidinagem despertada por sua presença logo no começo da relação que, com o tempo, foi sendo estreitada.

De acordo com os estudos psicológicos de Herz (2003), o sentido do olfato é exclusivamente sentimental, já que seu contato com o ambiente se conecta diretamente com o hipocampo¹³³, que, no cérebro, é o centro da memória de longo prazo. Enquanto todos os outros sentidos são, primeiramente, processados pelo tálamo¹³⁴ antes de identificados como (des)importantes ou (des)necessários, para, em seguida, serem enviados ou descartados como informação cognitiva, o olfato possui ligação direta com o armazenamento classificado como imprescindível, levando as informações para o lugar privilegiado das lembranças. Por sua vez, nas palavras do psicólogo Ekman (2011, p. 211), a “luxúria e o desejo são carregados de expectativa erótica, expectativa de alguns prazeres sensoriais e na perspectiva do que é desejado”, o que, por sua vez, não depende somente do olfato.

O aprofundamento da intimidade, bem como a evolução do amor *philos* para o amor *eros* (LEWIS, 1971) – ou seja, do sentimento fraternal da amizade desinteressada para o romantismo, associado à sexualidade e ao desejo físico – pode ser investigado, ainda, nos vocativos e nos fechos que as cartas registraram, marcadas pela sequência cronológica de envios e recebimentos. Primeiramente, observemos o movimento evolutivos dos vocativos das que o padre enviou à monarca:

- (72) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
 “Cristina, o que a senhora [...] (KAISER, 2012, p. 39)
- (73) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
 “Minha querida Cristina,” (KAISER, 2012, p. 46)
- (74) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
 “Minha querida amiga Cristina;” (KAISER, 2012, p. 61)

Em investigação paralela, vejamos os vocativos presentes nas correspondências dela para ele, bem como seu progresso afetivo:

- (75) **CARTA C** (*carta de Cristina a Antônio*)
 “Antônio,” (KAISER, 2012, p. 46)

¹³³ Sede principal da memória, importante elemento do sistema límbico.

¹³⁴ Fonte da linguagem, porta de entrada da consciência.

(76) **CARTA C** (*carta de Cristina a Antônio*)
 “Antônio querido,” (KAISER, 2012, p. 47)

(77) **CARTA C** (*carta de Cristina a Antônio*)
 “Antônio, meu caro,” (KAISER, 2012, p. 50)

Para que uma interpretação adequada do sentimento registrado se faça, comparemos a forma de evocação à saudação final, registrada em forma de fecho de correspondência no remate das cartas. Como fizemos com o vocativo, iniciemos pela apuração das correspondências do jesuíta:

(78) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
 “Um abraço casto.” (KAISER, 2012, p. 72)

(79) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
 “Eu a abraço, e meu abraço deveria alcançar seu espírito e sua alma.” (KAISER, 2012, p. 74)

(80) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
 “E com um – não muito casto – abraço, sempre seu, Antônio.” (KAISER, 2012, p. 149)

(81) **CARTA A** (*carta de Antônio a Cristina*)
 “Em gratidão e amor infinitos, seu Antônio.” (KAISER, 2012, p. 214)

Agora, avaliemos os desfechos da ex-monarca, ao tempo em que os comparamos aos do pregador:

(82) **CARTA C** (*carta de Cristina a Antônio*)
 “Sempre sua, Cristina.” (KAISER, 2012, p. 46)

(83) **CARTA C** (*carta de Cristina a Antônio*)
 “Sua Cristina.” (KAISER, 2012, p. 47)

(84) **CARTA C** (*carta de Cristina a Antônio*)
 “Com amizade, sempre sua Cristina.” (KAISER, 2012, p. 51)

(85) **CARTA C** (*carta de Cristina a Antônio*)
 “Eu o abraço com amor, com amizade, para sempre e por toda a eternidade, Sua Cristina.” (KAISER, 2012, p. 212)

Os sentimentos de Antônio e Cristina foram alterados pela convivência, pela intimidade, pela identificação encontrada um no outro e, por isso, convertidos em um afeto de maior intensidade, com demonstrações de ciúme e, até mesmo, com a verbalização de desejo físico. Ainda, intensificou-se pela certeza que tinham quanto ao apartamento próximo, já que o pregador estava em Roma, por condenação da Inquisição e, portanto, iria embora assim que a sentença fosse revista e determinada.

Importa, aqui, mencionar o que, desde a perspectiva do Realismo Crítico, Barros (2015, p. 54) registra, ao expor que “tudo o que fazemos envolve a transação com a natureza, ou seja, há sempre troca de energia material com o mundo [...] Estamos sempre interagindo em qualquer evento social”. Para a linguista, a composição social encontra-se intimamente unida à agência humana, sem, contudo, ser criada por nós, apesar de possuímos, ainda assim, a capacidade de reproduzir e transformar o contexto a nossa volta (BARROS, 2015, p. 54). O padre jesuíta e a ex-rainha interferiram em seu meio social, conjunta e separadamente, mas, em maior proporção e abalo, afetaram um ao outro, avariando convicções e fomentando novas identidades, de modo a firmar uma impressão única e eternizada em uma perspectiva transcendental metafísica.

De um “abraço casto” (78) Vieira passou para “amor infinito” (81); de “Sua Cristina” (83) Vasa transpôs a “para sempre e por toda a eternidade” (85). Da admiração mútua à paixão sentida e não realizada – essa foi outra história de amor não consumado – todavia, reconhecida e professada apesar dos riscos e do temor, pois o padre Vieira o fez diante de todos os participantes da Academia da Arcádia, com pronunciamento dirigido propriamente ao Papa. Vejamos alguns trechos:

Santidade, eu me confesso partidário de Cristina Vasa, da Suécia, eu confesso que minha adesão a esta mulher não diminuiu minha adesão a Deus, mas aprofundou-a. [...] Foi somente com a ajuda de Cristina Vasa que me encontrei novamente. Sumo Pontífice, peço a vossa permissão para me dirigir a Cristina aqui em público: Cristina, nós sabemos que o mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio; contudo, não devemos nos esquivar destas tempestades, quando estão

previstas para nós. [...] O tempo não aplaca, mas esclarece e aguça o olhar, de modo a compreendermos, mais e mais, com qual graça fomos contemplados neste lapso de tempo de cinco anos. [...] Cristina, única! Confiemos que não deixaremos o nosso caminho antes que o céu tenha completado em nós aquilo que deveria ser completado. (KAISER, 2012, p. 203)

O longo discurso diante de Sua Santidade e de inúmeras testemunhas comprometia em muito a vida do pregador, já prejudicada pelas palavras e atitudes dos anos anteriores, pois expunham o sentimento que teve pela ex-monarca, abertamente, ainda que se defendesse quanto ao compromisso celibatário, de não haver diminuído sua “adesão a Deus”. De acordo com os registros de Kaiser (2012, p. 104), Vieira deixou a sala rapidamente assim que concluiu sua oratória confessional, e o pontífice impediu que o tentassem seguir. Clemente X sabia que precisava de tomar uma decisão a respeito das revelações e, por essa razão, também deixou a Academia às pressas, pois entendia a urgência de agir diante da difusão que a declaração do pregador teria, afinal, ela ainda mais arriscava sua vida.

Três dias depois, o Papa comunica haver absolvido o jesuíta de todas as acusações que a Inquisição de Coimbra apresentara contra ele, porém, intimava-o a deixar Roma no mesmo dia. Foi assim que o Sumo Pontífice livrou Vieira de mais condenações: mandando-o embora e o silenciando. O Índice do Santo Ofício registrou tal situação em uma única sentença linguística: “o padre jesuíta Antônio Vieira foi até agora o primeiro e único a ser absolvido pelo Papa Clemente X de todas as acusações” (KAISER, 2012, p. 205).

Antônio partiu para outro continente, mas seu sentimento não se extinguiu. Anos após seu retorno ao Brasil, na noite de 18 de abril de 1689, redigiu uma carta à Cristina, a quem enviaria por intermédio de Bento Almirantes, o amigo que tinham em comum. Bento havia ido à colônia portuguesa e, consigo, levava uma correspondência da sueca ao pregador, que a lera em elevada comoção e, como resposta, elaborara esta:

(86) *CARTA A (carta de Antônio a Cristina)*

“Despedir-me de você, querida Cristina, fez um corte na minha alma. Nenhuma palavra mais sobre isso. [...] Você só desejava pertencer a si mesma, e eu desejava pertencer somente ao céu (somente a Deus). [...] A saudade me atormentará, eu sofrerei enquanto viver, mas para mim não há outro caminho.”. (KAISER, 2012, p. 213-214).

Porém, Cristina nunca a leria, pois morreu no dia seguinte à escrita de Vieira, que somente soube da partida da amiga cinco meses depois da fatalidade. Por um lado, mesmo não tendo acesso a essas últimas expressões, a ex-monarca já houvera entendido que a servidão sentimental que os uniu fora intensa e verdadeira, todavia, impossibilitada de atuar com superioridade à fé que o pregador trazia fincada em sua ideologia firmada no autossacrifício, na devoção ao invisível. Afinal, sua identidade estava construída no alicerce dogmático de que “a estrutura básica do homem e do mundo – do qual o homem faz parte – é Deus” (BHASKAR, 2000, p. ix).

Por outro lado, como explica Ekman (2011):

A tristeza é uma das emoções de mais longa duração. Após um período de angústia protestante, há, em geral, um período de tristeza resignada, em que a pessoa se sente totalmente desamparada. Em seguida, novamente, a angústia retorna, numa tentativa de recuperar a perda. Então volta a tristeza e, em seguida, angústia, repetidas vezes. Quando as emoções são suaves ou moderadas, podem durar poucos segundos ou alguns minutos, até outra emoção (ou nenhuma específica) ser sentida. (EKMAN, 2011, p. 100)

Teria Antônio Vieira a capacidade de apaziguar seu sentimento de tristeza pelo da fé? De qualquer modo, Cristina Vasa entendeu a convicção religiosa no pregador quando, na embarcação, ao partir, ele firmou sua vista ao mar aberto, diante de si, e não mais olhou para trás – atrás estava ela, que ficava. Novamente, Antônio Vieira abdicava dos sentimentos terrenos, mais uma vez recusava a paixão em nome de algo que acreditava ser maior, outra vez ele renunciava à que fora sua rainha para se devotar ao que elegera, para si, “Rei dos reis e Senhor dos

senhores”¹³⁵ (BÍBLIA SAGRADA, 1993): “eu desejava pertencer somente ao céu [...] para mim não há outro caminho” (KAISER, 2012, p. 213-214).

Algumas considerações

Na apresentação da obra **O poder erótico**, de Glória Kaiser, o professor Ronaldo Vainfas¹³⁶, ao elogiar a narrativa, já deixa claro que as missivas, apesar de apontarem para uma relação de confiança, admiração e, possivelmente, amor platônico, não divulgam uma realização amorosa no âmbito físico (KAISER, 2012, p. 5). Por meio da análise linguístico-discursiva das correspondências, bem como dos registros do diário da ex-monarca, igualmente considero que o desejo entre os dois permaneceu na esfera da pretensão não consumada, pois a renúncia pela fé se sobrepôs às realizações do amor terreno.

Afinal, nas palavras de Barthes (1981, p. 27):

Historicamente, o discurso da ausência é sustentado pela Mulher: a Mulher é sedentária, o Homem é caçador, viajante; a Mulher é fiel (ela espera), o homem é conquistador (navega e aborda). É a mulher que dá forma à ausência: ela tece e ela canta [...].

Conforme o pensamento de Barthes (1981), como homem “conquistador”, foi Vieira quem navegou para longe, quem permaneceu viajante e partiu para o destino escolhido, deixando para trás suas duas cadeias: a da Inquisição e a do sentimento. A fé que susteve foi continuamente seu guia, ainda que a própria religião o tenha perseguido e condenado por praticar a caridade. Seus dogmas eram pregados e buscados em vivência, como é possível se avaliar em um dos sermões que proferiu na cidade de São Luís do Maranhão, no ano de 1654, intitulado *Sermão de Santo Antônio*:

Temos de aprender novamente a nos calar e, acima de tudo, devemos aprender a ser sóbrios e submissos. Uma alma superior

¹³⁵ Bíblia Sagrada, livro de 1 Timóteo 6:15.

¹³⁶ (1956) Historiador e professor brasileiro.

se desenvolve na renúncia, no equilíbrio constante entre o que é importante e o que é supérfluo. (SERMÃO... [2019]).

Com suas prédicas argumentativas e alegóricas, o pregador encantava ao tempo em que também atemorizava, pois denunciava abertamente e com destemor as transgressões cometidas contra os “pequenos” da sociedade. Anos antes de conhecer Cristina ela já falava a respeito de renúncia em prol do que é mais importante, talvez porque já a houvesse sentido no espírito por conta da paixão vivida pela rainha Luísa. De qualquer modo, sua escolha sacerdotal veio acompanhada de uma existência penitente, devocional e celibatária, a qual buscou honrar na prática, ainda que seus sentimentos – e suas palavras – tenham-no feito transgressor e, portanto, obrigado a carregar consigo um dissabor permanente, provocado pela solidão.

Em seus apontamentos, Barthes (1981, p. 29) reflete a respeito da ausência, colocando que tendemos a manipulá-la para conseguir suportá-la, para que um pequeno instante separe o tempo em que ainda se acredita na presença do outro. Quando se busca falsear a disjunção, acredita-se que o sentimento da permanência seja ainda vívido, todavia, a memória é alterada na ausência do estímulo original, tornando-se menos sobre o que se lembra e mais sobre a pessoa que o faz (HERZ, 2003). De qualquer forma, Cristina Vasa teve Antônio Vieira em seu pensamento e em suas palavras até seu fim e, igualmente, permaneceu nas lembranças do pregador até seu último dia de vida. Se D. Luísa também o estivesse, isso ele não registrou.

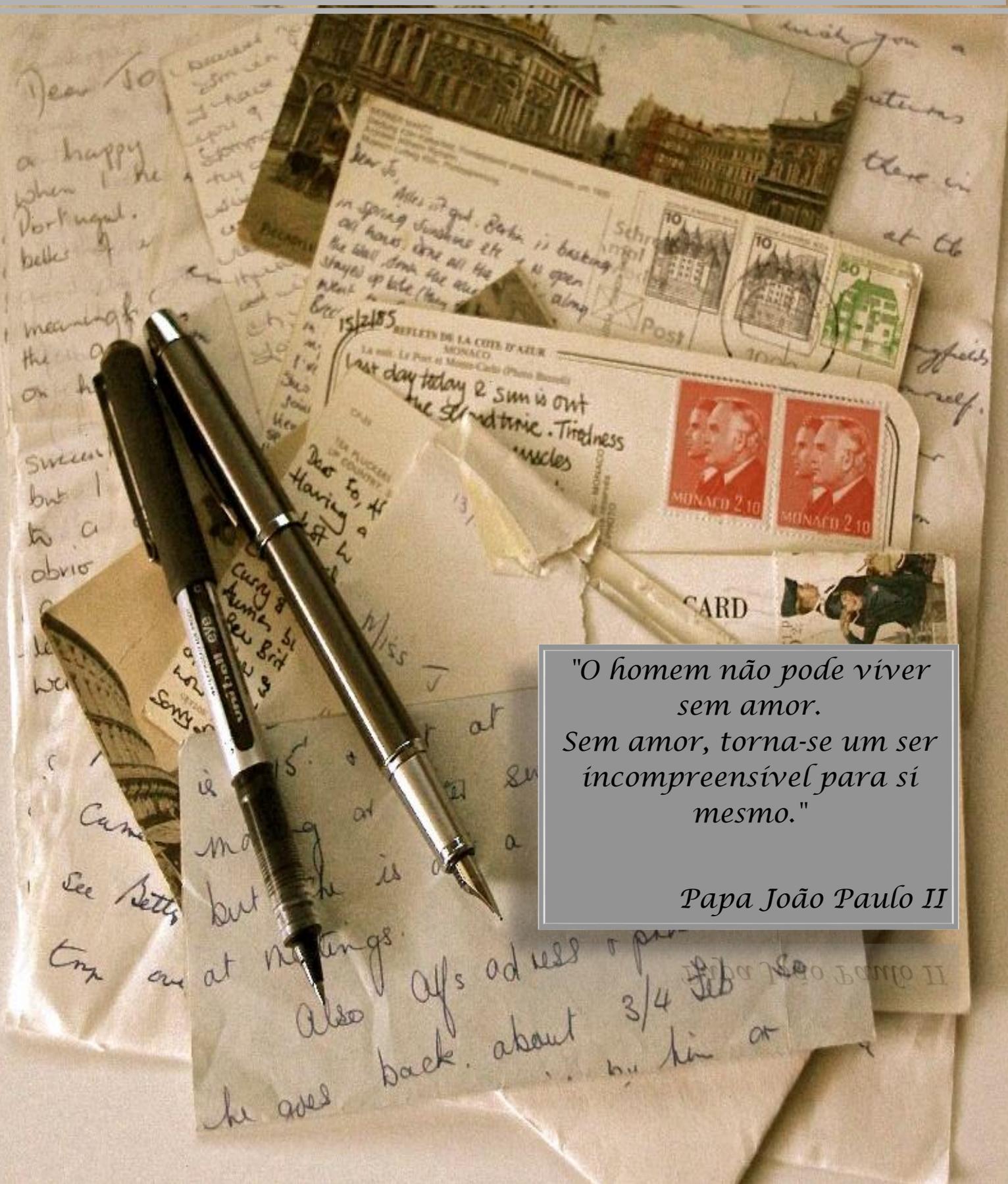
Padre Vieira, após redigir sua última carta em Roma, entregou-a diretamente à Cristina, antes de entrar na carruagem que o levou para o porto:

(87) *CARTA A (carta de Antônio a Cristina)*
 “Querida Cristina, Única! [...] Cristina Vasa e Antônio Vieira – temos, tivemos e teremos para sempre uma existência.”. (KAISER, 2012, p. 207).

Se nessa missiva sua intenção foi somente a de manifestar um sentimento que acreditou que seria “infinito enquanto durasse”¹³⁷, não podemos afirmar, mas somente inferir, afinal, últimas palavras, que significam despedida, carregam a função de consolar o que fica. A afeição que experienciaram em convívio íntimo e em separação angustiante encontra-se registrada como existência histórica. Sim, o pregador, ainda que sem esse intento, pressagiou esta tese, que pode vir a contribuir para uma comprovação, em qualquer lugar... antes da nossa paradoxal eternidade é uma comprovação.

¹³⁷ Paráfrase do último verso do *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes (1913-1980), cujo original é: “Que seja infinito enquanto dure”.

Capítulo 6 - Cartas de Karol Josef e Anna Teresa em Foco de análise



"O homem não pode viver sem amor.

Sem amor, torna-se um ser incompreensível para si mesmo."

Papa João Paulo II

CAPÍTULO 6 - CARTAS DE KAROL JÓSEF E ANNA-TERESA EM FOCO DE ANÁLISE

*“Ao despertar os dons inatos e essenciais do amor e da transcendência, [a harmonia] insiste na repetição profunda da vida individual do passado, no sopro criativo e na superação das forças agressivas diante dos outros e diante da natureza [...]”*¹³⁸.
Anna-Teresa Tymieniecka

Francisco¹³⁹ e Clara¹⁴⁰ foram jovens nascidos em Assis, na Itália, e se tornaram um dos símbolos do amor fraterno e da caridade. Motivo de orgulho para a fé cristã católica, marcaram sua passagem pelo mundo erguendo a bandeira do amor a Cristo, aos pobres e um ao outro, desvelando que é possível conservar um casto sentimento e uma relação consagrada quando se objetiva, precipuamente, servir ao divino e obedecer a seus preceitos (STAR, 2007).

Segundo Boff (2003), Francisco e Clara sustinham uma ligação que conjugava *eros* e *ágape*, numa mescla de fascinação e transfiguração, firmada por encontros constantes e um comportamento evidentemente recatado, ainda que não tenha evitado os boatos públicos. Consultavam-se com regularidade quando se sentiam em dúvida a respeito de determinados dogmas e eram o conforto às tristezas do outro, sempre que o temor os assustava ou as adversidades tornavam-se intensas. Os registros do teólogo (BOFF, 2003) afirmam que a articulação entre o amor mútuo e o serviço dedicado à crença devocional tornava-os servos piedosos do compromisso com o espiritual, fazendo-os unir sentimento e devoção nas palavras e nas atitudes cotidianas, já que ambos provinham de famílias abastadas e, em nome da fé, abdicaram do conforto material.

As pesquisas de Rotzetter (1994) alegam que

¹³⁸ TYMIENIECKA, 1972, p. 39. Tradução livre do original: “En réveillant les dons innés et essentiels d’amour et de transcendance, elle insiste sur le respect profond de la vie individuelle nurrrie du passé, sur le souffle créateur et le dépassement des forces agressives en face des autres et en face de la nature”

¹³⁹ Frade católico italiano (1181-1226), fundador da Ordem dos Franciscanos.

¹⁴⁰ Freira católica italiana (1193-1253), fundadora da Ordem das Clarissas.

Neles irrompeu o Eros no seu sentido mais próprio e profundo, pois sem o Eros nada existe que tenha valor, nem ciência, nem arte, nem religião, Eros que é fascinação que impele o ser humano para o outro e que o liberta da prisão de si mesmo. (ROTZETTER, 1994, p. 63)

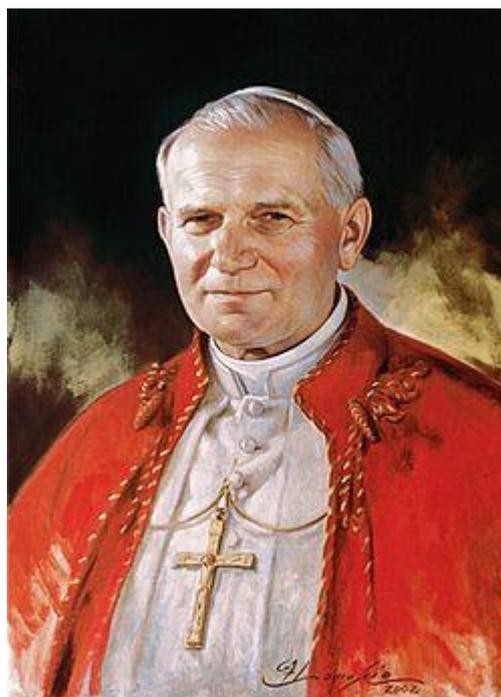
Os apontamentos do filósofo a respeito da relação entre Francisco e Clara revela a existência de um desejo humano, que os seduziu em feições físicas e intelectuais, provocando-os a uma abdicação quanto às pretensões particulares e à própria identidade, balizada pelas conjunturas sociais e políticas de seu contexto. Por isso, é possível julgar que esses jovens superaram as forças agressivas em favor de outras, despertando “os dons inatos e essenciais do amor e da transcendência” (TYMIENIECKA, 1972, p. 39). Em concordância, as afirmações de Star (2007) reiteram o que a religião católica apregoa sobre os dois: que se amaram e se cuidaram mutuamente, convertendo em afeição espiritual os sentimentos corpóreos e, por isso, impedindo que vivessem uma relação egoísta e pautada em prazeres particulares.

O atual capítulo apresenta o terceiro e último casal da triangulação analítica desta pesquisa, que, assim como Francisco e Clara, foram amigos confidentes e confortaram um ao outro nos momentos de angústia, vindo a igualmente propiciar boatos diversos na sociedade. Nascidos em um contexto cuja globalização promoveu uma rapidez incomum das informações, a relação dos afamados amigos foi alvo da especulação mundial, dos olhares continentais e das suspeitas das mais variadas construções profissionais. A fama e a reputação de suas figuras unidas à divulgação de sua privacidade arremeteram seu afeto ao conhecimento e ao julgamento popular, que questionou se tal ligação estaria endossada pela renúncia, como o foi com o casal fraterno de Assis. Para tanto, nossa investigação linguístico-discursiva buscou sanar tal desconfiança por meio dos alistamentos assentados nas cartas trocadas, bem como pelos registros que os meios de comunicação trouxeram ao conhecimento público.

6.1 "Ser santo é lutar contra o pecado todos os dias"¹⁴¹

Esta seção é dedicada à biografia de Karol Józef Wojtyła (1920-2005) – desde 2014, consagrado São João Paulo II –, e se encontra dividida em quatro etapas.

Figura 10 – João Paulo II



Fonte: Obra feita por Giuseppe Antonio Lomuscio
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ritratto_di_Papa_Giovanni_Paolo_II.jpg

6.1.1 O menino que buscou em Deus o preenchimento de todos os vazios

Nascido na pequena cidade de Wadowice, na Polônia, no ano de 1920, Karol Józef Wojtyła era filho de Karol Wojtyła, um suboficial do exército polonês, e de Kaczorowska. Quando estava com oito anos de idade, sua mãe morreu e, no ano seguinte, perdeu os dois irmãos mais velhos, o que veio a lhe aumentar o vazio que a ausência materna abria (SZULC, 2007).

Criado nos preceitos cristãos católicos, fez sua primeira comunhão aos nove anos de idade, vindo, segundo aponta Szulc (2007), a consumir uma crença que, até então, existia como tradição familiar.

¹⁴¹ Frase proferida pelo Papa João Paulo II.

Quando estava com dezoito anos, mudou-se para Cracóvia, com a pretensão de estudar na Universidade de Jaguelônica e frequentar um curso de teatro, tornando-se um ator promissor. Porém, durante a Segunda Guerra Mundial, os nazistas invadiram a Polônia, fecharam a universidade e, de acordo com os apontamentos de Stourton (2006), Karol Jósef foi compelido a trabalhos forçados, para impedir sua deportação para a Alemanha, adiando a realização acadêmica. Foram dias muito difíceis, mas, ainda assim, ele aproveitou para consolar os demais trabalhadores, que afirmavam que ele seria padre um dia (O TESTEMUNHO, 2007).

No ano de 1941 seu pai morreu de ataque cardíaco e, conforme registrou Szulc (2007), a tristeza promovida por essa perda, além de todo o incentivo devocional fomentado pela influência paterna, contribuiu para que entrasse, no ano seguinte, para o Seminário da Igreja Secreta, na Cracóvia, abandonando de vez o teatro e testificando sua vocação sacerdotal. Como sempre fora incentivado pelo pai a ter uma fé sólida, sua ausência o impulsionou a se entregar ao amor maior, ainda que invisível (O TESTEMUNHO, 2007). Ingressou, em seguida, na Faculdade de Teologia da Universidade de Jaguelônica, vindo a ser ordenado padre no dia primeiro de novembro de 1946, o que o levou a concluir o curso universitário em Roma, onde também se doutorou. Em 1958 foi nomeado bispo auxiliar na Cracóvia, atuando, ainda, como capelão universitário e professor de Ética (SZULC, 2007).

6.1.2 O sacerdote consagrado em meio ao homem que escreveu, viajou e amou

Aos trinta anos de idade, o ainda padre Karol conheceu uma médica psiquiatra, Wanda Poltawska, mãe de seis filhas e casada com um também psiquiatra, chamado André. Ela procurava por um confessor que lhe auxiliasse no sofrimento que carregava por haver estado por cinco anos no campo de concentração de Ravesbruck e, por isso, seu encontro com o sacerdote lhe fora o início de um afeto importante e consolador. Szulc (2007) assinala que a amizade que Wojtyla iniciou com Poltawska e sua família perdurou por cinquenta anos, com viagens, piqueniques e

acampamentos recreativos. Ele a chamava de “irmãzinha” e as filhas da médica tratavam-no por “tio Karol”, embasados em um comportamento familiar. Quando houve seu processo de canonização, anos depois, Wanda ergueu forte resistência para entregar as cartas que houvera recebido do amigo durante todos os anos que se corresponderam em amizade e afeto.

Aos 53 anos de idade, já arcebispo, Wojtyla conheceu a filósofa Anna-Teresa Tymieniecka. Com 50 anos de idade, Teresa era casada e tinha três filhos, sendo uma mulher muito bonita e de notável inteligência, enquanto Karol Jósef era alto, de porte atlético e personalidade cativante. Stourton (2006) anota que a afinidade entre eles se efetivou com plenitude e reconhecimento intelectual, além de gostos em comum, como a prática de esqui, o agrado por acampamentos e a escrita de livros. A aproximação do religioso com a família da intelectual fez-se profunda e contínua, firmando uma relação que viria a perdurar numa amizade que lhe promoveria momentos de descontração, como viagens e conversas informais, mas, também, oportunidades de trocas de conhecimentos, para a produção de obras futuras. Foi a partir dessa época que começaram a trocar correspondências, nas quais expunham seus conflitos e desabafavam seus dissabores, em confiança.

Enquanto arcebispo, Karol utilizou-se do pseudônimo “Andrzej Jawien” para lançar a peça de teatro **A loja do Ourives**, em 1960. Ainda, produziu e lançou poemas diversos, com temáticas sobre os sentimentos – principalmente o amor – e a existência humana. Outra produção lançada no mesmo ano foi o livro **Amor e Responsabilidade**¹⁴², que traz cinco capítulos assim nomeados: “A pessoa e o impulso sexual”, “A pessoa e o amor”, “A pessoa e a castidade”, “Justiça ao Criador” e “Sexologia e Ética”. O’Connor (2006) apontou que esse livro foi classificado como um trabalho intelectual de caráter religioso, ainda que tenha seguido uma vertente filosófica, afinal, volta-se à defesa dos ensinamentos tradicionais católicos, como o casamento, estabelecendo normas morais para o sexo de acordo com valores tradicionais mais fundamentais.

¹⁴² Em 1960 em polonês e em 1981 em inglês. Um lançamento atualizado foi feito em 2013.

No ano de 1964, conforme assentou Stourton (2006), Karol tornou-se arcebispo e, três anos depois, cardeal, sendo um atuante componente do Conselho Vaticano Segundo, representando seu país em assembleias internacionais de bispos, de 1967 a 1977. O jornalista também registrou sua ascensão ao papado, quando, no dia 16 de outubro de 1978, em sucessão ao Papa João Paulo I, tornou-se o Papa João Paulo II, aos 58 anos de idade, com mais de cem votos (STOURTON, 2006). O Cardeal Stanislaw Dziwisz, na época bispo em Roma, disse:

Quando falei com os cardeais do Conclave, todos disseram que podiam sentir a presença do Espírito Santo o tempo todo. Fora o Espírito Santo que havia escolhido aquele homem, e não a diplomacia ou a política. É claro que os fatores humanos têm um papel significativo, mas todos mencionaram a presença do Espírito Santo. (O TESTEMUNHO, 2007, 34:31)

Sua Eminência Dziwisz aponta, no documentário **O Testemunho** (2007), que os cardeais estavam completamente certos da escolha do novo pontífice, como sendo uma eleição divina, ainda que fosse um desconhecido para o mundo. Ainda, ressalta a importância que seu primeiro pronunciamento como Santo Papa teve sobre os fiéis, quando comoveu aos ouvintes ao bradar que os cristãos não deveriam ter medo e que precisavam escancarar as portas de suas vidas para Cristo (O TESTEMUNHO, 2007).

Após se tornar papa, as publicações literárias e as encíclicas¹⁴³ do religioso passaram a ter, inteiramente, conteúdo ético e teológico, nas quais explicou a respeito da redenção cristã, da dignidade humana, do poder da misericórdia, da importância do trabalho, da santidade e do papel da Virgem Maria, entre outros temas de direcionamento de comportamento e de fé. Ainda, utilizou suas produções para expor a respeito da posição da Igreja contra o marxismo e o ateísmo, além de condenar o materialismo, o relativismo moral e a rivalidade entre as potências políticas, declarando a respeito da importância do uso do capitalismo para a promoção da justiça social (O'CONNOR, 2006).

¹⁴³ Considerado um documento pontifício, a encíclica consiste em uma comunicação do papa dirigida aos bispos do mundo inteiro e, por meio desses, aos fiéis.

6.1.3 A voz da Igreja pelos quatro cantos do planeta: dogmas, ciência, perdão e tiros

Sua devoção era evidente e sua caridade aparente a todos. Fazia questão de assistir à missa em companhia de outros religiosos, inclusive freiras, pois não gostava de se sentir sozinho. Orava em voz alta, levando em suas preces os pedidos que todos lhe entregavam por escrito, com atenção e dedicação. Sob a organização da Madre Tereza¹⁴⁴, ele comandou a criação de um abrigo no Vaticano para os miseráveis, já que ele mesmo fizera a opção pela pobreza, nunca tendo dinheiro junto de si. Os direitos autorais de todos os seus livros foram destinados à caridade, para ajudar crianças por todo o mundo. Sempre que lhe era possível, saía disfarçado em viagens para o campo, com poucos amigos e sem seguranças, para ler e se sentir livre, junto à natureza. (O TESTEMUNHO, 2007)

Como Sumo Pontífice, posicionava-se em relação às questões sociais e científicas de acordo com os princípios da religião que representava e, por isso, declarava-se contra o controle da natalidade, a fertilização *in vitro*, o aborto, a eutanásia e a engenharia genética, o que causava grande conturbação nos meios científicos. Os assentamentos de O'Connor (2006) afirmam que o pontífice reagia com tenacidade quando expunha sobre a dissidência que se efetivava no interior da Igreja e, para tanto, reafirmava com ímpeto e determinação os ensinamentos dogmáticos que o catolicismo romano assegurou por séculos, firmando oposição à homossexualidade, ao aborto, aos métodos artificiais de reprodução humana, ao controle de natalidade e, quando questionado, defendia com rigor a importância do celibato para os religiosos consagrados.

Sua posição a respeito da secularização manteve-se firmemente contrária, argumentando, sempre, sobre a importância dos sacerdotes nos meios sociais enquanto guias de fé; rejeitando, todavia, suas participações em cargos políticos. Ainda, de acordo com O'Connor

¹⁴⁴ A albanesa Anjezë Gonxhe Bojaxhiu (1910-1997) ficou conhecida como Madre Teresa de Calcutá, a religiosa que ficou conhecida por sua dedicação aos pobres.

(2006), promoveu ações ecumênicas voltadas à ala ortodoxa e à fé anglicana, desconsiderando uma intervenção ao protestantismo europeu.

Realizou incontáveis viagens diplomáticas e evangelísticas, incluindo países da África, da Ásia e da América, chegando a visitar repúblicas do Báltico e, por isso, marcando-se como o primeiro pontífice a ir aos países da antiga União Soviética. Stourton (2006) aponta que interviu no reestabelecimento da democracia e da liberdade religiosa em alguns países europeus, nos quais chegou a pedir perdão publicamente pelos vitupérios cometidos por católicos romanos durante os dois mil anos de história da Igreja, como as Cruzadas, a Inquisição e a apatia de algumas autoridades eclesiásticas diante de assuntos de injustiça.

O documentário **O Testemunho** (2007) pormenoriza todas as interferências políticas que o pontífice fez nas nações onde o regime comunista se sobrepunha. Após passar em alguns desses países, o efeito produzido pelas palavras e pela presença do sacerdote provocaram o ânimo dos fiéis, conforme avaliou o Cardeal Stanislaw Dziwisz:

O cardinal Koenig, arcebispo de Viena, comparou a primeira visita histórica do Papa à Polônia como algo parecido a um terremoto. Pois, um ano após trinta anos de terror, o regime comunista teve que enfrentar o início de uma revolução. [...] a oração, a confissão e as massas causaram um choque no mundo. Um trabalhador, um fiel, um trabalhador em oração. O Papa seguiu esses eventos de perto, eu estava no país nessa época. Ele me telefonava frequentemente. [...] Havia uma grande satisfação e alegria, e a certeza de que a liberdade triunfaria, e de que melhores dias viriam. (O TESTEMUNHO, 2007, 50:40)

De acordo com o documentário, as autoridades soviéticas, incomodadas com os efeitos das ingerências de João Paulo II, realizaram uma intervenção militar nas regiões onde havia rebeliões ao regime. O pontífice escreveu para Brezhnev¹⁴⁵, pedindo paz, mas não obteve resposta. A produção fundamenta que a objeção do governante veio por meio de um atentado, empreendido no dia 13 de maio de 1981 (O TESTEMUNHO, 2007). Na Praça de São Pedro, no Vaticano, um ato contraditório à sua benéfica popularidade ocorreu nesse dia, quando o

¹⁴⁵ Ucraniano (1906-1982), foi um estadista que liderou a União Soviética de 1964 a 1982. Era Secretário-Geral do Comitê Central do Partido Comunista.

Papa foi atingido por um tiro, numa tentativa de assassinato, e ficou seriamente ferido (SZULC, 2007).

Ainda há caminho do hospital, João Paulo II perdoou o atirador. Para salvar o sacerdote, os médicos da clínica doaram seu sangue para a transfusão, necessária para a cirurgia de emergência. Enquanto permaneceu no hospital, ele frequentou a ala onde estavam as crianças com câncer, cuja maioria acreditava que viveria se o papa as tocasse e, de acordo com o documentário, muitas dessas realmente se salvaram. Um ano após esse crime, houve uma segunda tentativa de assassinato, em frente ao Santuário de Fátima¹⁴⁶, quando um clérigo tentou esfaqueá-lo. Apesar desses dois crimes, dos quais conseguiu se salvar, o sacerdote não se deteve em suas aparições e visitas aos inúmeros países. (O TESTEMUNHO, 2007)

Na ocasião do primeiro atentado, na Praça de São Pedro, Anna-Teresa pegou um voo de emergência para se encontrar com o amigo, que permaneceu entre a vida e a morte por vários dias. Sua aproximação com João Paulo II permitira-lhe ser uma das poucas pessoas admitidas no quarto hospitalar onde ele se recuperava. Segundo os registros de Szulc (2007), durante os anos após ao atentado, quando sua velhice foi atormentada pelo *Mal de Parkinson*, o Pontífice se encontrou com a filósofa e lhe escreveu regularmente, com missivas estando carregadas de nostalgia pelos momentos felizes passados juntos nos anos em que se encontravam com mais liberdade.

6.1.4 Construiu pontes pelo mundo e teve um coração canonizado

A palavra “pontífice”, em latim, é *PONTIFEX*, e significa “construtor de pontes”. E tal definição conceitua bem esse sacerdote, que procurou eliminar as divisões, ainda que isso deteriorasse sua saúde ou malparasse sua vida. Por saber falar vários idiomas, normalmente se comunicava, no país em que visitava, usando o vernáculo local, o que lhe aumentava o prestígio e a admiração popular. No Japão, por exemplo, rezou a missa na língua local, a qual treinara durante os meses anteriores

¹⁴⁶ Situado na cidade de Fátima, em Portugal.

com o Padre Fedele, um franciscano japonês (O TESTEMUNHO, 2007). Em seu pontificado, visitou cento e vinte e nove países, nos quais sempre reunia multidões – no Brasil, por exemplo, chegou a vir por quatro vezes, passando por várias cidades.

João Paulo II foi o 264º papa da Igreja Católica Apostólica Romana, com o terceiro maior pontificado já documentado na História, o qual durou por vinte e seis anos, cinco meses e dezessete dias. O'Connor (2006) assenta que seu papel enquanto soberano da Cidade do Vaticano foi fundamental para o fim do comunismo, tanto na Polônia quanto em diversos outros países europeus, além de seu carisma incomum, que conquistou fiéis e não fiéis.

Durante sua devota e afamada vida, Sua Santidade, apesar do atentado de 1981, foi apreciado e considerado em carinho e respeito pelo mundo, mesmo em países que não professam a fé cristã católica. Todos os registros de pesquisa e informação colocam-no como o dirigente que teve por propósito, entre outros, a busca pela melhoria das relações entre sua religião e as demais, com a finalidade de promover a concórdia, e, por isso, foi visto como um célebre emissário da paz. Como pacificador, procurou estabelecer a tolerância entre as religiões, pois acreditava que o amor estava acima das diferenças, mesmo que houvesse uma ligação popular do terrorismo com certas formas de fé (O TESTEMUNHO, 2007). Apesar de defensor intransigente dos dogmas religiosos, possuía influência cativante no modo de falar e tratar as pessoas, preocupando-se com os miseráveis de toda parte do mundo. Buscou ser um pontífice atuante, mesmo que estivesse com problemas de saúde, e, por tais tentativas, foi ainda mais admirado e benquisto.

A confiança na santidade e no poder da oração do pontífice vinha de todos que com ele conviviam. O Cardeal Stanislaw Dziwisz afirmou, inclusive, que o Papa exorcizava e libertava pessoas oprimidas pelo mal (O TESTEMUNHO, 2007). Uma comissão de médicos avaliou dois milagres atribuídos ao religioso, a pedido da Congregação para as Causas dos Santos¹⁴⁷, em 2013. Em seguida, obteve-se a aprovação de

¹⁴⁷ Centro da Cúria romana que é responsável pela tramitação do processo de canonização dos santos.

teólogos e a autorização do Papa Francisco e, com todos os trâmites concluídos, no dia 27 de abril de 2014, o Papa João Paulo II foi canonizado, juntamente com o Papa João XXIII¹⁴⁸, numa celebração realizada durante a festa da Divina Misericórdia. A cerimônia foi presidida conjuntamente pelos dois pontífices: o Papa Francisco¹⁴⁹ e o Papa Emérito Bento XVI¹⁵⁰ (<http://www.webcitation.org/6Z5BULIxq>).

Figura 11 – Papa Francisco e Papa Emérito Bento XVI



Fonte: O Papa Francisco e seu antecessor, o Papa Emérito Bento XVI Foto: AP
<https://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/em-carta-bento-xvi-repreende-critico-do-papa-francisco-23086255>

Karol Józef Wojtyła morreu em seus aposentos, no dia 2 de abril de 2005, aos 84 anos de idade. O jornalista e escritor polonês (SZULC, 2007) ainda assinala que Anna-Teresa permaneceu ao lado do amigo enquanto este agonizava por conta dos ataques promovidos pela doença, até que veio a falecer em seus aposentos, no Palácio Apostólico, no Vaticano, às 21h37. Após o longo e público velório, o Cardeal Stanislaw Dziwisz foi quem cobriu seu rosto, ao que afirmou:

Cobrir o rosto do Santo Papa foi a coisa mais difícil que tive que fazer. Ninguém pode saber o que é isso a menos que tenha vivido um longo tempo com alguém, tenha olhado para o

¹⁴⁸ Angelo Giuseppe Roncalli, italiano (1881-1933).

¹⁴⁹ 266º Papa da Igreja Católica Apostólica Romana, eleito em 2013. Argentino, nascido em 1936.

¹⁵⁰ 265º Papa da Igreja Católica Apostólica Romana, eleito em 2005. Alemão, nascido em 1927. Foi o sucessor do Papa João Paulo II e abdicou em 2013, sendo, atualmente, bispo emérito da Diocese de Roma.

rosto dessa pessoa todos os dias e tenha tido de cobrir seu rosto para a eternidade. (O TESTEMUNHO, 2007, 1:32:36)

O cardeal, que teve um longo e íntimo vínculo com o pontífice, ressalta que o piedoso sacerdote teve uma vida de santidade e, ainda segundo Sua Eminência, sua sepultura é visitada em profusão, todos os dias do ano. Os fiéis oram sobre ela, tocam-na e suplicam por milagres, que proclamam sucederem e afirmam serem realizações dele. (O TESTEMUNHO, 2007). E, apesar de em todo o documentário O Testemunho, Dziwisz em nenhum momento citar a existência de Anna-Teresa, o fato é que o túmulo de João Paulo II está entre a sepultura de duas mulheres: a rainha Carlota, de Chipre, a ex-rainha da Suécia, Cristina Vasa – citada e analisada nesta pesquisa.

Figura 12 – Canonização do Papa João XXIII e do Papa João Paulo II



Fonte: <http://www.ecclesia.pt/canonizacao27052014/>

6.2 "O amor explicou-me todas as coisas"¹⁵¹

Esta seção é dedicada à biografia de Anna-Teresa Tymieniecka (1923-2014), e se encontra organizada em quatro etapas.

¹⁵¹ Verso de um dos poemas escritos pelo Papa João Paulo II, na época de sua juventude.

Figura 13 – Anna-Teresa Tymieniecka



Fonte: <http://divagacoesligeiras.blogspot.com/2013/03/le-donne-nella-vita-de-wojtyla.html>

6.2.1 “Penso, logo existo”¹⁵² – a menina que nasceu para refletir

Proveniente de uma família aristocrática, de origem polonesa e francesa, Anna-Teresa Tymieniecka nasceu em 1923, filha de Wladyslaw Zaremba Tymieniecki e de Maria-Ludwika de Lanval Tymieniecka. Sua mãe influenciou diretamente seu gosto pelos escritos filosóficos desde a tenra idade, incentivando-a com a leitura de pensadores diversos e a presenteando com livros variados, o que a impulsionou a uma paixão sem volta.

Segundo os assentamentos de Stourton (2006), assim que a Segunda Guerra Mundial chegou ao fim, a jovem conseguiu iniciar os estudos em Filosofia na Universidade Jaquelônica, na Cracóvia, ao mesmo tempo em que cursava a Academia de Belas Artes. Sua dedicação e competência reflexiva levaram-na a concluir o curso superior em dois anos, o que permitiu que se mudasse para a Suíça e continuasse suas pesquisas na Universidade de Friburgo, junto ao afamado filósofo Józef Maria Bochenski¹⁵³. Nessa instituição, obteve seu primeiro doutorado, voltado à fenomenologia nas filosofias de Nicolai Hartmann e Roman

¹⁵² Expressão criada por René Descartes (1596-1650).

¹⁵³ Polonês (1902-1995). Filósofo, lógico e religioso da Ordem dos Dominicanos.

Ingarden, publicado sob o título de **Essence and Existence**. Já seu segundo título de PhD foi conquistado na Sorbonne, com pesquisa em filosofia e literatura francesa.

6.2.2 “A mente que se abre a uma nova ideia, jamais voltará a seu tamanho original”¹⁵⁴

O pós-doutorado foi cursado aos vinte e nove anos de idade, no College d’Europe, na Bélgica, na área das ciências sociais, quando também elaborou sua própria linha de investigação filosófica, partindo da fenomenologia. De acordo com Wiegel (2005), sua carreira docente foi firmada por atuações como professora e pesquisadora em instituições renomadas, dentre elas: Oregon State College, Pennsylvania State University, Institute for Independent Study da Radcliffe College, St. John’s University.

Pesquisadora renomada, a Dra. Tymieniecka fundou a Sociedade Internacional de Pesquisa Husserl e Fenomenológica (1969), a Sociedade Internacional de Fenomenologia e Ciências Humanas (1974), a Sociedade Internacional de Fenomenologia, Estética e Belas Artes (1993) e a Sociedade Ibero-Americana de Fenomenologia (1995), conforme registrou Kirchgaessner (2016).

No ano posterior à nomeação de Karol Jósef como papa, publicou uma tradução para o inglês do livro que o religioso houvera escrito anos antes: **Person and Act**¹⁵⁵. Escrita originalmente em polonês, é considerada a principal obra literária de Sua Santidade, chegando a ser traduzida para inúmeros idiomas. Os registros de Tucker (2014) assinalam que o trabalho de Tymieniecka foi duramente depreciado pelos críticos, que afirmam que a erudita alterou a versão polaca e remodelou a linguagem para uma que acercasse suas convicções filosóficas. A intenção também desagradara o pontífice, pois essa tradução não carrega o texto original em sua completude. Todavia, **Person and Act** é considerada a edição inglesa concludente da obra original **Osoba i czyn**.

¹⁵⁴ Expressão de autoria do alemão Albert Einstein (1879-1955).

¹⁵⁵ Título original em polonês: **Osoba i czyn**.

6.2.3 Uma pesquisadora da razão que viveu um amor irreflexivo

Aos trinta e três anos, Anna-Teresa casou-se com Hendrick Samuel Houthakker¹⁵⁶, com quem teve três filhos. Hendrick foi professor de Economia da Universidade de Stanford, além de proeminente economista do país, chegando a compor a assessoria presidencial por um tempo (TUCKER, 2014).

Sua amizade com Karol Józef teve início quando ela tinha cinquenta anos de idade, e já era reconhecida em seu prestígio acadêmico e intelectual, sendo o religioso o bispo de Crascóvia. Em diversas ocasiões viajaram juntos para acampar e esquiar, além de Anna o haver hospedado em sua própria casa inúmeras vezes (STOURTON, 2016).

Os meios de comunicação trouxeram a público variadas fotografias que marcaram de modo factual essa relação de proximidade, bem como as cartas íntimas que escreveram quando se encontravam distantes. Tanto as correspondências quanto os retratos tornaram-se documentos da Biblioteca Nacional da Polônia a partir de 2008, todavia, Stourton (2016) revela que a biblioteca as reservou do público até a santificação do papa, tendo, desde 2016, a pretensão de as difundir em uma produção audiovisual.

Em uma transmissão no mês de fevereiro de 2016, um programa de documentário da BBC, chamado “Panorama”, alegou que João Paulo II sustentava uma relação íntima com uma filósofa, com quem se correspondia por missivas privadas e confidenciais. Stourton (2016) considera que a erudita tenha confessado amor ao sacerdote, por conta das expressões em resposta que ele lhe enviou. Como o Vaticano confiscou e guardou as cartas que o pontífice recebeu, não é possível confirmar a verdade a respeito do afeto dela. De acordo com a sede da Igreja Católica, não houve declaração de um sentimento físico e profano e, portanto, o Papa João Paulo II foi um representante do amor divino no mundo terreno (WIEGEL, 2005).

¹⁵⁶ Holandês (1924-2008).

6.2.4 “*Ser ou não ser, eis a questão*”¹⁵⁷ – *as certezas ocultas nas missivas*

Anna-Teresa foi procurada por jornalistas investigativos nos anos 90, para os quais negou ter se permitido qualquer sentimento inadequado por aquele que ela considerava um amigo: “Não, eu nunca me apaixonei pelo cardeal. Como eu poderia me apaixonar por um clérigo de meia-idade? Além disso, sou uma mulher casada” (STOURTON, 2016). Ainda segundo Stourton (2016), ao citarem a importância que ela exerceu na vida do pontífice, a filósofa aceitou e confirmou, esclarecendo que sentiram grande afeto e consolo um no outro, além de se identificarem nos pensamentos filosóficos e nas questões existenciais. Mas o documentário **O Testemunho** (2007), por exemplo, não citou em qualquer momento sua existência na vida do Santo Padre.

A expectativa por uma vivência amorosa faz parte da essência, ainda que venha vinculada a uma transgressão dogmática. A Dra. Tymieniecka foi uma pesquisadora reconhecida por suas investigações na área da Filosofia, sendo autoridade em assuntos diversos que se embasavam no questionamento e na busca humana pela consciência racional. Criou e desenvolveu linhas de pesquisa que permaneceram em prestígio por instituições acadêmicas de valor, além de ser a autora de várias obras. Ainda que suspeitas a respeito de seu vínculo afetivo com Sua Santidade tenham percorrido o mundo e atingido sua intimidade, permaneceu casada com Hendrick Samuel até a morte deste, cumprido o preceito de “até que a morte os separe”¹⁵⁸.

No ano de 2016, o Papa Francisco afirmou saber da relação entre João Paulo II e Anna-Teresa. A esse respeito, proferiu:

A amizade com uma mulher não é um pecado, é uma amizade. Uma relação amorosa com uma mulher que não seja sua esposa, sim, é um pecado. O Papa era um homem que queria pensar como as mulheres. [...] Um papa tem um coração que pode ter uma amizade saudável e santa com uma mulher. Eu, por exemplo, quando peço conselhos a colegas ou amigos, sempre gosto de receber a opinião de uma mulher. [...] te dão tanta riqueza, olham para as coisas de uma maneira diferente. Eu gosto de

¹⁵⁷ A frase faz parte da tragédia Hamlet, de William Shakespeare.

¹⁵⁸ Expressão juramentada proferida em casamentos pelos nubentes.

lembrar que a mulher é aquela que constrói a vida no útero.
(FRANCISCO..., 2016)

Conforme as palavras expostas em entrevista, Sua Santidade defendeu o São João Paulo II, bem como a Dra Tymieniecka, escudando a afeição que tiveram e caracterizando-a como sadia e possível entre um sacerdote e uma mulher comum. Sua cordialidade e pacificidade genuínas compuseram a defesa já esperada, pois seria improvável que o atual papa acusasse de transgressão aquele a quem honrou com a consagração. Ao lhes determinar uma afeição de desenhos marcados por conselhos e intimidade fraternal, o presente pontífice os equiparou a Francisco e Clara, que marcaram a história do catolicismo com o apreço imaculado e piedoso de dois irmãos na fé, guiados pelo propósito de servir a Deus.

Porém, faz-se necessário lembrar que a filósofa não se tratava de uma mulher ordinária, nem tão pouco de uma religiosa consagrada. Sua trajetória acadêmica e suas pesquisas científicas firmaram-na como uma pensadora racional, uma erudita de prestígio (KIRCHGAESSNER, 2016). Como o foi a parte feminina dos casais anteriores da triangulação proposta por esta inquirição, Anna-Teresa coaduna com suas iguais, pela inteligência superior e pelos atrativos cognitivos. Contudo, diferentemente de Heloísa e Cristina, deixou em suspenso uma possível paixão, já que suas cartas foram recolhidas pelo Vaticano e sua voz negou qualquer pretensão amorosa. Teria sido coagida? O tempo talvez externize, algum dia.

De qualquer modo, é factual que Anna-Teresa Tymieniecka relacionou-se desveladamente com o afamado João Paulo II e permaneceu com ele em seu leito de morte, até seu último suspiro (SZULC, 2007). Além disso, a filósofa viveu o suficiente para presenciar sua canonização, vindo a falecer quarenta dias após, aos 91 anos de idade, no ano de 2014. Sua mente questionadora viveu até ter certeza de que conheceu um santo, intimamente.

6.3 "Fragmentos do discurso amoroso"

No início do ano de 2016, dois anos após a canonização de João Paulo II e o falecimento de Anna-Teresa, as cartas trocadas pelos dois se tornaram um tumultuado assunto internacional. A *BBC One* do Reino Unido, entre tantos outros veículos de informação, trouxe essa matéria à tona no dia 15 de fevereiro de 2016. Leiamos a comunicação divulgada:

O papa João Paulo II manteve durante mais de 30 anos uma amizade intensa com uma filósofa casada, Anna Teresa Tymieniecka, sem que exista provas de que rompeu o voto de castidade, segundo cartas reveladas em uma reportagem da televisão britânica BBC que será transmitida nesta segunda-feira (15).

Estas cartas "são a janela mais extraordinária sobre a vida privada de uma das pessoas mais famosas da História", afirma o jornalista Edward Stourton, que descobriu as cartas, no programa Panorama da BBC.

Mais de 350 cartas escritas por João Paulo II à americana de origem polonesa Anna-Teresa Tymieniecka foram encontradas na biblioteca polonesa à qual a filósofa as legou em 2008.

(JOÃO..., 2016)

As cartas trocadas pelo Papa e a filósofa tornaram-se uma escandalosa notícia, que dividiu opiniões de devotos e não devotos, além de criar insegurança quanto à beatificação do sacerdote. Por haver se firmado em todo o seu pontificado como um líder conservador, a possibilidade de Sua Santidade haver caído em uma relação duplamente pecaminosa – já que ele era um religioso celibatário e ela uma senhora casada – gerou alvoroçados ruídos pelo mundo.

Em sua mocidade, Karol Wojtyla fora um homem bonito e atlético, além de haver atuado em peças teatrais. De acordo com jornalistas e historiadores voltados à investigação, foram inúmeras mulheres que se apaixonaram por ele, ainda depois de haver se tornado sacerdote, afinal, além de possuir uma aparência chamativa, era dono de um carisma encantador (SZULC, 2007).

O diretor da Biblioteca Nacional da Polônia, Tomasz Makowski, afirma haver lido as cartas e avaliado o conteúdo com cuidado. A respeito, ponderou que:

a amizade deles era muito difícil, por muitas razões, e também muito corajosa porque João Paulo II foi uma das primeiras autoridades eclesiais de grande importância a não ter medo em cooperar com as mulheres. [...] Estas são cartas de um verdadeiro amigo. Mas ele escrevia cartas do tipo a outras pessoas também. A questão é: Anna-Teresa era apaixonada por Wojtyła? Eu não sei, mas acredito que era bem provável. (CARTAS de João Paulo II a mulher..., 2016)

Makowski assegurou, em entrevista à *BBC One*, que em cada uma das cartas João Paulo assegurava à amiga que rezava por ela, afirmando lembrar-se constantemente de sua família e de suas dificuldades, além de indagar a respeito do bem-estar de seu marido e de seus filhos. Ainda para o diretor, a percepção das missivas é a de um homem devoto lutando para colocar os sentimentos amorosos em um patamar adequado e coerente, erguendo em importância seus princípios, valorados no catolicismo.

Segundo a avaliação de Stourton (2006), não houve qualquer prova de que João Paulo tenha rompido o voto de castidade, apesar de o jornalista afirmar que, evidentemente, o relacionamento entre eles era maior que uma amizade e, todavia, menor que uma aventura amorosa. Edward Stourton concedeu entrevista à BBC, no programa *Panorama*, onde declarou que as cartas “são a janela mais extraordinária sobre a vida privada de uma das pessoas mais célebres da História” e mostram “um embate para conter o que era certamente uma relação muito intensa” (CARTAS revelam..., 2016).

Anna-Teresa legou à biblioteca polonesa mais de 350 cartas escritas pelo sacerdote, nas quais, segundo a avaliação de Makowski, o papa conservou o vínculo entre os dois em uma esfera amigável e intelectual. Foram correspondências trocadas entre 1973 e 2005, sendo a última redigida pouco antes da morte do pontífice. O jornalista Edward Stourton, da BBC, leu analiticamente as cartas, as quais adquiriu por grande soma de dinheiro. Segundo ele, a emissora avalia produzir um documentário a respeito dessas produções, tomando-as como missivas secretas e duvidosas quanto ao sentimento que carregam.

O Cardeal Stanislaw Dziwisz, que esteve ao lado do papa por quase quarenta anos, declarou:

Qualquer um que tenha vivido ao lado de João Paulo II sabe muito bem que não há espaço algum para qualquer interpretação maliciosa. Ele era livre e transparente e não tinha nenhum complexo, pois era um homem puríssimo, capaz de respeitar cada pessoa e cada situação da vida. Esta é a única chave de leitura com a qual é possível interpretar toda a sua vida exemplar e santa.

(WOJTYLA..., 2016)

O cardeal esclarece a respeito da atitude penitente e ilibada do sumo pontífice, com quem conviveu e a quem serviu por muitos anos. Todavia, enquanto religioso e defensor da mesma fé, tal postura seria a esperada, afinal, preservar a idoneidade benevolente do papa é essencial para salvaguardar, também, a dos fiéis de um modo geral. Conforme já citado nesta pesquisa, vale ressaltar que, inclusive, em todo o documentário **O Testemunho**, Dziwisz não mencionou a amizade especial e duradoura de João Paulo com Anna-Teresa, possivelmente como um modo de retirar a luz de sobre o assunto e, desse modo, levá-lo a um esquecimento paulatino.

As cartas que João Paulo remeteu à Anna-Teresa foram delegadas à Biblioteca Nacional da Polônia, em 2008, pela própria filósofa que, indubitavelmente, sabia da importância cultural e religiosa que tais escritos íntimos possuíam, bem como do seu valor inolvidável para as considerações históricas. Ao concedê-las ao lugar de catalogação do país de origem de ambos, a filósofa, ainda, compreendia o significado de registrar suas trajetórias em seus berços, concedendo à gênese o direito de abrigar o percurso sentimental de seus filhos. Todavia, o mesmo destino não teve as cartas que o pontífice recebeu da afetuosa amiga, pois todas foram arrestadas pelas autoridades do Vaticano, que as resguardaram do conhecimento popular, dando-lhes um desenredo ainda desconhecido. Como Edward Stourton adquiriu as que João escreveu à Anna, quererá alcançar, também, as que foram emitidas por ela, já que possui o interesse jornalístico de analisar comparativamente o conteúdo de todas e divulgar ao público essa avaliação (STOURTON, 2006). Porém, é inegável que a óbice para granjear o intento exigirá influência incomum, já que o Vaticano pretende, por razões axiomáticas, preservar a icônica imagem do sacerdote: santificada e pura.

Por essa razão, tivemos acesso somente às correspondências que Anna-Teresa recebeu e, ainda assim, apenas algumas, as quais foram difundidas pela mídia e provocaram comentários especulativos e aturcidos. Nossa análise linguístico-discursiva, nesta etapa, será limitada e balizada somente nas palavras que o religioso registrou, em particularidade, à amiga. Para uma organização circunstanciada, nomeamos os excertos de modo a distinguir a sequência das missivas, que abarcam uma escassa produção. Seguimos, então, a numeração já registrada nesta tese, sendo: *CARTA JP (carta de João Paulo II a Anna-Teresa)*, com cada fragmento tendo um seguimento sequencial.

6.3.1 Conhecimento como marca identitária

O sacerdote e a filósofa foram estudiosos dos assuntos que envolvem a dimensão essencial e a reflexão a respeito do ser, avaliando a ontologia diante do mundo real e de suas contradições e interferências no pensamento humano. Como eruditos, ultrapassavam a forma de opinar e avaliar presente no senso comum, pois suas bases filosóficas levavam-nos a não aceitarem uma condição cativa à realidade percebida, às aparências sensitivas (KIRCHGAESSNER, 2016).

O Cardeal Dziwisz acentuou que João Paulo II tinha o hábito intensivo de leitura, não somente em relação à quantidade, mas, ainda, na qualidade superiormente erudita do que perscrutava (O TESTEMUNHO, 2007). Em relação à Dra Tymieniecka, aos trinta anos de idade já era PHD, com dois doutorados arrolados em seus registros curriculares e uma vida profissional de pesquisa e docência em universidades renomadas (WIEGEL, 2005).

Vejamos um dos apontamentos de João Paulo a esse respeito:

- (88) *CARTA JP (carta de João Paulo II a Anna-Teresa)*
 “Eu peguei suas cartas, as trouxe comigo para Roma e as estou lendo de novo. Elas são tão significativas e tão profundamente pessoais, apesar de estarem escritas em ‘código’ filosófico. Há nelas, finalmente, questões sobre as quais eu tenho muita dificuldade em escrever.”. (*CARTAS de João Paulo II revelam...*, 2016)

Ainda que o papa tenha feito estudos filosóficos e buscasse leituras conceitualmente elevadas, a formação acadêmica de Anna-Teresa era composta por um conhecimento superior, que compreendia sua forma de interpretar as situações e os sentimentos que as seguiam. Ao confessar a dificuldade que encontrava diante das exposições da amiga, o sacerdote assumia, ainda que implicitamente, a elevação instrutiva que a integrava por conta dos vocábulos ou expressões específicas que utilizou para penejar a carta.

João Paulo revela, também, que Anna-Teresa encontra-se em seus pensamentos, o que a alicerça nos sentimentos naturalmente humanos, tendo em vista que suas palavras, ao serem relidas, revelam a importância que sua pessoa tem na vida de uma personalidade que lida e se preocupa com assuntos mundiais. Após ser eleito papa, o religioso registrou à amiga que gostaria de continuar a ligação que houveram construído nos anos anteriores, escrevendo, em uma carta, que “a troca de ideias” entre eles, por ser “produtiva e criativa”, deveria permanecer (CARTAS de João Paulo II revelam..., 2016).

De acordo com os apontamentos de Barros (2015), uma nova disposição filosófica, nomeada de *Metarrealidade*, desponta a fim de aclarar a respeito dos estados do ser, que não abarcam a simples dualidade. Tal configuração ultrapassa as percepções do realismo crítico, pois abrange formas humanas diversificadas e fenômenos contíguos à compreensão sobre a completude cósmica. Segundo a autora, essa filosofia “busca exatamente o crescimento do ser humano, sustentado pela energia do amor, em atividades não duais de nosso ser” (BARROS, 2015, p. 51).

A ligação do sacerdote com a erudita acadêmica compreende uma aliança de contato com os alicerces de instrução de cada um, com o conhecimento que tinham em comum congraçando-os e, o que não lhes era igual, concitando. Tal relação respalda-se nos estudos da *Metarrealidade*, que volta suas apreensões à autotransformação, derruindo arranjos sociais que oprimem, alienam ou vetam a busca pelo conhecimento (BARROS, 2015, p. 51). Quando o pontífice assume ter dificuldade quanto ao assunto colocado pela filósofa, sugere objeções

que podem abarcar as questões pessoais que ela expôs ou, ainda, o modo como ela as registrou, ou seja, o uso do “código” filosófico, como ele define.

6.3.2 O domínio ideológico da crença religiosa

A devoção de Karol Józef Wojtyła levou-o a abandonar uma pretensa carreira de ator, da qual declaradamente gostava, para se tornar sacerdote. Com o passar dos anos, sua vida piedosa, em atos e palavras, foi galgando-lhe patamares na carreira religiosa, até lhe transpor ao papado, no qual se manteve com tanta diligência e em tamanha entrega, que sofreu perigo de vida por mais de uma vez. Tal comportamento fervoroso, que o levou a defender com empenho suas convicções doutrinárias, uniu-se a seu modo naturalmente amoroso de se comportar e pensar, atribuindo-lhe, conforme o catolicismo, o lugar de santo (O´CORNNOR, 2006).

Por ter uma fé sem abertura a abalos ou questionamentos, o pontífice foi um modelo de defesa da religião e do que ela trazia como dogma de seguimento e prática. Ainda, o carinho por sua pátria evidenciou-se em todas as vezes que procurou interferir nas questões sociopolíticas que afligiam seu país (O TESTEMUNHO, 2007). Esse sentimento encontra-se, também, registrado em uma de suas missivas:

(89) ***CARTA JP*** (*carta de João Paulo II a Anna-Teresa*)
“A nossa Pátria mútua; tantos lugares onde nos encontrávamos, onde tivemos conversas que foram tão importantes para nós, onde vivemos a presença de Deus.” (*CARTAS de João Paulo II revelam..., 2016*)

Karol Józef e Anna-Teresa possuíam a mesma origem e, ainda, o mesmo sentimento de afeto pela terra da qual provieram. O excerto acima compõe a carta que ele destinou à filósofa após regressar da viagem que fez à Polônia no ano de 2002, na qual registra o valor de apreço à terra natal e afirma que ela também o sente.

Apesar de nela haver o intuito de refletir sobre a conformidade da afeição que destinavam à pátria que os concebeu, o sacerdote ratifica

o vínculo ideológico que sustenta sua vereda existencial: “a presença de Deus”. Essa expressão está associada a emoções infantis, pautadas em momentos saudosos, apazíveis e ternos de ingenuidade e satisfação inocente. Em seus estudos a respeito das diversas significações comunicativas, Borba (1991) pondera que

Grande parte da interação social se faz pela linguagem que, por isso, aparece como fonte geradora de sentidos e, por conseguinte, de signos. O conteúdo comunicativo tem sempre uma significação independentemente de ser verdadeira ou falsa, real ou imaginária, conhecida ou desconhecida. (BORBA, 1991, p. 225)

O linguista considera que a significação ou o sentido comunicativo fomenta possibilidades interpretativas, conferindo às atividades sociais a função de produtoras de significados. Se os significados desempenham um lugar definido no sistema ao qual se integram, avalia-se que as expressões verbais conectam-se a “coisas, eventos, atributos do mundo exterior” e, portanto, “se referem a essas coisas, eventos e atributos que são, então, seus referentes” (BORBA, 1991, p. 228). Diante disso, o excerto em questão corrobora para a convicção do sacerdote em vincular o divino a atributos benignos e afáveis, como, em seu contexto referencial, à sua pátria, cuja significação volta-se à infância, à família e aos anos escolares – todos com ditosa acepção.

Observemos a permanência dessa convicção no imaterial em outro extrato:

(90) **CARTA JP** (*carta de João Paulo II a Anna-Teresa*)
“se eu não tivesse essa convicção, alguma certeza moral da Graça, e de agir em obediência a ela, eu não me atreveria a agir assim.”
 (CARTAS de João Paulo II revelam..., 2016)

O convívio íntimo e regular com a família da Dra Tymieniecka permaneceu mesmo após suas ascensões religiosas. Passava temporadas inteiras com eles na propriedade rural em Vermont, onde acampavam e acicatavam a afeição que os unia (STOURTON, 2016). As convicções que

sustentam a religião da qual se tornou defensor e líder não aquiescem determinados comportamentos – ele bem o sabia – e, portanto, sua intimidade com pessoas comuns seria julgada como indevida e imprópria, ainda que o fossem fiéis à mesma doutrina.

Segundo Castells (2002), a crença religiosa exige um comportamento evangelizador, que se promove, também, pelo exemplo de seus líderes, cujo fundamentalismo dogmático deve ser modelo para os fiéis. Ao apontar o conjunto de crenças que abarcam esses preceitos, o sociólogo elenca as basilares: fé irrestrita na Bíblia enquanto obra divinamente inspirada e indefectível; salvação individual pela crença no Cristo como redentor de transgressões; aceitação irrestrita da ressurreição e do retorno do Cristo para resgatar os escolhidos; confiança incontestável no nascimento virginal do Salvador e na existência eternizada da santíssima trindade (CASTELLS, 2002, p. 38). De acordo com as considerações analíticas do autor, o fiel fundamentalista acredita que uma “profusão de recompensas terrenas aguarda o cristão que se compromete a obedecer a esses princípios e preferir os desígnios de Deus ao seu próprio planejamento de vida, repleto de imperfeições” (CASTELLS, 2002, p. 39).

Ao ser eleito o representante maior de sua fé, Karol Józef Wojtyła torna-se o Papa João Paulo II, o que o coloca em evidência simbólica de santidade, afinal, será o modelo supremo de comportamento devoto e a autoridade maior de ratificação e criação de preceitos. Sua vida privada praticamente deixa de existir e seus passos são calculados e escrutados constantemente. Todavia, ainda que quase divinizado, o pontífice é humano e, portanto, necessita das condições sociais que assim promovem o sujeito enquanto ser social, “com certas capacidades humanas fixas e um sentimento estável de sua própria identidade e lugar na ordem das coisas” (HALL, 2006, p. 23).

O extrato (90) em questão revela um indivíduo que compreende seu papel representativo, mas, também, o deslize de comportamento que sustenta ao manter seu vínculo de amizade com uma mulher casada, por quem afirma ter afeto. O religioso mostra-se pautado às convicções que firmam seu desempenho figurativo, por meio das expressões que registra

na carta – “convicção”, “certeza moral” e “obediência” –, e as quais profere para pontuar que o respaldam, para que tenha o atrevimento de uma ação não esperada. Borba avalia que, no íntimo, “pretendemos alterar as relações originais entre o nosso eu e o meio social para poder controlá-los” (BORBA, 1991, p. 24), o que é possível avaliar no registro feito pelo pontífice, que “procura mesmo é influenciar e afetar o comportamento de outrem” (BORBA, 1991, p. 24) ao colocar que seu procedimento de fé, por meio das atitudes que prossegue, está em acordo às normas preestabelecidas pelo cânone religioso que retrata em evidência.

Por ser um processo comunicativo persuasivo, a expressão linguística não é automática, já que se promove por meio da habilidade de ação e de reação, que busca alterar ou influenciar comportamentos alheios, (r)estabelecendo relações humanas (BORBA, 1991, p. 25). João Paulo reforça virtudes ao expor que seus atos não se efetivariam se suas convicções não estivessem invictas e fortalecidas, o que é um discurso de quem intenta inocentar-se, tendo em vista que suas cartas à filósofa, apesar de íntimas, estão carregadas de seu papel simbólico enquanto sumo pontífice, enquanto figura que constitui um poder que é cultuado por incontáveis indivíduos.

De acordo com os estudos de Thompson (1990) sobre ideologia, a “simbolização da unidade” é um argiloso subterfúgio de construção emblemática por meio da qual se arquitetam “símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas, que são difundidas através de um grupo, ou de uma pluralidade de grupos” (THOMPSON, 1990, p. 86). Um papa é – foi e também será – um ícone personificado de uma fé pública, que colocou nele uma identidade coletiva e continuamente reafirmada, como estratégia de unir indivíduos “de uma maneira que suprima diferenças e divisões [...], para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 1990, p. 86). Para esse sociólogo da linguagem, a simbolização carrega uma história compartilhada, bem como notabiliza um destino coletivo, o que pode ser avaliado no papel do sumo pontífice, que “interliga os indivíduos numa identidade coletiva,

independentemente das diferenças e divisões que possam separá-los (THOMPSON, 1990, p. 86).

A respeito do processo social em que a comunicação se faz, Chouliaraki e Fairclough (1999) declaram que discurso é “uma forma de poder, um modo de formação das crenças/valores/desejos, uma instituição, um modo de relacionamento social, uma matéria prática” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGG, 1999, p. 6). Para esses autores, as influências de dominância, as vinculações sociais e as práticas diversas, como as crenças instituídas, são parte do discurso e o carregam de significado intencionalmente concebido. Por isso, João Paulo carrega em sua batina e em seu solidéu¹⁵⁹ o encargo de agir e falar de modo a promover a união coletiva, a influenciar as atitudes individuais e a solidificar as crenças espiritualizadas, afinal, é ele o símbolo que personifica o divino incorpóreo, materializando o poder invisível que afirma ser o criador maior de tudo.

Conforme testifica Halliday (1994, p. 170), uma composição textual não é concebida somente de palavras e de sentenças, mas, antes, de significados. Semelhantemente, Thompson (1990, p. 96) esclarece que toda verificação se abre para uma suspeita, que nem sempre se faz plausível e, justamente por isso, necessita de se pautar em razões e fundamentações convincentes, a fim de que haja um julgamento mais justo.

O pontífice, portanto, firmou-se em suas convicções de fé, tomando-as por testemunho de suas intenções e, assim, acreditando-se inocente de quaisquer interpretações indevidas em relação às atitudes efetivadas enquanto indivíduo, ainda que seu cargo lhe exigisse outro comportamento. O registro de sua carta aponta alguém que busca se justificar de compreensões indevidas, tomando a própria fé da qual é representante como suporte para a inculpabilidade e valendo-se da interpretação que sua obediência e sua devoção – possivelmente evidentes – propiciariam.

¹⁵⁹ Chapéu usado por papa, bispos e cardeais, os quais se diferenciam pela cor: enquanto o dos bispos é roxo, o dos cardeais é vermelho e o do papa é branco.

6.3.3 O gênero social enquanto identidade constituída

No ano de 2003, a **Revista Super Interessante**, em sua edição 366, publicou uma matéria no dia 31 de outubro, cujo título foi *As mulheres não terão saudades de João Paulo II*. Escrita pela socióloga Maria José Rosado Nunes¹⁶⁰, o texto jornalístico imputou ao Papa, que ainda estava vivo e atuante em seu pontificado, características adversas às que comumente o retratavam pelo mundo, sendo julgado de “implacável”, “insensível”, de “caráter controlador” e possuidor de “teimosia irracional” (AS MULHERES..., 2016). Na matéria, a pesquisadora em questão analisa suas decisões a respeito de assuntos problemáticos, cujas discussões houveram tomado conta das argumentações diversas de especialistas sociais, bem como de devotos de inúmeros seguimentos de fé, como a homossexualidade, o aborto e a condição da mãe solteira.

De acordo com a notícia (AS MULHERES..., 2016), o governo de João Paulo II sempre fora inflexível com as mulheres, sendo intransigente com as que, por exemplo, engravidavam em decorrência de estupro, pois impunha-lhes a obrigação de gerar a criança, a que a socióloga nomeou “fruto da violência”. Ainda, afirma que o Sacerdote Supremo da fé católica, agindo contra as “evidências científicas”, não consentia quanto ao uso de preservativos como métodos para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, o que em demasia prejudicava às mulheres, que, pela condição fisiológica, são mais propensas e desenvolver doenças venéreas.

Ao comparar a regência do Papa à atitude de líderes das outras religiões, a Dra Nunes (2003), na matéria da revista, considera que certas igrejas evangélicas elevaram a condição feminina ao permitirem o cargo de pastoras e bispas, o que, no conceito de fé, consagrou-as como iguais aos homens, por exemplo. Diferentemente, o pontífice em apreço nesta investigação, na concepção da socióloga, “revelou-se portador de um projeto sexista, contrário à afirmação dos direitos das mulheres e de sua

¹⁶⁰ Professora convidada na *Harvard University* e coordenadora da ONG Católicas pelo Direito de Decidir.

dignidade humana, rejeitando os grandes movimentos contemporâneos de emancipação feminina” (AS MULHERES..., 2016). O parecer de Maria José Rosado Nunes foi, enfim, o de que o Papa João Paulo II teve um pontificado que proporcionou melancolia e tristeza às fiéis católicas, as quais são, na verdade, o público maior da igreja e as promovedoras dos grandes eventos.

Ainda que a gerência do pontífice tenha sido tradicional no tratamento dado à figura feminina, o eixo analítico desta investigação está voltado, especificamente, à análise linguístico-discursiva de suas correspondências com Anna-Teresa. Sua atuação, no decorrer do comando à Igreja Católica, no que diz respeito ao olhar sobre o feminino, importa enquanto contexto de atitude generalizada, tendo em vista sua influência e, portanto, autoridade para ratificar e retificar diretrizes regulamentadoras. Porém, neste trabalho, faz-se necessário que individualizemos nosso olhar perscrutador para entender como foi sua conduta específica para com a filósofa com quem manteve vínculo afetivo por tantos anos, trocando centenas de cartas íntimas. Importa esclarecer que, dentre os excertos de correspondências a que tivemos acesso, todos foram extraídos de cartas que João Paulo enviou à amiga e, desse bocado divulgado pela imprensa, não houve menção à condição da filósofa enquanto mulher. Por tal razão, nossa análise a esse respeito ficou obstada e, diante da falta de dados, não há como avaliar pelos registros dele, direcionados especificamente a ela, de como a tratou em sua condição de gênero.

[...] a construção da identidade social do gênero feminino, além das práticas discursivas, ocorre, também, com as práticas culturais cotidianas que permitem o compartilhamento e a memorização dos costumes passados, de forma a permitir que as pessoas mantenham vivas as tradições, as crenças e os costumes, ou seja, a identidade social desses sujeitos. (SILVEIRA, 2011, p. 29)

Conforme descortina Silveira (2011), a mulher foi uma figura culturalmente situada no espaço do lar, onde sua identidade foi estabelecida em dependência à capacidade de procriar e, portanto, sua representação associa-se à criação dos filhos e às atividades domésticas.

O gênero feminino teve sua capacidade biológica de gerar um filho transformada “em produto de atividade humana que organiza e sustenta a estrutura social e política dessa mesma sociedade” (SILVEIRA, 2011, p. 30), a qual presume que seu trabalho seja encarregar-se dos filhos e da casa. A autora ainda aponta para a expectativa conjecturada sobre o encargo da mulher fora do lar, que vem associado à responsabilidade de prover o bem-estar e o sucesso social dos integrantes da família, bem como a satisfação de todos (SILVEIRA, 2011, p. 32), o que aponta sua representação como um tipo de valor inferiorizado em relação ao masculino, para com o qual a situação de alteridade fica evidenciada e pode ser avaliada enquanto fenômeno de fundamentação cultural e ideológica (SILVEIRA, 2011, p. 34-35).

Diferentemente das mulheres analisadas nos capítulos anteriores – uma do século XII e outra do século XVII –, Anna-Teresa é uma mulher dos séculos XX e XXI, onde a visão sobre o feminino evoluiu e fomentou mudanças sociais. Com dois doutorados e, ainda, PHD, a Dra Tymieniecka foi uma referência nas pesquisas filosóficas e bastante respeitada por seu conhecimento, enquanto autoridade intelectual. Ainda que uma renomada cientista, era casada e mãe, o que, de certo modo, não a colocava em resistência ao masculino, mesmo que possuísse um papel autônomo fora da composição doméstica. De acordo com as pesquisas de Zanello (2018) a respeito de gênero, quando se avalia a questão do dispositivo amoroso colocado na sociedade, as mulheres veem-se diante de uma encruzilhada entre o investimento que farão em seus projetos profissionais e a energia dedicada à vida amorosa e familiar, o que, segundo a autora, “foi construída culturalmente como importante forma de desestímulo ao progresso profissional e dedicação egoísta das mulheres a projetos pessoais” (ZANELLO, 2018, p. 110).

De acordo com tais apontamentos, Anna-Teresa seria, portanto, uma mulher mergulhada no cotidiano da dubiedade existencial, tendo seu papel profissional em contraposição constante a suas atividades domésticas. Seu sucesso acadêmico indicaria para uma determinada escolha, e seu casamento longo para outra, o que rompe com o suggestionamento de que a eleição por um deve, forçosamente, acometer

o outro, colocando-a na perspectiva analítica de Hall (2006), cujos estudos indicam que a identidade é um processo formado no decorrer do tempo, por meios inconscientes, e não um processamento inato, advindo no momento do nascimento. O autor observa que a identidade é incompleta e, por isso, encontra-se em constante processo e formação, devendo ser, por isso, renomeada de “identificação”, justamente por ser um transcurso em atividade (HALL, 2006, p. 38-39).

A vida da filósofa em análise, portanto, deve ser avaliada de acordo com os estudos de uma identidade na perspectiva da pós-modernidade, que está sendo mensurada como componente de um sistema de variação mais vasto, o qual está demovendo “as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p. 7). Sua posição faz-se realmente diferente das de Heloísa Argenteuil e Cristina Vasa, ainda que sua construção identitária social traga a ingerência de costumes passados, e seu comportamento doméstico – esposa e mãe – permita a memorização de tradições que se mantêm por meio de costumes e crenças (SILVEIRA, 2011, p. 29).

Anna-Teresa foi, como as outras, uma mulher e teve o peso social de seu gênero, porém, a fragmentação ou deslocação da identidade na modernidade tem levado a transformações fundamentais e abrangentes (HALL, 2006, p. 8-9), as quais, conforme analisa Giddens (2002) estão promovendo variadas oscilações sociais que alcançam potencialmente todas as instituições modernas. Ainda que, por ser um indivíduo sexualmente feminino, tenha sido influenciada pelas questões políticas a que esse estado faz se sujeitar (ZANELLO, 2018), a Dra Tymieniecka esteve em vantagem se comparada às mulheres dos séculos anteriores, justamente pelo atual impacto que a globalização tem promovido sobre a identidade cultural (HALL, 2006, p. 14).

As pesquisas na ADC, afinal, elucidam a respeito de formulações que nos influenciam, aclarando que, quando abrigamos uma opinião, comumente não temos a lucidez de que tais preceitos ocorram incorporados a uma estrutura maior, reverberando conceitos que já se achavam anteriormente constituídos (LOPES, 2008). Tais reflexões

levam-nos a conjecturar que, ainda que os sujeitos sejam fragmentados (HALL, 2006), seus papéis sociais são influenciados e compostos por uma modernidade tardia (THOMPSON, 1990).

O ser feminino, enquanto gênero socialmente constituído, foi – e ainda o é – vítima de diversos preceitos misóginos, aos quais procura superar por meio de suas atitudes esforçadas e, muitas vezes, contraventoras. Portanto, importa considerar que o personagem que estamos analisando, ainda que um sujeito contemporâneo, esteve por toda a sua vida submetido a questões de uma fé milenar, com dogmas bastante conservadores e pautados em obras sacras antigas, cujas normas norteiam o comportamento moderno com referências em instruções pretéritas, ainda que as mudanças sociais se mostrem ativamente evidentes.

6.3.4 Servidão sentimental

Ser uma figura mundialmente conhecida não traz conforto para um sujeito, ainda que essa posição seja acompanhada de prestígio e respeitabilidade. O lugar de representação cobra, também, a perda da individualidade, pois a importância da personificação de uma ideologia assume a supremacia diante de quererem pessoais ou de vontades que particularizam e – verdade seja dita – humanizam. A esse respeito, Cialdini (2012) observa que “quando uma autoridade legítima se pronuncia, o que normalmente faz sentido se torna irrelevante”, ou seja, figuras de poder e governança são símbolos ideológicos, os quais, não necessariamente, representarão conceitos tangíveis e palpáveis. Assim, mais do que a obrigação de desempenhar bem um cargo, um papa carrega a responsabilidade de se fazer a voz do divino, de retratar a figura do imaterial para os fiéis, fortalecendo suas crenças no objeto invisível que fora escolhido como ser supremo de adoração. Por isso, suas atitudes e palavras têm uma gravidade de monta quase incalculável, tendo em vista os juízos de fé que mundialmente lhe são atribuídos.

De modo correspondente, apesar de não em igual gravidade e exigência, relacionar-se com uma personalidade célebre, cuja fama é apregoada nos quatro cantos do planeta, também abarca muita

responsabilidade. Ser uma pessoa próxima àquele que carrega a incumbência missionária de guiar milhares de crentes pelo mundo submete a constrangimentos e invasões de intimidade, ainda mais quando surge a desconfiança de que o relacionamento existente possa ultrajar dogmas que deveriam ser sustentados com rigidez e conduta exemplar.

O envolvimento sentimental de João Paulo e Anna-Teresa promove alvoroço e especulações variadas e, portanto, ainda será assunto para pesquisas e revelações futuras por anos incontáveis. Mas, no momento, voltaremos aos registros colhidos em algumas das cartas escritas pelo sacerdote. Vejamos:

- (91) **CARTA JP** (*carta de João Paulo II a Anna-Teresa*)
 “Minha querida Teresa, recebi as três cartas. Você escreve sobre sentir-se despedaçada, mas não consigo encontrar nenhuma resposta para essas palavras.”
 (<https://www.publico.pt/2016/02/15/mundo/noticia/cartas-de-joao-paulo-ii-revelam-amizade-intima-com-filosofo-1723365>)

A missiva acima foi datada de setembro de 1976, quando o religioso era ainda cardeal. Nela, é possível conferir que a filósofa lhe escrevia com frequência, já que, ao lhe responder, o sacerdote afirma haver recebido “três cartas” de sua parte. Sendo possuidor de apenas uma perspectiva das correspondências – as que o clérigo redigiu –, Stourton (2016) afirma:

Eu apenas vi um lado da correspondência – as cartas que ele lhe enviou –, por isso, algumas vezes, é impossível saber exatamente ao que o cardeal se refere. Mas, depois de uma investigação jornalística à moda antiga, acredito que numa fase inicial do relacionamento, provavelmente no Verão de 1975, Tymieniecka disse a Karol Wojtyła que estava apaixonada por ele. (CARTAS de João Paulo II revelam..., 2016).

Em seus apontamentos, Edward Stourton (2006) constatou que houve sentimento amoroso declarado por Anna-Teresa a Karol Jósef, quando esse ainda era cardeal. O pesquisador atesta tal julgamento tendo por referência as correspondências que o religioso remeteu à filósofa,

nas quais escreve, muitas vezes, em resposta aos conteúdos escritos primeiramente por ela.

As suposições do pesquisador tomam por pauta o fato de o afeto sustentado pelo par analisado ter sido marcado, além das correspondências e das viagens, por regalos saturados de simbologia afeiçoada e representativa, pois, no mesmo ano de 1976, Wojtyła presenteou a amiga com um objeto que lhe era de valor inestimável: o escapulário que ganhara de seu pai quando fizera a Primeira Eucaristia. Apreciemos o que redigiu a esse respeito:

- (92) **CARTA JP** (*carta de João Paulo II a Anna-Teresa*)
“Desde o ano passado estou procurando uma resposta para suas palavras ‘Pertença a você’, e finalmente, antes de deixar a Polônia, encontrei a maneira, um escapulário. É a dimensão em que a aceito e a sinto em todos os lugares e situações, quando você está perto e quanto está longe. [...] Deus lhe deu para mim e fez-lhe a minha vocação.”
 (*CARTAS de João Paulo II revelam..., 2016*)

A entrega do escapulário – que é um objeto de simbologia devocional – responde de modo ideologicamente piedoso às declarações inflamadas de Anna-Teresa, vinculando-a a uma profissão de fé e compromisso sacerdotal. Quando afirma “*Deus lhe deu para mim e fez-lhe a minha vocação*”, o efetivo amigo e possível amado fazem-se subtrair pela simbologia do sacerdote, em sua função de autoridade constituída, cujas “construções simbólicas são instrumentos com os quais as formas simbólicas, capazes de criar e sustentar relações de dominação, podem ser produzidas” estrategicamente (THOMPSON, 1990, p. 89). Ainda que seu afeto exista, enquanto homem fisiologicamente integrado, a função do prócer consagrado precisa se sobrepor a qualquer carência humana, especando a forma simbólica produzida como sustentação de relações de dominação e a promoção de grupos poderosos (THOMPSON, 1990, p. 89), nesse caso, a Igreja Católica Apostólica Romana e seus preceitos dogmáticos milenares.

A amizade iniciada quando era ele um bispo e cultivada no decorrer de seu mandato enquanto cardeal poderia ter se rompido ou,

talvez, definhado quando o pontificado chegou. Todavia, isso não aconteceu, como é possível ser constatado nos registros a seguir, feitos após sua ascensão ao papado:

- (93) **CARTA JP** (*carta de João Paulo II a Anna-Teresa*)
 “Estou a pensar em ti, e nos meus pensamentos vou a Pomfret todos os dias.”
 (CARTAS de João Paulo II revelam..., 2016)
- (94) **CARTA JP** (*carta de João Paulo II a Anna-Teresa*)
 “O telefone tem a vantagem de eu poder ouvir sua voz, mas não durar o suficiente, por isso não substitui uma carta, ou uma conversa real.”
 (CARTAS de João Paulo II revelam..., 2016)

Quando cita Pomfret, João Paulo refere-se ao lugar onde acampavam, pescavam e, por isso, usufruíam de momentos de intimidade familiar e simples alegrias, o que confirma seu saudosismo em relação aos acontecimentos que marcam uma existência comum, uma vida sem notoriedade e exigências excepcionais. Ainda, no excerto (94), ressalta o desejo de permanecer se correspondendo com ela, além de almejar suas visitas presenciais, já que considera as ligações telefônicas momentos fugazes e de pouco aproveitamento afável. Tal consideração revela que o clérigo, ainda que no auge de sua carreira sacerdotal, era um ser humano composto pelas necessidades de sociabilização de aconchego e calor, o que a Psicologia respalda com as pesquisas a respeito das emoções, considerando que “embora tenhamos a capacidade de refrear nossos sinais emocionais, raramente somos perfeitos em nossas tentativas de inibi-los” (EKMAN, 2011, p. 72-73).

Igualmente apetecida a manter a relação afetiva com o amigo, Anna-Teresa procedeu de modo a manter essa ligação, pois, segundo registrou Stourton (2006), as visitas que fazia a ele, após o início de seu pontificado, foram regulares e sabidas por todos, sendo algumas delas até fotografadas, além dos retratos pessoais e das flores que eram enviadas ao Vaticano com regularidade. Importa ressaltar que tais encontros e regalos aconteceram tanto quando o pontífice esteve hospitalizado como quando se encontrava em boa saúde e ativo em suas

incumbências de regente, o que confirma que o carinho demonstrado era usual e independia das comoções que os atentados assomavam em todos.

Pesquisas da ADC procuram analisar as práticas sociais contextualizadas, pois entendem que há uma lacuna entre as teorizações a respeito da linguagem e as inquirições que se dedicam aos papéis comunicativos (RESENDE, 2009, p. 14). Ainda que não tenhamos as cartas da Dra Tymieniecka para interpretação linguístico-discursiva, seu comportamento, registrado em descrições investigativas de historiadores e jornalistas, confirma o valor afetivo que devotou ao religioso, quer enquanto Karol Józef Wojtyła, quer enquanto João Paulo II e, ainda, como São João Paulo II. Ainda que as palavras de Anna-Teresa ao sacerdote tenham sido confiscadas pelo Vaticano, de acordo com as afirmações de Stourton (2006 e 2016), houve um corpo teórico nas atitudes da filósofa, apresentado em “um foco mais específico nos modos como a linguagem” figurou-se em sua vida social, levando-nos a interpretar, também, essas atitudes, afinal, a ADC não se limita ao estudo da linguagem verbal, oral e escrita, pois inclui outros sistemas semióticos, os quais articulam-se em distintas modalidades de construção de significados (RESENDE, 2009, p. 14-15).

No ano de 2002, em uma de suas últimas cartas, o papa registrou:

(95) **CARTA JP** (*carta de João Paulo II a Anna-Teresa*)
“Eu penso em você todos os dias e gostaria de estar com você diariamente.”
 (*CARTAS de João Paulo II revelam..., 2016*)

As palavras de João Paulo II à Anna-Teresa apreendem os significados de suas ações, de suas crenças e de seus valores e vivências, bem como do modo como estas se desenvolveram (BARROS, 2015, p. 105), o que induz à constatação de que houve entre os dois uma história de amor, ainda que somente no âmbito utópico, como o foi entre o padre Antônio Vieira e a rainha Cristina Vasa. Para diversos jornalistas e historiadores, a filósofa foi profundamente apaixonada por ele, que buscou se resguardar da declaração desse sentimento pelas convicções

religiosas que sustentava e as quais o levaram a manter o controle da situação (CRIVELLARO, 2016).

Ainda de acordo com a reportagem publicada pela revista *Istoé* (CRIVELLARO, 2016), estudiosos das cartas redigidas pelo sacerdote consideram que o envolvimento afetivo existiu, o que revelaria uma face humana do pontífice, considerado inclemente e conservador em vários aspectos sociais, chegando a acentuar o tradicionalismo da religião católica. Carl Bernstein – reconhecido jornalista do Watergate, bem como o primeiro a produzir uma biografia de Karol Józef Wojtyła – afirmou: “Estamos falando de São João Paulo II. Essa é uma relação extraordinária. Não é lícita, no entanto. Mas ela muda nossa percepção sobre ele.”, e Eugene Kistusk – estudioso de manuscritos – reiterou: “A relação tinha claramente duas dimensões: a emocional e a intelectual”.

Quanto aos vaticanistas, a notícia publicada coloca que eles defendem que não houve relação física entre os dois, afinal, nove anos após sua morte, João Paulo II tornou-se santo. De posse das cartas que Tymieniecka remeteu ao sacerdote, o Vaticano também tinha conhecimento das que ele direcionou à filósofa – e a respeito das quais solicitaram que não houvesse divulgação – e anunciou que a relação dos dois foi uma sincera e pura amizade. O padre Denilson Geraldo – especialista em Direito Canônico e professor de Teologia da PUC/SP – declarou: “Um sentimento como esse não macula o celibato” (CRIVELLARO, 2016), afirmativa que se coaduna à do Papa Francisco:

A amizade com uma mulher não é um pecado, é uma amizade. Uma relação amorosa com uma mulher que não seja sua esposa, sim, é um pecado [...] o papa João Paulo II era um homem que queria pensar como as mulheres. O Papa tem um coração que pode ter uma amizade saudável e santa com uma mulher. [...] E eu, por experiência, quando peço conselhos a colegas ou amigos, sempre gosto de receber a opinião de uma mulher. As mulheres te dão tanta riqueza, olham para as coisas de uma maneira diferente. Eu gosto de lembrar que a mulher é aquela que constrói a vida no útero. (FRANCISCO..., 2016)

Ao ser entrevistado pela **Agência Brasil** (EBC)¹⁶¹, (<http://agenciabrasil.ebc.com.br/>), no ano de 2016, o Papa Francisco disse saber da relação afetiva entre João Paulo II e a Dra Tymieniecka, e ponderou que não seria pecado uma amizade entre homens e mulheres, chegando a declarar que um homem que não é amigo de uma mulher é alguém a quem falta algo. Ainda segundo o referido pontífice, a igreja não entende, até o momento, o bem que uma mulher pode fazer para a vida de um sacerdote, com conselhos e auxílios, por meio de uma amizade sadia e benéfica. (FRANCISCO..., 2016)

O papa João Paulo II, diante de todos, revelou Tymieniecka como sua melhor amiga, a quem teve a seu lado até o instante de sua retirada dessa existência. Ainda que o extrato (95) aponte para uma necessidade constante de sua presença, nada evidencia que tal desejo considere o apetite carnal, afinal, a exposição que lhe conferiu esteve, sem abertura ao contrário, pautada em afeto sincero e construída numa relação de conhecimento e identificação de personalidade. Que Anna-Teresa lhe foi importante, não há dúvidas; o que não foi efetivamente apurado pelos poucos excertos divulgados foi, na verdade, se tal importância esteve balizada em uma emoção mais acentuada. Caso ele tenha amado com desejo aquela a quem anunciava como amiga, reservou para si tais arroubos sentimentais, colocando sua devoção acima de qualquer vontade humana particular e, se assim realmente o foi, renunciando a viver tais experiências.

Algumas considerações

Julgando que a investigação desta pesquisa tenha tido como *corpus* principal as cartas trocadas, a ausência da maior parte absoluta delas – todas as emitidas por Anna-Teresa e a maioria das emitidas por João Paulo II –, restringiu nossa análise, colocando-nos a considerar fragmentos liberados por jornalistas, bem como a nos pautar em suas percepções sobre o todo – levando em consideração os que estão de posse das missivas escritas pelo sacerdote. O ocultamento das experiências, por

¹⁶¹ Sigla de sua identidade internacional.

conta das missivas segregadas, rebuçou, de acordo com a perspectiva do Realismo Crítico de Barros (2015, p. 105), “elementos discursivos que poderiam ser cruciais para a análise”, o que não me permitiu “capturar outros significados que, certamente, fazem parte da vida” dessas personalidades e, por isso, deixaram de ser, aqui, revelados. Apesar desse refreio, validamos os registros coletados e avaliamos os indicadores linguístico-discursivos, que apontaram para uma relação afetiva que, se não acometeu sentimentalmente aos dois, esteve muito próxima de o conseguir.

De qualquer modo, a ADC estimula-nos a refletir a respeito da natureza social e da construção significativa da comunicação, além das mudanças discursivas e não discursivas captadas, a fim de que avaliemos o que pode ser validado segundo uma “abordagem científica capaz de contemplar a relação dialética existente entre linguagem e sociedade” (RAMALHO, 2009, p. 193). Enquanto uma ciência crítica, a ADC interessa-se em investigações que contenham efeitos ideológicos em textos, que, por sua vez, venham a produzir “sobre relações sociais, ações e interações, conhecimentos, crenças, atitudes, valores e identidades” (RAMALHO, 2009, p. 193).

Quando iniciaram as correspondências, Wojtyła era arcebispo de Cracóvia, e seu objetivo na primeira carta era o de promover um debate a respeito de um livro que houvera publicado e que gostaria que a filósofa analisasse. Porém, a sequência dos envios foi se encarregando de estimular a afeição entre os dois, que subtraiu a formalidade e alçou a intimidade, criando entre duas almas eruditas laços que se sustentariam por anos e marcariam uma trajetória que seria narrada, inclusive, após a morte. Longe dos olhares do mundo, Anna-Teresa conheceu o homem por detrás do pontífice simbolizado e, por isso, falou-lhe com intimidade. Nas linhas dela, ele estava desnudado, bem como sentimentalmente construído em suas entrelinhas, com emoções e cores originais. Se ela se apaixonou, foi por esse homem e, se ele também teve tal emoção, foi com essa roupagem, isenta da batina e do solidéu: de bermuda, cantando e pescando em um acampamento familiar, e a discutir o “ser ou não ser” da alma humana, bem como da sua própria humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



este estudo, buscou-se focar o relacionamento de três vultos da Igreja Católica Apostólica Romana, por meio de uma análise dos significados linguístico-discursivos presentes nas cartas trocadas com mulheres de sua proximidade afetiva.

Os dados empíricos, de natureza documental, permitiram-me identificar e descrever o sentimento de estima que perpassa a escrita dos correspondentes, sendo que a condição religiosa foi preponderante para a decisão a ser tomada em relação à afeição predominantemente humana: a renúncia. As parhas tiveram avultada relevância sociocultural na época em que viveram e, mesmo após suas mortes, assinalaram os registros da humanidade com seus comportamentos representativos, seus exemplos de fé, seus conhecimentos superiores e, também, seus desejos talvez até improcedentes.

Os dados principais de investigação foram as cartas sentimentais trocadas entre esses pares históricos, as quais foram examinadas sob a lupa do passaporte teórico de análise linguístico-discursiva, no prisma da Análise de Discurso Crítica (ADC) e do Realismo Crítico (RC). Os estudos sobre Identidade, Ideologia e Crença, as definições de Gênero – social e textual – e, ainda, os sentidos do termo “amor” em suas distintas possibilidades conceituais, completam a tríade da base analítica. O diálogo estabelecido entre essas propostas teóricas permitiu a descrição e a interpretação dos valores doutrinários, bem como da pujante influência dogmática que uma fé sublima seus seguidores, ainda mais quando esses são líderes e, portanto, personalidades simbólicas dos princípios que seguem.

A análise das expressões em registro confessional, nas cartas, permite-me sugerir que valores ideológicos, sobretudo, os pautados em crenças religiosas, aduzem para instâncias que não se encontram sedimentadas em indivíduos, mas em meios sociais respaldados por interferências conceituais tradicionais e longinquamente firmadas. Ao

renegarem vivenciar um amor carnal, pode-se afirmar que os religiosos estudados abdicaram de experiências naturais, fisiologicamente pautadas na composição humana de emoções e de ações que se orientam por esses mesmos sentimentos. Em sua busca pelo imaterial, pela fé em uma redenção após a morte, eles recusaram um amor devoto, oriundo de mulheres a quem também amavam, pela esperança de uma realização imaterial baseada na convicção asseverada pela doutrina. Assim, confiaram naquilo que não se vê, mas que se espera¹⁶², balizando-se numa certeza não constatada, afinal, a própria Bíblia afirma que nenhum dos que sustentou a fé “recebeu o que havia sido prometido”¹⁶³ (BÍBLIA SAGRADA, 1993).

De acordo com os apontamentos filosóficos clássicos, a felicidade traz por referência o amor, o qual foi subdividido em três tipos: *philia* – ligação mútua de generosidade e afeto; *ágape* – sentimento de caridade e altruísmo; e *eros* – paixão carnal, que busca o prazer e a alegria erótica. Isto posto, no caso dos pares em questão, a investigação constatou que os homens ofereceram a vivência carnal de um sentimento amoroso em imolação ao Deus cultuado, pois acreditavam que isso seria o esperado para que comprovassem sua convicção e, então, fossem agraciados com a possível redenção e entrada no paraíso. Diante da possibilidade de experienciar o amor *eros*, converteram-no em amor *philia*, a fim de confirmarem o voto original de entrega a sagrado. Ao renunciarem o amor material, sustentarem uma esperança e agiram em conformidade à fé. Pode-se afirmar que os três religiosos relegaram, em concordância às próprias Escrituras Sagradas a que afirmavam se fiar e nas quais está registrado, justamente em uma das cartas, a seguinte constatação: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor”¹⁶⁴ (BÍBLIA SAGRADA, 1993).

Foi possível reconhecer a conjuntura religiosa a constituir o pilar que sustentou o lado masculino de cada uma das três relações avaliadas, com destaque no apego pela sustentabilidade ideológica da

¹⁶² Bíblia Sagrada, Epístola aos Hebreus 11:1.

¹⁶³ Bíblia Sagrada, Epístola aos Hebreus 11:39.

¹⁶⁴ Bíblia Sagrada, 1 Coríntios 13:13.

concepção de fé, diferente do lado feminino, que não se valeu do mesmo fervor quanto às convicções apiedadas. Isso faz uma diferença se levarmos em conta que o esperado seria, de acordo com o senso comum, mulheres devotas e homens lascivos, que é o comportamento comumente visto na sociedade. Em cada um dos três casos em questão, houve um homem celibatário e bastante instruído e uma mulher de elevada erudição e habilidade argumentativa superior em relação às demais de sua época. Ainda, os três homens foram vitimados por opressão inimiga e, igualmente, prejudicados por aqueles que sustentavam seguimentos ideológicos adversos aos seus. Apesar da separação cronológica, fragmentada com distanciamento de séculos, a semelhança entre eles oportunizou a triangulação desta pesquisa e, de igual modo, a comparação em igualdades e diferenças entre os tais.

Ainda que os contextos se modificassem, foi possível avaliar que a religião católica carrega, desde sua firmação nos primeiros séculos, uma capacidade de interferir no contexto e ingerir as pessoas de diferentes situações sociais, chegando a conduzir suas decisões tanto em âmbito particular quanto em perspectiva social e coletiva. Apesar de estarem à frente de suas épocas, por conta de uma instrução elevada, os sujeitos analisados mantiveram ideologias conservadoras, advindas dos preceitos religiosos, ainda que tais preservassem bases sustentadas em subjetivações abstratas e distantes da realidade visível. Por ser uma instituição de hegemonia cultural e política, a Igreja Católica Apostólica Romana garante a manutenção de valores, o que, por sua vez, assegura a identidade do sujeito enquanto ser social, proporcionando-lhe referência para a manutenção de crenças e conceitos que o alentam e justificam.

A modernidade promoveu, segundo Hall (2006, p. 8), identidades descentradas, deslocadas ou fragmentadas e, ainda que esse sociólogo avalie que, por conta da multiplicação das representações culturais, a identidade segura e coerente seja uma fantasia (HALL, 2006, p. 13), devemos ponderar a respeito de uma exposição plenamente íntima. As emoções fazem parte do que somos e, quando nos expomos sem reservas, revelam o que normalmente escondemos por exigências sociais (EKMAN, 2001, p. 36).

Não obstante, a importância da carta enquanto instrumento de revelação, no caso, pauta-se nos registros expressados em intimidade, os quais falam a respeito de quem escreve e de quem recebe, desvelando a identidade de ambos, por meio de sentimentos e emoções denotadas (BARROS, 2015, p. 105). Por isso, importa refletir se missivas confidenciais seriam capazes de desvelar, de apresentar uma identidade unificada, completa, isenta de máscaras prescritas pelo domínio representativo de ter de ser. Quando foram produzidas, os redatores tomaram por pressuposto que suas cartas seriam sigilosas, confessionais, deixando marcadas suas impressões pessoais, suas exposições particulares e, ainda, um conhecimento privado sobre o outro – o receptor –, conforme discutimos em páginas anteriores.

A renúncia dos sacerdotes a viverem um possível caso amoroso foi evidenciada por suas escolhas pessoais e políticas, bem como por sua fé em um criador maior – a mesma fé que os sustentou por toda a vida. João Paulo II foi sagrado santo e teve sua vida eternizada, apesar de o Vaticano haver ocultado as correspondências redigidas por Anna-Teresa, o que, de certo modo, impediu-nos de conhecer não somente a ela, mas, também e verdadeiramente, a ele. Já Antônio Vieira viveu seus dias finais no Brasil – o país que verdadeiramente amou –, e cumpriu seu papel de jesuíta catequisador até o fim, amando e defendendo os “pequenos”, com sermões que fazem parte da seleta expressão argumentativa já produzida até o momento. Pedro Abelardo, por sua vez, sustentou sua devoção e seu voto celibatário, sendo admirado por sua inteligência até seu último dia de vida, deixando uma influência na filosofia de modo a ressoar até os dias atuais. Três homens, três eruditos, três religiosos, três vozes a ecoar através da História, constituídas de abdicção, sacrifício e amor.

Para alguns estudiosos das Escrituras Sagradas, Paulo de Tarso, cujas epístolas precederam os evangelhos em várias décadas, não mencionou Maria Madalena e suas companheiras porque a cultura greco-romana não trazia em sua tradição o atestado de importância de uma mulher como prova legal, bem como não se aceitaria seu pronunciamento público. Não obstante, os registros bíblicos a respeito do túmulo vazio e do ressurgimento de Cristo advieram por meio da narrativa oral de

mulheres, com a memória da experiência feminina sendo um evento tão significativo. Ainda que escritores masculinos tenham procurado desvalorizá-lo, o testemunho feminino fez-se no papel, tornando-se impensável mencionar o relato da ressurreição sem apontar a voz delas.

A figura de Maria Madalena tem criado várias interpretações no decorrer da história. Teóricos conspiratórios, sem fundamentos fidedignos, apontam-na como um segredo guardado pela Igreja Católica, que insiste na divina concepção e vida de Cristo como base da fé proclamada. Seu nome é citado nos evangelhos e, ainda, ela seria identificada em outros registros femininos anônimos¹⁶⁵, o que deixa um mistério a respeito de sua figura e de sua atuação completa junto ao Messias. Já nos textos apócrifos, Madalena mostra-se como confidente de Jesus, destacando-se como discípula depositária de seus segredos, os quais não foram repassados aos discípulos homens¹⁶⁶.

No caso de Cristo e Madalena, para os que esperam um caso de amor, não há registros indubitáveis, nem nos evangelhos nem nos apócrifos, quanto a um contato amoroso entre os dois, mas, somente, teorias apontadas por estudiosos diversos. Se houve um relacionamento íntimo entre eles, talvez nunca venhamos a saber, já que muitos pontos decisivos da história do mundo, que abarcam figuras de comportamento valoroso, não apontam os autores dessas reviravoltas representativas, diluindo tais personagens solenes em almas invisíveis, em ecos perenes a desenhar os enredos da humanidade. Maria Madalena talvez seja uma dessas vozes. Ou, ainda, um desses corações. Prostituta redimida, ela foi, seguramente, uma pessoa próxima a Cristo humanado e, se o adorou enquanto entidade divina ou o desejou enquanto homem encarnado, não importa, sobretudo, porque sua devoção aparece firmada nos registros acessíveis, avultando seu valor enquanto mulher de sua época.

¹⁶⁵ Bíblia Sagrada: Evangelho de Marcos, 15:40-47; Evangelho de Marcos, 16:1; Evangelho de Lucas, 7:36-50; Evangelho de Lucas, 8:1-3; Evangelho de João, 8:1-11; Evangelho de João, 12:1-12; Evangelho de João, 20:1-18.

¹⁶⁶ Não obstante, justamente no ano de 2018, Madalena foi proclamada a apóstola dos apóstolos pelo Papa Francisco.

Maria Madalena se exaltou pela fidelidade e amor desprendido a Cristo, o que pode ser comparado, pela grandeza da fé, aos três religiosos desta investigação, que colocaram seu compromisso de servidão ao Divino acima de qualquer vontade humana, ainda que isso exigisse uma grande resignação¹⁶⁷. Por outro lado, enquanto o afamado escritor Graciliano Ramos afirmou, em uma declaração, que achava “medonho alguém viver sem paixões”¹⁶⁸, avaliamos a decisão de três grandes vultos da história que, ainda que com sofrimento, decidiram que havia algo maior que a experiência de viver um sentimento amoroso. A busca dos três religiosos por uma realidade imaterial corporificou-se em decisões íntimas de abdicação e penitência, por meio das quais acreditaram atingir o verdadeiro amor: Deus.

Cabe-me, aqui, destacar, ainda que de maneira sucinta, os quatro pontos que equivalem às categorias mais expressivas que surgiram no percurso analítico: conhecimento como marca identitária; o domínio ideológico da crença religiosa; o gênero social enquanto identidade constituída; servidão sentimental. De acordo com as composições epistolares interpretadas, as constatações obtidas por meio da análise linguístico-discursiva levaram às conclusões alcançadas. Primeiramente, o conhecimento foi uma determinante marca identitária, por haver sido característica imprescindível para o início da atração entre os pares aqui apresentados. Conjuntamente, a ideologia religiosa foi preponderante nos homens, que, por sua vez, eram sacerdotes consagrados por decisão particular, enquanto as mulheres não tinham em si os preceitos de fé em igual convicção. Outrossim, o fato de pertencerem ao gênero masculino deu aos religiosos desta pesquisa prestígio e influência superiores aos das mulheres por quem tiveram afeto, permitindo que dispusessem de poder de decisão superior ao delas, ainda que elas fossem personalidades de importância em sua época. Por fim, todos os três clérigos viram-nas como confidentes, amigas, parceiras de conhecimento, tomando-as como pessoas necessárias em suas existências, principalmente nos momentos

¹⁶⁷ Tanto Santa Maria Madalena quanto São João Paulo II foram beatificados pela Igreja Católica.

¹⁶⁸ Alagoano (1893-1952), foi escritor e jornalista.

de sofrimento, o que promoveu uma servidão sentimental de ambas as partes, devidamente comprovada nas expressões discursivas expostas nas missivas. Tais categorizações poderão, portanto, servir como contribuição para futuros trabalhos investigativos voltados, de modo específico, para o gênero epistolar, quando houver a intenção de analisar a importância de seus registros tanto enquanto expressões individualizadas quanto como anotações memoriais de um determinado estágio temporal e cultural.

Portanto, a renúncia de Pedro Abelardo, de Antônio Vieira e de Karol Józef Wojtyła não foi quanto a sentir amor por alguém, mas, antes, a vivenciar carnalmente esse afeto. Tal resignação pautou-se em uma convicção ainda maior do que a humanidade que os constituía e revelava, isso, porque se ajustou a uma certeza que os levou, por mais difícil que fosse, a escolher pelo desconhecido, já que acreditavam que esse mistério incorpóreo fosse merecedor e igualmente exigisse deles tais abnegações. Talvez seu sacrifício tenha lhes sido o “Isaque” na região de Moriá que, sem questionar, fora amarrado para ser imolado por Abraão¹⁶⁹: no caso, aqui, Heloísa de Argenteuil, Cristina Vasa e Anna-Teresa Tymieniecka. Mas, diferentemente do patriarca, não lhes foi solicitado que sacrificassem outro ser no lugar do objeto maior de seu amor e, por isso, a imolação de seus corações se fez no altar: abnegaram amar essas mulheres pela promessa da vida eterna.

¹⁶⁹ Bíblia Sagrada, livro de Gênesis 22:1-19.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **Confissões**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010.
- ANDREW, D. J. **As principais teorias do cinema: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- ANTONIACI, S; BRAGA, C. F. O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. *In: Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v. 4, n. 5, p. 140-158, 2016.
- ARGYLE, M. **The Psychology of Religious Behaviour, Belief and Experience**. London: Routledge, 1997.
- AS MULHERES não terão saudade de João Paulo II. **Super Interessante**. 31 out. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/as-mulheres-nao-terao-saudade-de-joao-paulo-ii/> Acesso em: 20 abr. 2019.
- AZEVEDO, G. C.; SERIACOPI, R. **História em movimento**. São Paulo: Ática, 2013.
- AZEVEDO, J. L. **História de Antônio Vieira**. São Paulo: Alameda, 2008.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, P. A. **Vida do padre António Vieira**. Lisboa: Editores J.M.C. Seabra, 1958.
- BARROS, S. M. **Realismo crítico e emancipação humana: contribuições ontológicas e epistemológicas para os estudos críticos do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. v. 11. (Coleção: Linguagem e Sociedade).
- BARTHES, R. **Fragments de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.
- BAUER, M. W.; AARTS, B. A. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. *In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 39-63.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. *In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 17-36.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Tradução Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- BETHENCOURT, F. **História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália – séculos XV-XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BETTIOL, M. R. B. Mário de Andrade e a especificidade do gênero epistolar: o esboço de uma teoria. *In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 65, p. 227-236, 2016.

- BHASKAR, R. **A realist theory of Science**. Brighton: Harvester Press, 1978.
- BHASKAR, R. Philosophy and Scientific Realism. *In*: ARCHER, M. et al. (ed.). **Critical Realism: Essential Readings**. London; New York: Routledge, 1998.
- BHASKAR, R. **From east to west: odyssey if a soul**. London: Routledge, 2000.
- BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BLACK, J. B. **The Reign of Elizabeth: 1558-1603**. Oxford: Clarendon, 1945.
- BLANCÁFORT, H. C.; VALLS, A. T. Géneros del Discurso. *In*: van DIJK, T. A. (ed.) **El Discurso como Estructura y Proceso**. Estudios del discurso: introducción multidisciplinaria. Barcelona: Gedisa editorial, 1999. v. 1.
- BOFF, L. **Francisco de Assis: ternura e vigor**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOIGER, M.; MESQUITA, B. The construction of emotion in interactions, relationships, and cultures. **Emotion Review**, p. 221-229, 2012.
- BORBA, F. S. **Introdução aos estudos linguísticos**. Campinas, SP: Pontes, 1991.
- BOURDIEU, P. **Raison pratiques: Sus la théorie de l'action**. Paris: Seuil, 1996.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. **Diário Oficial da União**: seção 1. Rio de Janeiro, 31 dez. 1940. p. 23911
- BRASIL. Lei nº 5.988, de 14 de dezembro de 1973. Regula os direitos autorais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, DF, 18 dez. 1973. p. 12993.
- BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, DF, 20 fev. 1998. p. 3.
- BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 2003.
- BUCKLEY, V. **Christina, Queen of Sweden: The restless life of a European Eccentric**. London: Harper Perennial, 2011.
- BUTLER, J. Actos performativos y constitución del género: um ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. *In*: CASE, S. –H. (org.) **Performing Feminisms: Feminist Critical Theory and Theatre**. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1990, p. 296-314.
- CARDOSO, E. W. **A cor local e a escrita da História no século XIX: o uso da retórica pictórica na historiografia nacional**. 2012. 187 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2012.
- CARTAS de João Paulo II a mulher mostram amizade “corajosa”. **Gazeta do povo**. 16 fev. 2016. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/cartas-do-papa-joao-paulo-ii->

a-mulher-mostram-amizade-corajosa-9pr5ymxi3wz9zs8jan2k5w6qv/. Acesso em: 19 abr. 2019.

CARTAS de João Paulo II revelam amizade íntima com filósofa. **Público**. 15 fev. 2016. Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/02/15/mundo/noticia/cartas-de-joao-paulo-ii-revelam-amizade-intima-com-filosofa-1723365> Acesso em: 19 abr. 2019.

CARTAS revelam que João Paulo II tinha forte amizade com filósofa casada. **Yahoo Notícias**. 15 fev. 2016. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/jo%C3%A3o-paulo-ii-teve-amizade-intensa-fil%C3%B3sofa-104530770.html>. Acesso em: 19 abr. 2019.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTRO, A. P. **O essencial sobre o Padre António Vieira**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburg: Edinburg University Press, 1999.

CIALDINI, R. B. **As armas da persuasão**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

CLANCHY, M. **Abelard: a medieval life**. Oxford and Malden, MA: Blackwell, 1997.

CRIVELLARO, Débora. As cartas de João Paulo II. **IstoÉ**, n. 2411, 19 fev. 2016. Disponível em: https://istoe.com.br/446870_AS+CARTAS+DO+PAPA+JOAO+PAULO+II/ Acesso em: 28 abr. 2019.

DEMETRIUS. **On style**. Londres: Harvard University Press, 1973.

DICIONÁRIO patrístico e de antiguidades cristãs. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DIMEN, M. Poder, sexualidade e intimidade. In: JAGGAR, A.; BORDO, S. R. (org.). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997, p. 42-62.

DURANT, W. História da Civilização. In: **O Clímax do Cristianismo**. Tomo 4º, Livro V. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

EAGLETON, T. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Editora Boitempo, 1997.

EKMAN, P. **A linguagem das emoções: revolucione sua comunicação e seus relacionamento reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor**. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

EM CARTA, Bento XVI repreende crítico do Papa Francisco. **O Globo**. 20 set. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/em-carta-bento-xvi-repreende-critico-do-papa-francisco-23086255>. Acesso em: 20 abr. 2019.

EM NOME de Deus. Direção: Clive Donner. Londres: Editora NBO, 1988. 1 DVD (115 min), *widescreen*, color.

ENGEL, M. Psiquiatria e feminilidade. *In*: DEL PRIORE, M. (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 322-361.

ESTÊVÃO, J. C. **Abelardo e Heloísa**. São Paulo: Discurso/Paulus, 2015. (Coleção Filosofia Medieval).

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analyzing discourse: Textual analysis for social research**. London, New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. 2. ed. Inglaterra: Longman Applied Linguistics, 2010.

FERRAZ, J. A. Multimodalidade e formação identitária: o Brasil em Materiais Didáticos de Português Língua Estrangeira (PLE). *In*: VIEIRA, J. A. *et al.* **Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 109-148.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FRANCISCO defende João Paulo II e diz que amizade com mulher é possível. **Agência Brasil**. 18 fev. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2016-02/papa-defende-joao-paulo-ii-e-diz-que-amizade-com-mulher-e-possivel> Acesso em: 23 jan. 2019.

FRAZÃO, T. C. J. **O morador de rua e a invisibilidade do sujeito no discurso jornalístico**. 2010. 253 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GILL, R. Análise de discurso. *In*: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 244-270.

- GOETHE, J. W. **Fausto & Werther**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo negro como símbolos de identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GRASSI, M-C. **Lire l'épistolaire**. Paris: Dunod, 1998.
- GUMPERZ, J. J. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HALL, S. The work of representation. *In*: HALL, S. (org.) **Representation: cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage/The Open University, 1997.
- HALL, S. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2nd ed. London: Arnold, 1994.
- HAWKING, S. **Breves respostas para grandes inquietações**. Tradução de Carlos de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- HERCULANO-HOUZEL, S. **O cérebro nosso de cada dia**. Rio de Janeiro: Vieira Et Lent, 2012.
- HERZ, R. The effect of verbal context on olfactory perception. **Journal of experimental psychology**, General, v. 132, p. 595-606, 2003.
- HOFFER, E. **The true believer**. New York: Harper Perennial Modern Classics, 2002.
- HUGO, V. **Cromwell**. Paris: Flammarion, 1996.
- JACQUES, M. G. C. Identidade. *In*: STREY, M. N. *et al.* **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 159-167.
- JOÃO Paulo II teve amizade intensa com filósofa casada. **G1.globo**. 15 fev. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/joao-paulo-ii-teve-amizade-intensa-com-filosofa-casada.html> Acesso em: 19 abr. 2019.
- KAISER, G. **O poder erótico: diários e cartas de Cristina Vasa, rainha da Suécia, e do padre Antônio Vieira**. Tradução Marlene Holzhausen. Rio de Janeiro: Reller, 2012.
- KEHL, M. R. **Deslocamento do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. Texte et context. *In*: JONIN, C. I; LEMARÉCHAL, A. **Scolia: Sciences cognitives, linguistiques et intelligence artificielle**. Linguistique & Intelligence Artificielle. Estraburgo: Proparlan, ERS du CNRS, 1996.
- KILBOURNE, J.; PIPHER, M. **Can't buy my love: How advertising changes the way we think and feel**. Washington: Free Press, 2000.
- KIRCHGAESSNER, S. Pope John Paul II letters reveal 32-year relationship with woman. **The Guardian**. 16 Feb. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2016/feb/15/pope-john-paul-ii-letters-reveal-32-year-relationship-with-woman>. Acesso em: 21 jan. 2019.

- KOHLRAUSCH, R. Gênero epistolar: a carta na literatura, a literatura na carta, rede de sociabilidade, escrita de si... **Letrônica, Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 148-155, jan./jun. 2015.
- LABARGE, M. W. **La mujer en la Edad Media**. Madrid: Nerea, 1988.
- LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. *In*: HOLLANDA, H. B. **Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 206-242.
- LEAVITT, J. Meaning and feeling in the anthropology of emotions. **American Ethnologist**, v. 23, n. 3, p. 514-539, Aug. 1996.
- LEJEUNE, P. Um diário todo seu. *In*: LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Organização Jovita Maria G. Noronha. Tradução de Jovita Maria G. Noronha, Maria Inês C. Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 297-309.
- LEUNG, C. Convivial communication: recontextualising communicative competence. **International Journal of Applied Linguistics**, v. 15, n. 2, p. 119-144, 2005.
- LEWIS, C. S. **The four loves: An exploration of the nature of love**. Philadelphia: Harvest Book Company, 1971.
- LIMA, M. C. **Introdução à História do Direito Canônico**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- LOPES, V. F. **Identidade, família e letramento: representações discursivas num contexto de pobreza**. 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MANUSCRITOS da livraria, n.º 2056-6. Portugal, Torre do Tombo, 1667
- MARCONDES, C. F. **Ideologia**. 9. ed. São Paulo: Global, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais e produção linguística**. UFPE, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARQUES, L. A. **História das religiões e a dialética do sagrado**. São Paulo: Madras, 2005.
- MARQUES, L. G. **A verdade sobre Abelardo, Heloísa e Astrolábio**. São Paulo: Editora Letras do Pensamento, 2016.
- MARTINS, A. F. Os perfis da literatura de introspecção: o diário em Vergílio Ferreira e a autoria na autoficção. **Desassossego**, São Paulo, v. 1, p. 125-138, jun. 2013.

- MAXWELL, J. A. **Qualitative Research Design**: an interactive approach. Thousand Oaks: Sage, 1996.
- MCKEE, R. **Story**: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba: Arte & Letra, 2006.
- MENDES, M. V. **A oratória barroca de Vieira**. Lisboa: Caminho, 2003.
- MICHALISZYN, M. S.; TOMASINI, R. **Pesquisa**: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MOLINA, M. **História dos jornais no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MONTER, W. **Frontiers of heresy**: the Spanish Inquisition from the Basque Lands to Sicily. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- MORAES, M. A. de. Epistolografia e crítica genética. **Ciência e Cultura (SBPC)**, São Paulo, v. 59, n. 1, jan./mar. 2007a.
- MORAES, M. A. de. **Orgulho de jamais aconselhar: A epistolografia de Mário de Andrade**. São Paulo: EDUSP, 2007b.
- MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- MOTTA, C. **Até a última página**: A história do Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- O'CONNOR, G. **Universal Father**: a life of Pope John Paul II. Londres: Bloomsbury Publishing, 2006.
- OLIVEIRA, C. L. de; VOLPINI, J. W.; LISBOA, A. K. F. Diários: a escrita confessional de Lúcio Cardoso à luz da teoria de Philippe Lejeune. **Revista Entrelaces**, v. 2, n. 9, jan./jun. 2017.
- O TESTEMUNHO: A História Secreta do Papa João Paulo II. Pawel Pitera. Reino Unido: TBA GroupPlayArte, (s.d). 1 DVD (97 min), Dolby Digital, color, 2007.
- O TESTEMUNHO: A História Secreta do Papa João Paulo II (Testimony). **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DEIecFs6EHc>. Acesso em: 23 jan. 2019.
- PAIVA, J. P. **Padre Antônio Vieira, 1608-1697**: bibliografia. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999.
- PASCAL, G. **O pensamento de Kant**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- PATEMAN, C. **O contrato sexual**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- PERNOUD, R.; GONÇALVES, A. M. **Luz sobre a Idade Média**. Lisboa: Europa-América, 1992.
- RAINHA Christina. Direção: Roben Mamoulian. Estados Unidos: New Line Home Video, 1933. 1 DVD (98 min), widescreen, preto e branco.

RAMALHO, V. Magra sem pesar no bolso: discurso e ideologia na propaganda de medicamentos. *In: SILVA, D. E. G.; LEAL, M. C. D; PACHECO, M. C. de N. (org.).* **Discurso em questão: representação, gênero, identidade, discriminação.** Goiânia: Cânone Editorial, 2009. p. 191-200

RAMIRES, V. Panorama dos estudos sobre gêneros textuais. **Investigações**, v. 18, n. 2, p. 39-67, jul. 2005.

RESENDE, V. de M. **Análise de discurso crítica e realismo crítico.** Campinas, SP: Ponte Editores, 2009.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica.** São Paulo: Contexto, 2006.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.).* **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola, 2005.

ROTHSCHILD, B. **The body remembers: the psychophysiology of trauma and trauma treatment.** New York: W. W. Norton & Company, 2000.

ROTZETTER, A. **Clara de Assis: a primeira mulher franciscana.** Petrópolis: Vozes, 1994.

SANTOS, C. Vicissitudes de uma obra: o caso do Diário de Lúcio Cardoso. **Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, v. 8, n. 39, p. 51-78, jan./jun. 2008.

SERMÃO de Santo Antonio. **Biblio.com.br** [2019]. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/contedo/padreantoniovieira/stoantonio.htm> Acesso em: 31 mar. 2019.

SILVA, D. E. G. A política da desigualdade no Brasil: adolescentes em situação de rua. *In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (org.).* **Discurso e (des)igualdade social.** São Paulo: Contexto, 2015. p. 79-93.

SILVA, D. E. G.; LOPES, V. F. Diálogos teórico-metodológicos e práticas sociais de letramento: uma perspectiva crítica. *In: MATEUS, E.; OLIVEIRA, M. B. (org.)* **Estudos críticos da linguagem e formação de professores/as de línguas: contribuições teórico-metodológicas.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 167-192.

SILVA, D. E. G.; RAMALHO, V. Análise de discurso crítica: representações sociais na mídia. *In: LARA, G. M. P. et al. (org.).* **Análise do discurso hoje.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 265-91. v. 1.

SILVA, F. C. O. da. A construção de identidades negras em meio a padrões brancos de beleza. **Revista Discursos Contemporâneos em Estudo**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 125-141, 2011.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos.** 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, M. A. **Estados Unidos, guerra e cinema.** Curitiba: Editora Prismas, 2017.

- SILVA, M. P. Para uma teoria da prática epistolar pessoana. *In*: MARTINS, F. C. **Correspondências**. Lisboa: Colibri, 1998. p. 139.
- SILVA, P. B. S. **Autoria em sermões religiosos à luz da perspectiva dialógica da linguagem**. 2017. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- SILVA, S. P. da. **Homilética**: o pregador e o sermão. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias, 1992.
- SILVEIRA, R. C. P. da. A representação do feminino em textos multimodais. **Revista Discursos Contemporâneos em Estudo**, Brasília, v. 1, n. 1, 2011. p. 25-39.
- SPINELLI, M. A dialética discursiva de Pedro Abelardo. **Revista Veritas**, Porto Alegre, v. 49, n. 3, 2004.
- STARR, M. **Saint Francis of Assisi**: Devotions, Prayers and living wisdom. Colorado: Sounds True, 2007.
- STOLLER, R. **Sex and gender**. New York: Science House, 1968.
- STOURTON, E. **John Paul II**: Man of History. London: Hodder & Stoughton, 2006.
- STOURTON, E. The secret letters of Pope John Paul II. **BBC News**. 15 fev. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/magazine-35552997>. Acesso em: 22 jan. 2019.
- STRATTON, P.; HAYES, N. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Cengage Learning Editores, 2003.
- STREET, B. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- SZULC, T. **Pope John Paul II**: The biography. London: Simon & Schuster Adult Publishing Group, 2007.
- THOMPSON, J. B. **Studies in the theory of ideology**. Cambridge: Polity Press, 1984.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- TINOCO, R. C. **Leitor real e teoria da recepção**: travessias contemporâneas. São Paulo: Horizonte, 2010.
- TORRE, M. B. L. D. **O Homem e a sociedade**: uma introdução à sociologia. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.
- TREVOR-ROPER, H. **O saque das artes no século XVII**. Londres: Tamisa e Hudson, 1970.
- TUCKER, F. B. Obituary: Anna-Teresa Tymieniecka Houthakker. **The Belmontonian**. 9 jul. 2014. Disponível em: <http://belmontonian.com/news/obituary-anna-teresa-tymieniecka-houthakker/>. Acesso em: 15 fev. 2019.

TUTIKIAN, J. (org.). **Fernando Pessoa**: Obra poética. Porto Alegre/RS: Editora L&PM, 2006.

TYMIENIECKA, A. T. **Eros et Logos**. Paris: Beatrice-Nauwelaerts, 1972.

VAN DIJK, T. A. **Discurso, notícia e ideologia**: Estudos na Análise Crítica do Discurso. São Paulo: Campo das Letras, 2005.

VANDENBERGHE, F. **Teoria Social Realista**: Um diálogo franco-britânico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

VASCONCELLOS, E. Intimidade das correspondências. **TERESA - Revista de Literatura Brasileira/área de Literatura Brasileira**. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, n. 8/9. p. 372-389, 2008.

VASCONCELLOS, L. As cartas de Heloísa e Abelardo: a decifração num discurso. *In*: COLOQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL, 4., 2003, Lisboa. ARAÚJO, M. T.; PAIXÃO, M. do R. C. E. S.; MORAIS, A. P. (org.) **Da decifração de textos medievais**. Lisboa: Edições Colibri, 2003. p. 259-274.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2006.

WAITHE, M. E. **A history of women philosophers, 1600-1900**. Modern women philosophers. Alemanha: Springer Science + Business Media, 1991. v. 3.

WEIBULL, C. Kristina. *In*: WEIBULL, C. (org.) **Dicionário Biográfico Sueco**. Suécia: Arquivo Nacional Sueco, 1917.

WIEGEL, G. **Witness to Hope**: The biography of Pope John Paulo II. New York: Harper Perennial, 2005.

WODAK, R. What DCA is about: a summary of its history, important concepts and its developments. *In*: WODAK, R.; MEYER, M. (org.) **Methods of critical discourse analysis**. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage, 2001. p. 1-13.

WOJTYLA e Anna-Teresa Tymieniecka, uma amizade de mais de 30 anos e “sem nada de malicioso”, afirma o ex-secretário Dziwisz. **Zenit**. 17 fev. 2016. Disponível em: <https://pt.zenit.org/articles/wojtyla-e-anna-teresa-tymieniecka-uma-amizade-de-mais-de-30-anos-e-sem-nada-de-malicioso-afirma-o-ex-secretario-dziwisz/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

ZUMTHOR, Paul. **Correspondências de Abelardo e Heloísa**. Tradução Lúcia Santana Martins. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.